

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO AMBIENTE E
SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA – PPG/CASA
MESTRADO ACADÊMICO**

BRIAN ANGELO SANDOVAL SANCHES

**PRÁTICAS SOCIOPRODUTIVAS KOKAMA:
UM ESTUDO DA COMUNIDADE SAPOTAL, TABATINGA (AM)**

Manaus/Amazonas
2024

BRIAN ANGELO SANDOVAL SANCHES

**PRÁTICAS SOCIOPRODUTIVAS KOKAMA:
UM ESTUDO DA COMUNIDADE SAPOTAL, TABATINGA (AM)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, do Centro de Ciências do Ambiente, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. Área de concentração: Dinâmicas Socioambientais.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos Witkoski
Coorientador: Prof. Dr. Máximo Alfonso Rodrigues Billacrês

Manaus/Amazonas
2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S211p	Sanches, Brian Angelo Sandoval Práticas Socioprodutivas Kokama: um estudo da Comunidade Sapotal, Tabatinga (AM) / Brian Angelo Sandoval Sanches. 2024. 174 f.: il. color.
	Orientador: Antônio Carlos Witkoski Coorientador: Máximo Alfonso Rodrigues Billacrês Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas.
	1. Labor. 2. Trabalho. 3. Práticas Socioprodutivas. 4. Comunidade Sapotal. 5. Indígenas Kokama. I. Witkoski, Antônio Carlos. II. Universidade Federal do Amazonas. III. Título.

BRIAN ANGELO SANDOVAL SANCHES

**PRÁTICAS SOCIOPRODUTIVAS KOKAMA:
UM ESTUDO DA COMUNIDADE SAPOTAL, TABATINGA (AM)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, do Centro de Ciências do Ambiente, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. Área de concentração: Dinâmicas Socioambientais.

Aprovado em 05 de abril de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Carlos Witkoski (Presidente)
Universidade Federal do Amazonas

Profa. Dra. Antonia Ivanilce Castro da Silva (Membro)
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Reginaldo Conceição da Silva (Membro)
Universidade do Estado do Amazonas

Prof. Dr. Pedro Henrique Coelho Rapozo (Membro)
Universidade do Estado do Amazonas

Prof. Dr. Manuel de Jesus Masulo da Cruz (Suplente)
Universidade Federal do Amazonas

Profa. Dra. Elenise Faria Scherer (Suplente)
Universidade Federal do Amazonas

Manaus/Amazonas
2024

*Aos meus pais, Angelo Sanches e Eliane Sandoval
À minha irmã Karolay Miluska (in memoriam)
À minha esposa Lauriani Samias
À minha filha Bianca Miluska*

DEDICO

*Ao povo Kokama do Amazonas, em especial
aos Kokama da Comunidade Sapotal*

OFEREÇO

AGRADECIMENTOS

Ao glorioso senhor **DEUS**, pelo amor infinito convertido em bençãos, saúde, prosperidade e oportunidade para continuar escrevendo minha história pessoal e intelectual!

Aos meus PAIS, **Angelo Sanches** e **Eliane Sandoval**, pelo apoio incondicional para dar continuidade aos meus estudos. Meu pai e minha mãe são elos vitais que regeneram minha força para seguir em frente. Sou grato por tudo, meus pais amados!

À minha esposa **Lauriani Samias**, admirável companheira e amiga existencial, pelo amor agradável e parceria nesta caminhada. À minha filha querida, **Bianca Miluska**, pelo amor, carinho e momentos de alegria!

Ao meu excelentíssimo ORIENTADOR e AMIGO, **Antônio Carlos Witkoski**, pelos ensinamentos e compreensão no desenrolar da escrita desta dissertação. Pelo valioso companheirismo para com o trabalho e formação intelectual!

Ao Professor **Máximo Billacrês**, COORIENTADOR e AMIGO, pelos momentos intelectuais e diálogo no decorrer da realização do mestrado!

Ao Professor **Reginaldo Conceição**, meu AMIGO, pelos momentos compartilhados entre as conversas relacionados aos temas da dissertação!

Aos membros da banca avaliadora – Professora **Antonia Ivanilce**, Professor **Reginaldo Conceição** e Professor **Pedro Rapozo**, pelo diálogo e valiosas contribuições dispostas na qualificação e defesa para melhor desenvolvimento da dissertação!

Aos meus Irmãos **Jeferson**, **Alair Erick** e **Maidier Neymar**, à minha cunhada **Elenir Aguilar**, ao amigo **Valdenei da Costa** (indígena Kanamari), ao meu concunhado **Ivander Jumbato** e sua esposa **Lucimara Samias** (minha cunhada), pelo apoio em alguns momentos na realização do trabalho de se fazer pesquisa!

Aos meus sogros, senhor **Luis Cordeiro** e dona **Socorro Jumbato**, dos quais desde o início pude contar com vossos apoios na construção desta dissertação!

Aos **Moradores Kokama** da Comunidade Sapotal, especialmente aos Kokama que participaram da pesquisa, pela aprendizagem mútua e acolhimento em suas residências para dialogar sobre o lugar onde vivem!

Aos amigos na pessoa do Sociólogo **Serifo Na Bulna** e das Pedagogas **Alessandra Santos** e **Elieude Matos**, pelos momentos compartilhados dentro e fora da sala de aula no CCA!

À **UFAM**, principalmente ao **PPG/CASA**, pela oportunidade concedida para a minha qualificação e crescimento profissional. À **FAPEAM**, pelo financiamento da bolsa para o desenvolvimento do trabalho!

Por último, mas não menos importante, ao **MNCSA** e **NESAM** pelo acolhimento e disponibilidade dos recursos imateriais para realização das atividades de mestrado!

Meus Sinceros Agradecimentos!

*Da relação entre o homem e a natureza se
delineiam as características que fundam
o uso e a conservação do ambiente.
A forma como cada sociedade estabelece
como devem (ou não) ser utilizados
os seus recursos naturais varia
de cultura para cultura
(Witkoski, 2010).*

RESUMO

As formas de produção capitalista, com sua típica racionalidade econômica, têm sido impostas sobre as formas de uso dos recursos naturais nas diferentes Amazôniaas... Pretendemos, nessa investigação, apresentar as formas de uso da terra, floresta e água, dando destaque aos modos de vida das populações tradicionais que tem evidenciado ser possível promover uma vida sustentável na relação homem-natureza. Nesse sentido, tomaremos as práticas socioprodutivas Kokama, da Comunidade Sapotal, como lugar de estudo, pertencente ao município de Tabatinga (AM). O objetivo geral do trabalho consistiu em analisar a organização da vida social da Comunidade Sapotal, considerando as práticas socioprodutivas e a comercialização dos produtos Kokama. Para alcançar o objetivo, na investigação, foi necessário o pesquisador fazer a reconversão do olhar, como membro da comunidade Kokama, para ampliar o sentido crítico sobre a realidade, através dos três atos cognitivos – olhar, ouvir e escrever – na realização do trabalho de campo, como propõe Roberto Cardoso de Oliveira. A pesquisa adotou uma abordagem quali-quantitativa, pela necessidade de recorrer e fazer uso de técnicas com abrangência qualitativa e quantitativa, para a coleta de dados: levantamento bibliográfico, entrevista semiestruturada, uso de formulário, observação direta, diário de campo, assim como com registros fotográficos para a apreensão direta dos fenômenos observados. Conforme as inquietações levantadas para a investigação, os dados revelam que as práticas socioprodutivas Kokama tem por finalidade manter a unidade familiar, quando relacionado ao labor e ao trabalho enquanto práticas das unidades de produção, e aproximam daquilo que foi interpretado como a manutenção da vida e a (re) produção da vida social em comunidade. Dessa forma, o modo de vida Kokama está conectado a duas dimensões da vida, uma a dimensão relacionada a produção de alimentos para o consumo, bem como para a sua comercialização e satisfação das necessidades da família, e a outra ocorrem nas relações de troca Kokama numa dinâmica de trocas entre valores de uso por outro valor de uso necessário e fundamental à vida. As diferentes formas de organização que permeiam a vida social na Comunidade Sapotal, principalmente a prática socioprodutiva e a comercialização dos produtos Kokama em um ambiente de várzea alta, na região do Alto Solimões, ficou evidenciado que a dinâmica das águas influencia na organização das atividades dos sujeitos sociais que vivem em comunidades ao longo do rio Solimões, no qual o ciclo hidrológico dos rios apresenta-se como um fenômeno natural que contribui para a fertilização das terras e na modelagem das unidades de paisagem, proporcionado que homens e mulheres da várzea exerçam a polivalência diante as atividades para manutenção da própria vida. Podemos concluir que a prática socioprodutiva Kokama através da agricultura, criação animal, extrativismo animal (pesca e caça) e extrativismo vegetal (madeireiro e não madeireiro), permeados pelos conhecimentos tradicionais, corroboram para a existência da comunidade e o fortalecimento cultural, considerando o ambiente em que vivem e as estratégias adotadas pelas famílias para satisfazer suas necessidades sob uso dos recursos naturais.

Palavras-chave: Labor; Trabalho; Práticas Socioprodutivas; Comunidade Sapotal; Indígenas Kokama.

RESUMEN

Las formas de producción capitalista, con su típica racionalidad económica, se han impuesto a las formas de uso de los recursos naturales en las diferentes Amazonías... En esta investigación pretendemos presentar las formas de uso de la tierra, los bosques y el agua, destacando los modos de vida de las poblaciones tradicionales que han demostrado que es posible promover una vida sostenible en la relación hombre-naturaleza. En este sentido, tomaremos como lugar de estudio las prácticas socioprodutivas Kokama, de la Comunidad Sapotal, perteneciente al municipio de Tabatinga (AM). El objetivo general del trabajo fue analizar la organización de la vida social en la Comunidad Sapotal, considerando las prácticas socioprodutivas y la comercialización de los productos Kokama. Para lograr el objetivo, en la investigación fue necesario que el investigador reconvirtiera su perspectiva, como miembro de la comunidad Kokama, para ampliar su sentido crítico de la realidad, a través de los tres actos cognitivos – mirar, escuchar y escribir – en la realización del trabajo de campo, según lo propuesto por Roberto Cardoso de Oliveira. La investigación adoptó un enfoque cuali-cuantitativo, debido a la necesidad de recurrir y hacer uso de técnicas de alcance cualitativo y cuantitativo, para la recolección de datos: encuesta bibliográfica, entrevista semiestructurada, uso de formularios, observación directa, diario de campo, así como con registros fotográficos para la aprehensión directa de los fenómenos observados. De acuerdo con las inquietudes planteadas para la investigación, los datos revelan que las prácticas socioprodutivas Kokama apuntan a mantener la unidad familiar, cuando se relacionan con el labor y el trabajo como prácticas de unidades de producción, y se acercan a lo que se interpreto como el mantenimiento de la vida y la (re)producción de la vida social en la comunidad. De esta manera, el modo de vida Kokama se conecta con dos dimensiones de la vida, una dimensión relacionada con la producción de alimentos para el consumo, así como para su comercialización y satisfacción de las necesidades familiares, y la otra se da en las relaciones de intercambio Kokama en una dinámica de intercambios entre valores de uso por otro valor de uso necesario y fundamental para la vida. Las diferentes formas de organización que permean la vida social en la Comunidad Sapotal, principalmente la práctica socioprodutiva y la comercialización de productos Kokama en un ambiente de alta llanura aluvial, en la región de Alto Solimões, se evidenció que la dinámica de las aguas influye en la organización de las actividades de los sujetos sociales que viven en comunidades a lo largo del río Solimões, en el que el ciclo hidrológico de los ríos se presenta como un fenómeno natural que contribuye a la fertilización de la tierra y al modelamiento de unidades paisajísticas, permitiendo a hombres y mujeres de la llanura ejercitar versatilidad en actividades para mantener sus propias vidas. Podemos concluir que la práctica socioprodutiva Kokama a través de la agricultura, la cría de animales, el extractivismo animal (pesca y caza) y el extractivismo vegetal (maderables y no maderables), permeada por conocimientos tradicionales, corroboran para la existencia de la comunidad y el fortalecimiento cultural, considerando el entorno en el que viven y las estrategias adoptadas por las familias para satisfacer sus necesidades utilizando los recursos naturales.

Palabras-clave: Labor; Trabajo; Prácticas Socioprodutivas; Comunidad Sapotal; Indígenas Kokama.

IKUAKIRATUPA

Yatiritakana yaukikana kapitalistaka, ramuki ta ikuan ekunumika, emete machiri mirakana ariwa yatirikana rakatata rana wanakarikana aitsewekatun gana, rana maniamaniakan gana amatsunia kana. Tsetakana, yukan ikuari, kumitsa yatirikana rakatata ra tuyuka, iwirati uni, yumi tupa yatirikana kakirin rana ritamakana tapiyakana mari emete kanatan yatsurin tseta wepe kakirin mainani yatiri niapitsara-yutira. Ikiara imakikana tsikikana yatiri ipukana kukama ritamaka aterepan maniawa tupa ikuari, timika ritama Tawatini Amasunia. Nuankara kamatan tsaweui ikuarin uyarikana kakirin maikana ritamaka aterepan. Iyara tsikana yatiriipukana eyunpurepeta eyunmira kana kukama. Mira yawachima nuankara ikuari utsui watari ikuarin yauki ukua-ta chitsatsi, mira kakiri ritamaka kukama ta epewatsumuki tsenun kawiswa ari ta epewatsumuki tsenun kawiswa ariwa kikin pukayuka mutsapirika ai ikuakana umi, tsenu, pirita, kikin rana kamatangana tuyuka, maniawa kumitsa Ruwertu Kardutsu Uliweira. Ikuari runtayaratsui wepe chipiraya, raepe chatsu yapana yauki rakatata ari yatiritakana epewatsu awirikana naniwa imakin ariwauchima kumitsakatara yatiri ikuarin yumati kuarachi kuashi tuyuka aipata watarikana mira yatiritaka ikuakana yatirikana awakana muki. Ikuarin riari eruratsui ikuarin bibliograficokana, fotograficokana mira supekana yawachima ayukamira memu-tara ikuarin. yatiritamuki iya-intakana ariwakana mira ikuarin, ikuakana kararata mari tsikikana yatiriipukana kukama, emete tsekana chimira yatiri iruakana, maniapuka yatiri teruta kamatan tsutsana tsikana rana wepekana iruakana mari puka yatirika kupe kamatan awirikati tsikana rana wepekana upukana yawachima kuin mari utsui tsenun maniawa mainan kakirin upukana ritamaka. Ikian yatiri kakirin kukama ikian yatirita ikiakana mukuika awirikana kakirin wepe awirikana ikian yaukikana tsemu-ta kana mira upa-ta era mari mira ra eyunpurepeta tsariwa watarikana irua chumira yatirikana ukua-ta kukama upukataka wepe ipurapani ukua-takana mitiripi chipiyarakana ari puka amua chipiyara ari-ka watari kakirin. Maniamaniakan gana yatirikana yatiri ukuata kakirin maikana ritamaka aterepan kemari yumi tsikikana yatiriipukana kukama wepeka tupa wiri aipan regiãouska aipam Solimõesushka yuriti kanatan mari tsupe rana unikana tsupe yatiri kamatan gana awakana maikana mari kakirin gana ritamakana ka nuan parana Solimõesushka, ikiara nuapuka hidrolushiku ra paranakana kararata maniawa wepe mari yutira mari yumuyari marira wikakara ra tuyukakana tsana rana awiri ipipeka ipirukara mari niapitsarakana wainakana wiri awika chipikana iati kamatangana marira tsutsana ta kakirin. Ikuangana uchika mari tsikikana yatiriipukana kukama ukuata kupekana uwaritsuika animaru tsuwana animaru (tsukitara ayatata) tsuwana iwirati (iwiraka tima iwiraka) ukuatatsen gana marikana ikuarikana tapiyakana tin na emeteka ritamaka eretsetara warangatan pe tupaka mari kakiringana ikuakana awikana mari iruakana na tsariwa rana tsetakana wiri rakatata wanakarikana aitsewekatun gana.

Kukama-Kumitsa: Kupe; Kamatan; Tsikana Yatiriupukana; Ritama Aterepanka; Tapiya Kukama.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização Geográfica da Área de Estudo: Comunidade Sapotal no Município de Tabatinga, Amazonas, Brasil.....	24
Figura 2 – Entrevistas com Moradores da Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas.....	37
Figura 3 – Instituições que Infraestruturam o Espaço de Morada da Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	60
Figura 4 – Delimitação das Áreas de Labor: Ambientes de Vivência e Interação das Famílias Kokama na Comunidade Sapotal	76
Figura 5 – Animais de Criação Pequeno e Médio Porte das Famílias Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	80
Figura 6 – Extração da Casca de Ingá na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	84
Figura 7 – Delimitação das Áreas de Trabalho: Ambientes de Vivência e Interação das Famílias Kokama na Comunidade Sapotal.....	89
Figura 8 – Ambiente de Várzea Alta em Período de Enchente na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	93
Figura 9 – Mulheres e Curumim Kokama Descascando Milho para Produção de Pamonha na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	101
Figura 10 – Casa de Farinha Kokama como Lugar de Produção da Farinha de Mandioca dos Moradores na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas.....	102
Figura 11 – Família Sevando Mandioca na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas....	103
Figura 12 – Processo de Sevar Mandioca na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas .	103
Figura 13 – Etapas de Fabricação da Farinha de Mandioca na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	104
Figura 14 – Trabalho da Pesca Feita em Parceria no rio Solimões na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	110
Figura 15 – Pesca de Canoa a Remo e Malhadeira de Fibra na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	110
Figura 16 – Ilustração dos Materiais/Apetrechos de Pesca Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	113

Figura 17 – Material de Pesca Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas.....	114
Figura 18 – Rede de Pesca Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas.....	114
Figura 19 – Construção de Canoa na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	128
Figura 20 – Lenha Retirada da Floresta na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	128
Figura 21 – Construção do Remo na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas.....	131
Figura 22 – Pescador Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas.....	131
Figura 23 – Período de Cheia na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	136
Figura 24 – Período de Seca na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas.....	136
Figura 25 – Mulher Kokama Preparando a Farinha de Mandioca para Venda na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	141
Figura 26 – Relação de Troca (Mercadoria-Dinheiro) entre Produtor e Consumidor na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	141
Figura 27 – Jovem Kokama Tratando o Dourado (<i>Brachyplatystoma Rosseauxii</i>) para Venda na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	145
Figura 28 – Prática da Pesca de Tarrafa na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	149

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de Membros que compõem as Famílias Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	72
Gráfico 2 – Participação das Famílias com a Criação Animal na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	79
Gráfico 3 – Responsável Familiar que Realiza a Criação Animal na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	79
Gráfico 4 – Instrumentos Utilizados na Retirada de Plantas Medicinais da Floresta/Mata na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	85
Gráfico 5 – Materiais (Apetrechos) de Pesca Utilizados pelos Moradores Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	111
Gráfico 6 – Identificação de Algumas Espécies de Peixes Classificadas com Baixo Aproveitamento na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	118
Gráfico 7 – Lugar de Venda dos Produtos Agrícolas Cultivados na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	140
Gráfico 8 – Agentes que Compram Produtos dos Moradores Kokama da Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	140
Gráfico 9 – Lugar de Venda dos Peixes de Couro e Escama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	143
Gráfico 10 – Agentes que Compram Peixes dos Moradores Kokama da Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	143

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Concepção dos Moradores a Respeito do Papel das Igrejas na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	65
Quadro 2 – Importância de Uso das Plantas Medicinais Coletadas na Floresta/Mata em Sapotal, Tabatinga, Amazonas	85
Quadro 3 – Estratégias das Famílias Kokama para Descanso e Melhoria da Terra nas Roças na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	96
Quadro 4 – Importância de Realização e Prática da Pesca Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	109
Quadro 5 – Concepção dos Moradores acerca da Pescaria em Época de Desova dos Peixes na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	120
Quadro 6 – Percepção dos Moradores para a Preservação dos Recursos Naturais na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	132
Quadro 7 – Movimentação do Dinheiro Envolvidos na Lógica do Mercado pelos Moradores Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas.....	150

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Descrição das Técnicas de Evidências, Atividades e Participantes da Pesquisa na Comunidade Sapotal.....	26
Tabela 2 – Perfil Social dos Moradores da Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas.....	64
Tabela 3 – Perfil Social dos Membros das Famílias Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	67
Tabela 4 – Atividades Produtivas e Renda Mensal dos Moradores na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	70
Tabela 5 – Membros das Famílias que Recebem Benefício Social na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	73
Tabela 6 – Labor e Trabalho na Criação de Animais das Famílias Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	81
Tabela 7 – Utilidade das Plantas Medicinais pelos Moradores na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	84
Tabela 8 – Identificação das Espécies Vegetais Medicinais Retiradas da Floresta/Mata na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	86
Tabela 9 – Identificação das Espécies Vegetais Medicinais Encontradas no Terreiro/Quintal na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	87
Tabela 10 – Prática Social da Atividade de Agricultura na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	94
Tabela 11 – Instrumentos de Trabalho e Fases de Uso no Ambiente de Roça na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	98
Tabela 12 – Labor e Trabalho no Cultivo das Espécies Agrícolas pelas Famílias Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	100
Tabela 13 – Calendário Hidrológico do rio Solimões construído pelos Moradores Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	105
Tabela 14 – Ordenamento dos Períodos de Prática da Atividade de Agricultura na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	106
Tabela 15 – Prática Social da Atividade de Pesca na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	108

Tabela 16 – Materiais (Apetrechos) de Pesca Comprados e Produzidos na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	112
Tabela 17 – Identificação dos Peixes de Couro Capturados pelos Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	116
Tabela 18 – Identificação dos Peixes de Escama Capturados pelos Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	117
Tabela 19 – Caracterização da Atividade de Pesca Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	119
Tabela 20 – Labor e Trabalho na Prática de Pesca das Famílias Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	122
Tabela 21 – Prática Social da Atividade de Caça na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	124
Tabela 22 – Labor e Trabalho na Caça de Animais para Consumo das Famílias Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	125
Tabela 23 – Prática Social de Extrativismo Vegetal Madeireiro na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	127
Tabela 24 – Identificação das Espécies Vegetais Madeireira Retiradas da Floresta/Mata na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	129
Tabela 25 – Prática de Comercialização dos Produtos Agrícolas na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	141
Tabela 26 – Prática de Comercialização dos Peixes de Couro e Escama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	146
Tabela 27 – Prática de Comercialização dos Animais de Caça na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	147
Tabela 28 – Prática de Comercialização dos Animais de Criação na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas	148

LISTA DE Box

Box 1 – Diversidade Étnica no Alto Solimões	36
Box 2 – Povo Indígena Ticuna	42
Box 3 – Emergência Étnica Kokama.....	48
Box 4 – Território e Territorialização.....	121

LISTA DE ABREVIATURAS

CCA	Centro de Ciências do Ambiente
CF	Constituição Federal
COIAMA	Coordenação de Apoio aos Índios Kokama do Amazonas
FAPEAM	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas
FIPK	Federação Indígena do Povo Kokama
FUNAI	Fundação Nacional dos Povos Indígenas
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISA	Instituto Socioambiental
MNCSA	Minilaboratório Nova Cartografia Social da Amazônia em Tabatinga
NESAM	Núcleo de Estudos Socioambientais da Amazônia
OGCCIPK	Organização Geral dos Caciques das Comunidades Indígenas do Povo Kokama
SESAI	Secretaria de Saúde Indígena
TI	Terra Indígena

SUMÁRIO

TSUMARIU

INTRODUÇÃO	20
YUTSUKA	
CAPÍTULO 1 – COMUNIDADE KOKAMA SAPOTAL, TABATINGA (AM): ORIGENS, FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO	29
KAPITULU 1 – RITAMAKA KUKAMA ATEREPAN, TAWATINI (AM): IMINUANGANA, IKUARINGANA, YATHIRITA	
1.1 Potencialidades Paisagísticas de Sapotal	30
1.1 Yumunukana Tsanakana Aterepan	
1.2 Origens da Comunidade Sapotal: olhares dos adultos	36
1.2 Iminuangana Ritamaka Aterepan: umikana rana tuan gana	
1.3 A formação/organização da Comunidade Sapotal	49
1.3 Ikuaringana/yatirita Ritamaka Aterepan	
CAPÍTULO 2 – LABOR E TRABALHO KOKAMA: AS FORMAS DE USO DOS RECURSOS NATURAIS NA COMUNIDADE SAPOTAL	69
KAPITULU 2 – KAMATA KAMATAN KUKAMA: YATHIRITAKANA RANA RAKATATA WANAKARIKANA AITSEWEKATUN GANA RITAMA KUKAMA ATEREPAN	
2.1 Labor familiar: usos dos recursos naturais visando à manutenção da vida	74
2.1 Kamata iruakara: rakatata kana rana wanakarikana aitsewekatun gana emete tsutsana kakirin	
2.2 Trabalho individual e/ou familiar: usos dos recursos naturais visando à produção/reprodução social da vida	89
2.2 Kamatan awa iruakara: rakatatakana rana wanakarikana aitsewekatungana emete tsikikana/yatiriipukana maikana kakirin	
2.3 Labor e trabalho: práticas socioprodutivas e a preservação/conservação dos recursos naturais	130
2.3 Kamata kamatan: tsikikana yatiriipukana ia-kuara/aipata rana wanakarikana aitsewekatun gana	
CAPÍTULO 3 – LUGAR E ESPAÇO DA VIDA KOKAMA: DILEMAS DA TROCA 134	
KAPITULU 3 – TUPA TUYUKA KAKIRIN KATA KUKAMA: PARIATSUKANA UKUA-TA	
3.1 Comunidade Kokama Sapotal: o lugar e o bem viver	135
3.1 Ritamaka Kukama Aterepan: tupa era kakiri	
3.2 Para além do lugar: espaço e as relações de troca – a venda dos produtos Kokama e a necessidade da compra de mercadorias (os agentes da comercialização)	138
3.2 Mira amatupa tupaka: tuyuka kumitsakana ukua-ta – purepeta yatiriipukana Kukama tsachikana purepe yatiriipukana (awakana tsikikana)	
3.3 O equilíbrio da vida Kokama: dependência e/ou independência do mercado?	148
3.3 Ta-mari kakirin Kukama: yatiri/tima yatiri ukua-ta kana?	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
IYARAWARAKANA UCHIKANA	

REFERÊNCIAS	156
RUPEKANA	
APÊNDICE A – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	161
RUPEKANA A – PRUPUSTAKA AKITA URI	
APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA	163
RUPEKANA B – UWATAKA KUMITSA	
APÊNDICE C – ROTEIRO DO FORMULÁRIO	165
RUPEKANA C – UWATAKA FURMULARIUKA	
APÊNDICE D – TERMO DE ANUÊNCIA	172
RUPEKANA D – UPA-TA ANAKA	
APÊNDICE E – TERMO DE COMPROMISSO	173
RUPEKANA E – UPA-TA KUMITSA-KA	
ANEXO A – CERTIFICADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	174
YATHIRITA A – KUATIARAN YATHIRI IKUAN IKUARI	

INTRODUÇÃO

YUTSUKA

A noção de natureza é uma construção social e diferentes concepções de natureza são produzidas por diferentes culturas (Cardoso, 2010, p. 36).

As formas de produção capitalista e não capitalista impostas sobre a natureza amazônica brasileira ocidental dizem muito do instinto e racionalidades humanas, conforme os mais variados modos de vida que existem, além de se pensar para uma relação de uso da sociedade sobre a natureza. São demasiadas alternativas existentes para uma melhor apropriação humana sobre o uso da terra, floresta e água da vida. Neste caso é imprescindível dar destaque aos modos de vida dos povos indígenas¹, ou populações tradicionais², que demonstram ser possível promover uma vida sustentável na relação homem-natureza.

Nesse cenário, os povos indígenas, considerando as regiões por onde viveram e ainda vivem há mais de 5.000 mil anos atrás, têm demonstrado plena eficiência de se adaptar em áreas com recursos naturais disponíveis, assim, nos faz refletir sobre as formas empreendedoras de uma sociedade se desenvolver enquanto grupo social, que apesar das transformações no estilo de vida entre as sociedades indígenas, os limites da natureza não têm impedido que habitem e vivam na Amazônia Ocidental (Souza, 1994).

É possível creditar que o saber ambiental³ está alicerçado aos conhecimentos tradicionais dos diversos grupos étnicos da região Amazônica Ocidental, entre os ecossistemas de terra firme ou várzea e que são de extrema importância para quem faz uso dela, porque de uma forma ou outra está atrelada à busca de produzir algo que beneficie o bem estar do grupo social, principalmente da família, que precisa produzir os bens materiais sem causar a degradação ambiental, que muitas das vezes é imposto pelas formas de produção capitalista com a finalidade de ganhos econômicos.

Quando entendemos que o saber ambiental, através de Enrique Leff (2006), é o caminho que dá sentido para encontrar uma dinâmica intercultural do conhecimento, para construir

¹ “A expressão genérica povos indígenas refere-se a grupos humanos espalhados por todo o mundo, e que são bastante diferentes entre si” (Isa, 2023, p. 10).

² “São grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição” (Isa, 2023, p. 15).

³ Devido a sua relevância enquanto transformação do conhecimento, conforme Leff (2004), é fundamental “desconstruir a racionalidade econômica e instrumental na qual tem sido fundado o modelo civilizatório da modernidade e para construir uma nova racionalidade social. (...) O saber ambiental orienta uma nova racionalidade para os fins da sustentabilidade, da equidade, da democracia” (p. 49).

estratégias de poder em torno da reapropriação da natureza, que deve ocorrer num diálogo entre o *eu* e o *outro*, deixando de “obedecer” aos paradigmas dominantes do conhecimento. As práticas socioprodutivas indígenas questionam os paradigmas estabelecidos e abastecem as fontes que irrigam o novo conhecimento – os saberes indígenas, os saberes do povo, o saber pessoal, para construir um mundo como convivência da diversidade (Leff, 2006).

Nesta investigação, para reflexão dos pressupostos temáticos relacionados aos saberes indígenas e o modo de vida das populações tradicionais, pela sua abrangência trabalhemos com o conceito de práticas socioprodutivas (Rocha, 2013) quanto de labor e trabalho (Arendt, 2007), entendidas como alicerce que sustentam as sociedades indígenas e importantes para a manutenção e produção/reprodução da vida social.

Partindo do pressuposto de que as práticas socioprodutivas desenvolvidas pelos povos indígenas, o que eles produzem e o modo como produzem, servem para o consumo e/ou comercialização, estamos preocupados em desvelar de forma concreta, empírica, a realidade vivida e/ou o modo de vida da comunidade Kokama, evidenciando as práticas socioprodutivas Kokama relacionado às relações econômicas, social e cultural, considerando as formas como os indivíduos e/ou as famílias Kokama lidam com a natureza para usufruir os recursos naturais disponíveis para a manutenção da vida.

O objeto da pesquisa toma destaque em proporção de uso dos moradores Kokama que utilizam diversos lugares com significados diferentes, fazendo uso de recursos naturais terrestres e aquáticos. Nessa interação chama atenção as formas como produzem os bens necessários à vida alinhados ao saber/fazer Kokama, na tentativa de realçar como ocorre a organização da produção, como se dão as trocas de produção na comunidade e/ou fora dela entre outros, quando as atividades das populações tradicionais se desdobram em arranjos produtivos, que de alguma forma resulta na gestão dos recursos naturais para garantir a segurança alimentar.

Através da pesquisa visamos conhecer e produzir subsídios para melhor compreensão sobre o modo de vida Kokama – considerando o processo de produção material/simbólica de sua vida. Contribuir, também, com informações acerca da interação dos Kokama no uso dos recursos naturais, sua forma de organização social, dinâmica da vida social na comunidade, fortalecimento da cultura e formas que lidam no uso dos recursos naturais disponíveis para o bem viver dos indivíduos e famílias da Comunidade Sapotal.

Além disso, em razão da pesquisa haver trabalhado com povos indígenas, foi indispensável envolver outras áreas de conhecimento que, direta ou indiretamente, estiveram presentes durante a investigação, em função do próprio campo de pesquisa e dos conceitos

instados para sua realização. Por essa e outras razões, o trabalho não se limitou em acionar somente uma área do conhecimento, uma vez que dependendo da localidade da comunidade, há aspectos da realidade que não se pode dar de conta com uma área de conhecimento, por exemplo, a comercialização dos produtos... Então, na investigação foi necessário acionar as áreas de conhecimento da Sociologia, Antropologia, Geografia e Economia etc.

Por esta razão, mas não única e exclusiva, é imprescindível compreender as formas de produção dos trabalhos desenvolvidos para a manutenção da vida, partindo do entendimento que os povos indígenas têm as suas relações de trabalho produzidas e recriadas em paralelo aos recursos disponíveis na natureza. No entanto, é importante dizer que a Amazônia brasileira ocidental, com os modos de vida presentes – indígena e não indígena – ora é um espaço de morada em proporção da vida e, noutro momento, é vista como um banco de recursos para acumulação de riqueza (Witkoski, 2010).

Ainda mais quando se trata da região do Alto Solimões, onde se concentra uma grande diversidade de povos indígenas. Onde as pessoas vivem numa relação de uso com a natureza, da qual utilizam os recursos disponíveis em favor da própria sobrevivência, sendo que tais usos se dão por vários meios, dentre os quais estão a agricultura, a criação de pequenos animais, e a pesca, por exemplo. São atividades socioprodutivas que também dialogam com outras formas de conhecimentos e revelam a dinamicidade cultural nos hábitos, costumes e racionalidades presentes na Amazônia Ocidental.

A região do Alto Solimões é composta por nove municípios, os quais somam aproximadamente 262.013 mil habitantes (IBGE, 2022). Parte significativa está representada pelos povos indígenas com 105.924 mil habitantes (IBGE, 2022)⁴. Toma destaque o rio Solimões que possibilita o “vai e vem” de acesso da população e de embarcações intermunicipais, pelo qual se faz presente as atividades produtivas nas comunidades, como, agricultura, criação de animais, extrativismo vegetal (madeireiro e/ou não madeireiro) e animal (pesca e/ou caça).

Nesse contexto, a maioria dos Kokama estão situados no Alto Solimões, onde convivem com outros povos indígenas – Ticuna, Kanamari, Kambeba, Kaixana, Marubo, Witoto, entre outros, conforme a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI, 2020).

Não muito distante, para um melhor entendimento da realidade a que estamos nos direcionando, as atividades produtivas, ou melhor, as práticas socioprodutivas desenvolvidas

⁴ Dados do Censo 2022 realizado pelo IBGE, que representam a população distribuída em territórios marcados por diferentes particularidades, considerando as terras indígenas em várias fases do processo de demarcação, como os em estudos, declaradas e regularizadas.

pelos povos indígenas, além da manutenção dos conhecimentos, visam à produção material/simbólica da vida, que implicam na transformação dos lugares, lugares que são portadores de recursos naturais utilizados por diferentes formas de produção e modo de vida dos grupos sociais que estão inseridos.

As atividades agrícolas como práticas socioprodutivas destacam-se pelas formas de manejo e da organização do espaço que se dá num viés de utilizar (re) produzindo-o, como, forma de viver e resistir, isto é, o modo de vida das populações indígenas se dá pela forma que produzem e o que produzem, entendido como resistência e manutenção dos costumes singulares de cada grupo indígena (Sanches; Billacrês, 2022).

Além dos próprios costumes, que estiveram e estão atrelados às demandas dos direitos embargados na Constituição Federal de 1988, isso possibilitou a diversos povos indígenas lutar pelo reconhecimento étnico em defesa da cultura milenar, assim os Kokama⁵ retomam o direito ao redor da sociedade “civilizada” na tentativa de fortalecer seu grupo. Entre os diversos benefícios conquistados a partir da CF/1988, alguns persistem e estão relacionados ao reconhecimento, homologação e demarcação da terra.

Nesse sentido, temos como preocupação, nesta pesquisa, analisar a organização da vida social da Comunidade Sapotal, considerando as práticas socioprodutivas e a comercialização dos produtos Kokama. Como objetivos específicos visamos compreender as origens, a formação e a organização da Comunidade Sapotal a partir das narrativas dos adultos; entender a relevância do labor e do trabalho nas práticas socioprodutivas da Comunidade Sapotal visando à produção material/simbólica da vida; e, por fim, evidenciar a importância da comercialização dos produtos Kokama para a manutenção da vida na Comunidade Sapotal.

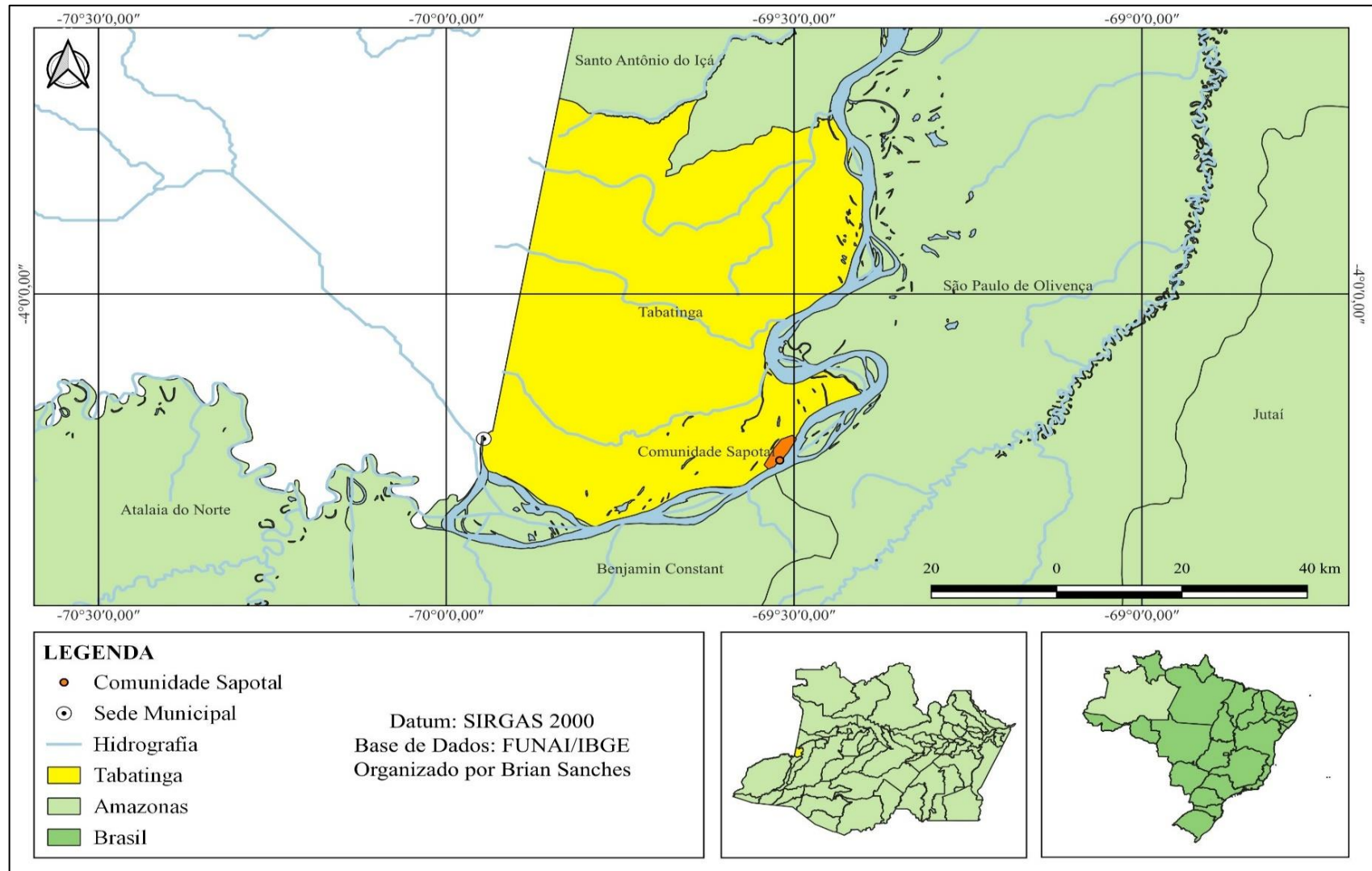
A Comunidade Sapotal (Figura 1), lugar deste estudo, está localizada no município de Tabatinga (AM), à margem esquerda do rio Solimões. Situado num ecossistema de formação da várzea alta⁶ – que implica em formas singulares de práticas para apropriação dos recursos naturais, diferentemente se fosse várzea baixa⁷. Conforme informações do Posto de Saúde Indígena Kokama (2023), a Comunidade Sapotal tem uma população de 488 indivíduos, composta por 120 famílias.

⁵ Neste trabalho, adotamos a grafia Kokama referente a decisão tomada durante o III Congresso Indigenista Americano, realizado em La Paz, na Bolívia, em agosto de 1954, no qual escrevera-se com Ka, Ke, Ki, Ko, Ku e Ky, em vez de Ca, Que, Qui, Co, Cu, Quy.

⁶ Betty Meggers (1987, p. 56), enfatiza que a “várzea alta, é mais bem drenada e inundada menos tempo (...) geralmente mais apropriada para a agricultura. Sua fertilidade é, no entanto, muito variável”.

⁷ A várzea baixa, “podem permanecer submersas ou alagadas durante todo o ano” (Meggers, 1987, p. 56).

Figura 1 – Localização Geográfica da Área de Estudo: Comunidade Sapotal no Município de Tabatinga, Amazonas, Brasil



Fonte: FUNAI (2021); IBGE (2019/2022).
 Organizado por Brian Sanches, 2023.

Dado as circunstâncias da pesquisa, esteve alicerçado em algumas técnicas para melhor aprofundamento de quem o executa, isso quer dizer que em todos os casos a prática da pesquisa concentrara três atos cognitivos – *olhar, ouvir e escrever*, que denotam momentos distintos e complementares no trabalho de campo (Oliveira, 1996).

O recorte espacial feito da realidade deve-se ao interesse em compreender as práticas socioprodutivas Kokama nas relações de trabalho mantidas pelos moradores em Sapotal. A investigação adotou uma abordagem quali-quantitativa, quando a pesquisa se valeu de contribuições da abordagem qualitativa e quantitativa para compreender as informações da realidade local e de dados estatísticos socioeconômicos.

No estudo foi preciso fazer a reconversão do olhar investigativo, tanto do ponto de vista endógeno como exógeno, que, devido às peculiaridades fundamentais, nos possibilitaram ampliar o sentido crítico do conhecimento para o objeto em estudo. Que pela importância da abordagem adotada, enquanto pesquisador, o cuidado é fundamental para com os temas que foram trabalhadas no decorrer da dissertação.

Para a coleta de dados a pesquisa prezou pela obtenção de informações primárias e secundárias, conforme as necessidades levantadas no decorrer dos temas trabalhados. Contudo, antes de apresentar os caminhos metodológicos percorridos para a coleta de dados e, por a pesquisa ter envolvido a participação de pessoas, a proposta foi integrada num projeto institucional maior denominado *Práticas tradicionais Indígenas de Saúde*⁸, que teve o parecer aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa/Comissão Nacional de Ética na Pesquisa – CEP/CONEP, sob o número 6.276.843.

A constituição base do estudo implicou levantamento bibliográfico sobre a temática, que demandou uma busca em proporção de entender a realidade investigada, tomam destaque os documentos disponibilizados pelo ISA (Instituto Socioambiental) a respeito dos povos indígenas, onde congrega um compilado de informações sobre os movimentos e lutas indígenas, fundamental entre alguns dados relevantes para assimilar parte da história da Comunidade Sapotal. Nesse sentido, o quadro bibliográfico construído nos permitiu aprofundar algumas questões correlacionadas ao estudo, além de nortear a pesquisa num sentido de apreender/compreender os dados obtidos em campo.

⁸ Agradecemos ao Laboratório de História, Políticas Públicas e Saúde na Amazônia (LAHPSA), vinculado ao Instituto Leônidas & Maria Deane (ILMD/Fiocruz Amazônia), e ao Programa Nova Cartografia Social, Condições de Vida e Bem Viver de Povos e Comunidades Tradicionais, vinculado ao Centro de Estudos Superiores de Tabatinga (CESTB), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), pela experiência de pesquisa em trabalhar com populações tradicionais na região do Alto Solimões.

Ainda que o levantamento bibliográfico tenha se constituído e correspondido aos temas destinados para abordagem, algumas bibliografias essenciais para a discussão, dada a abordagem dos escritos e terem concentrados seus estudos na Comunidade Sapotal, não foram alcançados, porém deduzimos teoricamente que poderiam de alguma maneira contribuir para a compreensão de questões específicas correlatas ao tema de pesquisa.

Na fase da coleta *in loco*, pela amplitude e necessidade de pesquisa, o trabalho de campo ocorreu em dois momentos, dos quais os interlocutores da pesquisa foram os *povos indígenas* que moram, trabalham e vivem em áreas rurais, como é o caso do povo Kokama. Nesse sentido, o primeiro momento da atividade de campo foi realizado entre os dias 03 a 18 de maio de 2023, enquanto o segundo momento ocorreu entre os dias 19 a 25 de outubro de 2023. Os dados da pesquisa de campo foram levantados com os adultos detentores do conhecimento passado e presente da Comunidade Sapotal, bem como os responsáveis dos processos socioprodutivos e meandros envolvidos na comercialização dos produtos, somando 47 moradores com em média 39,4 anos de idade, como, ilustrado na Tabela 1. Os dados coletados foram organizados em Gráficos, Quadros e Tabelas a partir dos programas Excel e Word.

Tabela 1 – Descrição das Técnicas de Evidências, Atividades e Participantes da Pesquisa na Comunidade Sapotal

Técnicas de Evidências	Descrição das Atividades	Participantes
Entrevistas Semiestruturadas	Dados sobre a Origem, Formação e Organização da Comunidade Sapotal	7 Moradores Kokama: 4 Homens e 3 Mulheres
Formulário	Dados gerais sobre a Unidade Familiar e Atividades Socioeconômicas	40 Moradores Kokama: 26 Homens e 14 Mulheres

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Pela abrangência da investigação na Comunidade Sapotal, consideramos relevantes assegurar a coleta de dados primários que teve origem e constituídas pelos moradores que vivem sob as práticas socioprodutivas Kokama. Conforme o número de habitantes (488 indivíduos) e para contextualizar as temáticas em estudo, ponderamos uma parte significativa da população representada por 9,63% dos moradores, onde fora dado preferência aos membros Kokama que conhecem a realidade da comunidade.

Nessa interação pesquisador-pesquisado tornou-se possível levantar as informações relevantes a respeito da Comunidade Sapotal propriamente dita, bem como das unidades familiares e atividades socioeconômicas, esta última toma destaque por atenderem os membros

das famílias, que foram os responsáveis por identificarem as espécies agrícolas através da observação direta possibilitada pelo grande conhecimento acumulado. Onde, os homens quanto as mulheres adultas fizeram o reconhecimento dos vegetais cultivados, assim, constatamos que determinadas espécies servem para alimento quanto para remédio.

As informações obtidas junto aos Kokama, tornaram-se elementos enriquecedores da investigação por se constituírem não somente em princípios metodológicos adotados, mas em uma espécie de apreender a dinâmica local na dimensão socioeconômica, ambiental e cultural da vida Kokama⁹. Ora, alicerçado a uma visão etnográfica em compreender os elementos entrelaçados nessa dinâmica de vida, mesmo que de forma incipiente, logo que a ciência etnográfica visa “estudar pessoas em grupos organizados, duradouros, que podem ser chamados de comunidades ou sociedades” (Angrosino, 2009, p. 16).

Além do mais, a pesquisa contemplou alguns instrumentos fundamentais no ato da investigação, como a *entrevista semiestruturada*¹⁰ feita face a face, pesquisador e pesquisado, com a intenção de levantar as concepções e percepções da própria história dos interlocutores relacionados à Comunidade Sapotal. Isso nos possibilitou, mesmo que de modo ligeiro, resgatar uma parte da história de Sapotal, porque os interlocutores comentavam que se fossem contar toda a história ambos passaríamos mais de dois dias conversando. Também, foram levantadas informações a respeito das atividades desenvolvidas e a comercialização dos produtos resultante após extensas atividades desenvolvidas pelas famílias.

Outra técnica trabalhada foi a *observação direta*¹¹ com registros fotográficos, importante para uma apreensão direta dos fenômenos observados, nesse sentido, fora observado pelo pesquisador a vivência e o cotidiano juntamente com os membros da comunidade, além da atenção sobre as práticas socioprodutivas visando captar informações da organização comunitária, ao mesmo tempo, fizemos uso do *diário de campo*¹², onde foram guardadas informações julgadas importantes durante as observações em campo. Os registros fotográficos obtidos durante a realização do trabalho de campo foram utilizados no decorrer dos temas trabalhados para contextualizar a realidade local.

⁹ Em função dos resultados da pesquisa de campo, considerando os dados socioeconômico e social, no Apêndice A encontra-se uma Proposta de Intervenção visando propor melhoria no beneficiamento e complementação de renda das famílias para a vida Kokama.

¹⁰ A entrevista como técnica de estudo nos possibilitou constituir um diálogo aberto de aprendizagem frente ao Kokama adultos que, respondendo à questão levantada, narrava sobre a história e temas relacionadas a comunidade. Está técnica “segue um determinado número de questões, em uma ordem prevista, em razão das questões propostas pela pesquisa, mas é livre para incluir outras questões que porventura venham a surgir no decorrer da própria entrevista” (Lima, 2016, p. 27).

¹¹ Para Angrosino, “pressupõe algum tipo de contato com as pessoas ou coisas que são observadas” (2009, p. 74).

¹² O *diário de campo* é o “lugar onde é passada a limpo a informação constante dos cadernos de campo (...) o lugar onde a informação incompleta é completada” (Leal, 2016, p. 147).

Conquanto que a pesquisa se caracteriza pela abordagem quali-quantitativa, dada a necessidade de recorrer ao uso de técnicas com abrangência qualitativa e quantitativa, devido as atividades produtivas realizadas na comunidade investigada. Por essa razão, fora aplicado um *questionário*¹³ com questões abertas e fechadas, devido à necessidade de obter informações passariam despercebidas, mas nada além de dar atenção, relevância e aprofundamento a essas questões/informações essenciais para a pesquisa.

Consolidada a dissertação, temos em sua estrutura o primeiro capítulo denominado *Comunidade Kokama Sapotal*. Discursa sobre as *Origens, Formação e Organização* da comunidade através das narrativas dos adultos. A história da comunidade é constituída pelas narrativas dos moradores mais velhos/experientes que viveram e vivem em Sapotal, pois são conhecedores dos acontecimentos passado e presente, não deixando de considerar os múltiplos aspectos da vida comunal, o lugar onde moram, trabalham e vivem, como se relacionam e constroem o mundo da vida Kokama.

O segundo capítulo intitulado *Labor e Trabalho Kokama* trata da relevância das *Formas de Uso dos Recursos Naturais na Comunidade Sapotal*, pelos quais direta ou indiretamente visam à produção material/simbólica da vida Kokama. Foram caracterizadas as múltiplas atividades produtivas realizadas pelos Kokama, como forma de pôr em prática o saber-fazer, relacionados à agricultura, à criação de pequenos animais e ao extrativismo animal (pesca e caça) e vegetal (madeireiro e não madeireiro), fazendo um contraponto com a concepção dos responsáveis que realizam as atividades do labor e do trabalho Kokama.

No terceiro e último capítulo, *Lugar e Espaço da Vida Kokama: Dilemas da Troca*, discorremos sobre a importância da comercialização dos produtos Kokama para a manutenção da vida, sobre as práticas de comercialização da produção material indígena na comunidade e/ou fora dela, que resulta na obtenção de dinheiro para comprar mercadorias que satisfaça suas necessidades, assim, como, para a manutenção/existência da própria comunidade. Também, traçamos a discussão para a dimensão das relações socioeconômicas com os agentes de comercialização, que resulta no fluxo da produção material.

¹³ Com as questões abertas, pretendeu-se levantar informações da prática socioprodutiva, a partir da concepção dos Kokama que vivem a realidade. Já com as questões fechadas buscamos levantar dados do perfil socioeconômico dos moradores através das atividades realizadas no local.

CAPÍTULO 1

COMUNIDADE KOKAMA SAPOTAL, TABATINGA (AM): ORIGENS, FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO

KAPITULU 1

RITAMAKA KUKAMA ATEREPAN, TAWATINI (AM): IMENUANGANA, IKUARINGANA, YATHRITA

O homem, da mesma forma que tantas outras espécies, geralmente se reproduz e cresce até o limite que o ambiente permite. A diferença entre o homem e as outras espécies reside em seu considerável potencial adaptativo (Morán, 1990, p. 27).

Reconstituir, mesmo que de maneira parcial, a história da Comunidade Sapotal a partir da memória dos moradores Kokama é uma forma de conhecer os acontecimentos relacionados às *Potencialidades Paisagísticas* que estruturam o espaço e o lugar, uma vez que a comunidade é morada, vivência, trabalho e compartilhamento de conhecimentos. Em linhas gerais, o arcabouço de conhecimento Kokama predispostos nos adultos – passado e presente – deve ser e é fundamental para a vida dos adolescentes, crianças e futuras gerações continuarem a história da comunidade onde vivem.

A partir da imaginação são desvelados vários contextos sobre as condições de vida em área de *várzea alta*, se são favoráveis ou não. Nesse sentido, como os Kokama têm proporcionado o crescimento da sua comunidade em um ecossistema, visto de longe, pouco favorável às necessidades humanas? A resposta para tal questão não pode ser dada imediatamente, porém nos instiga a pensar que os povos indígenas têm cultura própria, assim como habilidades particulares para a realização das atividades produtivas.

Por esse viés das atividades é possível aludir que a agricultura, assim como a pesca, são realizadas desde as *Origens da comunidade*¹⁴ *Sapotal*, que se desdobrará a partir dos *olhares dos adultos* tendo por base as relações produzidas entre os indivíduos que moram no mesmo lugar, que formam um sistema de conexões familiares, que caracteriza o compartilhamento de conhecimentos em proporção do bem comum e do bem viver que se constitui pela reciprocidade das famílias (Lazzari; Mazzarino; Turatti, 2017).

¹⁴ Aqui o conceito de comunidade é entendido como lugar do compartilhamento, que revela as relações sociais da partilha de interesses em comum através dos laços constituídos pela espontaneidade dos sujeitos sociais, como sendo uma das características do que seria viver e, mais, viver em comunidade (Polivanov, 2014).

De qualquer maneira, as atividades desenvolvidas nas comunidades pelos diversos povos indígenas visam suprir as necessidades das famílias sob o uso dos recursos naturais disponíveis no ambiente local. Sendo assim, as comunidades indígenas situadas no Amazonas resistem a diversos contextos que os fortificam devido à *formação/organização* que fora possível instalar pelas múltiplas mobilizações e lutas.

1.1 Potencialidades Paisagísticas de Sapotal

1.1 Yumunukana Tsanakana Atereapan

“*Era mato mesmo, era tudo mato, não tinha muita casa*”, são algumas informações que tomaram destaque nas falas dos interlocutores Kokama, desvelando enfaticamente as potencialidades paisagísticas. Com base na afirmativa é possível induzir que a paisagem, conforme Aziz Ab'Sáber (2003, p. 9), “é uma herança em todo sentido da palavra”, noutras palavras é compreendido, como “patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades”.

A paisagem ou as paisagens onde os povos indígenas estão situados têm possibilitado a sustentação da vida, considerando a dinâmica da natureza, principalmente o sistema hidrológico do rio Solimões, conseqüentemente seus afluentes, entre outros. O que concerne para uso do conhecimento acumulado do homem sobre a natureza, constituindo a seguinte ideia – de que a paisagem induziu aos grupos indígenas formar novos comportamentos para a adaptação do modo de vida ou apreender o espaço de morada (Santos, 2004).

Isso corrobora quando nos deparamos que “os modos de vida desses povos eram também diversificados: alguns grupos estavam organizados em sociedades hierarquizadas que viviam em assentamentos, enquanto outros eram nômades” (Neves, 2006, p. 9-10). Por onde “essas populações mantêm uma relação de adaptabilidade com o ambiente e seus recursos, desenvolveram conhecimentos, tecnologias, técnicas” (Silva, 2009, p. 16), que por vez “garantem” a continuidade e permanência do labor e do trabalho.

O que caracteriza um lugar¹⁵, portanto, é uma ação e conseqüentemente a atividade que resulta da situação em que o grupo indígena se encontra, pressupomos que em determinado espaço suas necessidades básicas não estejam sendo atendida, assim, deve-se desenvolver estratégias ou maneiras de lidar com os elementos do ambiente, num conjunto de relações e trocas entre grupos sociais desde que sejam recíprocas (Holzer, 1999).

¹⁵ Também, pode ser “evidenciado nas comunidades tradicionais rurais, as quais vêm carregadas de tradições e modos de vida particulares, com seus significados e dinâmicas próprias (...) como espaço vivido e produto das relações sociais” (Staniski; Kundlatsch; Pirehowski, 2014, p. 2).

Apesar dos povos indígenas terem costumeiramente realizados incursões, fundamental por aquele tempo e interessante a partir do momento que se entende como meio por onde ocorrem as relações sociais, contudo, a cultura do *eu* e do *outro* não foram respeitados, “esses grupos foram grandemente afetados em suas culturas e sistemas sociopolíticos” (Ramos, 1988, p. 9). Isso denota que os povos indígenas circunscreviam direções para o bem do grupo social, espontaneamente fixavam-se em diferentes lugares como forma de demonstrar a sua existência, enfatizar o “eu existo” (Holzer, 1999).

Temos indícios de que deslocamentos geográficos provocados pela colonização levaram a mudanças nas atividades econômicas e na tônica das relações intertribais. Sabemos da introdução de elementos da cultura material, de novas necessidades e de meios materiais e institucionais destinados a satisfazê-las, em épocas muito anteriores ao contato permanente com o mundo dos brancos (Porro, 1995, p. 11).

A presença de sociedades indígenas sempre fora contínua ao longo do rio Solimões, como a conhecemos hoje, devido aos recursos naturais predispostos na natureza, principalmente aqueles provenientes da terra, floresta e água. Em algumas comunidades a ocupação era densa, estimava-se em milhares de pessoas, que proporcionavam relações sociais e econômicas interagindo em amplas redes regionais de comércio, que culminava na fortificação das sociedades/comunidades (Neves, 2006).

A proporção dessa interação entre homem/ambiente deu relevância especificamente às adaptações produzidas pelas populações indígenas, por serem vistas na época como recursos de força de trabalho para a promoção e engrandecimento dos agentes sociais envolvidos. Podemos assim fundamentar o quão sabedores são da diversidade dos recursos amazônicos, e que pela apropriação de alguns recursos naturais sustentaram a vida por muito tempo, haja vista as necessidades e os materiais utilizados.

À primeira vista, o uso da terra, floresta e água parece algo trivial, mas isso não passa de um grande equívoco, ao passo que os recursos naturais apresentam suas particularidades para tal uso. Por exemplo, um determinado espaço pode ser utilizado para inúmeras coisas, mas independentemente do que seja construído, quando nos referimos aos povos indígenas estes o fazem pensando no que está por vir, porque entendem a dinâmica da realidade e têm experiência de vida no local de morada.

Chama atenção a permanência dos povos indígenas, em geral, com características próprias, organização singulares adequadas à realidade que vivem, por isso “a heterogeneidade das populações que têm habitado a Amazônia reflete a diversidade do ambiente. (...) Além

disso, elas refletem as diferenças do ambiente físico do qual obtêm sustento físico e espiritual, de diferenças em estruturas demográficas” (Morán, 1990, p. 24).

Quando falamos das populações tradicionais que habitam a Amazônia, entende-se que é essa diversidade cultural entre as atividades produtivas que dão sustento ao grupo social. Assim, nos aproximamos da questão de territorialidade que há muito tempo vem sendo praticada, ainda mais em uma região com abrangência de recursos naturais, que possibilita a formação de relações sociais entre os grupos para vedar a existência da identidade social e cultural no espaço em que vivem. Sendo assim, Cruz (2007, p. 1) nos faz entender que há diferentes territorialidades que compõem o modo de vida:

(...) territorialidades agropastoris, pautadas prioritariamente pelo uso da terra; territorialidades aquáticas interiores, com prioridade para o uso da água (atividade pesqueira) e territorialidades florestais, pautados particularmente no uso da floresta. (...) das diferentes formas de uso da terra, da água e da floresta criadas e recriadas (Cruz, 2007, p. 1).

As territorialidades se apresentam como se fossem “manifestações da sociedade sobre a natureza, sendo as transformações realizadas na paisagem, agregando a está uma série de objetos que são criados para atender a determinadas necessidades sociais” (Nogueira, 2007, p. 11). Isto não quer dizer que para agir sobre a natureza deve-se prender a territorialidade¹⁶, é tido como exemplo em paralelo as formas que as sociedades indígenas apreendem algo que supra suas necessidades.

Diante as diversas maneiras que podem se caracterizar para a transformação das paisagens, seja ela ecossistema de terra firme ou várzea alta e baixa, a apropriação dos ambientes é construído de mantimento da família, sendo essas sociedades responsáveis pela conservação dos recursos naturais presentes no espaço¹⁷.

Sendo assim, os objetos e as coisas se desenvolveram como a conhecemos hoje, no começo tinha-se noção de que a natureza era uma natureza selvagem, isto é, uma natureza pura, intocada, formada por objetos naturais, mas “ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados” (Santos, 2006, p. 39), sendo constituída a natureza artificial sob um sistema de objetos predispostos ao sistema de ações.

¹⁶ Exemplo para designar a apropriação/uso do espaço nos contextos vividos pelas populações tradicionais.

¹⁷ Entendemos o conceito de espaço, como, “um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes. (...) Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma (Santos, 2006, p. 39).

Isso corrobora para o espaço recriado pela interação/dinâmica dos sistemas de objetos e sistemas de ações, num primeiro momento são os trabalhos realizados no espaço como instinto humano, também, é a procura de fazer uso dos recursos da natureza que estão predispostos, ou seja, todo corpo presente no espaço é útil à vida, essa noção não se distancia muito como os povos indígenas apreendem a natureza, portanto, o espaço “é apropriado, transformado e produzido pela sociedade” (Souza, 2015, p. 22).

Isso nos leva a entender que entre as comunidades tradicionais, tal qual está a Comunidade Sapotal, os recursos naturais predispostos no espaço, como água para a pesca, floresta para o extrativismo, principalmente a terra para plantação, e caça são atividades culturais, quando realizadas desencadeiam a dinâmica da vida humana relacionado a ação, o ato sobre a natureza, que resulta na transformação do espaço em proporção da identidade étnica com o lugar de morada e trabalho do grupo social.

Torna-se óbvio que as potencialidades paisagísticas de uma região para outra são heterogêneas, assim, “os territórios oferecem recursos específicos, intransferíveis e incomparáveis no mercado. Esses *recursos específicos diversificam os espaços* e estabilizam as localizações das atividades econômicas” (Benko; Pecqueur, 2001, p. 31, grifo nosso).

(...) a Amazônia se destaca pela extraordinária continuidade de suas florestas, pela ordem de grandeza de sua principal rede hidrográfica e pelas sutis variações de seus ecossistemas em nível regional e de altitude. Trata-se de um gigantesco domínio de terras baixas e florestadas. (...) Enfim, traz para o homem um clima úmido e cálido, com temperaturas altas, porém suportáveis, chuvas rápidas e concentradas, muitos períodos desprovidos de precipitações e raros dias de chuvas consecutivas (Ab'Sáber, 2003, p. 65).

Sendo que tais fatores quando relacionados à adaptação são permeados por diferentes formas de uso dos recursos naturais que rompem com a harmonia da comunidade biótica, que por um longo tempo se manteve estável alcançada pelas culturas indígenas presentes. Porém, as sociedades indígenas foram invisibilizadas pelo mercado capitalista, isto é, por homens que “fizeram seus nichos e os foram variando de acordo com diferentes modelos adaptativos”, que moldam o espaço e o lugar dos indígenas que tinham a “riqueza de sua economia voltada à reprodução das condições de sua própria existência” (Meggers, 1987, p. 15-17).

Podemos fazer um paralelo com relação a presença de vários grupos sociais que apresentam práticas socioprodutivas diferentes, dos quais “grande parte deles desenvolve tradicionalmente atividades de sobrevivência que não agridem o meio ambiente a ponto de comprometer seriamente o equilíbrio dos ecossistemas e a reprodutibilidade dos recursos naturais” (Witkoski; Souza; Fraxe, 2009, p. 88). Destacasse a prática das populações

tradicionais pela continuidade do sistema de reciprocidade, quando fazem uso de recursos naturais para inserção no mercado local de acesso fluvial.

Por ser a via fluvial um dos elementos da natureza que possibilita as comunidades indígenas terem acesso e constituir seu próprio mercado local, entende-se que a água é indispensável para a vida dos povos indígenas. Conforme Sternberg (1998, p. 44), “a importância das águas não se resume apenas no fato de cobrirem e descobrirem periodicamente as terras”, seu uso está predisposto para uso costumeiro dos diferentes grupos sociais.

Em determinadas épocas do ano, a dinâmica sazonal do rio Solimões proporciona mudanças na paisagem, resultante da diversidade de processos presentes em suas estruturas morfológicas, que torna observável a erosão, transporte e deposição de sedimentos. Pois, “as águas submetem as terras a constantes retoques. Com efeito, o terreno, hoje depositado, amanhã poderá ser removido. A ablação das margens dá-se pelo *fenômeno das terras caídas*” (Sternberg, 1998, p. 62, grifo nosso). Com base nisso, faz-se um paralelo com a paisagem da Comunidade Sapotal, quando o morador Kokama nos conta o seguinte:

Antes ali, eu não vivi ali, eu não cheguei a olhar quando a comunidade era ali na frente... tenho em mente bem pouca lembrança, me lembro quando já tinha levado toda a comunidade completa. Também, já morava pro lado daqui [mais atrás de onde era a comunidade], eu olhava ali [na frente] todos os dias barranqueando, os barrancos caindo (L. J. S. 31 anos, Pescador e Morador da Comunidade Sapotal).

Com a exposição em detrimento das terras caídas ou queda dos barrancos, nota-se que a paisagem¹⁸ da Comunidade Sapotal passou por alguns retoques, boa parte do terreno removido, antes utilizado pelos moradores. Tendo o grupo Kokama constituído seu modo de vida naquele lugar e com a perda de alguns plantios, tiveram que se deslocar para outro espaço e continuar fazendo uso das potencialidades paisagísticas presentes entorno da comunidade. Mas por que não migraram para outro lugar?

Nesse ínterim é provável que algumas espécies vegetais foram perdidas pelas famílias, considerando as culturas agrícolas que sucessivamente seriam replantadas para cultivo e as que seriam descartadas devido à diferença dos solos. As forças das águas levaram boa parte do terreno pelo desbarranqueamento da terra mais alta da comunidade, fazendo-a tomar conta de um lugar mais baixo do terreno.

¹⁸ O conceito de paisagem é compreendido como “o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e natureza. (...) Esta é o conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área. A rigor, a paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão” (Santos, 2006, p. 66-67).

Uma população humana, num ecossistema específico, apresenta respostas que refletem pressões ambientais presentes e passadas. Quanto maior for o tempo durante o qual uma população habita um ambiente estável, maior será o grau da adaptação dessa população às várias pressões ambientais. (...) A mudança em sistemas adaptativos somente ocorre quando o organismo reconhece que as pressões ambientais mudaram de forma acentuada e permanente e não representam simplesmente variações sazonais (Morán, 1990, p. 31-32).

Sendo assim, as respostas se constituem em proporção da própria vida e do fortalecimento do grupo social, principalmente pelo modo de vida passado e presente, quanto ao conhecimento do ambiente onde vivem, são alguns fatores determinantes que fazem com que a população em questão se mantenha no ambiente pelas estratégias adotadas para lidar com “a época das pressões ambientais”.

Dado ao caso em estudo, diante o modo de vida percebe-se a força sentimental dos povos indígenas em manter determinados costumes, relacionados ao lugar de vivência, porém há casos de mudanças costumeiras relacionadas às *pressões ambientais que não representam simplesmente variações sazonais*, mesmo que os esforços contínuos tenham sido para manter os padrões culturais existentes (Morán, 1990).

Isso corrobora com a ideia de que são práticas socioculturais para continuarem se mantendo visíveis, devido à diversidade cultural indígena, talvez, mas é fato que seja um dos grandes aspectos para reconhecimento das diferentes culturas dos grupos sociais. Tanto que, “não há duas sociedades indígenas iguais. Mesmo quando ocupam zonas ecológicas semelhantes, elas mantêm sua individualidade, tanto no plano das relações sociais como no campo simbólico (Ramos, 1988, p. 11).

Muito próxima da observação “leiga” que uniformiza a vivência indígena na Amazônia Ocidental, ao interpretar que todas as sociedades vivem da mesma forma, compartilham o mesmo conhecimento e têm a mesma organização social. É um grande equívoco, levantada pela ignorância humana, pois, nem todas as sociedades indígenas têm a mesma cultura, desde sua organização produtiva até as relações sociais (Ramos, 1988).

Neste contexto, podemos considerar que o potencial paisagístico dos ecossistemas amazônicos ocidentais, representados pela terra firme e/ou várzea alta e baixa denota para uma diversidade cultural existente, dinamizado pela adaptação das populações tradicionais, assim, como as diferentes atividades oriundas das práticas tradicionais milenares dos grupos indígenas situados em diferentes contextos amazônicos (Meggers, 1987).

É característica de um próprio costume para produção de relações sociais constituídas na sustentabilidade das partes envolvidas, nos faz deduzir instintivamente que determinadas práticas socioprodutivas se dão num viés da “construção de uma racionalidade ambiental

fundamentada no conhecimento e na diversidade cultural das populações tradicionais” (Witkoski; Souza; Fraxe, 2009, p. 92).

Box 1

Diversidade Étnica no Alto Solimões

É a diversidade cultural e indígena que caracteriza as populações tradicionais, toma destaque devido ao diálogo constituído através das relações sociais entre os grupos indígenas, como os Kokama, Ticuna, Kanamari, Kambeba, Matis, Marubo etc. Onde, as relações dos sujeitos envolvidos possibilitam contextualizar, socializar e compartilhar os conhecimentos tradicionais do próprio grupo étnico.

Ainda que a constituição das relações sociais ocorra numa região para além da fronteira, no qual os sujeitos sociais que vivem na região fronteira Brasil, Peru e Colômbia se entrelaçam seja pela língua ou organização social e política dos diferentes povos indígenas, que de uma certa maneira tem suas próprias formas de expressão para se relacionar com a natureza diante o uso dos recursos naturais.

Do ponto de vista social, as práticas tradicionais têm desempenhado uma conquista fundamental que é continuar fazendo uso da terra, floresta e água para a vida, ainda mais quando as potencialidades paisagísticas são múltiplas. Os povos indígenas ou as populações tradicionais “possuem vasta experiência na utilização e conservação da biodiversidade e da ecologia dos ambientes terras, florestas e águas onde trabalham e vivem, ainda que esses ambientes venham sendo destruídos, em parte, pela falta de (re)conhecimento do potencial econômico das espécies” (Witkoski, 2010, p. 27-28).

1.2 Origens da Comunidade Sapotal: olhares dos adultos

1.2 Iminuangana Ritamaka Atereapan: umikana rana tuan gana

Bem próximo da organização tradicional dos povos indígenas, o povo Kokama tem sua origem alicerçada aos cuidados do Deus Kokama, geralmente a origem dos povos está relacionada com a terra ou floresta. Antes de aprofundar a discussão de origem da Comunidade Sapotal sob os olhares dos adultos Kokama (Figura 2), vamos discorrer brevemente sobre a origem do povo Kokama – Qual a sua origem? Para nosso conhecimento e melhor entender quem é o indígena Kokama.

Figura 2 – Entrevistas com Moradores da Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Trabalho de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

No início, não existiam homens nem mulheres Kokama, na terra todos eram animais, ao longo do tempo foram cuidados por Deus Kokama (Tata Yara) que costumava passear frequentemente pela mata virgem da floresta cuidando de seus animais e se manter informado dos acontecimentos para administrar ações necessárias. De tanto andarilhar e pela observação discriminada das ocorrências, certo dia percebeu que faltava alguma coisa para que tudo ficasse bem na terra (Lopes; Coelho Pinto, 2019). Em um determinado momento após uma extensa caminhada, Tata Yara:

(...) se sentiu cansado e sentou-se para descansar sobre um pau debaixo da árvore de Muirapiranga, estava tão exausto que logo começou a cochilar, já quase dormindo, ele ouviu uma voz que lhe falou ao ouvido dizendo: (...) Raspe a madeira dessa árvore que você está abaixo, mas raspe bem profundo e aguarde para ver o que irá acontecer. – Diga, diga logo o que irá acontecer com a raspa dessa madeira! (Lopes; Coelho Pinto, 2019, p. 15-16).

Tendo visto que faltava alguma coisa, o sussurro no ouvido se apresentou como uma resposta, tendo questionado, sem duvidar e curioso da situação, Tata Yara começou a raspar profundamente a árvore de Muirapiranga até chegar no âmago – parte mais dura da madeira – e com a bucha amontoada sobre as mãos soprou com muita força e avistou em meio a fumaça branca o surgimento de um homem Kokama (Lopes; Coelho Pinto, 2019).

Entusiasmado com a situação, olhando ao seu redor Tata Yara com a falta de âmago, apanhou o restante da bucha e com o branco da madeira novamente soprou firmemente na

esperança de que algo seria formado daquela fumaça, quando se formou um redemoinho e no meio surge uma bela mulher Kokama, Deus Kokama estava contente por ter formado um casal (Lopes; Coelho Pinto, 2019).

(...) com bastante atenção procurou entender a diferença que a composição de ambos teria e concluiu: o homem por surgir do âmago da madeira Muirapiranga, veio forte guerreiro e valente. A mulher sendo do branco da madeira, veio dócil, mais delicada e exuberante, dessa forma, a partir da árvore de Muirapiranga e de um sonho profético (...) deu origem ao seu povo Kokama (Lopes; Coelho Pinto, 2019, p. 17).

Em forma de despedida Tata Yara “disse-lhes: – filhos, cuidem dos animais, cuidem da sua terra, da sua gente. Eu falo isso porque não havia nada aqui. Ensinem aos seus filhos fazer um povo, fazer um povo grande e chamá-lo de Kukama tuyuka (Kokama da terra). Dizendo isso, o deus Kokama foi embora, até os dias de hoje” (Trindade; Lobo, 2019, p. 170).

Com a organização milenar do povo Kokama, inicialmente por um homem e uma mulher, posteriormente engrandeceram a população indígena da etnia Kokama, sendo um dos primeiros habitantes do rio Solimões por onde os consideravam cordialmente excelentes pescadores, agricultores e caçadores (Lopes; Coelho Pinto, 2019).

De acordo com Freitas (2002), em relatos da época, o povo Kokama habitam a Amazônia brasileira, peruana e colombiana desde o século XVI. Mas há inúmeros registros da presença do povo Kokama ao longo do rio Solimões, como em outras regiões, desde o século XVII (precisamente entre os anos de 1639 a 1691), relatos feitos por viajantes, cronistas, missionários, entre outros (Almeida; Rubim, 2012).

Onde consta como seus principais assentamentos o Médio e Baixo rio Ucayali, afluente ao sul da província peruana, no Peru, que em fins do século XIX a início do XX, parte da população Kokama localizada inicialmente no Ucayali, e também na Colômbia se desloca para a região do Alto Solimões, no Brasil (Freitas, 2002). Para Viegas, “várias famílias Kokama deixaram o Peru para trabalhar nos seringais do Alto Solimões e algumas dessas famílias alcançaram o rio Jutá já no Médio Solimões” (2010, p. 16).

Nesse contexto, podemos entender que o deslocamento e/ou permanência das populações indígenas se deve às evidentes disputas territoriais entre a Coroa Portuguesa e Espanhola, dos quais constituíram-se diversos tratados¹⁹. Dois embates ocorreram para definir a posse territorial, no primeiro as ações portuguesas expulsam os jesuítas espanhóis do rio Solimões até o rio Napo e, na segunda, a expedição portuguesa recupera domínio do rio

¹⁹ Tratado de Madrid em 1750, e mesmo do Tratado de Santo Ildefonso em 1777, para estabelecer as fronteiras na região do Alto Solimões bem como no rio Negro que não estavam delineadas entre as Coroas (Nogueira, 2007).

Solimões até a boca do rio Javari (Nogueira, 2007). Isso corrobora com a narrativa do interlocutor Kokama da Comunidade Sapotal:

Aqui era Peru, até Tefé era Peru, depois que Brasil já tomou até Tabatinga. Quem morava [aqui eram] os peruanos, os filhos do Peru que moravam [e] tiraram documento brasileiro e somos brasileiros, [desde] os meus avôs, minhas avós, meu pai, minha mãe. Então, nós ficamos morando já na terra brasileira, porque nós nascemos na terra, né? Então, a gente é brasileiro, somos sim descendentes de peruano, porque nossos pais vieram do Peru, porque [aqui] era Peru (Sr. L. C. S. 57 anos, Agricultor, Pescador e Cacique da Comunidade Sapotal).

Para Rubim (2016, p. 29), “os kokama constituíam um povo que vivia em constante movimento. Este processo de deslocamento do povo Kokama tem sido sempre explicado como atrelado a conflitos na busca de terras para plantio e de águas para o exercício da pesca”. Pelos quais os Kokama eram conhecidos como andarilhos, pois, frequentemente se deslocavam de um lugar para outro em busca de um ambiente agradável para a produção material e simbólica da vida (Rubim, 2016).

Entretanto, o povo Kokama sempre manteve suas residências às margens de grandes rios – tais como o Solimões, Marañon, Ucayali, entre outros – identificando-se culturalmente como um povo que sempre buscou residir em áreas próximas de rios para a realização das atividades. Nas margens do rio Solimões podem ser encontradas algumas comunidades²⁰ formadas pelo povo Kokama (Freitas, 2002).

Em relação às margens e afluentes dos grandes rios, também é possível interpretá-las como palco de condenação da identidade e descimento cultural dos povos indígenas, pois foram nesses espaços que os indígenas vivenciaram muitas transformações, algumas provocadas pela colonização e outras pelo compartilhamento do espaço de vivência entre diferentes povos indígenas e não indígenas (Rubim, 2016).

A Comunidade Sapotal é uma das comunidades situada na margem do rio Solimões, em área de várzea alta, conhecida localmente como *restinga*²¹. Um dos interlocutores Kokama conta que foi o próprio pai (seu Benjamin Samias) responsável por criar a comunidade, uma vez que Sapotal teve sua origem “*dentro de um lago, onde meu pai plantava [macaxeira, banana]. Então, de lá que eles vieram pra cá, que eles já vieram com outras famílias chegando*

²⁰ “Entendida como lugar e enquanto tal representa o poder e a superioridade do coletivo sobre o pessoal e individual nas relações sociais, ecológicas e na produção do espaço; é um espaço físico e social onde se manifesta a organização do sistema ecológico compreendido no conhecimento ecológico tradicional” (Noda, 2000, p. 42).

²¹ Resultado da dinâmica fluvial dos rios que atravessam e modificam alguns trechos das margens fazendo com que desapareçam rio abaixo, enquanto outras partes da várzea recebem uma deposição mais abundante, formando terrenos mais altos ou áreas de terras altas, chamadas restingas (Morán, 1990; Sternberg, 1998).

já pra eles fazer essa comunidade, então, aí que já começou aparecer família por tudo lado” (Sr. L. C. S. 57 anos).

Isto é, a Comunidade Sapotal nem sempre esteve onde está situada atualmente, num primeiro momento beirava o Lago Pacatuba, e por volta do ano de 1871 as famílias que já estavam no Brasil, com as que advieram do Peru, deram início à fundação da comunidade na margem esquerda do rio Solimões.

Os Kokáma localizados em vários pontos do Solimões. (...) São descendentes de famílias que deixaram o Marañon e se estabeleceram no Solimões entre o final do século XIX e o início do século XX. Os Kokáma fundadores de Sapotal, por exemplo, pertencem a algumas dessas famílias que vieram do Peru. (...) A história dessas famílias foi registrada por Cabral entre 1988 e 1996, junto aos descendentes de Kokáma monolíngues que encabeçaram os movimentos migratórios para essa região. Um dos patriarcas Kokáma que vieram para o Brasil, Seu Benjamin Samias, falecido em 1991 com aproximadamente 90 anos de idade, foi um dos Kokáma cujos filhos falaram a língua Kokáma como primeira língua até a idade aproximada de 12 anos (Viegas, 2010, p. 31).

Sendo fundada no ano de 1879 pelas famílias Samias, Curico e Rodrigues, que vai de encontro com a narrativa do morador, quando diz *“a primeira família a chegar nessa comunidade foi a família Rodrigues, depois chegou à família Curico, terceira família chegar aqui em Sapotal foi a família Samias. Que até hoje ainda tem essas famílias aqui. Foram essas três famílias que fundaram a Comunidade Sapotal”* (Sr. J. G. S. 53 anos). Nesse sentido, as famílias que já moravam no local são *“as pessoas [da família] Samias, (...) família Curico, família Rodrigues (...) [depois chegaram a] família Gama, enfim, foram aparecendo família [e mais] famílias e foi crescendo a comunidade”* (Sr. L. C. S. 57 anos).

(...) Observa-se que grande parte da atual população de Sapotal é composta pelos descendentes dessas famílias: Samias, Curico e Januário. Permanecem em Sapotal, além das famílias citadas, outras que chegaram especialmente nos últimos 50 anos, como a Jumbato, Oaymacário, Velas, Pevas, Tananta, Guerra, Catique, Gama e Miranda (...). É muito provável que Sapotal tenha funcionado como lugar de chegada e de parada para muitas das famílias Kokama que se propunham à migração para o Brasil (Ramos, 2003, p. 24).

A dinâmica de fundação da Comunidade Sapotal, através do esforço mútuo dos que moravam e chegavam ao lugar, se deu para fortalecer a identidade Kokama, superar as dificuldades da vida em comunidade²² e, para melhor reordenamento da população que

²² Com o aumento das famílias para a constituição da comunidade, a população assegurava a identidade indígena, pois, “os sujeitos passaram a formar nova e conscientemente ‘comunidades’, ligadas às ideias de localidade, ajuda mútua e partilha de interesses em comum. (...) Tais comunidades ou comunas estariam vinculadas, ou melhor, seriam formadas a partir de identidades voltadas para a resistência” (Polivanov, 2014, p. 117).

cultivaram a organicidade nos relacionamentos para a autossuficiência do grupo em relação aos recursos naturais no espaço da comunidade (Lazzari; Mazzarino; Turatti, 2017).

Com a chegada de novas famílias teve-se o aumento da população Kokama em Sapotal, ao considerar que os filhos ou netos formaram famílias na comunidade. Em concordância com o relato de duas interlocutoras: *“cheguei com oito anos de idade (...) era tudo mato, não tinha muita casa, tinha pouca casa (...), com quatorze anos eu me casei [e] já formei família aqui na comunidade”* (Sra. M. G. C. S. 55 anos). Já a segunda comenta: *“eu vim solteira, tinha uns 12 anos por aí quando eu vim com meu pai. Meu pai era uma dessas pessoas, assim, que ele não tinha lugar onde morar, ele morava aqui, morava lá [em outra comunidade] (...) quando eu voltei, já voltei com família”* (Sra. M. C. C. 57 anos).

Na comunidade era pouca família, casa bem pouquinho (...), era só sete casa, um longe do outro, tudo cerrado, a comunidade foi aumentando, de pouco a pouco foi aumentando, parente chegando na comunidade. (...) Maioria dos nossos parentes não [se] considerava indígena, foi uma desavença muito grande que teve na comunidade [porque] nosso parente não queria [se] considerar indígena, [mas] nós aceitamos, porque nós somos um povo e nunca nós vamos deixar de ser, ninguém pode nos discriminar o que nós somos, mas muitos parentes foram embora pra cidade porque não queria se identificar como indígena, [por isso] até hoje tão na cidade (Sr. L. C. S. 57 anos, Agricultor, Pescador e Cacique da Comunidade Sapotal).

Muito das famílias saíram, [se] deslocaram pra outra comunidade, foram pra cidade, outros foram pra capital [Manaus], né? e nessa saída ficamos aqui poucas famílias. Depois quando chegou a Funai muitas famílias também se endoidaram, não querendo se identificar como Kokama, como, a Funai vinha falando [que nós éramos] índio, aí ninguém queria se identificar como índio (Sr. J. G. S. 53 anos, Agricultor, Professor e Morador da Comunidade Sapotal).

A partir da memória histórica registrada nos relatos dos moradores compreende-se a constituição das famílias Kokama na Comunidade Sapotal. Conseqüentemente o quantitativo de casas aumentava na época, assim, como, o número de famílias crescia cada vez mais convertendo-se num maior intercâmbio de conhecimentos e experiências, considerando a utilização dos elementos predispostos na natureza que permitiram as ações Kokama modificar o próprio lugar constantemente, recriando as condições ambientais e sociais dada a importância material (Santos, 2006).

Ainda que para o crescimento da comunidade existiram desavenças entre algumas famílias, boa parte não se reconhecia como indígena, enquanto outros declaravam-se ser indígena da etnia Kokama, mesmo quando a Funai²³ tentava apurar algumas denúncias feitas

²³ A instituição tentava apurar os casos denunciados, mas encontrava empecilhos impostos pelo poder executivo e legislativo municipal, encargo do prefeito Fantino Castro e do vereador João Araújo, do município de Tabatinga (AM). Na época “eles não reconhecem a existência dos índios na região (...), deixando os índios Kokama ‘alvorçados’. Na comunidade de Sapotal, o prefeito discursa para os silvícolas afirmando que não se iludam com

pelos Ticuna. O órgão reconhecia os Ticuna como indígenas e não reconhecia os Kokama²⁴ como tais. Sendo assim, “os eventos que se passaram nesse período são vistos pelos Kokama como uma ‘revolução’, termo também usado para se referirem à saída de alguns antigos moradores” (Ramos, 2003, p. 25).

Box 2

Povo Indígena Ticuna

Os Ticuna configuram o mais numeroso povo indígena na Amazônia brasileira, sendo a maior população indígena no Brasil, com cerca de 57.571 indivíduos, segundo dados do SIASI/SESAI (2020), concentrada sobretudo, na região de fronteira do Brasil com a Colômbia e o Peru.

O processo histórico de ocupação e exploração do território Ticuna fez com que ocorressem movimentos de deslocamento e de concentração populacional a partir do século XVIII. Em meados de aproximadamente final do século XIX, registra em sua história uma entrada violenta de exploração por parte de seringueiros, pescadores e madeireiros na região do Alto Solimões (Isa, 2024).

O povo Ticuna vivia no alto dos igarapés afluentes da margem esquerda do rio Solimões, no trecho que entra em terras brasileiras até o rio Içá/Putumayo. Houve um intenso processo de deslocamento em direção ao Solimões, onde os Ticuna se organizaram em comunidades (Isa, 2024).

Na década de 1970, havia mais de cem aldeias/comunidades formadas por essa etnia, distribuídas desde a calha principal do rio Solimões até o alto de seus igarapés tributários. No alto Solimões, os Ticuna são encontrados nos municípios de Amaturá, Benjamin Constant, Santo Antônio do Içá, São Paulo de Olivença, Tabatinga e Tonantins. Contudo, somente no ano de 1990 os Ticuna lograram o reconhecimento oficial da maioria de suas terras propriamente ocupadas (Isa, 2024).

No caso das famílias que se reconheciam enquanto indígena Kokama, através de sua cultura e característica indígena, fizeram a Comunidade Sapotal ganhar o sentimento de pertencimento, afetividade, simbolismo e de espaço vivido em proporção da identidade Kokama (Staniski; Kundlatsch; Pirehowski, 2014).

De acordo com os moradores Kokama, quem deu o nome da Comunidade Sapotal “foram os próprios moradores, porque tinha muita Sapota, por causa de muito plantio de sapoteira aqui. Então, por isso que a comunidade (...) foi chamado de Sapotal, por causa de plantio de Sapota” (Sr. J. G. S. 53 anos), ainda segue, Sapotal “era tudo cerrado, né? não tinha muita plantação, o que tinha sempre era banana, sapota, (...) era muito pé de sapota, aí caiu sapoteira, caiu barranco, aí ficou já Sapotal” (Sra. M. G. C. S. 55 anos).

a Funai: ‘A Funai, aqui, não manda nada. Sou eu, prefeito deste município, quem manda e mais ninguém’ (Folha da Tarde/SP, 26/7/83)” (Isa, 1983, p. 76).

²⁴ Em uma de suas declarações, Francisco Guerra Samias (na época, representante Kokama) morador da Comunidade Sapotal, diz o seguinte: “trabalho há 12 anos como professor. Mas a Funai nunca deu pagamento porque não considera os Cocama como índios. (...), mas sempre eu venho dizendo: nós povo Cocama não vamos desistir da luta pela educação e pela terra” (Isa, 1985-1986, p. 167).

O nome da Comunidade Sapotal, portanto, foi uma referência dada ao lugar pela grande presença de árvores da fruta Sapota, sendo as primeiras mudas trazidas do Peru. Até meados da década de 1980 ainda havia essas árvores, mas foram acabando devido às alagações periódicas do terreno e pelo desmoronamento dos barrancos próximos ao rio, local onde estavam plantadas (Ramos, 2003). Considerando a localização anterior e o nome da comunidade, o interlocutor Kokama relata o seguinte:

Sapotal ele era mais lá na frente, na outra restinga que tinha. Restinga chama a terra mais alta, né?! [Sapotal] era lá na frente, então, quando começou cair o barranco, aí o pessoal voltara pra trás um pouco aonde tinha outra restinga mais alta, [onde] que alagava tudo. Quando alagava era três, quatro metros que alagava, mas era uma restinga. Então, o barranco levou a frente e nós ficamos já nessa segunda restinga que é agora esse daqui que é Sapotal mesmo. Então, ela pegou o nome de Sapotal por causa que onde gente morava [restinga da frente] a gente plantava, meus pais, meus avôs, minhas irmãs plantava muita sapota, então, por isso que deram o nome de Sapotal. Só que nós moramos em área de várzea, quando deu o inverno de 88, 96 deu uma alagação muito grande e matou todas as plantas, é por isso que nós não temos sapota porque quase todo ano o inverno vem e mata, quando já tão grande mata, hoje temos sim, temos a sapota, mas enquanto não der um inverno grande, mas dando inverno grande de novo ela pode matar tudinho o que já tão crescendo (Sr. L. C. S. 57 anos, Agricultor, Pescador e Cacique da Comunidade Sapotal).

O espaço da Comunidade Sapotal, assim como qualquer outro espaço é dinâmico com abrangência de materialidade e ação humana, além das forças naturais que congregam os sistemas de objetos, naturais ou fabricados, bem como os sistemas de ações tornam possível a vivência do grupo social (Santos, 2006). Isto é, determinadas ações do grupo Kokama têm proporcionado a riqueza substantiva de Sapotal, considerando o uso da terra, água e floresta em uma área de várzea alta, onde são encontradas barreiras com alagação/inverno grande.

Conforme Morán (1990), “nesses sistemas as populações podem ser muito numerosas, especialmente nos rios de água branca, em função da alta produtividade de peixes que podem ser facilmente capturados nos numerosos lagos que permanecem na época da seca” (p. 220). De acordo com dados disponíveis de estudos realizados à época, de 1985 para 1996 a população era de aproximadamente 46 a 333 habitantes, já em 2003 a Comunidade Sapotal tinha uma população de 379 pessoas, sendo que, conforme relato do morador, “em 2006 éramos 356 pessoas” (Sr. R. A. T. 63 anos), assim podemos dizer que se tratava ou ainda se trata de uma população em expansão.

Tanto é que os moradores percebem o aparecimento de outros objetos materiais que auxiliam diretamente ou indiretamente na realização das atividades produtivas primárias e/ou secundárias, como também na edificação de estruturas que configuram o espaço social da

própria comunidade. Essa é uma das maneiras encontradas para o fortalecimento da comunidade do povo Kokama, conforme registrado no relato do morador:

Nós não tínhamos nada no passado (...), aqui [na Comunidade Sapotal] não era assim. (...) nós não tínhamos escola, até que aumentou mais famílias e nossos pais, [nossos] parentes fizeram a nossa escola de paxiúba, de palha, de ripa, pra poder nós estudar. A gente não tinha nem um professor preparado, só era o Francisco Samias mesmo que [era a] única pessoa que estudou um pouco mais e ele foi o nosso professor (Sr. L. C. S. 57 anos, Agricultor, Pescador e Cacique da Comunidade Sapotal).

Na comunidade de lá pra cá [25 anos atrás] a diferença é que mudou, muitas coisas [mudaram], porque antes a comunidade era pequena e nós vivia ali de pesca e agricultura. Antes quase nada na comunidade existia, assim, pelo que eu vi, são as questões de barcos, motores pra viajar, por exemplo, daqui pra fazer uma [viagem] pra você receber um benefício as pessoas iam a remo, daqui [da comunidade] pra cidade. E isso é uma diferença de antes pra agora, e agora já é totalmente diferente, as coisas mudou mais (L. J. S. 31 anos, Pescador e Morador da Comunidade Sapotal).

Não podemos deixar de considerar que a comunidade é um lugar reconhecido e delimitado no território para atender as demandas dos moradores que vivem nela. Na Comunidade Sapotal, o compartilhamento de experiências tornara possível fazer uso de outros objetos artificiais sob as estruturas presentes (Silva, 2007). Partindo da fala de um dos interlocutores, nota-se a aculturação vivenciada pelos moradores nas comunidades indígenas. Por exemplo, antes o telhado das casas era a Palha de Urucuri, confeccionado pelas famílias para o próprio uso e, hoje, é comum avistar a cobertura das casas com lâminas de zinco.

Como desenvolveu a comunidade, a diferença se vê nas casas, as casas cada vez mais evoluído, tudo modificado e, antes [anos atrás] as casas não era assim, as casas só era de palha, de paxiúba e olha só que mudou de lá pra cá (L. J. S. 31 anos, Pescador e Morador da Comunidade Sapotal).

Para Ramos (1988), as sociedades indígenas sempre mantiveram o costume de defender o território, fazer uso dos recursos naturais, traçar estratégias para melhor efetividade na realização das atividades, assim como conversar a respeito da importância da terra para as famílias, necessário para o suprimento do grupo presente quanto das gerações futuras, uma vez que na comunidade a realidade é socialmente construída, elaborada e intensamente vivida. Sendo assim, dado o processo de movimento Kokama ter se iniciado na Comunidade Sapotal, está é considerada o *Berço do Povo Kokama* no Brasil.

Todo mundo conhece a Comunidade Sapotal, porque ela é a origem [do povo Kokama na sociedade], de onde nasceu, onde brotou [o movimento Kokama] que se espalhou no Amazonas. Hoje, em todo município daqui do Alto Solimões, todos os municípios tem Kokama, em todas as comunidades até Manaus, [até mesmo] Brasília, por aí nós temos Kokama espalhado que já é reconhecido, identificado como indígena Kokama (Sr. L. C. S. 57 anos, Agricultor, Pescador e Cacique da Comunidade Sapotal).

Toda forma de luta ou movimento indígena tem sua marca registrada, neste caso a Comunidade Sapotal é o *locus* do movimento Kokama, que estabelece forças em busca de melhores condições de vida, devido às circunstâncias desagradáveis já vivenciadas. Esse reconhecimento de Sapotal, como a raiz da árvore Kokama, no Brasil, que brotou no Amazonas, segundo o cacique da comunidade se deve à tamanha preocupação das lideranças e/ou responsáveis na época, que buscavam fortalecer o povo Kokama.

Relevante após alguns descendentes do povo reassumir a própria identidade indígena para o movimento Kokama, foi uma das formas encontradas para abrir caminhos de melhorias entre as lacunas existentes, mas não disseminadas pelas comunidades, por entenderem que estariam avançando em prol do reconhecimento de terras indígenas e tornar desinteressante a negação da identidade praticada no passado (Isa, 1996/2000).

Como um dos responsáveis pelo reconhecimento da Comunidade Sapotal, que demonstrará coragem para enfrentar as barreiras persistentes na época, o movimento Kokama ganhou força com seu Antonio Januário Samias²⁵, como uma maneira de se fazer conhecido perante a sociedade e dar visibilidade aos Kokama até então esquecidos pelo Estado (Vieira, 2016). Esses eventos ocorreram aproximadamente por volta dos anos 1981/82, quando algumas lideranças Kokama acompanhavam de perto o movimento Ticuna que, na época, se encontrava mais bem estruturado e organizado.

No momento da ajuda recíproca entre as partes, tanto dos Ticuna que já haviam percorrido um longo caminho, quanto os Kokama que começavam a trilhar para a própria defesa milenar do povo, na época, Francisco Guerra Samias ressalta: “a luta dos Cocama foi através da luta dos Ticuna²⁶ que começamos também a lutar há 4 anos atrás. Junto com eles é que nós Cocama nos incentivamos mais sobre a nossa defesa e estamos lutando sempre com a ajuda dos Ticuna, sem desistir” (Isa, 1985/1986, p. 167).

Apesar dos entraves e avanços sob a política de identidade, não podemos deixar de mencionar que os Kokama tiveram em sua história um período obscuro e adormecido, razão pela qual nas décadas de 70 e 80 não eram reconhecidos como povo indígena pelos órgãos

²⁵ Na década de 80 os Kokama começaram a se organizar para o fortalecimento cultural, tendo à frente o grande líder cacique Antonio Januário Samias (*in memoriam*), e o vice cacique Hernoch Pevas Souza (*in memoriam*).

²⁶ “A participação dos Kokama de Sapotal nos encontros com os Tikuna, permitiu que os mesmos se articulassem através de políticas internas, sendo influenciados a lutar por suas causas, para ter acesso aos seus direitos e reassumir sua identidade, já que a etnia Kokama já tinha sido dada como ‘desaparecida’” (Rubim, D. 2016, p. 46).

governamentais, principalmente pela Funai²⁷ (OGCCIPK, 2010). Nos anos da década de 80, os Kokama reivindicavam reconhecimento étnico e resgate de sua identidade cultural.

Somente na década de 1980-90, o povo Kokama voltou ao cenário nacional (...), foi à consciência de si mesmo por parte dos Kokama, que igualmente se fortaleceram e passaram de maneira concomitante a se distinguir dos Ticuna, também reivindicando suas próprias terras e políticas de saúde e educação diferenciadas (Almeida; Rubim, 2016, p. 69).

Isso vai de acordo com o exposto pelos interlocutores Kokama na Comunidade Sapotal, quando nos dizem: *“agora do ano de 1970, 70 pra cá é que teve essas pessoas [lideranças] que lutaram pelo povo Kokama, na época eram [éramos] conhecidos só como povo ribeirinho, povo ribeirinho [não como indígena Kokama], e também era comandado pelos patrões, seringueiros, os castanheiros”* (Sr. J. G. S. 53 anos). Quando *“no ano 80 que nós já começamos a organizar, que nós começamos organizar é pra gente ir pra luta, né? porque a gente já sabia que nós éramos um povo, e nós já sabíamos o caminho por onde nós andar pra poder a gente resgatar o nosso povo”* (Sr. L. C. S. 57 anos).

Dada a constituição do movimento indígena Kokama, em 1970, e com seu fortalecimento em meados da década de 1980, sendo os Kokama bem pouco assistidos pelas organizações do Governo Federal, Estadual e Municipal, buscavam somente seu reconhecimento, considerados por muitos como ribeirinhos, enquanto Kokama e ser o que verdadeiramente são, isto é, indígenas. Dessa maneira, não faziam parte do grupo contemplado com os benefícios sociais, como retratado pelo interlocutor:

Ninguém recebia nada do governo, né? benefícios [social], ninguém era aposentado, ninguém ganhava, como hoje tem o Bolsa Família, não tinha nada, o produto da pessoa que era, só era agricultura e pesca, vivia de pesca e de agricultura” (Sr. L. C. S, 57 anos, Agricultor, Pescador e Cacique da Comunidade Sapotal).

Mesmo que os Ticuna tenham auxiliado os Kokama na luta em defesa dos direitos, era perceptível por parte dos moradores que a visibilidade não ocorreria de modo equitativo. Ainda que os moradores reconheçam a ajuda recebida, *“nós fomos pra luta através do povo Ticuna, né? que também nos ajudou muito, por isso também tem que agradecer ao povo Ticuna, que deu aquela abertura como a gente lutar pra conseguir o nosso direito, e pelas nossas terras também, né?”* (Sr. J. G. S. 53 anos). No movimento Kokama, algumas pessoas²⁸ lideranças

²⁷ Entendemos, conforme Rubim D. (2016), que a Funai enquanto organização estatal tem como principal prioridade proteger e promover os direitos dos povos indígenas no Brasil, assim como é responsável pela regularização da terra e o ponto chave para o surgimento de conflitos.

²⁸ Na década de 1990, tomam a linha de frente outros sucessores e lideranças de Sapotal, Jair Guerra Samias; Francisco Guerra Samias (*in memoriam*); Humberto Guerra Silvano; Eládio Rodrigues Curico; Adriano Nogueira

tomam destaque entre as falas dos interlocutores, pelos quais faziam parte da luta. Alguns relatos nos ajudam a compreender a relevância dos sujeitos:

No caso, o meu irmão Francisco também trabalhava na educação e aí como ele já tinha mais um pouco de conhecimento na luta, ele começou chamar o senhor Elivaldo, começou chamar o senhor Humberto, o senhor Carlos, o Jacob, o senhor Sebastião Castilho - morador lá da comunidade Jutimã, né? e tivemos mais pessoas que trabalharam a favor do povo, já com muitas lutas, já viemos chegando, aí que foi chamado o senhor Eládio também, né? que até hoje tá nessa luta aí (Sr. J. G. S. 53 anos, Agricultor, Professor e Morador da Comunidade Sapotal).

Tem pessoas que tão no movimento [Kokama], depois do Antônio Samias, né? já começou também o Jair, o Eládio que também [andavam] junto, aí tinha de outras comunidades, de Bananal, de Barreirinha e de Nova Aliança, são pessoas que começaram andar no movimento, né? [isso] antes de nós, [que estavam] junto com Antônio Samias. Aí depois chegou o Francisco, já correu atrás, então, aí foi crescendo, aí depois que eles já cansaram de viajar, também, aí [alguns] faleceram, como Francisco tinha muita experiência já foi chamando pessoas pra também entrar na luta. Então, aí também nós entremos na luta, eu com 25 anos, 28 anos entrei na luta junto [com os outros] e fomos pra batalha [garantir os direitos]. Nós entremos pro movimento pra não deixar acabar, nós fomos até o final, estamos até hoje (Sr. L. C. S. 57 anos, Agricultor, Pescador e Cacique da Comunidade Sapotal).

No Brasil, os movimentos indígenas passam a ser resguardados pelo poder público na Constituição Federal de 1988, nos artigos 210, 231 e 232 que assegura os direitos ligados às especificidades dos povos indígenas, como a garantia de utilização de línguas maternas e processos próprios de aprendizagem pelas comunidades indígenas (inciso 2º art. 210). Além do reconhecimento da organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, bem como os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam (art. 231) e a legitimidade jurídica dos indígenas e suas comunidades como defensores de seus direitos e interesses, conforme destaca o artigo 232 (Rubim, 2016).

Com a Constituição Federal de 1988 teve-se a culminância de um marco histórico e importante para os povos indígenas no Brasil, considerando as represálias sofridas pelos diferentes grupos indígenas ao longo da história. Devido à CF/1988, os povos indígenas conseguiram conquistar seus direitos, isto é, direitos que se lhes foram tomados para que sejam usados afrontosamente contra suas próprias culturas, do rompimento étnico para a implementação de outros costumes, bem como outra cultura. Para os diferentes grupos indígenas não restou outra opção a não ser que fortificassem cada vez mais os seus próprios movimentos através da realização de eventos e assembleias envolvendo frequentemente questões fundamentais para a melhoria de vida.

Cordeiro; Luis Cordeiro Samias, atualmente cacique; Elivaldo da Silva Souza; Sebastião Castilho; Jacó Curico Castilho; Carlos Guerra Silvano (*in memoriam*).

Box 3***Emergência Étnica Kokama***

Devemos considerar que a emergência étnica Kokama, assim, como, qualquer um outro povo indígena tendo observado a importância de seu reconhecimento enquanto indígena e pertencente a um grupo étnico, torna-se relevante num sentido de fortalecer a própria organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, ainda mais quando estamos falando da região do Alto Solimões que abrange uma diversidade de povos indígenas.

No caso do povo Kokama, a emergência étnica foi algo duradouro devido a necessidade de reconstituir a própria história a partir dos anciãos portadores do conhecimento tradicional alinhado a origem Kokama. Seu Antônio Januário Samias, toma destaque como sendo um dos precursores de trazer à tona a identidade indígena Kokama, fortalecido através de algumas coordenações e organizações dentre elas a COIAMA e OGCCIPK.

Diante a demanda pelos direitos indígenas e tendo sido alcançados pelo povo Kokama, foram essenciais para o reconhecimento e demarcação de algumas Terras Indígenas Kokama, bem como da educação e saúde diferenciada numa região multicultural, onde os povos indígenas convivem em vizinhança.

Particularmente foram desenvolvidos processos de territorialidades com especificidades correspondentes à “comunidade que se agrupa nesses respectivos municípios, formando identidades coletivas para lutar, resistir e reivindicar direitos garantidos pela Constituição Federal de 1988, como saúde, educação e a demarcação do território e a luta pelo bem-viver” (Rubim, 2016, p. 44).

Foi na década de 1990, após vários momentos de lutas e com base na CF/1988, que emergiu o crescimento das comunidades indígenas Kokama ao longo do rio Solimões reivindicando a demarcação de suas terras. Sendo assim, “no final da década de 1990, muitas comunidades Kokama se mobilizaram segundo uma política de identidade, afirmando sua cultura e passando a reivindicar e a ocupar seus territórios na região do Alto Solimões” (Almeida; Rubim, 2012, p. 70).

A luta pra nós [Kokama] não foi fácil, na época ninguém tinha nenhuma pessoa, um patrocinador pra pagar nossa passagem, né? (...) Sofremos fome, sofremos sede, mal dormido, né? porque ninguém tinha dinheiro pra pagar hotel [em Manaus], ninguém tinha dinheiro pra pagar uma comida boa pra gente comer, as vezes a gente comia só à tarde, né? tomava um golinho de café, ia comer só de tarde. Assim, quando parentes, também, parentes de outros municípios levavam alguns trocadinhos aí ajudava a gente (Sr. J. G. S. 53 anos, Agricultor, Professor e Morador da Comunidade Sapotal).

Um professor que tinha em Benjamin, que até o nome dele é “Cajueiro”, ele que ajudou, assim, incentivar como fazer o documento tudinho e foram eles que fizeram esse aí. Então, por eles que nós fizemos o documento e viajemos pra procurar os nossos direitos, e nós conseguimos, graças a Deus (...) que ele conheceu o povo, ele também era um professor que sabia da história, porque eles moravam também na beira do rio, então, ele sabia que nós éramos um povo” (Sr. L. C. S. 57 anos, Agricultor, Pescador e Cacique da Comunidade Sapotal).

Nesse contexto, o movimento Kokama ganha destaque quando contatado pelo Seu “Cajueiro”, que na época trabalhava na prefeitura de Tabatinga e viabiliza a relação do movimento com outras instituições. Para melhor estruturação e articulação do movimento Kokama, na década de 1990, os Kokama criaram a Coordenação de Apoio aos Índios Kokama do Amazonas (Coiama)²⁹, tendo a capital Manaus como sede principal. A Coiama foi fundada por lideranças Kokama com a ajuda de alguns políticos residentes na cidade de Manaus, que procuravam comunidades indígenas necessitando de apoio para reivindicar seus direitos indígenas assegurados na Constituição Federal de 1988.

Em 1995 (...) fundou na comunidade Sapotal, no município de Tabatinga, a Coiama – Coordenação de Apoio ao Índio Kokama, primeira organização Kokama no Brasil contemporâneo. A partir daí os representantes da Coiama começaram a reivindicar o reconhecimento da etnia kokama por parte do Estado e dos direitos indígenas a ela inerente, tais como a identificação da comunidade Sapotal. Nos anos seguintes a Coiama buscou construir uma unidade etnopolítica mais ampla por meio da inclusão, nos quadros da organização indígena, de outros grupos kokama com os quais as pessoas de Sapotal mantinham algum tipo de relações de parentesco. Por meio de visitas e reuniões em comunidades localizadas no médio e alto rio Solimões, a COIAMA identificou mais de 30 comunidades Kokama, conseguindo o apoio e engajamento de muitas das lideranças locais (Vieira, 2016, p. 142).

Em proporção do aprendizado político, segundo os moradores, fora compreendido que por meio das entidades legalmente organizadas as lutas aconteceriam de forma democrática na conquista dos seus direitos. Por isso que, na Comunidade Sapotal, em 2001, as lideranças em conjunto com lideranças de outras comunidades Kokama criam a OGCCIPK (segunda organização Kokama no Brasil) para dar continuidade ao trabalho de identificação das Terras Indígenas Kokama no Estado do Amazonas e “resgatar” a identidade, cultura, língua e rituais tradicionais como forma de resistência as investidas por parte da Funai, na época, em caracterizá-los como ribeirinhos (Vieira, 2016).

1.3 A formação/organização da Comunidade Sapotal

1.3 Ikuaringana/yatirita Ritamaka Aterepan

“A luta é assim, quando você quer uma coisa, quer o bem para o teu povo, não carece dinheiro e não carece andar de barriga cheia, de qualquer jeito a gente [indígena] tem que ser guerreiro” (L. C. S. 57 anos). Essa concepção Kokama revela que para o fortalecimento das lutas indígenas não é preciso ter tudo à disposição, não é preciso ter todo o conhecimento para

²⁹ Está por vez ainda teve que passar pela desconfiança da credibilidade, por parte do secretário da CGTT (Conselho Geral da Tribo Ticuna) Nino Fernandes, na época, quando disse: “Não sabemos quem é essa instituição, nem sabemos o que querem os Kokama, porque não enviaram nada, nenhuma carta, a nós da CGTT” (Isa, 1996/2000, p. 420).

conquistar os próprios direitos, mas ter consciência e propósito de avançar em busca de melhorias para o bem do grupo social.

Ao pensar os povos indígenas na atualidade considerando seus processos históricos, observamos o quanto são resistentes a tantas investidas contra sua cultura, identidade, língua e seus territórios. As narrativas feitas (...) são importantes para conhecermos melhor o processo que cada povo utilizou para estar hoje no século XXI continuando sua luta de resistência (Rubim, 2016, p. 33).

As lideranças Kokama mantiveram-se fortalecidas pela importância do respeito à cultura e tradição Kokama, mas também pela necessária união entre os Kokama para a manutenção da língua Kokama. Sendo assim, devido à sua importância para os Kokama da Comunidade Sapotal, faz-se referência à pessoa do seu Francisco Guerra Samias (*in memoriam*), tido como um dos maiores líderes Kokama no Alto Solimões.

A pessoa do seu Francisco foi caracterizada com tal referência pela luta de reconhecimento étnico, fortalecimento da cultura Kokama e demarcação da Terra Indígena Sapotal. A liderança do seu Francisco Guerra Samias se dá em paralelo ao longo período de luta de seu pai Antônio Januário Samias, ambos lutaram incansavelmente para a manutenção da identidade Kokama, se encontra em diversas esferas e lugares do Brasil. Nesse sentido, tomam destaque algumas reverências à pessoa do seu Francisco Guerra Samias:

Francisco Guerra Samias foi filho daqui de Sapotal, foi primeiro professor daqui da comunidade. Ele começou trabalhar como professor em 1971. E foi um homem lutador também por essa terra, lutou pelo povo Kokama. E hoje ele não se encontra, às vezes (...) me dá uma tristeza, porque com ele, quando ele queria fazer uma coisa pra ele não tinha sol, não tinha tempo, não tinha nada, tinha nada ruim. Então, tudo pra ele era um dia bom, podia ser de dia, de noite, ele partia pra viagem, pra onde quisesse ir ele ia, pegava uns pessoal pra acompanhar ele (Sr. J. G. S. 53 anos, Agricultor, Professor e Morador da Comunidade Sapotal).

Francisco Samias foi um guerreiro, sinceramente, Francisco Samias tivesse vivo até agora nós não tava do jeito que tá acontecendo, muitas pessoas hoje querem fazer do jeito que o Francisco fazia. Francisco era humilde, ele não tinha olho grande, ele não queria comer as coisas sozinho, se ele tinha uma coisa ele tinha que repartir com todos. Ele não era uma pessoa, assim, de querer se aparecer sozinho, ele queria que todo mundo se aparecesse. Então, Francisco, depois de Deus era ele aqui na nossa comunidade, era uma pessoa que pra ele não existia briga, pra ele não existia rancor dentro dele. Então, fez muita falta dele deixar nós, o pessoal até hoje fala o nome dele (...) porque ele era uma pessoa que sofreu mesmo, que deixou seu rastro na terra pra nós (Sr. L. C. S. 57 anos, Agricultor, Pescador e Cacique da Comunidade Sapotal).

Seu Francisco foi uma das pessoas, depois do seu Antônio, que deu importância ao movimento Kokama como instrumento para a luta em defesa dos direitos indígenas, isso foi fundamental para a formação da Comunidade Sapotal, bem como para sua organização interna. Conforme a interlocutora Kokama, “[Francisco] foi a maior liderança, depois do pai dele, que

[primeiro] o pai dele que era o maior, né? aí o pai dele morreu e ele ficou [ainda vivo], aí ele ficou como a maior liderança da comunidade, [porque] ele começou fazer os documentos” (Sra. M. G. C. S. 55 anos).

Francisco Guerra Samias é nosso grande, pode dizer assim, patriarca, porque ele é que começou a se organizar juntamente com o pai dele, o finado Antônio Januário, junto com ele. O primeiro lutador foi ele, seu Antônio Januário, e depois Francisco, né? Para mim Francisco é um grande patriarca, que vou dizer de novo, porque ele fez de tudo pra gente se organizar, assim, como, que estamos agora com a terra demarcada (Sr. R. A. T. 63 anos, Agricultor e Secretário da Comunidade Sapotal).

[Francisco] foi um grande homem daqui [Sapotal]. Por quê? porque ele se virava pra tudo lado, procurar o benefício da comunidade. Pra quê? bem dizer deixar a terra demarcada que estamos agora, se não o que seria a nossa vida nessa terra daqui. Como (...) queriam jogar daqui o povo Kokama, os Ticuna, e ele [Francisco] que enfrentava, bora se reunir, ele e o pai [Antônio], aí se reuniam todos os líderes aqui na comunidade (Sra. M. C. C. 57 anos, Agricultora e Moradora da Comunidade Sapotal).

De acordo com os moradores, principalmente a última ao enfatizar sobre a relação social Kokama e Ticuna, considerando algumas questões que precisavam sanar para evitar conflitos. Essa foi uma realidade vivida pelos Kokama, ao relatarem que *“os Ticuna não queria que nós se aparecesse, só eles queriam se aparecer, por isso que tinha esse conflito, que eles vinha as vez dia de domingo, pessoal estavam brincando bola [futebol], estavam passeando, eles vinham quebrar nossa escola com pau, terçado, machado, quebrar nossa escola, aí nosso pessoal enfrentava pra eles não fazer isso, pra não derrubar nossa escola, então, não foi fácil (...) mas conflito tinha mais com nossos parentes Ticuna” (Sr. L. C. S. 57 anos).*

Os conflitos entre grupos indígenas surgem por diversas questões que podem estar atreladas ao uso indevido dos lagos, igarapés, principalmente de terras, que muitas das vezes são conservados para a proteção da floresta. Durante a CF/1998 foi o ápice para levantamento e reconhecimento de grupos indígenas na região do Alto Solimões, dada a importância do registro da terra frente aos conflitos recorrentes. Sendo assim, *“algumas comunidades Kokama (Sapotal, Bananal, Jutimã, Barreirinha, Porto do Bom Socorro e Sacambú), em 1996 contestaram com base no Art. 9º do Decreto nº 1.775/96, os limites das terras indígenas Évare³⁰ I e II, (...) demarcadas como TIs dos Tikuna” (Rubim, D. 2016, p. 45).*

Para gente se organizar, correr atrás dos nossos direitos, nossos pais, nossos tios, nossos parentes e toda a comunidade se reuniu, vamos apoiar essas lideranças pra eles chegar lá. Então, cada um colaboraram, um vendia macaxeira, outro vendia banana,

³⁰ “A TI Évare I, dos índios Ticuna, foi contestada por índios Kokama que vivem em parte dela. Os Kokama, à época da demarcação, não assumiam a sua identidade indígena. Porém, passaram a assumi-la depois e alegaram direitos sobre a parte que ocupam. Despacho do ex-ministro determinou que os seus limites fossem revistos, de forma a se demarcar uma parte da área em favor dos Kokama, sem que houvesse aumento da extensão total” (Isa, 1996/2000, p. 164).

outro vendia peixe e foram ajuntando [dinheiro] pra pagar duas, três passagens, mandava primeiro uma turma, enquanto colaborava de novo, e nesse tempo o nosso produto não tinha valor. [Pra viagem] foi própria nossa comunidade, não foi pedido de prefeito, de governo nenhum, foi a própria comunidade que se organizou pra poder nos mandar [lideranças]. (...) Unia pra arrecadar essa importância [dinheiro] pra mandar mais gente e assim nós fomos crescendo, fomos aumentando. Quando fazia outra viagem, novamente se organizava, colaborava de novo, pessoal colaborava, tirava o que não tinha, vendia galinhas, patos pra arrecadar um dinheirinho e assim nós fomos conquistando a nossa área pra nós ser reconhecido, porque nossos parentes Ticuna não queria de jeito nenhum de nós se aparecer, conseguimos na nossa luta já, conseguimos a demarcação da terra [quando] os antropólogos vieram pra fazer a nossa demarcação e foi feito, e hoje nós temos o nosso documento da nossa área reconhecido como Kokama, então, nós estamos no que é nosso, nós estamos do lado do Evaré I, sim, mas nós não estamos no Evaré I (Sr. L. C. S. 57 anos, Agricultor, Pescador e Cacique da Comunidade Sapotal).

Sendo assim, a Funai enquanto órgão responsável promoveu o reconhecimento étnico do grupo indígena Kokama em Sapotal, Sacambú e Jutimã, resultante da viabilidade dos estudos e levantamentos para identificação das terras de uso tradicional das comunidades Kokama contestantes, devido à importância de uso da terra demarcada que por muito tempo estiveram atreladas como pertencente ao grupo Ticuna.

Diante do estudo de reconhecimento foi constatado que os Kokama de Sapotal não perderam sua identidade étnica, mantiveram seus costumes, formas de organização e viver em comunidade (Rubim, D. 2016).

Esses percursos de reconhecimento e com a presença de pesquisadores na Comunidade Sapotal tem gerado revolta para o grupo Ticuna da comunidade Ourique, conforme relata um dos interlocutores Kokama, por volta do ano de 1995: *“na comunidade teve [briga], mas não foi assim uma briga contínua, só foi uma vez mesmo, né? que os parentes Ticuna estavam querendo se alterar com nós por causa das antropólogas que estavam aqui, eles queriam que eles [fossem] pra lá, queriam dominar nós aqui (...) porque por elas [antropólogas] que nós tivemos mais apoio, né. Eram quatro antropólogo que vieram aqui pra fazer aquela pesquisa, foi por eles que nós tivemos mais segurança assim”* (Sr. J. G. S. 53 anos).

As relações entre os Ticuna e os Kokama foram ambíguas durante longo tempo, mas essenciais para o aprendizado político e propiciar condições para a emergência da identidade coletiva Kokama. (...) fortalecimento dos Ticuna produziu assim condições de possibilidades para a emergência das mobilizações étnicas dos Kokama, que passaram a construir uma existência coletiva (Almeida; Rubim, 2012, p. 70).

O surgimento de conflitos entre povos indígenas também se constitui por divergência de ideias, quando buscavam se sobrepor ao outro. “A partir daí, os Kokama, por meio de suas organizações, vêm exigindo o reconhecimento oficial de sua etnia perante o Estado, bem como os direitos indígenas assegurados pela Constituição Federal de 1988” (Vieira, 2016, p. 198).

Pois, o reconhecimento do povo Kokama enquanto indígena foi gradativamente pelo esforço mobilizatório de convencimento dos técnicos da Funai (Almeida; Rubim, 2012).

Hoje eles [Ticuna] já respeitam a gente, eles já [nos] consideram [parentes] porque eles sabem que nós temos nossos direitos iguais, eles não são mais do que ninguém, não, nós somos iguais perante a lei (Sr. L. C. S. 57 anos, Agricultor, Pescador e Cacique da Comunidade Sapotal).

(...) reivindicações que partem das populações indígenas ante as autoridades nacionais enfatizam o grupo como um todo e não indivíduos isolados; isso não só com relação à delimitação justa de territórios, como também em questões de assistência médica, educação e outros benefícios a que têm direito (Ramos, 1988, p. 14).

Ao mesmo tempo que os Kokama se relacionavam com os Ticuna para discutir questões voltados à sua realidade, as comunidades indígenas se fortaleciam cada vez mais com recursos sociais. Porém, o que se manteve por muito tempo entre as pautas Kokama das lideranças na Comunidade Sapotal foi a questão do reconhecimento étnico e demarcação de terras para o povo Kokama. Nessa perspectiva, a pessoa do seu Francisco Samias foi fundamental e importante devido ao seu papel desempenhado na luta do movimento Kokama.

[Francisco] deixou não só aqui na comunidade, mas entre cinco comunidades ele deixou a história, deixou o legado dele. Primeiro Sapotal, porque Sapotal é o berço de tudo, daqui que criou, daqui é que se espalhou com outras cinco comunidades, Nova Aliança, Jutimã, Barreirinha e Bananal, são essas cinco comunidades que ele [Francisco] incentivou as comunidades e lideranças, então, ele deixou o legado pra cada comunidade, pra cada liderança (Sr. L. C. S. 57 anos, Agricultor, Pescador e Cacique da Comunidade Sapotal).

A importância [de Francisco] aqui, você pode até perceber, né? pro povo de Sapotal é o que ele deixou [terra demarcada], o que ele deixou aqui é como uma herança com o fruto do trabalho dele, né? e, hoje, pra onde a gente anda o nome dele está na boca do povo (...) ele deixou o *-* como responsável, mas *-* não deu de conta, a palavra correta é não deu de conta do trabalho, né? e agora tem mais essas pessoas [lideranças] que tão lá [na cidade] trabalhando. A Federação [Kokama] só tá dando dor de cabeça e querendo fazer a divisão, então, não tem outra pessoa como Francisco (Sr. J. G. S. 53 anos, Agricultor, Professor e Morador da Comunidade Sapotal).

O seu Francisco deixou o nome registrado na história de Sapotal do povo Kokama, uma vez que juntamente com outras lideranças comunitárias lutaram para que ao longo do caminho trilhado e o cansaço seja revestido em conquistas sociais, como recursos e benefícios para melhoria de vida dos moradores nas comunidades Kokama. Sair para outros lugares fora da comunidade foi uma prática frequente vivenciada pelas lideranças em busca de garantia dos direitos indígenas, pelo qual entendemos que permanecer na comunidade não era, de maneira simplória, a permanência definitiva na terra.

[Saía pra conseguir] algo pro nosso povo, né? pra gente não viver, assim, vamos dizer assim, será que alguém vem tirar nós [daqui], vão jogar nós, expulsar nós, então, pra isso foi a nossa luta, buscar o bem pro nosso povo, que é morador daqui de Sapotal. Então, todo mundo ficava preocupado pelo nosso e eles [moradores] se empenhava mesmo de coração pra gente poder sair e trazer [algo de volta] pra explicar e reunir com os nossos parentes Ticuna, assim, mesmo eles com raiva da gente, mas gente reunia e explicava as coisas pra eles. Então, hoje, Sapotal, as lideranças foram guerreiras, nunca se afastaram, se esconderam não. E, hoje, os parentes Ticuna tem que respeitar porque gente não é brinquedo deles, não é só eles que são os guerreiros, guerreiro é Kokama, o Kokama nunca correu, nunca correu pro igarapé, não, o Kokama sempre viveu e vive na beira do rio (Sr. L. C. S. 57 anos, Agricultor, Pescador e Cacique da Comunidade Sapotal).

Considerando a caracterização das relações sociais constituídas no passado, compreendemos que os Kokama são guerreiros quanto os Ticuna por vivenciarem momentos de angústias, com o retorno das demandas para melhor formação e organização das comunidades indígenas. No passado os Ticuna moravam nas cabeceiras dos igarapés³¹, enquanto os Kokama viviam e vivem nas margens dos rios e afluentes, onde entravam em conflitos com os portugueses, espanhóis e outros.

Sem dúvida o espaço é, inquestionavelmente, fundamental para a vida na terra, seria um equívoco dizer que não precisamos do espaço, uma vez que é no espaço onde ocorrem as atividades humanas, que permite o devir da vida e o fortalecimento da cultura (Santos, 2006). Sendo o espaço *locus* indispensável para o acontecimento da vida, é compreensivo que os povos indígenas tenham lutado e lutem pelo reconhecimento e demarcação da terra perante as instituições responsáveis, pois viver num determinado espaço não é garantia de segurança quando os conflitos afloram por falta deste.

O compartilhamento de conhecimentos entre Kokama e Ticuna foi fundamental, principalmente para os Kokama que buscavam conhecer melhor a realidade em que viviam para saber lidar com as situações e contextos. Uma das formas está no “sentido que os Kokama exprimem na sua forma organizativa é vitalizar, dar força e vigor à sua dinâmica de existência (Rubim, 2016, p. 122).

A Funai concluiu a identificação da TI Sapotal, em Tabatinga. O reconhecimento da área, com 1.265 hectares, atende reivindicação da comunidade Kokama, por intermédio da Coiama – Coordenação de Apoio aos Índios Kokama. (...) Os índios beneficiados somam, hoje, aproximadamente 380 indivíduos, que habitam aquele município, na fronteira com o Peru (Isa, 2001/2005, p. 432).

³¹ Conforme relato de um professor Ticuna: “No Amazonas moravam só os índios também. Na beira do Solimões moravam os Omágua (Cambebas), os Cocamas e outros. Esses povos que ocupavam antigamente o Rio Solimões. Depois vieram os brancos e acabaram com eles. Os Ticuna antigamente moravam nas cabeceiras dos igarapés e os brancos não alcançaram lá, por isso que hoje os Ticuna são em número grande” (Isa, 1985/1986, p. 167).

Por isso que na região do Alto Solimões podem ser encontradas muitas TI (Terra Indígena) Kokama demarcadas, outras em estudo e algumas em processo de reconhecimento ou demarcação. A Comunidade Sapotal foi a primeira TI demarcada para o povo Kokama, no Brasil, garantido e disposto no decreto nº 1.775, de 08 de janeiro de 1996, constante do processo FUNAI/BSB/2470/04. A Funai torna declarada de posse indígena, sobre a portaria nº 2.359, de 15 de dezembro de 2006, e administrativa a Terra Indígena Sapotal, localizada no município de Tabatinga, no Estado do Amazonas (Isa, 2006/2010).

Hoje, aqui em Sapotal [o morador] vive tranquilo, porque a terra ela é independente da terra Ticuna, ela é demarcada só pro Kokama daqui de Sapotal, porque a terra de Sapotal ela não tá [dentro] do Evaré [I], que é dos Ticuna, por isso que eu digo que a terra de Sapotal ela é independente da terra dos Ticuna (...) Foi uma luta muito forte, foi uma luta que só Deus na nossa vida mesmo quando a gente saia daqui (Sr. J. G. S. 53 anos, Agricultor, Professor e Morador da Comunidade Sapotal).

As lutas indígenas nem sempre são fáceis, ou melhor dizendo, nem tudo está predisposto para que os recursos/benefícios em relação aos direitos sejam conquistados imediatamente, em muito dos casos o fundamental é fazer jus ao diálogo³². Tanto quanto relevante para “*uma luta muito forte dos Kokama*”, quando as lideranças da Comunidade Sapotal “*saiam pra Manaus [capital do Amazonas], iam pra reunião lá pro Ourique, lá em outras comunidades indígenas, né, tinha essas reuniões lá pro capacete [comunidade em Benjamin Constant], eles andavam*” (Sra. M. G. C. S. 55 anos).

As lideranças na Comunidade Sapotal, sem apoio de instituições que poderiam viabilizar os espaços para melhor eficiência do movimento Kokama, ao ponto de na época se caracterizar um empecilho para os grupos indígenas que eram poucos ou nem assistidos pelas instituições. Conforme o interlocutor Kokama: “*quem fez crescer a comunidade, ser visto pro mundo inteiro, foi o povo [morador] mesmo, porque aqui [Sapotal] ninguém tivemos nenhuma instituição de fora pra ajudar [na luta]*” (Sr. J. G. S. 53 anos).

Vamos dizer assim, nós mesmo [moradores] (...) que a gente não conhecia essas outras instituições, né? esse tempo a prefeitura, nem a prefeitura queria reconhecer o indígena, principalmente nós Kokama (Sr. L. C. S. 57 anos, Agricultor, Pescador e Cacique da Comunidade Sapotal).

³² Nessa perspectiva concordamos com Almeida e Rubim (2012), quando enfatizam que os Kokama e “o conflito com o povo Ticuna, historicamente descrito, assume outra configuração. Novas dinâmicas na relação entre estes povos, que estão em constante colaboração no campo político das organizações indígenas no Alto Solimões, apontam para um futuro de ações conjuntas. Esta visão prospectiva, que emerge hoje com bastante força nas relações entre estes dois povos, rompe com o passado de profundas desigualdades e redesenha novas fronteiras políticas, que concorrem para a persistência de tais identidades coletivas, num futuro de autonomia e de coexistência linguística” (p. 79).

Mesmo sem o apoio de determinadas instituições/órgãos, o movimento Kokama já era fortalecido pelos moradores quanto por políticos e, principalmente, pelos grupos indígenas Ticuna, que não se abstiveram diante das barreiras e as conquistas foram aparecendo para a melhoria da qualidade de vida dos moradores nas comunidades Kokama.

Nesse sentido, o movimento Kokama possibilitou que os moradores permanecessem nas comunidades e além das casas de moradia fosse possível reerguer outras estruturas, por exemplo, no caso da Comunidade Sapotal, tem “escola, estação de sucção e tratamento de água, igreja, campos de futebol e telefones públicos” (Ramos, 2003, p. 25), que atendem necessidades específicas dos moradores Kokama.

A escola e a igreja, considerado as primeiras construções da Comunidade Sapotal, foram constituídas pelos próprios moradores, hoje, tanto a escola como a igreja encontradas na comunidade são diferentes daquelas construídas pelos moradores, uma vez que a comunidade teve o apoio e recursos provenientes da prefeitura. Como relatado pelos interlocutores:

A primeira escola que teve aqui, construído pelos nossos pais, né? pessoal da comunidade que morava, pra poder a gente estudar lá. A cobertura [escola] era palha de urucuri, as paredes era de paxiúba, assoalho era de paxiúba, e nossos bancos era de paxiúba com ripa de açá, tudo isso aí era, não tinha nada de tábuas essas coisas, ninguém não usaram prego, era amarrado com cipó tudinho, tudo era da cultura mesmo (...) a primeira igreja instalada aqui, nesse tempo não existia mais nem igreja, nós chamava de capela, né? foi a católica, primeira capelinha que foi feito pelos nossos pais mesmo, nossos parentes. Parede [da igreja] tudo tinha, a cobertura, o piso, metade de madeira cercado (...) não tinha outro, era todo um só, mas depois da Católica, passou muito tempo (...) as outras [Assembléia de Deus e Sétimo Dia] já chegaram (Sr. L. C. S. 57 anos, Agricultor, Pescador e Cacique da Comunidade Sapotal).

Tomam destaque as mobilizações das lideranças em paralelo com o movimento Kokama, dada as necessidades dos moradores do reconhecimento étnico e do apoio institucional de órgãos competentes. Conforme Freitas (2002):

Os Cocama hoje são reconhecidos oficialmente pela FUNAI enquanto grupo indígena, e também reafirmam e assumem sua identidade étnica diante de outros grupos indígenas e perante a sociedade regional. A atuação no contexto sóciopolítico da região é uma realidade, porque realizam assembléias e outros eventos nas aldeias, visando os meios necessários para agilizarem o processo demarcatório de suas terras (Freitas, 2002, p. 53).

Hoje, das edificações que infraestruturam a organização da Comunidade Sapotal, merecem destaque a Escola Municipal Indígena Marechal Rondon, atende tanto aos membros da comunidade como das comunidades Vista Alegre (Kanamari), Jutimã (Kokama) e Novo Ourique (Kokama). O Posto de Saúde Indígena, que funciona diurnamente, atende aos membros

do Polo Base Sapotal, também as pessoas de Vista Alegre, Jutimã, Ourique (Ticuna) e Tupi II (Kambeba, de Benjamin Constant).

Muito significativa, portanto, é a Maloca (Centro Cultural) como local de encontro dos moradores para realização de reuniões e atividades culturais, e as Igrejas Católica, Assembleia de Deus e Sétimo Dia. Tanto o Posto de Saúde quanto a Igreja Assembleia de Deus possuem Casa de Apoio que abriga os responsáveis da instituição, sendo na primeira o/a enfermeiro(a) e, na segunda o/a pastor(a) ambos não indígenas.

Hoje, na comunidade já tá cheio de igreja, temos Católica, temos Sétimo dia [e] Assembleia [de Deus]. [Ainda] tão falando que vão trazer mais outra igreja, agora não sei qual igreja que vai chegar aqui, né? Por enquanto, nós temos três igrejas aqui [em Sapotal], a Católica, Sétimo dia e a Assembleia de Deus” (Sr. J. G. S. 53 anos, Agricultor, Professor e Morador da Comunidade Sapotal).

Também na Comunidade Sapotal há uma Estação de Sucção e Tratamento de Água e Telefone Público (ilustrados mais adiante na Figura 3), localmente chamado de “orelhão”, não funcionam por falta de manutenção. Entre Campos Pequenos e um Campo Grande de Futebol importantes para os moradores com significados atribuídos tanto pelas características próprias como para a vida social Kokama em proporção da permanência das famílias.

Sobre a importância da maloca é voltada pelo uso dos moradores, quando relatam que nela são realizados “*os eventos [Dia das Mães, dos Pais etc.], os festejos [apresentação cultural das danças etc.], reunião, tudo fazem lá no Casarão, que é a Maloca. É bom ter esse daí mesmo aqui na comunidade, [que] ninguém tem nenhuma casa [grande] pra isso, tendo esse daí, né? só lá que a gente pode fazer*” (Sra. M. G. C. S. 55 anos).

A maloca é onde nós Kokama participamos todos [os] eventos da comunidade, toda a festa que se realiza dentro da comunidade gente faz lá, né? porque não tem lugar, espaço amplo pra gente realizar nossos eventos, mais que toda apresentação [cultural], nossa dança cultural, pra fazer as reuniões do povo, da comunidade, reunião de saúde, muitas vezes da educação também, pra fazer alguma atividade nossa maloca [está] aqui (Sr. R. A. T. 63 anos, Agricultor e Secretário da Comunidade Sapotal).

A escola (Figura 3) é uma instituição que vem fomentar a educação diferenciada dentro da comunidade, como o posto de saúde que possibilita aos moradores usufruir de alguns atendimentos médicos para o bem da vida Kokama. Assim, os interlocutores Kokama relatam: “*hoje tem uma escola que já é diferente, a escola diferenciada, né? que é muito diferente do nosso passado*” (Sr. L. C. S. 57 anos), assim, como, “*nós estamos no prédio [escola], né? feito de alvenaria [material concreto]*” (Sr. J. G. S. 53 anos).

Não obstante, a presença da estação de sucção e tratamento de água que visava atender as necessidades dos moradores em relação ao uso de uma água tratada, ainda mais em época de estiagem do rio. Enfim, o telefone implantado proporcionou que os moradores Kokama se comunicassem com parentes encontrados em outros lugares. Isso fica explícito na narrativa da moradora Kokama, quando diz:

Naquele momento quando falaram que iam fazer [a estação] aqui, a comunidade ficou feliz, porque ia ser uma ajuda, tanta dificuldade de a gente buscar água lá no barranco. Então, pensemos que isso ia ajudar nós, mas depois enfraqueceu [não funciona] e tá aí de enfeite, não tem água na caixa. (...) [O telefone] foi muito importante, porque aqui não existia internet, nem esse negócio de celular, né? apenas tinha esse meio de comunicação [o] telefone, porque as vezes a gente precisava ligar pra família, né? pra saber como que tão lá [na cidade], o que tão passando ou alguma emergência também, né? aí gente ia recorrer lá no telefone, né? que não tinha [internet, naquela época]. Hoje, já tem internet, todas essas coisas que não tinha [antes] (S. S. A. 31 anos, Agricultora e Moradora da Comunidade Sapotal).

Observamos que na Comunidade Sapotal, alguns espaços proporcionam o encontro dos moradores, como a maloca e o campo de futebol, também há os espaços presenciados por um quantitativo de moradores, como é o caso das igrejas. Com a presença das igrejas e da religião que as famílias Kokama congregam, entendemos que “o mundo do homem é imperfeitamente programado pela sua própria constituição. É um mundo aberto. Ou seja, um mundo que deve ser modelado pela própria atividade do homem” (Berger, 1985, p. 18).

A partir disso, denota-se que a religião na vida do homem, independentemente de ser indígena ou não indígena, deve moldar seu comportamento no ambiente em que vive e com quem convive, quando deve seguir preceitos determinados pela religião. Nessa perspectiva, a religião faz com que as pessoas se distanciem uma da outra pela negação do diálogo ou de amizades afetivas, pelo devir de haver entre os mesmos uma visão de mundo diferente, ou melhor, do que é certo e errado dentro da religião (Berger, 1985). Por esse viés, os moradores Kokama têm concepções distintas sobre o papel das igrejas na comunidade:

A importância das igrejas pra vida Kokama aqui de Sapotal é unir. Então, pra nós unir todos, cada um [tem que] respeitar um ao outro pra poder crescer o nosso povo, né? Mas só que ela tem que ter união pra não ter essa discussão, briga com nenhum dos nossos irmãos [Kokama]. Então, por isso que nós queria [igreja], porque é importante você conversar com Deus, né? pedir de Deus pela nossa saúde, nossos anos de vida, [cuidar de] nossos parentes que tão lá fora [em outro lugar], pra não faltar o nosso pão de cada dia na nossa mesa e [pra] tudo isso serve uma igreja, pra gente fazer essa oração junto com nossos irmãos [Kokama] (Sr. L. C. S. 57 anos, Agricultor, Pescador e Cacique da Comunidade Sapotal).

Quando era só a igreja católica, todo mundo participava, todo mundo se reunia todos os domingos. Hoje, a gente vê uma grande divisão, tem irmão da igreja [do] Sétimo Dia que não quer conversar com o outro [da Assembleia de Deus ou Católica] (...) Não dá para entender quantos Deuses eles têm na vida, que Deus só é um, né? [porque]

agora com essas igrejas que nós deveríamos estar mais unidos, né? (...) mais desunião têm (Sr. J. G. S. 53 anos, Agricultor, Professor e Morador da Comunidade Sapotal).

Na verdade, as igrejas sempre proíbem a nossa cultura, a nossa tradição, né? Então, vemos assim que eles vêm e eu acho que, querendo assim que já não nós falamos a nossa língua [materna], né? Porque quando gente tiver uma ajuda [da igreja], gente diria que todos seríamos um povo unido, não importa que seja da Assembléia [de Deus], que seja Sétimo Dia, que seja outra igreja. Mas se gente se unisse pra benefício da comunidade ia dar bem [pro povo], mas as vezes muitas igrejas proíbem alguns adultos, jovens, crianças pra participar de uma dança cultural, da pintura (Sr. R. A. T. 63 anos, Agricultor e Secretário da Comunidade Sapotal).

Em ambas as concepções nos chama atenção a forma com que os Kokama de Sapotal consideram a presença das igrejas, num primeiro momento não contribuiu para união dos moradores, em outros casos a igreja desmerece e proíbe algumas práticas culturais tradicionais. Ao entender que o poder da igreja em relação ao papel que exerce em moldar a vida cultural dos congregados/fiéis, induzindo-os a praticarem alguns rituais, eventos, e às vezes na forma de se comportar e vestir, como demanda da própria instituição (Berger, 1985).

Conflitos sim existe, esses conflitos vêm mais por organização, dependendo da pessoa que tá assumindo as suas igrejas, cada um tem o seu compromisso (...) [mas] o papel das igrejas é fundamental dentro da comunidade (...) é muito bom, tira as pessoas dali de muitas coisas [alcoolismo, droga], né? se pudesse em cada comunidade ter uma igreja seria uma benção, que dali traz melhoria pra comunidade (L. J. S. 31 anos, Pescador e Morador da Comunidade Sapotal).

Tá faltando conversas entre os dirigentes, né? conversar pra poder se unir, porque como sempre o cacique fala, na comunidade não tem divisão, somos tudo igual, só que eles [Assembleia e Adventista] na reunião não querem mais se unir, querem estar separados, pra fazer uma brincadeira eles não vão lá, só nós [Católica] que vamos (Sra. M. G. C. S. 55 anos, Agricultora e Moradora da Comunidade Sapotal).

Percebe-se na narrativa dos interlocutores que o trabalho coletivo envolvendo as igrejas na comunidade é algo ausente e sentido pelos moradores. Devido à relevância das igrejas para os membros da comunidade, conforme os interlocutores as igrejas têm cumprido seu papel, mas ao mesmo tempo enfraquece a relação social das famílias para união do povo Kokama. Nesse contexto, isso é ainda mais preocupante por se tratar de uma comunidade, muito mais por ela ser indígena, porque o conceito da palavra sugere coisa boa, de “*segurança*” e de “*estar em comunidade*” (Bauman, 2003).

Figura 3 – Instituições que Infraestruturam o Espaço de Morada da Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Legenda: A – Escola de alvenaria; B – Igreja Evangélica IEADAM, Casa de Apoio e Refeitório; C – Posto de Saúde e Casa de Apoio; D – Maloca (Centro Cultural); E – Igreja Adventista do Sétimo Dia; F – Telefone Público; G – Estação de Sucção e Tratamento de Água; H – Igreja Católica Nossa Senhora da Saúde.

Fonte: Trabalho de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

No tocante às contradições relacionado às concepções religiosas dos moradores Kokama, seja do impedimento da realização de determinadas práticas indígenas, levanta-se os seguintes questionamentos: os moradores da Comunidade Sapotal estão perdendo a cultura Kokama? O que os Kokama de Sapotal têm feito para fortalecer a cultura indígena? Essas questões estão relacionadas ao uso da língua Kokama, pintura, dança entre outros, sendo a escola um dos espaços de ensino-aprendizagem das atividades culturais Kokama.

Conforme Laraia (2001), “cada cultura segue os seus próprios caminhos em função dos diferentes eventos históricos que enfrentou” (p. 36-37), logo as mudanças decorrentes são resultantes de experiências vividas pelos moradores que contemplam a construção da cultura e manutenção de outros costumes indígenas. Por isso que para alguns Kokama, a cultura “*acabou um pouco, porque naquele tempo tinha, né? a música deles que tinham pra fazer [no] Dia dos Índios, todos os anos tinha o evento deles, né? agora tão fazendo nada desse daí [cantos], danças que faziam por aí em outras comunidades [Kokama] mesmo, aqui mesmo não tá tendo*” (Sra. M. G. C. S. 55 anos).

Dois anos atrás gente fazia uma apresentação que agradava o povo de Sapotal, agora o ano passado e esse ano é tristeza. A cultura nossa tá vivo, mas falta organizar, pôr em prática. Porque no passado eu olhava cada professor [que] se interessava em ensinar as criancinhas pequena, embora a dançar meia hora, porque aqui os rapazes já não querem dançar mais, tão com vergonha, né? aí que é o negócio [problema], aqui tá fraco nossa cultura. Tá faltando mais pessoas interessado por colocar em prática a nossa cultura (Sr. R. A. T. 63 anos, Agricultor e Secretário da Comunidade Sapotal).

A cultura, nós estamos no resgate, né? porque ela já estava quase extinta e, hoje, graças a Deus, em todas as comunidades Kokama tão no resgate, principalmente, da Língua Materna. Hoje, tem gente que já tá abrindo o olho, porque nós não podemos perder a nossa Língua Materna e a nossa cultura, porque o índio sem cultura ele não é nada (Sr. L. C. S. 57 anos, Agricultor, Pescador e Cacique da Comunidade Sapotal).

Compreendemos a cultura como algo que dá visibilidade às populações tradicionais, seja a identidade dos moradores de uma comunidade, representado pelos costumes e atividades socioprodutivas (agricultura, pesca, criação animal, extrativismo vegetal e animal). Percebe-se entre as narrativas dos interlocutores a importância de praticar com frequência para o resgate da língua materna, assim, como fazer uso da pintura corporal quanto da própria dança para fortalecer a cultura Kokama.

Outro destaque são os argumentos de que a cultura “*tá fraco*”, “*falta organizar*” e “*índio sem cultura ele não é nada*”, são indícios de que os Kokama praticam a cultura a passos lentos – uma coisa de cada vez, voltada à língua materna, pintura corporal, cantos entre outros, isto é, não podemos generalizar dizendo que não praticam, uma vez que a cultura sempre esteve presente nas comunidades.

Não podemos desconsiderar que entremeio à falta de organização para fomentar a prática cultural na comunidade, os moradores têm apontado a falta de apoio que as lideranças têm recebido, como nos conta a interlocutora: “[a comunidade] *ainda não tá bem organizada, né? tá faltando muita coisa pra ser organizada, muitas pessoas assim que vai na frente, né? pra ajudar, pra melhorar, tá faltando esse daí*” (Sra. M. G. C. S. 55 anos).

Ela [comunidade] não é 100% organizada, mas [sim] 80%, porque quando a gente precisa de uma colaboração pra algo [da] comunidade, todo mundo abre a mão pra colaborar (...) tem outros pontos que ela não chega a 100%. (...) primeiro é quando a gente faz uma reunião [comunitária], nem toda a família chega [para participar], né? pra um trabalho comunitário, também, não chega todos [os moradores] (Sr. J. G. S. 53 anos, Agricultor, Professor e Morador da Comunidade Sapotal).

Portanto, Sapotal não é diferente de outras comunidades quando consideramos a organização, seja pela falta de apoio ou incentivos. Como observado no decorrer da discussão, devemos atentar ao fato de que algumas comunidades indígenas estão em fases diferentes de organização quanto das instituições constituídas no espaço da comunidade.

Que é uma circunstância tanto da organização como da mobilização dos moradores para melhoria da qualidade de vida. Nesse contexto, um dos interlocutores nos conta que a comunidade *“tem mudado, porque [antes] só era uma escola de madeira, nós não tínhamos energia [elétrica], né? agora nós temos energia, nós temos uma escola [de alvenaria], o posto não tinha”* (Sr. R. A. T. 63 anos).

Mudou mais porque no passado nós não tínhamos o que nós temos, né? ela [comunidade] mudou porque hoje nós temos um colégio de qualidade, nós temos a equipe da saúde completo, nós já temos a energia 24 horas, então, por isso que mudou. Mas a nossa cultura, a nossa língua ela não muda, ela tem que ser o mesmo desde [a] geração que veio, ela não pode mudar, agora [se] alguém quer mudar porque já quer fazer uma coisa sozinho sem saber do que vinha acontecendo no passado (Sr. L. C. S. 57 anos, Agricultor, Pescador e Cacique da Comunidade Sapotal).

Além disso, os membros da Comunidade Sapotal criaram a AIKS – Associação Indígena Kokama de Sapotal, que conforme os moradores conseguiram conquistar alguns projetos que beneficiou a própria comunidade. *“O papel dessa associação é pra ajudar o povo Kokama, né? pra lutar, ir atrás de benefícios pra ajudar o povo, né? por exemplo, assim, tem família que tá precisando de algum benefício, corre atrás de uma declaração”* (Sr. J. G. S. 53 anos).

No caso das comunidades Kokama, tais benefícios que chegam são representados pelo Cacique – líder maior na comunidade, sendo que antes eram identificados como Curaca. Conforme Ramos (1988), “essas sociedades não têm um chefe supremo (...) as decisões são sempre tomadas a partir das bases e nunca de cima para baixo, como acontece frequentemente em organizações estatais unificadoras” (p. 71).

A gente é uma autoridade maior (cacique), mas quem colocou cacique foi a comunidade, então, por direito tem que fazer uma reunião pro povo. Hoje, eu não posso dizer que vou aceitar sozinho, gente aceita junto com a comunidade (Sr. L. C. S. 57 anos, Agricultor, Pescador e Cacique da Comunidade Sapotal).

O líder maior aqui de Sapotal é o nosso cacique, né? depois tem as [outras] lideranças que ajudam ele organizar algum evento que acontece na comunidade, pra um trabalho [comunitário] também, (...) Aqui nós temos várias lideranças, nós temos os fiscais, secretário, conselheiro, que faz parte do grupo do cacique, cada um faz o seu papel, o conselheiro faz o seu trabalho, o secretário faz o trabalho dele também, assim, como, nós professores, a nossa função é dar aula, apoiar a comunidade (Sr. J. G. S. 53 anos, Agricultor, Professor e Morador da Comunidade Sapotal).

Cacique é o maior líder [da comunidade] (...) ele é que organiza, chama as lideranças, o que que a gente vai fazer, o que tá faltando. Então, o secretário com certeza é mão direita do cacique, porque ele é que vai fazer a documentação, vai cuidar da documentação, vai fazer tudo o que cacique dizer. E o fiscal é pra fiscalizar o que é da comunidade, não só a comunidade, fiscalizar a educação, saúde, né? (...) Alguns não estão cumprindo com o papel deles, tá faltando mais responsabilidade, [liderança] tem que mostrar que foi selecionado pra buscar melhoria pra nossa comunidade, [porém] alguns não estão cumprindo [papel] (Sr. R. A. T. 63 anos, Agricultor e Secretário da Comunidade Sapotal).

Em ambos os discursos se apresentam as lideranças da Comunidade Sapotal e os respectivos papéis inerentes à sua função, por menção há o vice cacique como segundo líder que representa a comunidade na ausência do cacique. As lideranças são responsáveis por dar de conta dos acontecimentos que envolvam a comunidade e, isso fica explícito no discurso do morador quando enfatiza que algumas lideranças “*não estão cumprindo com o papel*”, ou seja, está faltando empenho das lideranças para a organização da comunidade.

Diante desse contexto, alguns interlocutores têm a percepção de que esteja faltando apoio para as lideranças seguirem lutando em busca de melhorias para a Comunidade Sapotal. Tanto que a primeira enfatiza: “*a liderança da nossa comunidade tem que se unir mais, [reunir] com a comunidade para ver o que que tá faltando em benefício da nossa comunidade, né? porque a força das lideranças é a comunidade (...) vamos colocar pra comunidade essa proposta aqui, quem vai definir essa proposta [é] a comunidade, se vai aceitar ou não vai aceitar, né? então, tá faltando se unir mais (Sr. R. A. T. 63 anos).*”

Pra melhorar a vida do pessoal da nossa Comunidade Sapotal, é fazer várias reuniões e procurar unir o povo, porque um povo desunido ela não cresce, o povo tem que tá unido em todos os momentos, em reuniões, em trabalho, colaboração, pra poder nós ter melhoria. Então, tem que procurar conversar (...) pra poder nossa comunidade crescer, porque nenhum [irmão] pode tá brigando com outro, é, com raiva do outro (Sr. L. C. S. 57 anos, Agricultor, Pescador e Cacique da Comunidade Sapotal).

No mesmo sentido que os moradores percebem a falta de uma organização na comunidade, a percepção aflora quando é preciso união para levar a comunidade adiante na luta para conquistar benefícios e recursos sociais. Observou-se que há diálogo, mas não resulta como esperado pelas lideranças – reunião, trabalho comunitário e outros.

Quando nos reportamos à população da comunidade, fora levantado um número expressivo de habitantes, pois, “*agora Sapotal conta com uma população de 625 pessoas*” (Sr. R. A. T. 63 anos). Conforme dados fornecidos pelo Posto de Saúde Kokama (2023), a Comunidade Sapotal tem uma população de 488 habitantes (Tabela 2), distribuídas em 120 famílias e agrupadas em 89 casas dispostas uma ao lado da outra e muito próximas entre si, com as suas frentes voltadas para o rio Solimões, enquanto as áreas de roças ficam nas laterais e aos fundos da comunidade.

Sendo que, de 488 habitantes, 253 são homens e 235 são mulheres, dos quais 276 são pessoas entre 0 a 19 anos de idade; 195 são pessoas de 20 a 59 anos de idade, representando conjuntamente 96,5% do total da população, enquanto os outros 3,5% são representadas pelas pessoas com mais de 60 anos de idade, que por vez somam 17 pessoas e somente duas mulheres e um homem têm mais de 80 anos.

Tabela 2 – Perfil Social dos Moradores da Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Características Gerais		%
Local de Nascimento	Outra Comunidade*	45,0
	Própria Comunidade	55,0
Estado Civil	Amigado(a)	57,5
	Casado(a)	35,0
	Separado(a)	5,0
	Viúvo(a)	2,5
Escolaridade	Ensino Fundamental Incompleto	45,0
	Ensino Fundamental Completo	2,5
	Ensino Médio Incompleto	7,5
	Ensino Médio Completo	37,5
	Ensino Superior Completo	2,5
	Nunca Estudou	5,0
Religião	Adventista	20,0
	Católica	47,5
	Evangélica	32,5

Legenda: *Conforme os dados, 45% dos interlocutores não nasceram na Comunidade Sapotal onde vivem atualmente, pois alguns nasceram na cidade de Tabatinga, outros em Benjamin Constant, São Paulo de Olivença e Santo Antônio do Içá, bem como em comunidades que pertencem a ambos os municípios constatados, isto é, alguns Kokama constituíram família com pessoas de fora em sua maioria indígenas da mesma etnia.

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Ilustrado na Tabela 2, 45% dos moradores não nasceram na Comunidade Sapotal, enquanto 55% (mais da metade da população) nasceram, cresceram e formaram família. Destas famílias, 35% são casados e 57,5% se consideram amigado – casal que vive junto há mais de cinco anos, ainda constatamos pessoas separadas (5%) e viúvo/a (2,5%). As famílias Kokama são formadas por em média 5,4 filhos, sendo que mais da metade das famílias tem entre 1 a 7 filhos e, a minoria de 8 a 12 filhos.

Com relação à escolaridade, na Tabela 2, os dados correspondem aos pais ou mães responsáveis pela família, dessa forma, dentre 45% há os que continuam estudando pelo EJA e/ou os que pararam de estudar – devido ao tempo de dedicação, enquanto 2,5% concluíram a fase do ensino fundamental. Também, há chefes de família que concluíram o ensino médio tecnológico (37,5%), os que ainda cursam o ensino médio (7,5%), constatamos que 2,5% têm o ensino superior completo e 5% nunca estudaram.

Na mesma Tabela 2, nota-se que os moradores de certa maneira congregam uma religião, dos quais 47,5% são católicos, 32,5% evangélicos e 20% adventistas. Cabe destacar que, quando indagados sobre o papel das igrejas em proporcionar a união dos Kokama,

constatamos que 80% acreditam que a igreja tem cumprido o papel, já 10% dos moradores entendem que falta esforço da parte dos dirigentes das instituições para que a comunidade seja mais unida, conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Concepção dos Moradores a Respeito do Papel das Igrejas na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Os que acreditam, comentam...	<i>“É a palavra de Deus. Deus colocou a igreja pra unir as pessoas. Muitas pessoas melhoram a vida, [porque] a igreja é casa de paz, de felicidade...”</i>
	<i>“Tem coisas boas na igreja, escutar o que a religião ensina, às vezes é boa mesmo e aprendo coisas boas”.</i>
	<i>“A intenção é essa [de unir], as pessoas se afastam. É unir as pessoas para o bem-estar da comunidade”.</i>
	<i>“É importante viver em comunidade para que a nossa comunidade possa viver e crescer na paz coletiva”.</i>
Aqueles que não acreditam, dizem...	<i>“As igrejas são diferentes, elas não são unidas, uma quer ser melhor do que a outra”.</i>
	<i>“As igrejas são desunidas, uma fala mal e quer ser melhor do que as outras”.</i>
	<i>“Tem conflito, mas não fora do limite, é um falando do outro, dirigentes, pastores, assim como as igrejas da cidade”.</i>

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Percebe-se que quando entramos na dimensão do papel das igrejas com a comunidade, diversas são as concepções dos moradores que vivenciam e percebem como lidam nas relações humanas Kokama, onde a maioria compreende que as igrejas tem feito a união dos moradores, outros comentam que falta comunicação entre os congregados das igrejas.

Ao apreender o perfil social dos moradores/responsáveis familiares na comunidade, deve-se relacionar e compreender o perfil dos membros das famílias (Tabela 3), discutindo outras características pertinentes à composição familiar, que achamos necessário pela organização e formação das famílias Kokama.

Pela particularidade do conceito de família e bem próximo da realidade vivida pelos Kokama na Comunidade Sapotal, podemos entender que família abrange a união entre duas pessoas e seus descendentes, isto é, está representada por um agrupamento parental entre indivíduos, como, sendo a união de pessoas que possuem laços sanguíneos e/ou de convivência que dá afinidade às pessoas para o cuidado e proteção com seus membros, ao passo que uma protege a outra em razão do sentimento de afeto, carinho e pertencimento ao grupo.

O conceito de família está atrelado a família como instituição responsável pela socialização dos indivíduos na sociedade quanto a comunidade perante a organização comunitária. Para esta última podemos relacioná-los ao modelo de família patriarcal tribal, que continua sendo cultivado/praticado pelos povos indígenas, aonde o núcleo familiar ou extensa

são chefiados pelo homem (patriarca), e as tribos ou os membros de uma comunidade representado pela autoridade maior que é o cacique/curaca.

Na Tabela 3, revelamos a idade, parentesco e localidade atual de morada dos membros familiares. Conforme os dados da pesquisa, em 85% das residências Kokama têm pessoas com até 12 anos, 48% das famílias tem de 13 a 17 anos, também há pessoas de 18 a 64 anos (50%), bem como membros que têm mais de 65 anos de idade representado por 5%, ou seja, a família é composta por crianças, adolescentes/jovens, adultos e idosos, que contribuem com a família através da força de trabalho empregado nas atividades familiares.

Quanto ao nível de parentesco dos membros das famílias Kokama, encontramos a seguinte descrição: 100% das famílias têm filho homem quanto filha mulher, isto é, entre algumas residências encontramos mais filhos homens do que mulheres logo que em ambos os casos auxiliam nas atividades da família. Também, entre as residências 27,5% tem-se a presença/figura do genro e da nora que compõe a família, que conformam a família extensa (discutido mais adiante), além disso, não deixando de mencionar os netos e netas presentes (22,5%) como membro da família, também, os avôs e avós respectivamente com 5%.

Sobre a localidade, levantamos alguns locais de vivência presididos pelos filhos quando formam família, como a residência dos pais, do/a sogro/a ou própria. Quando se estabelece uma nova família ou casal “observa-se tanto a matrilocalidade quanto a patrilocalidade temporária. Um jovem casal só se atomiza em relação à casa de um dos pais quando já é capaz de se auto sustentar economicamente. Se há espaço, as casas dos filhos e filhas que se autonomizam, são construídas ao lado da dos pais” (Ramos, 2003, p. 26).

Conforme a Tabela 3, 95% das famílias/residências participantes da pesquisa têm membros que moram na casa dos pais, bem como 30% tem membros familiares que moram na própria residência ou do sogro/a na mesma comunidade, isso quando referente aos filhos que formaram família e vão em busca da autonomia ou de uma força de trabalho a mais para outra residência do/a próprio/a pai/mãe ou dos pais do/a companheiro/a. Enquanto isso, 37,5% das famílias possuem membros que vivem na sede municipal, 7,5% na capital Manaus e, 15% em comunidade vizinha a Comunidade Sapotal.

Podemos entender que o fator local de residência tenha interferência, mesmo que pequena, na escolaridade dos membros, quando uns e outros podem estar próximos de mais ofertas de ensino. Por isso, compreender a escolaridade dos membros deve-se ao fato de qualificar os níveis de ensino que possuem, dos quais 47,5% das famílias têm membros com Idade Não Escolar, 10% estão na Creche e 32,5% tem Pré-Escolar I ou II, em ambos os casos o público são as crianças de 0 a 5 anos de idade.

Tabela 3 – Perfil Social dos Membros das Famílias Kokama³³
na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Características Gerais		%
Idade	Até 12 anos	85,0
	13 a 17 anos	48,0
	18 a 64 anos	50,0
	65+ anos	5,0
Parentesco	Avô/Avó	5,0
	Filho(a)	100,0
	Genro/Nora	27,5
	Neto(a)	22,5
Residência	Pais na Comunidade	95,0
	Própria ou do Sogro(a) na Comunidade ³⁴	30,0
	Comunidade Vizinha	15,0
	Sede Municipal	37,5
	Capital	7,5
Escolaridade	Idade Não Escolar	47,5
	Creche	10,0
	Pré-Escolar I e II	32,5
	Ensino Fundamental Completo	7,5
	Ensino Fundamental Incompleto	75,0
	Educação de Jovens e Adultos	10,0
	Ensino Médio Completo	37,5
	Ensino Médio Incompleto	42,5
	Curso Técnico Completo	5,0
	Ensino Superior Completo	5,0
	Ensino Superior Incompleto	12,5

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Percebe-se que, desde cedo os Kokama participam tanto das atividades familiares quanto ao estudo para a própria qualificação estudantil, nesse sentido, na Tabela 3, consta que há membros familiares que se enquadram nos níveis de ensino: 7,5% Ensino Fundamental Completo; 75% Ensino Fundamental Incompleto; 10% EJA; 37,5% Ensino Médio Completo; 42,5% Ensino Médio Incompleto; 5% Curso Técnico Completo; 5% Ensino Superior Completo; e, 12,5% com Ensino Superior Incompleto, denota a importância dos estudos na busca de novos conhecimentos para os Kokama.

De uma certa maneira, pela contínua e persistência dos moradores Kokama para com a formação e organização da Comunidade Sapotal, tem possibilitado determinadas conquistas em

³³ As entrevistas foram realizadas com um membro/responsável de cada família/residência, que na maioria das vezes era representado pelo pai ou mãe.

³⁴ Os responsáveis detalhavam as características dos membros familiares, com exceção de alguns membros que não necessariamente moram na mesma residência da família, isto é, quando os filhos formam família na maioria dos casos permanecem ou saem da residência dos pais acompanhado do/a companheiro/a.

prol dos moradores beneficiadas com a educação e saúde diferenciada, reconhecimento e demarcação da Terra Indígena propriamente dita. Que pelas singularidades da área em que se encontra tornaram possível a manutenção da vida, considerando os diferentes tipos de paisagens que existem na Amazônia.

Sendo que a interação do homem com o ambiente possibilitou que as populações indígenas se desenvolvessem diante os recursos naturais predispostos para atender as suas necessidades. O que devem ser e são relacionados aos conhecimentos tradicionais pela diversificação dos tipos de uso que são feitos do objeto que esteja sendo trabalhado, por serem apropriados pelos povos indígenas haja vista as necessidades familiares, uma vez que a cultura entremeio as atividades produtivas dão sustento ao grupo social.

Nesse contexto, as comunidades indígenas perpassam por aquilo que pode ser entendido como reorganização dos responsáveis/lideranças para dar origem a criação de uma nova comunidade, bem como a organização milenar do povo Kokama, quando inserido e encontrados numa localidade eram reconhecidos e considerados como excelentes pescadores, agricultores e caçadores da região. Também, é algo particular o compartilhamento de espaços de vivência dos Kokama com outros povos indígenas em diversos ambientes, como, sendo a margem do rio Solimões, visado pelas populações indígenas devido a disposição de terras para plantio, principalmente pela proximidade da água para o exercício da pesca.

Os recursos naturais predispostos e utilizados pelas populações tradicionais tem proporcionado dar continuidade ao uso do labor e trabalho, como meios para obtenção de algo e satisfação das necessidades. Nessa perspectiva, no Capítulo 2 a discussão deve centrar-se no conceito de labor e trabalho e suas ramificações relacionados a práticas das famílias Kokama, que de maneira direta e/ou indireta diante o uso de algumas áreas sobreposta no espaço de morada tem facilitado o sustento da vida humana.

Também, no Capítulo 2 devem ser realçados algumas temáticas propriamente importantes para a vida em comunidade, uma vez que independentemente da localização de morada dos povos indígenas é pertinente e necessário fazer uso dos recursos naturais visando a manutenção da vida, ainda que possa ser reverenciada até para a existência da comunidade. Principalmente, pelas relações sociais constituídas que favorecem a preservação dos conhecimentos tradicionais diante as práticas socioprodutivas Kokama de uso dos recursos naturais visando à produção/reprodução social da vida.

CAPÍTULO 2

LABOR E TRABALHO KOKAMA: AS FORMAS DE USO DOS RECURSOS NATURAIS NA COMUNIDADE SAPOTAL

KAPITULU 2

KAMATA KAMATAN KUKAMA: YATHIRITAKANA RANA RAKATATA WANAKARIKANA AITSEWEKATUN GANA RITAMAKA ATEREPAN

Assim como a semente depende do fruto para produzir, a terra depende da semente para generosamente prover as necessidades de todos os seres. Desde que o mundo é mundo essa relação se repete... Essa relação independe do ser humano, é, como, se diz, natural (Santilli, 2009, p. 20).

O labor e o trabalho enquanto instâncias sociais para manutenção da vida Kokama é ao mesmo tempo viver em comunidade e compartilhar conhecimentos através das atividades produtivas desenvolvidas pelas famílias. Trazemos para discussão os conceitos de labor e trabalho em Arendt (2007), devido as suas características e ao alcance das propriedades envolvidas para o sustento da vida humana.

Hannah Arendt (2007), em “A condição humana”, faz uma importante distinção entre labor e trabalho para a vida humana, quando há o equívoco de dar os mesmos significados e entendê-los como sinônimos. O conceito de labor tem a ver com os meios da própria reprodução, isto é, os resultados das atividades são consumidos tão depressa quanto o esforço dedicado, enquanto o trabalho está relacionado às atividades que proporcionam a construção de objetos artificiais para a mundanidade.

Neste segundo momento devemos refletir sobre o *Labor familiar: usos dos recursos naturais visando à manutenção da vida*, entendendo que o labor abrange as atividades que visam atender às necessidades do grupo social. Ao considerar que em alguns casos as atividades das famílias Kokama são também entendidos como trabalho, com maior abrangência das características laborais do homem.

Devemos discorrer sobre o *Trabalho individual e/ou familiar: usos dos recursos naturais visando à produção/reprodução social da vida*, que nos leva a uma outra dimensão para apreender o esforço humano, neste caso, relacionado ao conceito de trabalho em paralelo às relações sociais na realização de determinadas atividades para (re)produção da vida. Ora, o

trabalho tem a ver com a edificação da durabilidade relacionados aos objetos artificiais para o mundo que satisfazem as necessidades do homem.

Também, abordar conjuntamente o conceito de labor e trabalho num sentido de compreender a importância do cuidado com os ambientes onde as atividades são realizadas. Assim, caracterizar o *Labor e trabalho: práticas socioprodutivas e a preservação/conservação dos recursos naturais*, pela importância para as famílias Kokama.

Diante desse contexto relacionado às atividades que se configuram como labor ou trabalho, os responsáveis (matriarca e patriarca) e os membros da família exercem distintas atividades produtivas que cooperam para sustento da família. Visto que as atividades produtivas são exercidas em função de alguns aspectos: a) modo de vida em comunidade indígena; e, b) oportunidade (quando na cidade) de fazer algo que proporcione obter a satisfação para as necessidades da família (Tabela 4).

Tabela 4 – Atividades Produtivas e Renda Mensal dos Moradores na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Atividades e Renda Mensal		%
Atividade	Agricultura	100,0
	Atividade Doméstica ³⁵	100,0
	Auxiliar de Pedreiro	2,5
	Caça	15,0
	Carpintaria	5,0
	Corte de Cabelo	2,5
	Criação Animal	77,5
	Cuidador/a de Idoso	2,5
	Extração de Madeira	15,0
	Funcionário/a Público/a*	47,5
	Pesca	87,5
	Tripulante Balsa de Carga	2,5
Renda Mensal	Menos de 1 Salário Mínimo**	47,5
	1 Salário Mínimo	15,0
	1 a 2 Salário Mínimo	27,5
	Mais de 2 Salário Mínimo	10,0

Legenda: *Abrange tanto os funcionários da Escola (Educação) pela Prefeitura Municipal de Tabatinga, quanto do Posto de Saúde Indígena a cargo da SESAI;

**Valor do salário mínimo nominal estipulado pelo Governo Federal em julho de 2023, ainda no período da pesquisa, equivale a R\$ 1.320,00. Já o valor do salário mínimo necessário convencionado pelo DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) para o mesmo mês é de R\$ 6.528,93.

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

³⁵ Entende-se aqui que a Atividade Doméstica se equivale, considerando o linguajar utilizado pelos entrevistados, ao “Ajudar em Casa” e “Auxiliar Doméstica” quando se referem aos filhos. “Dona de Casa” e “Cuida da Casa” são direcionadas às mulheres/esposas.

As atividades produtivas (agricultura, criação animal, extrativismo vegetal e animal) estão além do caráter objetivo da vida, pois representam os Kokama, são o saber-fazer étnico Kokama propriamente dito. Verificou-se, conforme a Tabela 4, que a composição da renda mensal ou o rendimento integral dos Kokama de Sapotal são oriundos também de prestações de serviços para a Prefeitura Municipal de Tabatinga e SESAI, no exercício das funções, tais como: professor(a); enfermeiro(a); técnico(a) em enfermagem; auxiliar administrativo; agente indígena de saúde/saneamento; merendeira/serviços gerais; motorista; porteiro; e, vigia.

Com base nas informações dos entrevistados, apresentadas na Tabela 4, em referência à atividade “Auxiliar de Pedreiro” e “Cuidador/a de Idoso”, ambos os trabalhos têm remuneração abaixo de um salário mínimo, mas só são realizados na Sede Municipal, na cidade de Tabatinga. Sendo realizado pelos membros da família que se deslocaram ou se deslocam, quando possível, para a cidade à procura de oportunidades de trabalho, bem como dar continuidade aos estudos, por exemplo, um curso técnico ou até mesmo a faculdade que na comunidade não são ofertados.

Também, destacam-se as “novas” atividades, podemos assim dizer, Auxiliar de Pedreiro, Corte de Cabelo e Cuidador/a de Idoso, ultimamente realizadas por 7,5% dos Kokama, mas não podemos desconsiderar que tais atividades foram exploradas por um número maior de Kokama que vivem há muito tempo na cidade. É notória a importância das ocupações produtivas de agricultura, extrativismo animal (caça e pesca) e criação animal, logo que os Kokama vivem na terra e do que ela produz sob a força de trabalho que empregam para obter determinados resultados, principalmente os alimentos (Moura, 1986).

Na mesma Tabela 4, os principais percentuais estão para as atividades de Agricultura (100%) e Atividade Doméstica (100%). Esse fato deve-se à importância para fortalecimento da organização familiar, uma vez que na unidade familiar Kokama não foi observado que uma pessoa realiza todas as atividades familiares ao mesmo tempo, conquanto que os indivíduos residentes numa casa realizam uma, duas ou mais atividades diariamente.

Até então as atividades domésticas estiveram invisibilizadas sob o entendimento de que sejam somente ajuda, uma vez que é tido como se fosse uma atividade especificamente feminina, voltada para a mulher dentre os aspectos nelas envolvidos, nesse sentido, a atividade doméstica é mais ligada à mulher do que ao homem. Geralmente, na Comunidade Sapotal a atividade doméstica é mais da mulher do que para o homem, mas não deixa de ser um trabalho, pois requer habilidades, esforços e atende as necessidades da família.

As atividades produtivas de Extrativismo Animal Pesca (87,5%), Criação Animal (77,5%) e Funcionário Público (47,5%), mantiveram um percentual elevado em relação a outras

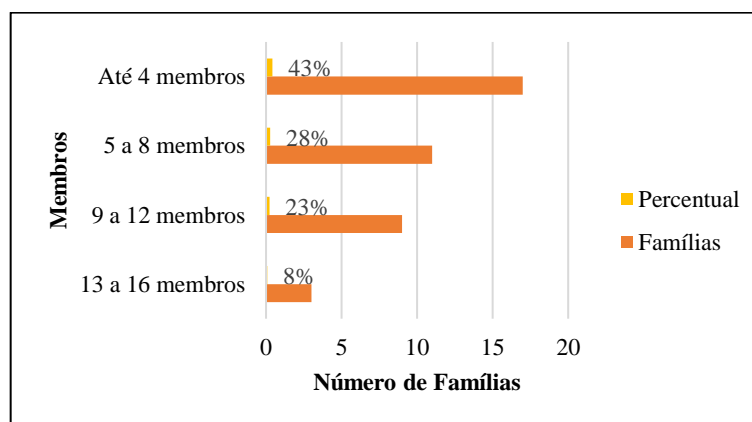
atividades, mas não podemos associá-las como se dependessem da vontade do Kokama para serem executadas, logo que ser funcionário público independente da localidade o sujeito tende a cumprir determinado horário ou turno de trabalho, enquanto a pesca é realizada de acordo com o tempo ecológico do ambiente a ser explorado e, a criação animal pelo cuidado suscito com os alimentos sem nenhuma restrição de horário.

Muito distante dos percentuais apresentados até o momento, isso não quer dizer que a prática em questão está por deixar de ser desenvolvida, 15% dos Kokama em Sapotal se ocupam com o Extrativismo Animal Caça, neste caso, a baixa porcentagem se deve a várias situações e uma delas é que muitas famílias Kokama não praticam esta atividade por ser proibida pelo IBAMA. A maioria dos Kokama realizam a Extração de Madeira (15%) para posteriormente serem utilizadas na construção de artefatos, há os que exercem a Carpintaria (5%) e Tripulante Balsa de Carga (2,5%).

Os dados da pesquisa mostram que, com a realização conjunto das atividades Kokama, 47,5% das famílias têm renda mensal abaixo de um salário mínimo, 15% alcançam um salário mínimo, 27,5% entre um a dois salário mínimo e somente 10% têm renda mensal acima de dois salário mínimo, isto é muito relevante quando temos como base média o salário mínimo que atualmente é de R\$ 1.320,00.

A renda mensal que provém das atividades Kokama é resultado da força de trabalho presente nas residências, que estão prontamente à procura de atender às necessidades da família. Nessa perspectiva, a composição das famílias Kokama (Gráfico 1) é singular/heterogêneo, em alguns casos se tem a família nuclear e a família extensa³⁶.

Gráfico 1 – Número de Membros que compõem as Famílias Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

³⁶ Em consonância com Moura, entendemos que a família nuclear é “composta de pais e filhos solteiros, que trabalham unidos na mesma casa de morada e na mesma roça”, enquanto a família extensa é formada por “pelo menos três gerações, que residem e trabalham unidos na mesma casa de morada e na mesma roça” (1986, p. 73).

Com as informações do Gráfico 1, percebe-se que na maior parte das residências (43%) foram encontradas famílias nucleares formadas com até 4 membros, geralmente constituídos pelos pais e filhos, porém sendo perceptível a existência de famílias extensas na Comunidade Sapotal pelo quantitativo de membros, quando em uma mesma residência convivem os pais, filhos, tios, genros/noras, sobrinhos e primos, portanto, 31% são famílias extensas entre 9 até 16 membros. Além disso, as famílias compostas por 5 ou 8 membros reúnem boa parte são família extensa e outra nuclear, tanto é que se organizam, planejam e trabalham coletivamente para a aquisição de algo necessário à vida.

Ainda que a renda familiar seja complementada mensalmente com os valores oriundos dos benefícios sociais (bolsa família e aposentadoria) do Governo Federal, assim como o seguro-defeso do Governo Estadual. Nesse sentido, na Tabela 5 retratam-se os principais benefícios sociais que direta ou indiretamente têm proporcionado um rendimento a mais para encobrir as despesas dos membros na residência, principalmente na obtenção de alimentos e materiais escolares dos filhos.

Tabela 5 – Membros das Famílias que Recebem Benefício Social na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Características Gerais		%
Responsável	Filhos	20,0
	Genro/Nora	12,5
	Pais	100,0
Benefício Social	Bolsa Família	97,5
	Aposentadoria	15,0
	Pensão por Deficiência	2,5
	Seguro Defeso Pescador*	–
Valor Mensal**	Menos de R\$ 600,00	17,5
	R\$ 600,00 a 1.000,00	45,0
	R\$ 1.000,00 a 1.400,00	15,0
	Mais de 1.400,00	22,5

Legenda: *Somente um interlocutor Kokama comentou que era assegurado há um ano atrás, mas foi bloqueado por ter assumido em 2022 a função de porteiro na escola. No presente ano (2023) está sem o trabalho na escola e com o benefício bloqueado que era uma fonte de renda para a família. O valor mensal deste benefício se enquadra nos valores do salário mínimo R\$ 1.320,00;

**Consideramos que os benefícios sociais recebidos pelos Kokama variam entre R\$ 250,00 a 1.500,00 para o Bolsa Família, isso conforme o quantitativo de filhos que cada família possui. Para a Aposentadoria, Pensão por Deficiência e Seguro Defeso Pescado equivalem entre R\$ 1.000,00 a R\$ 1.300,00.

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Estar envolvido e cadastrado num programa social é algo fundamental para aqueles que vivem em vulnerabilidade socioeconômica, pelos quais dependem do benefício para alcançar

outros meios de consumo. Entre as comunidades indígenas é observável que a economia local está orientada para as atividades mencionadas anteriormente (agricultura, extrativismo e criação) sob uso e manejo dos recursos naturais (Noda, *et al.* 2007).

Como forma de assegurar principalmente a alimentação da família, observou-se que nas residências Kokama são os pais (100%) responsáveis por receber o benefício mensalmente, sendo que em 20% das residências são os filhos, como também o/a genro/nora (12,5%). Podemos caracterizar que as mulheres ficam responsáveis pela distribuição do dinheiro devido aos cuidados que têm para com bem-estar dos membros, sendo que muito pouco é o pai, o filho homem ou até mesmo o genro que se responsabiliza.

Na Comunidade Sapotal destaca-se o provimento do benefício social Bolsa Família que é destinado especialmente aos responsáveis (matriarca ou patriarca) da família nuclear, no caso da Aposentadoria, Pensão por Deficiência e Seguro Defeso Pescador, que são para as pessoas que atendem aos critérios da política de beneficiários do programa.

Conforme a Tabela 5, 97,5% das residências tem membros que recebem o Bolsa Família, 15% ganham a Aposentadoria que são para pessoas acima de 60 anos e, 2,5% dos membros são contemplados com a Pensão por Deficiência. Sendo que, somente 37,5% dos Kokama somente sobre o valor beneficiado recebem mensalmente mais de R\$ 1.000,00, em alguns casos ultrapassando um salário mínimo, e 62,5% das famílias recebem mensalmente valores abaixo de R\$ 1.000,00.

2.1 Labor familiar: usos dos recursos naturais visando à manutenção da vida

2.1 Kamata iruakara: rakatata kana rana wanarikana aitsewekatun gana emete tsutsana kakirin

Quando nos reportamos aos povos indígenas, dentre as práticas tradicionais estão diferentes atividades que circundam como manutenção do modo de vida, são experiências adquiridas ao longo do tempo. Nessa perspectiva, todas as atividades indígenas são entendidas como resultado do trabalho, sendo o labor relevado como representação daquilo que proporciona a manutenção da vida (Arendt, 2007).

Apesar da compreensão de que algumas atividades indígenas Kokama representam aquilo que é o labor, partindo do próprio entendimento enquanto conceito de diferenciação com relação ao conceito de trabalho, de modo sucinto a primeira está atrelada a satisfação imediata para a manutenção da vida e, a segunda visa atender as necessidades humanas com os artefatos artificiais na realização de determinadas atividades culturais (Arendt, 2007).

Isso se deve ao fato dos recursos naturais (terra, floresta e água) serem utilizados diariamente para a permanência cultural e fortalecimento do povo Kokama, tanto do ponto de vista social e econômico quanto num viés cultural e ambiental. Sendo que as populações indígenas têm padrões de vida humana que condizem com a realidade vivida e onde estão inseridas, dentre os quais há uma grande diversidade de culturas.

Os Kokama da Comunidade Sapotal fazem constantemente uso dos recursos naturais (Figura 4), uma vez que nas localidades onde vivem há espécies vegetais e animais próximos ao território, dada a importância e produtividade do solo para plantio agrícola. Além de contarem com o fenômeno natural da dinâmica sazonal do rio Solimões que regenera e fertiliza o solo em períodos de cheia.

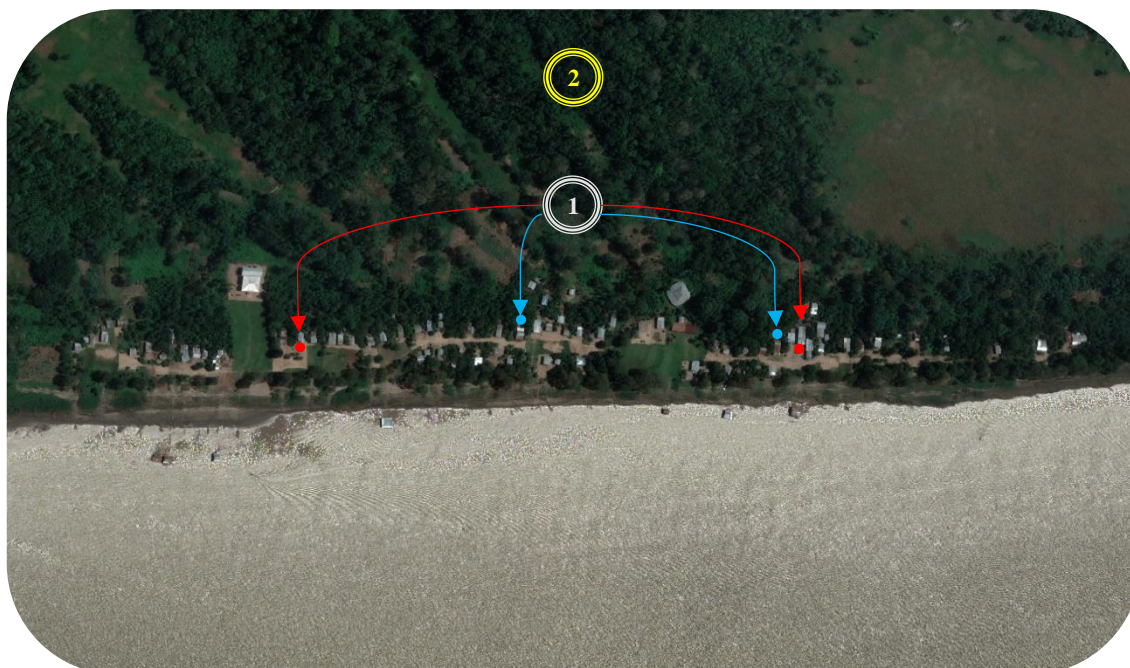
Podemos entender essa transformação como fator de constituição da *paisagem cultural*³⁷ Kokama, considerando a grande diversidade de povos indígenas ou tradicionais, que tem na natureza a base comum para a construção de uma história étnica. Dada a relação de uso da sociedade sobre a natureza, torna possível os grupos humanos se adaptarem em ambientes complexos (Nogueira, 2013).

Essa adaptação realiza-se graças aos saberes acumulados desses povos sobre o território em que habitam e aos diferentes modos pelos quais realizam o trabalho que lhes garante a subsistência. As atividades produtivas assumem formas complexas, pois constituem múltiplas formas de relacionamento com os recursos naturais. Constata-se que é exatamente essa variedade de práticas que assegura a reprodução do grupo, incidindo na formação de uma cultura integrada à natureza e na criação de formas apropriadas de manejo dos recursos naturais (Nogueira, 2013, p. 59-60).

Dessa forma, não é um exagero o entendimento de que os povos tradicionais (indígenas, quilombolas, caboclos...) “possuem vasta experiência na utilização e conservação da biodiversidade e da ecologia dos ambientes terras, florestas e águas onde trabalham e vivem” (Witkoski, 2010, p. 27). No entanto, boa parte dos territórios onde os povos tradicionais vivem e se relacionam está sendo destruído por aqueles que não conhecem e nem reconhecem o potencial econômico das espécies vegetais, das quais os povos tradicionais laboram remédios, alimentos entre outras necessidades da vida.

³⁷ Segundo Nogueira (2013), “o conceito de *paisagem cultural* revela a noção de natureza como resultante de uma história comum e interativa entre sociedade e natureza, mas em contínua transformação” (p. 59).

Figura 4 – Delimitação das Áreas de Labor: Ambientes de Vivência e Interação das Famílias Kokama na Comunidade Sapotal



Legenda: Devemos caracterizar as áreas onde são desenvolvidas as atividades relacionadas ao Labor. Nesse caso, o círculo de cor cinza claro e número um identificam o quintal (linha e ponto de cor azul-claro) e terreiro (linha e ponto de cor vermelho) onde são realizadas a criação animal, são áreas encontradas próximas a residência das famílias. Já o círculo de cor amarelo e número dois conforma a floresta/mata onde é feita o extrativismo vegetal não madeireiro, é a área que se encontra numa distância de 200 metros para mais em direção ao centro da floresta/mata.

Fonte: Trabalho de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Arendt (2007) a partir de sua interpretação constituiu o *animal laborans* para distinção dentre os outros animais presentes na natureza, logo que o *animal laborans* “é apenas uma das espécies animais que vivem na terra – na melhor das hipóteses a mais desenvolvida” (p. 95). No sentido de que todo animal tem o seu habitat e formas de se relacionar com a natureza, sendo o homem o *animal laborans* este é um ser racional na realização das atividades.

As singularidades determinam os modos de vida e de uso dos recursos naturais, enquanto a preocupação fundamental do *animal laborans* está sobre os meios para a sua reprodução ao consumir o próprio mundo, ou seja, os povos tradicionais como *animal laborans* produzem um conjunto significativo de produtos para consumo cuja finalidade é a reprodução material para a manutenção do corpo humano (Arendt, 2007). Conforme Meggers (1987), quando nos reportamos ao homem no contexto amazônico, é compreensível que:

(1) o homem é um animal e, como os outros animais, deve manter uma relação de adaptação com o seu meio-ambiente para poder sobreviver; (2) embora consiga essa adaptação, principalmente por meio da cultura, o processo é guiado pelas mesmas leis de seleção natural que governam a adaptação biológica (Meggers, 1987, p. 26-27).

Sendo que no contexto amazônico o *animal laborans* vivencia momentos e experiências singulares da vida diferentemente de outros, devido aos ecossistemas heterogêneos predispostos para adaptação de sobrevivência. Já que a manutenção é uma necessidade fundamental e primária da vida, na adaptação do *animal laborans* devem ser consideradas algumas características essenciais do solo, clima, flora, fauna entre outros que são importantes para o suprimento alimentar (Meggers, 1987).

Evidentemente, já nos dizia Ab'Sáber (2003) que os povos tradicionais herdaram *paisagens e ecologias* que por uma relação de uso moldaram os *espaços territoriais* utilizados de acordo com a cultura³⁸ étnica. Por isso que são os responsáveis pelas transformações das paisagens diante das sucessivas relações entre os seres humanos e a natureza, na medida em que fazem uso dos recursos naturais num “sentido da utilização não-predatória dessa herança única que é a paisagem terrestre” (p. 10).

Mesmo que, em parte dessas transformações na paisagem, o labor familiar seja despercebido pela “improdutividade” decorrente da finalidade simples e única de manutenção da vida, mantimento do corpo humano. Quando Arendt (2007) enfatiza que a produtividade do labor especificamente está preocupada com os meios de produção que produzem a vida, além disso com a produção do próprio consumo imediato.

Na Comunidade Sapotal algumas atividades laborais se destacam, apresentam complexos sistemas de organização relacionados às próprias técnicas de produção, pois os Kokama têm suas próprias formas de relações sociais e comunitárias, que garantem a produtividade nas diversas atividades, isso acontece “pelo fato de a cultura ser dinâmica, podem operar sobre o mundo também de modo dinâmico” (Witkoski, 2010, p. 40).

Tanto as formas de usos dos recursos naturais como os vínculos sociais predispostos nas atividades são resultantes da complexidade dos sistemas em que os povos tradicionais despendem energia, estratégias e qualificam suas habilidades de prática das atividades. Isso vai além quando nos referimos a uma paisagem dinâmica imprevisível de aludir determinadas situações de acontecimentos, considerando os recursos provenientes da terra (agricultura³⁹ e criação animal), da água (pesca) e da floresta (caça e extração vegetal).

³⁸ Conforme Witkoski (2007), “a cultura é como uma espécie de lente através da qual os homens veem o mundo. Uma vez que a cultura é algo de que todos os homens, de modo inevitável, participam, indivíduos de culturas diferentes enxergam o mundo de modos também diversos” (p. 40).

³⁹ “A agricultura mudou a relação do homem com a natureza, permitindo que ele passasse a controlar (até certo ponto, pois o controle do homem sobre a natureza nunca será absoluto) quando, onde e como as plantas seriam cultivadas e os animais, criados (...) Essa mudança na relação do homem com a natureza foi lenta e gradual” (Santilli, 2009, p. 35-36).

São diferentes os contextos em que os Kokama se relacionam com a natureza em prol da necessidade primária de alimentar o corpo humano e, quando possível produzir mais de um processo vital. O labor familiar, portanto, nos remete a uma discussão relevante devido às suas ramificações para a produção/reprodução que não seja a vida, pelo qual o *animal laborans* (Kokama) inserido no mundo e o que ele produz se dispõe para a satisfação imediata das famílias, uma vez que as atividades desprendidas visam manter o *animal laborans*.

De certa maneira, a principal preocupação dos Kokama está relacionada com a manutenção da família e não com a acumulação de bens materiais por um longo período de tempo, que seria contraditório culturalmente devido às diferentes atividades serem executadas pelo modo de vida exequível no ambiente onde convivem. Dito isso, entre os povos tradicionais “diversificar é o ato de dar forma ou conferir qualidades a certos elementos, para aumentar a variedade de uma determinada realidade” (Toledo; Barrera-Bassols, 2015, p. 28).

Considerando estas dimensões entrelaçadas sobre as atividades produtivas que são desempenhadas pelos Kokama, entende-se que a questão do labor em muitos dos casos é intercalado pela visibilidade e interpretação das atividades como atrelado ao trabalho, ainda que algumas sejam realmente resultados do trabalho pela construção de artefatos que dão durabilidade ao mundo, porém há casos em que o labor é mais pertinente do que o trabalho, ora complementares, ora divergentes, mas que fazem parte do mundo vivido e experienciado pelos Kokama e ao mesmo tempo moradores da Comunidade Sapotal.

Pensar que o mundo vivido pelos Kokama é constituído pelas relações de produção, mais precisamente pelos processos de trabalho e labor articulados com a forças produtivas⁴⁰ predispostas para as famílias Kokama, assim nos sistemas de produção Kokama as funções são preenchidas pelos sujeitos envolvidos na ação. Tanto é que as atividades produtivas Kokama, por exemplo, o labor familiar tem sua existência ideal, isto é, inicialmente é pensada e idealizada com antecedência para prever os resultados, em seguida é executada conforme a disponibilidade dos recursos (Woortmann; Woortmann, 1997).

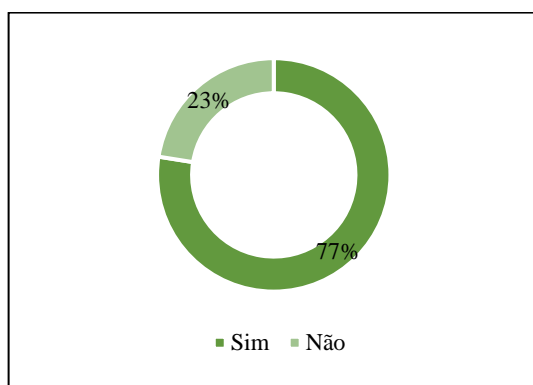
Nos diversos contextos das comunidades Amazônicas, as atividades produtivas mantidas para além da manutenção é uma característica fundamental relacionado à reprodução física e social das relações humanas, pelo *animal laborans* que somos, determinados resultados não trazem consigo certas utilidades das coisas e não se enquadram na mera reprodução biológica. Ainda que satisfaça as necessidades num curto período de tempo, outras atividades devem ser idealizadas e habilidades desvendadas.

⁴⁰ Entendemos como o conjunto de fatores de produção: recursos disponíveis, homens e instrumentos de trabalho.

Na Comunidade Sapotal os Kokama têm tornado possível a exequibilidade das atividades produtivas praticadas conforme as demandas de manutenção das famílias, bem como ao tempo de atividade para a dinâmica social da comunidade. Nesse sentido, os meios de produção adotados tanto na dimensão do labor quanto na dimensão do trabalho, cujas estratégias são diversificadas, mas em alguns casos se misturam, que resulta na existência primeiramente do *animal laboras* (labor) que consome os recursos do mundo pela necessidade de produzir que não seja a vida e, segundo do *homo faber* (trabalho) como fabricante de artefatos/objetos com durabilidade para a mundanidade (Arendt, 2007).

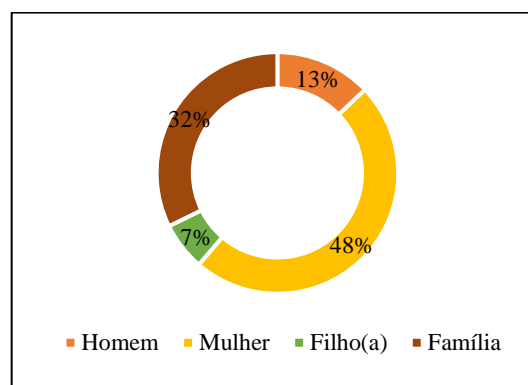
Sendo assim, a criação animal (Gráfico 2 e 3) realizada pelos moradores Kokama de Sapotal se insere como uma das principais atividades enquanto meio de manutenção para assegurar a vida em comunidade, neste caso, a criação de animais de pequeno porte (galinha e pato) e médio porte (porco), se constituiu como atividade produtiva na unidade de produção familiar e serve como alternativa ao consumo de carne para diversificar nos tipos de alimentação rotineira das famílias Kokama.

Gráfico 2 – Participação das Famílias com a Criação Animal na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023.
Organizado por Brian Sanches, 2023.

Gráfico 3 – Responsável Familiar que Realiza a Criação Animal na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023.
Organizado por Brian Sanches, 2023.

A criação de animais também faz parte do mundo e da realidade concreta dos Kokama pelas possibilidades e estratégias adaptáveis do que é viver em ambientes de várzea alta e baixa. Na época de seca, os animais são criados de diferentes maneiras (cercados e não cercados) conforme as peculiaridades das criações, sendo que nesta época os Kokama apresentam menos preocupações e poucas tarefas, em contraposição quando em período de enchente e cheia do rio que trazem consigo grandes desafios para os moradores ribeirinhos das comunidades que adaptam também suas atividades aos eventos.

No Gráfico 2, observamos que 77% das famílias Kokama realizam a atividade de criação animal, que deve estar relacionada a diversos motivos familiares e uma delas é o tempo disponível de quem o executa, o prazer de criação e principalmente pela obtenção de alimentos para a manutenção das famílias, porém também observamos que 23% dos Kokama não realizam a criação animal na Comunidade Sapotal.

Das famílias que realizam a criação de animais (Figura 5) e ao mesmo tempo outras atividades produtivas, foram destacados alguns membros como responsável pela criação. Observa-se, anteriormente no Gráfico 3, que na maioria das residências é a mulher (48%) quem se ocupa e dá mais atenção aos animais, em 32% das casas é a família como um todo, em boa parte dos casos é o homem (13%) que toma conta da atividade, bem como o filho(a) (7%).

Figura 5 – Animais de Criação Pequeno e Médio Porte das Famílias Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Legenda: 1. Galinhas comendo farelos de farinha; 2. Galinhas e patos alimentando-se de milho e arroz; 3. Curral de criação dos Porcos; 4 – Porcos de criação alimentando-se.

Fonte: Trabalho de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Além dos animais de criação para consumo ou comercialização (Tabela 6), há também a presença da criação de animais para estimação observados em algumas residências na Comunidade Sapotal. Onde, durante a pesquisa de campo foram levantados e apontados pelos moradores Kokama que os animais de estimação são os Papagaio, Periquito e principalmente Cachorros, portanto algumas espécies de animais são criadas para alimentação e outras são criadas como animais de estimação da família.

Quando os Kokama se encontram em época de cheia, muitas das vezes dada a necessidade de continuidade da criação animal para o consumo, improvisam marombas⁴¹ enquanto estratégia adaptável para manter a procriação dos animais de criação, sendo assim, fazem instalações desde o uso de balseiros (toras de madeira flutuável), tábuas e listões como recursos disponíveis para acomodar os animais domésticos no período da cheia.

Tabela 6 – Labor e Trabalho na Criação de Animais das Famílias Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Nome Comum	Nome Kokama	Nome Científico	Quantidade			Finalidade	
			Menos de 10	10 a 30	Mais de 30	Consumo	Venda
Galinha Caipira	Atawari	<i>Gallus gallus domesticus</i>	17,5	47,5	12,5	77,5	22,5
Galinha de Granja*	Atawari	<i>Gallus gallus domesticus</i>	–	–	2,5	–	2,5
Papagaio	Ruru	<i>Amazona aestiva</i>	5,0	–	–	–	–
Pato ⁴²	Uruma	<i>Anas platyrhynchos</i>	17,5	12,5	2,5	32,5	10,0
Periquito	Churi	<i>Melopsittacus undulatus</i>	7,5	–	–	–	–
Porco**	Kuchi	<i>Sus scrofa domesticus</i>	7,5	–	–	–	7,5

Legenda: *Conforme o entrevistado, a quantidade de criação gira em torno de 100 galinhas de granja (frango de corte) por remessa, isto quer dizer que a criação não ocorre mensalmente no decorrer do ano;

**Quanto ao preço unitário varia pelo tamanho ou qualidade fêmea/macho, por exemplo, o Porco pequeno tem o valor mínimo de R\$ 150,00, enquanto o grande se aproxima dos R\$ 500,00 a 800,00.

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Diante as informações apresentadas na Tabela 6, e considerando a importância de atender as necessidades dos membros, as famílias Kokama tem diversificado a finalidade de uso da produção, ao constatarmos que perante a criação animal a produção serve para o consumo direto quanto para a venda, que denota uma relação paralela do labor para o trabalho, quando os responsáveis geram algo para venda e adquirir outros objetos úteis ao homem.

Conforme Noda *et al.* (2007), “os animais de pequeno porte costumam ser um componente importante do sistema de produção familiar. Além da função alimentar, os mesmos podem funcionar como uma espécie de ativo facilmente mobilizável para satisfazer necessidades imediatas das famílias” (p. 41).

⁴¹ É uma estratégia e algo em comum para os homens e mulheres que vivem no mundo Amazônico, se destaca pelo improvisado sob o uso de alguns recursos disponíveis (balseiros, tábuas, listão, toras de lenha etc.) e adaptadas para estadia dos animais durante a cheia. Também, são adaptadas dentro das residências para suspender o assoalho quando a água ultrapassa os limites de suspensão da casa.

⁴² A partir dos interlocutores tomamos conhecimento do “Patarrão”, denominado localmente como referência ao pato macho grande que é muito procurado para consumo em comparação ao pato macho de tamanho normal.

Arendt (2007) enfatiza que as coisas menos duráveis são necessárias ao processo e manutenção da vida, por isso que a criação de animais serve como alimentação para satisfazer as necessidades imediatas que estão relacionadas ao labor familiar. Pois a criação destes animais atende as famílias em situações de dificuldade, por isso que é considerada como alternativa alimentar na época da cheia, quando as outras atividades (pesca, caça ente outros) ficam mais escassas e o rendimento é baixo, através do consumo direto ou da comercialização dos animais que é feita na própria comunidade (Noda *et al.* 2007).

Como demonstrado na Tabela 6, entre as criações de animais tem se os de consumo⁴³ e de estimação. Embora a espécie animal de cachorro não tenha sido caracterizada na mesma Tabela 6, a sua criação como animal de estimação está representada por uma grande proporção de aproximadamente 55% das famílias. Já em relação aos papagaios (5%) e periquitos (7,5%) em ambos os casos não são para venda e muito menos para consumo, pois são tidos também como animal de estimação da família Kokama.

Com exceção dos papagaios, periquitos e cachorros, os outros animais domésticos de criação servem tanto para o consumo quanto para a venda/comercialização na própria comunidade. Nesse sentido, os Kokama afirmaram que a galinha caipira (77,5%) e o pato (32,5%) majoritariamente são utilizados para consumo, sendo que 42,5% das famílias colocam as criações à venda (Galinha Caipira e de Granja, Pato e Porco).

Sendo que a galinha caipira, galinha de granja, pato e porco quando comercializada na própria comunidade gera renda para as famílias, principalmente para a comunidade, numa movimentação da atividade econômica dos moradores em adquirir um produto não produzido e encontrado nos comércios locais. Ao passo que é importante se considerarmos a distância dos Kokama se deslocarem da comunidade para vender na cidade Tabatinga, onde os responsáveis da produção cumulativamente teriam mais gasto com transporte e estadia.

De acordo com Noda *et al.* (2007), “a criação de aves caracteriza-se por ser doméstica e é realizada nas áreas de sítios, terreiros e/ou quintais dos agricultores familiares. Nestas áreas ocorre normalmente a presença de galinhas e patos” (p. 41). No caso da Comunidade Sapotal, as áreas de criação são os terreiros e quintal, enquanto a criação de suínos (porcos) é no curral cercado construído no quintal (anteriormente ilustrado na Figura 5), sendo a alimentação banana, milho entre outros e sobras da refeição, quando na falta destes ocorre à venda.

⁴³ Noda *et al.* (2007), ressalta que, nas várzeas da Amazônia “as aves são criadas soltas (produção extensiva tradicional) para consumo porque há dificuldades na obtenção de ração e/ou outros alimentos [...] Geralmente, os mesmos são alimentados com restos de alimentos das refeições familiares, ração, milho, frutas caídas no chão e processamento de produtos (crueira, da farinha de mandioca)” (p. 40), percebe-se que em determinada época do ano os animais devem servir e são utilizados como alimentação.

Os animais (...) porque a gente planta também pra alimentar eles, como, a banana quando tá madura a gente traz e joga pra eles e eles comem também. (...) Porque eles estão [criados] aqui perto da casa (...) porque quando [estão no terreiro] é qualquer coisa que tão se alimentando e [alguma coisa] já damos pra eles (S. S. A. 31 anos, Agricultora e Moradora da Comunidade Sapotal).

Assim, um exemplo, tu tá criando porco, pra tu sustentar o porco, tu tens que ter muita comida, né? muita comida pro porco, mas tem vez que a gente não tem o alimento suficiente pro animal, né? [nesse caso] a gente vai vendendo (Sr. J. G. S. 53 anos, Agricultor, Professor e Morador da Comunidade Sapotal).

Em relação às criações postas à venda, o preço unitário dos animais não é padronizado com tendência de obedecer ao mercado, isto é, os valores variam pelas características do animal de ser macho ou fêmea. Nesse sentido, assim como os valores do porco, a galinha caipira também tem seus valores que é R\$ 20, 25 a 30 para a galinha, e R\$ 35 a 40 para o galo, não muito diferente do pato, para a fêmea têm os seguintes valores R\$ 20 a 25, enquanto para os machos (tamanho normal) são de R\$ 35 a 40, com exceção do especial, podemos assim dizer, localmente chamado de “patarrão” que tem valor fixo de R\$ 50.

Ainda que estejamos dando sentido ao labor Kokama, que passa despercebido dado as atividades produtivas empregadas nas comunidades Kokama, é perceptível apreender que são “lugares em que pulsam modos de vida que diferem significativamente do padrão característico, de outras regiões do Brasil” (Matos, 2015, p. 10), que é retratado pelo simples *modus vivendi* do que é ser indígena, além do mais indígena Amazônico, numa região complexa que requer experiências de vida para assim se adaptar.

É dessa maneira que uma das atividades laborais Kokama é o uso de plantas medicinais da floresta (Tabela 7), cultivadas pelas famílias ou no terreiro e/ou quintal da Comunidade Sapotal. Fazer o uso de determinadas plantas medicinais é algo em comum para os Kokama de Sapotal e também para os indígenas de outra etnia da região, é um fator determinante para a prevenção contra as doenças/enfermidades enfrentados pelos Kokama para a manutenção da vida, pois é algo imbricado na cultura indígena que desde muito tempos atrás é uma prática contínua entre os membros.

De acordo com a Tabela 7, 70% das famílias Kokama fazem uso das plantas medicinais, ou melhor dizendo, extraem ou tiram plantas específicas da floresta/mata com grande frequência para uso familiar contra as doenças. Sendo que, ao menos 30% tenham afirmado não realizarem diretamente a extração de plantas da floresta, porém, em contraposição todas as famílias (100%) contemplam e fazem uso dos remédios tradicionais entre as famílias quando necessário para a manutenção da vida Kokama.

Tabela 7 – Utilidade das Plantas Medicinais pelos Moradores na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Características Gerais		%
Tiram Plantas	Sim	70,0
	Não	30,0
Medicina Indígena	Fazem Uso	100,0
	Não Fazem	–
Tratamentos*	Crianças	7,1
	Homens/Mulheres	92,9

Legenda: *São vários os tratamentos medicinais Kokama, que vai do Banho pra Mulher Gestante; Suador e Boqueira pra Criança, até Gripe, Febre, Dor (de Estômago, Cintura entre outros), Diarreia, Gastrite, Ameba, Anemia, Próstata, Cortes/Feridas, Inflamação/Infecção, Vômito, Verme, Pressão Alta, Resfriado, Impingem e Rins Inflamado.

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Quando as famílias fazem uso dos remédios tradicionais na própria Comunidade Sapotal (Figura 6), os Kokama têm revelado diversos tratamentos próprios para doenças específicas que coexistem e circulam entre os moradores. Bem como as doenças supracitadas na Tabela 7, tomam destaque a gripe, febre, resfriado, inflamação/infecção entre outros que podem ser cuidados e tem tratamento na própria moradia, pois 92,9% destes tratamentos são voltados para homens e mulheres adolescentes, jovens e adultos, enquanto 7,1% são para crianças.

Figura 6 – Extração da Casca de Ingá na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Trabalho de Campo, 2023.

De modo simplório, a prática indígena Kokama se faz presente na vida dos moradores desde muito tempo atrás sob o contínuo e grande interesse dos mesmos em relação ao fazer a medicina indígena para o próprio cuidado/tratamento. Na Figura 6, é perceptível uma jovem mulher Kokama extraindo a casca da planta de Ingá ao lado da observação direta e discreta dos irmãos que, ao mesmo tempo, aprendem e apreendem a prática.

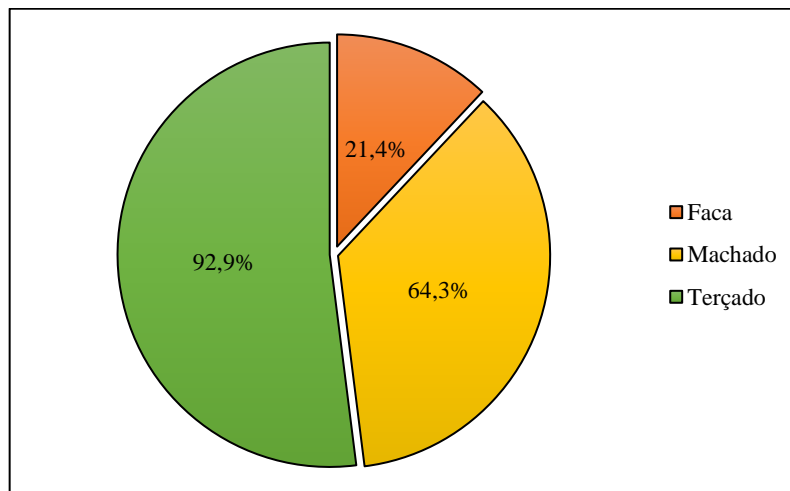
Quadro 2 – Importância de Uso das Plantas Medicinais Coletadas na Floresta/Mata em Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Torna-se imprescindível a importância do uso...	<i>“Serve pra remédio”.</i>
	<i>“Pra cuidar da saúde”.</i>
	<i>“A gente [nós Kokama] usa pra remédio”.</i>
	<i>“Pra fazer o remédio quando precisa”.</i>
	<i>“Para doenças na maioria das vezes”.</i>
	<i>“Pra fazer remédio e gente tomar pra cuidar nós”.</i>
	<i>“Casca de pau para fazer os nossos remédios tradicionais”.</i>

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Ainda que possamos relacionar esse uso das plantas medicinais a diversos interesses, torna-se imprescindível quando o seu uso é algo em comum entre os Kokama que diariamente tem-se mostrado responsáveis do saber-fazer Kokama. Podemos assim observar no Quadro 2, pela finalidade de uso das plantas medicinais por vezes se destinam à cura ou ao tratamento de alguma doença, ao retratarem que são *“para doenças na maioria das vezes”*, mesmo que antes sejam utilizados alguns instrumentos de extração das plantas (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Instrumentos Utilizados na Retirada de Plantas Medicinais da Floresta/Mata na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Estando a Comunidade Sapotal situada em um ambiente de várzea alta e o período da cheia predominando quase todos os anos com a terra coberto pela água, os Kokama não deixam de realizar determinadas atividades e uma delas é a extração de plantas medicinais da floresta/mata, só que de maneiras e estratégias diferentes em relação ao período da seca. Quando voltados para os instrumentos de extração, em todos os casos foram apontados pelos Kokama que fazem uso da faca (21,4%), machado (64,3%) e terçado (92,9%).

Tais instrumentos de extração comentados são essenciais para a obtenção de algumas espécies vegetais medicinais entorno da Comunidade Sapotal, logo que com a realização dessa atividade os Kokama têm feito uso da floresta e assistido à relação fundamental do homem com a natureza. Entretanto, na Tabela 8 foram identificadas as espécies vegetais que são comumente extraídas da floresta próxima a Comunidade Sapotal.

Tabela 8 – Identificação das Espécies Vegetais Medicinais Retiradas da Floresta/Mata na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Nome Comum	Nome Kokama	Nome Científico	Parte Utilizada						Finalidade		
			Casca	Folha	Fruto	Leite	Lenha	Raiz	Seiva	Consumo	Venda
Andiroba	Akuti Irawa	<i>Carapa guianensis</i>	x	–	–	–	–	–	–	2,5	–
Caxinguba (Apuí*)	Kuatiniwa	<i>Ficus spp.</i>	x	–	–	x	–	–	–	7,5	–
Canarana	–	<i>Costus spicatus</i>	–	x	–	–	–	–	–	2,5	–
Capeba	–	<i>Piper umbellatum</i>	–	x	–	–	–	–	–	2,5	–
Chichuacha	–	<i>Maytenus guyanensis</i>	x	–	–	–	x	–	–	10,0	–
Carapanaúba	Enemiwa	<i>Aspidosperma nitidum</i>	x	–	–	–	–	–	–	5,0	–
Castanha-de-Macaco	Muni-watsu Kuwata	<i>Couroupita guianensis</i>	x	–	–	–	–	–	–	10,0	–
Cedro	Akaíwa	<i>Cedrella fissilis</i>	x	–	–	–	–	–	–	5,0	–
Copaíba	Munirana	<i>Copaifera spp.</i>	x	–	–	–	–	–	–	10,0	–
Elixir Paregórico	–	<i>Ocimum selloi</i>	–	x	–	–	–	–	–	7,5	–
Jacaréuba	–	<i>Calophyllum brasiliense</i>	x	–	–	–	–	–	–	5,0	–
Japana	–	<i>Ayapana triplinervis</i>	–	x	–	–	–	–	–	2,5	–
Lacre	Payuru	<i>Vismia guianensis</i>	–	–	–	x	–	–	–	2,5	–
Mangarataia (Gengibre)	Kiwiru	<i>Zingiber officinale</i>	–	x	–	–	–	–	–	5,0	–
Mucuracaá	Kiu Miri	<i>Petiveria alliacea</i>	–	x	–	–	–	–	–	7,5	–
Mulateiro	Amaniwa	<i>Calycophyllum spruceanum</i>	x	–	–	–	x	–	–	40,0	–
Munguba	Iwira	<i>Pachira aquatica</i>	x	–	–	–	–	–	–	2,5	–
Muiratinga	–	<i>Maquira sclerophylla</i>	–	–	–	–	x	–	–	2,5	–
Paico	–	n.i.	–	x	–	–	–	–	–	2,5	–
Paricá	Tariwa	<i>Schizolobium amazonicum</i>	–	–	–	–	x	–	–	5,0	–
Pau-Brasil	–	<i>Caesalpinia echinata</i>	x	–	–	–	–	–	–	2,5	–
Pau-Sangue	–	<i>Pterocarpus violaceous</i>	–	–	–	x	–	–	x	2,5	–

Continuação da Tabela 8...

Pupunha	Pipichi	<i>Bactris gasipaes</i>	-	-	-	-	-	-	x	-	2,5	-
Renaquilla	-	n.i.	**								2,5	-
Sabugueiro	-	<i>Sambucus nigra</i>	-	x	-	-	-	-	-	-	5,0	-
Sucupira	-	<i>Pterodon emarginatus</i>	x	-	-	-	-	-	-	-	2,5	-
Taperebá	Akaya	<i>Spondias lutea</i>	x	-	x	-	-	-	-	-	35,0	-
Taxi (Taxizeiro)	Taritana	<i>Tachigalia spp.</i>	-	-	-	-	-	x	-	-	2,5	-
Tiririca	-	<i>Cyperus rotundus</i>	-	-	-	-	-	-	x	-	2,5	-
Ucuúba	-	<i>Virola surinamensis</i>	x	-	-	-	-	-	-	-	2,5	-

Legenda: *No caso do Apuí, os Kokama geralmente utilizam o Cipó, como é localmente chamado, que é semelhante a uma corda cumprida;
**Ausência de informações por desconhecimento/esquecimento do entrevistado.

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizador por Brian Sanches, 2023.

Percebe-se assim, na Tabela 8, que há uma diversidade de espécies vegetais na Comunidade Sapotal e isso possibilita fazer diferentes usos devido à gênese da planta, pelos quais as partes utilizadas são casca, folha, fruto, leite, lenha, raiz e seiva. Há determinados usos entre algumas espécies vegetais que variam, como o Mulateiro (*Calycophyllum spruceanum*) é utilizada tanto a casca para remédio quanto a lenha para fazer fogo, mesmo que em casos diferentes sejam utilizadas outras partes a finalidade é somente para o consumo.

Por essa razão é plausível ressaltar que a extração de plantas medicinais na floresta está atrelada ao labor, quando compreendemos que é um ato com finalidade única, uma vez que visa manter o homem de pé e sustentar a vida humana, pois sem o homem não existe vida humana e sem vida humana não existe homem. Com base nisso, o homem Kokama ao fazer uso das plantas tem se beneficiado logo quando as trouxe mais para perto de si (Tabela 9).

Tabela 9 – Identificação das Espécies Vegetais Medicinais Encontradas no Terreiro/Quintal na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Nome Comum	Nome Kokama	Nome Científico	Parte Utilizada									Finalidade			
			Batata	Casca	Flor	Folha	Fruto	Leite	Lenha	Olho	Raiz	Semente	Consumo	Venda	
Açaí	Watsai	<i>Euterpe precatoria</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	x	-	2,5	-
Algodão	Amaniu	<i>Gossypium hirsutum</i>	-	-	-	x	-	-	-	-	-	-	x	2,5	-
Alho-Brabo	Kiu	<i>Cyperus rotundus</i>	-	-	-	x	-	-	-	-	-	-	-	2,5	-
Azeitona	-	<i>Olea europaea</i>	-	x	-	-	x	-	-	-	-	-	-	10,0	-
Bacabinha	-	<i>Oenocarpus mapora</i>	x	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5,0	-
Cajú	-	<i>Anacardium occidentale</i>	x	-	-	-	x	-	-	x	-	x	-	7,5	-
Cidreira	-	<i>Melissa officinalis</i>	-	-	-	x	-	-	-	-	-	-	-	2,5	-
Coirama	-	<i>Kalanchoe pinnata</i>	-	-	-	x	-	-	-	-	-	-	-	7,5	-
Crajiru	-	<i>Arrebidae chica</i>	-	-	-	x	-	-	-	-	-	-	-	2,5	-
Cravo	Rutsatsetsa	<i>Dianthus caryophyllus</i>	-	-	x	x	-	-	-	-	-	-	-	7,5	-
Fruta Pão	Paun	<i>Artocarpus altilis</i>	-	-	-	-	-	x	-	-	-	-	-	2,5	-

Continuação da Tabela 9...

Goiaba	Kima	<i>Psidium guajava</i>	x	-	-	x	x	-	-	x	-	x	30,0	-
Graviola	Iwiria Metima	<i>Annona Muricata</i>	-	-	-	x	-	-	-	-	-	-	2,5	-
Hortelã	-	<i>Mentha piperita</i>	-	-	-	x	-	-	-	-	-	-	2,5	-
Ingá	Ina	<i>Inga edulis</i>	-	x	-	-	-	-	x	-	-	-	17,5	-
Jambo	Mamey	<i>Syzygium malaccense</i>	-	-	-	-	-	-	x	-	-	-	2,5	-
Jambu	-	<i>Acmella oleracea</i>	-	-	x	-	-	-	-	-	-	-	2,5	-
Jenipapo	Yanipa	<i>Genipa americana</i>	-	-	-	-	x	-	-	-	-	-	5,0	-
Laranja	Raransha	<i>Citrus aurantifolia</i>	-	x	-	x	x	-	-	-	-	-	17,5	-
Limão	Rinupi	<i>Citrus limon</i>	-	-	-	-	x	-	-	-	-	-	7,5	-
Manga	Iwa Chiru	<i>Mangifera indica</i>	-	x	-	-	-	-	-	-	-	-	5,0	-
Mastruz	-	<i>Chenopodium ambrosioides</i>	-	-	-	x	-	-	-	-	-	-	17,5	-
Pinhão	Pitiniu	<i>Jatropha molissima</i>	-	x	-	-	-	-	-	-	-	-	2,5	-
Sara-tudo	-	<i>Byrsonima intermedia</i>	-	-	-	x	-	-	-	-	-	-	2,5	-

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Assim como as espécies vegetais que são encontradas na floresta/mata, as espécies de plantas medicinais presentes no terreiro e/ou quintal tornam-se e são essenciais à vida por estarem predispostas e de rápido acesso para as famílias. Conforme a Tabela 9, onde estão identificadas as espécies vegetais de uso medicinal, destacam-se as plantas frutíferas que são cultivadas pelos Kokama tanto para uso alimentar quanto para remédio em paralelo às práticas tradicionais dos moradores da comunidade.

Nesse sentido, dada as possibilidades e pela vivência Kokama em comunidade sob o cultivo de plantas medicinais tanto do terreiro/quintal quanto da floresta/mata, se devem ao conhecimento tradicional do povo indígena, pois os fatores biológicos de algumas plantas relativos à diversidade genética de indivíduos, de espécies e de ecossistemas são também resultado de práticas, muitas vezes milenares dos povos indígenas que domesticaram espécies, mantendo e aumentando a diversidade local.

Sendo assim, o cultivo de espécies vegetais próximas às residências dos moradores na Comunidade Sapotal é uma atividade laboral Kokama, que diante das necessidades e contextos decorrentes do viver em comunidade é uma forma de precaução relacionado à saúde dos membros da família. Com isso, foi constatado no terreiro/quintal a presença de 24 espécies vegetais medicinais (Tabela 9), que conforme a situação são utilizadas para sanar algum tipo de doença (apresentado anteriormente na Tabela 7), e as partes utilizadas variam da batata, casca, flor, folha, fruto leite, lenha, olho, raiz e semente, porém, por estarem situados em espaços pequenos são cultivadas para o consumo próprio da família.

2.2 Trabalho individual e/ou familiar: usos dos recursos naturais visando à produção/reprodução social da vida

2.2 Kamatan awa iruakara: rakatatakana rana wanakarikana aitsewekatungana emete tsikikana/yatiriipukana maikana kakirin

A polivalência dos homens e mulheres Kokama tem transformado a realidade e o modo de vida na Comunidade Sapotal num sentido de melhor convivência em relação à natureza, mais precisamente sobre os recursos naturais predispostos (Figura 7). As atividades produtivas do dia a dia resultam de práticas tradicionais impregnadas na memória dos moradores como forma de fortalecer ainda mais o costume indígena Kokama para posteriormente sanar alguma necessidade individual ou familiar.

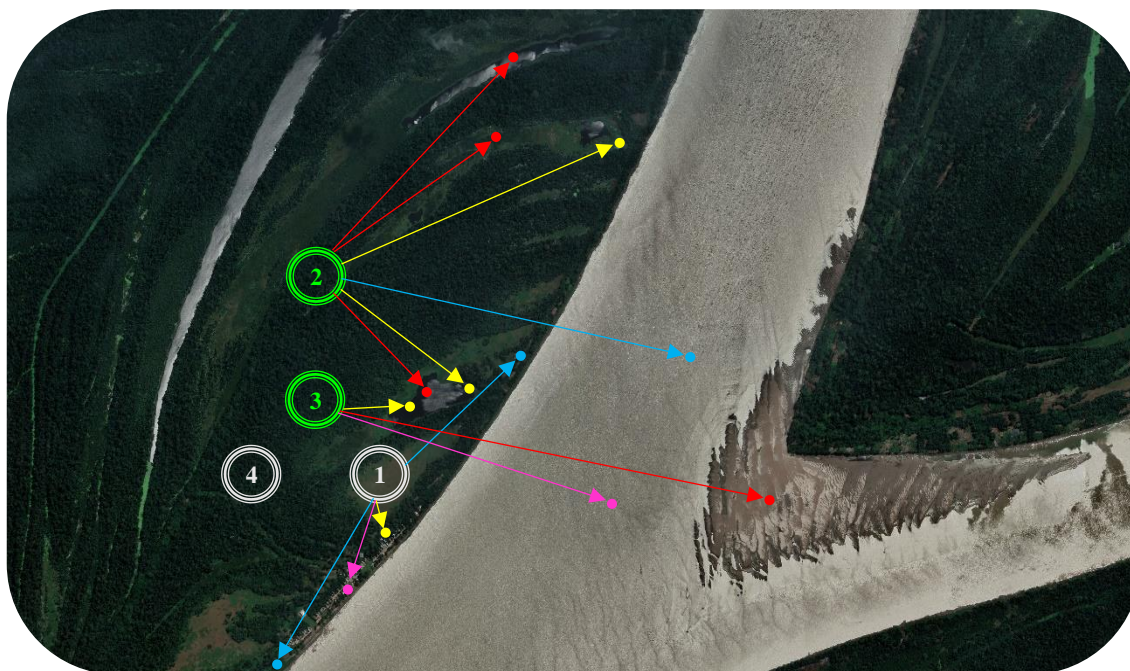
Sendo o Amazonas rico em diversidade de espécies vegetais e animal que incidem para uma realidade complexa, as relações sociais afloram como forma do homem lidar com os diversos contextos que implicam, dependendo da situação, na constituição de agricultores, criador de animal e extrativista animal (pesca e caça) e vegetal (madeireiro e não madeireiro) residentes em comunidades indígenas.

Situados em pequenos espaços da extensa área territorial do Amazonas, estes espaços foram palcos de confrontos/conflitos dos povos indígenas contra os não indígenas, por “onde o homem viveu e ainda vive, em algumas áreas de forma tradicional, alimentando-se de pratos típicos, celebrando a vida nas festividades e danças originais, banhando-se prazerosamente nas águas dos rios e das chuvas, curando-se de suas doenças com as plantas e ervas das florestas” (Fraxe, 2004, p. 20).

Dito isso, o homem, aliado às estratégias constituídas para a produção/reprodução social da vida em comunidade, desenvolveram atividades produtivas atreladas tanto ao labor quanto ao trabalho, esta última que tem favorecido grandemente as populações indígenas. Diferentemente do conceito de labor (descrito anteriormente no Tópico 2.1) que traz consigo a importância do processo vital para a própria manutenção da vida, o conceito de trabalho incide na transformação dos recursos naturais em objetos duráveis, isto é, a fabricação de artefatos para a mundanidade do homem (Arendt, 2007).

O trabalho, assim como o labor, visa de maneira complementar aprimorar fundamentalmente as ações humanas para reproduzir a vida no mundo, conquanto que seja possível o diálogo contínuo na relação de troca do homem com a natureza. Já nos dizia Witkoski (2010) que “a natureza do trabalho do homem é fundamentalmente diferente da do trabalho animal porque o trabalho do homem é um trabalho do sujeito” (p. 129), entendendo que o homem é responsável por pensar, planejar e executar as atividades produtivas.

Figura 7 – Delimitação das Áreas de Trabalho: Ambientes de Vivência e Interação das Famílias Kokama na Comunidade Sapotal



Legenda: Para melhor entendimento das áreas onde são desenvolvidas as atividades referenciadas ao Trabalho, fez-se a seguinte distinção. O círculo de cor cinza claro e número um identificam a roça (linha e ponto de cor azul-claro), quintal (linha e ponto de cor amarelo) e terreiro (linha e ponto de cor rosa) são áreas onde os Kokama cultivam algumas espécies vegetais, como, sendo a prática de agricultura. Enquanto o círculo de cor verde e número dois ilustram o rio (linha e ponto de cor azul-claro), lago (linha e ponto de cor vermelho) e igapó (linha e ponto de cor amarelo) sendo áreas próximas à comunidade onde as famílias Kokama desenvolvem a pesca. Sendo assim, o círculo de cor verde e número três destacam a rio (linha e ponto de cor rosa), lago (linha e ponto de cor amarelo), praia (linha e ponto de cor vermelho) e a floresta/mata (ao redor do círculo verde) são áreas onde é feita as atividades de caça. Já o círculo de cor cinza claro e número quatro conforma a própria floresta/mata onde os Kokama realizam o extrativismo vegetal madeireiro sob a retirada de madeiras a serem utilizadas na construção de casa etc.

Fonte: Trabalho de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Estando o homem situado em ambientes complexos pelos quais as estratégias adaptativas se tornam imperativo para a permanência humana, é algo que as populações tradicionais através do etnoconhecimento diante as atividades refletem na vida dos moradores resultantes da própria ação humana, quando entende-se que as diferentes atividades realizadas pelas famílias constituem uma economia local.

Assim como em diversas áreas da Amazônia brasileira, o Rio Solimões, seus paranás, lagos, afluentes etc., constituem-se em um dos principais complexos do meio físico e biótico, traduzindo-se em fonte de riqueza para a produção e reprodução da vida dos grupos sociais locais e, vem, também, tornando-se um dos principais polos do setor comercial da pesca (Rapozo, 2015, p. 18).

Conforme Rapozo (2015), tanto na região do rio Solimões como em outras regiões amazônicas acessadas pelas ações humanas presenciaram aquilo que podemos denominar *exploração dos recursos naturais* para produção/reprodução social da vida.

Também, sendo o trabalho uma forma de dar resultados às ações humanas, sejam elas através da força individual ou familiar, que é algo preponderante à durabilidade do mundo, se faz presente nos complexos sistemas de organização diante das técnicas produtivas apropriadas para a convivência comunitária (Arendt, 2007). Assim, se tornou algo perceptível na realidade das populações tradicionais, que “o trabalho é um ato pelo qual o homem se apodera da natureza, fazendo dela algo que lhe pertence, algo que lhe é inerente” (Witkoski, 2010, p. 130).

Pelo qual vem fazendo com que as populações tradicionais ou povos indígenas concentrem sua força individual ou familiar numa determinada atividade condicionado aquilo que tem mais resultados em menos tempo e melhor atende às necessidades das famílias, portanto, os sujeitos sociais que se deparam com isso não deixam de fazer uso da terra, floresta e água para sua existência física e social, tanto que o trabalho “em razão de sua centralidade, é o responsável direto e indireto pela produção e reprodução material e simbólica da vida” (Andrade; Witkoski, 2012, p. 106).

Através do modo de vida as populações tradicionais criam e produzem seus meios de vida, assim pode ser compreendida como resultado da vida cultural que se organiza ou é organizada quando relacionadas as diversas atividades produtivas constituídas diariamente pelas ações humanas na comunidade (Witkoski, 2010). O trabalho, no entanto, é um ato pelo qual o homem transforma a si mesmo e a natureza conseqüentemente, isso se deve ao fato de o homem realizar o trabalho como algo concebido na cabeça para construir e obter resultados.

Quando nos reportamos ao homem que trabalha produzindo seus meios de vida para a produção/reprodução material e simbólica da vida, ainda mais quando o conceito de trabalho está voltado aos povos indígenas, mais precisamente aos Kokama que vivem tanto do labor quanto do trabalho principalmente, sobre o qual dispõem de grandes conhecimentos acumulados que condicionam a exploração da riqueza natural encontradas em torno do ambiente terrestre, aquático e florestal (laboratório natural).

Isso se torna muito mais relevante quando percebemos que os indígenas Kokama da Comunidade Sapotal vivem num ambiente de várzea alta, tal ambiente foi e ainda é considerado por muitos como pouco favorável à vida e de pouca densidade demográfica. Um ledô engano e muito pelo contrário, nesses ambientes os indígenas tornaram viável “a prática e a técnica de cultivar o solo, especialmente a produção da mandioca para farinha, do extrativismo animal (caçar, pescar) e vegetal, fizeram ou fazem parte da vida de moradores de comunidades amazônicas, umas mais, outras menos” (Matos, 2015, p. 17).

É o conhecimento especializado destas atividades produtivas em paralelo aos ambientes explorados que permite a constituição da relação de uso do homem com a natureza e da natureza

com o homem, muitas vezes desgastantes quando observamos que boa parte dos recursos naturais se encontra sensivelmente ameaçado. Sendo assim, a partir da interpretação de Arendt (2007), o *homo faber* é quem transforma os recursos da natureza em coisas duráveis, isto é, se transforma no fabricante e artífice do mundo quando proporciona durabilidade às coisas que há de pertencerem ao mundo do homem.

Diferente dos ambientes de terra firme, nos ambientes de várzea baixa e/ou várzea alta o *homo faber* não depende da alternância de estações seca e chuvosa, logo que a sua preocupação vai além do nível das águas dando prioridade à realização das atividades melhor adequadas para o período vivenciado. No caso da Comunidade Sapotal, em relação aos objetos duráveis formados pelos Kokama (*homo faber*) são apropriadas e adaptadas nas atividades produtivas levando em consideração a força de trabalho familiar, em alguns casos o trabalho individual (exposto mais adiante).

Dessa maneira, por estarem os objetos à disposição do *homo faber* (Kokama) que quando utilizados transformam a sua realidade e cada vez mais trazem novidades e melhorias nas técnicas de execução das atividades, pelas quais “a natureza tornou-se a prateleira de produtos de consumo humano” (Matos, 2015, p. 65). Num sentido de que é da natureza que o homem tira o sustento da família e promove a produção/reprodução da vida, uma vez que o homem busca fundamentalmente satisfazer suas necessidades.

Sendo assim, em boa parte dos recursos naturais predispostos a sua obtenção não acontece de forma uniforme, homogênea, visto que as singularidades dos ambientes são perceptíveis para o homem, por isso que nas comunidades são avistadas muitas formas/maneiras de trabalhar em determinados ambientes sejam eles terrestre, aquático ou florestal. Isso vale ainda mais quando correlacionamos ao período de execução das atividades, especificamente sob alguma influência no rendimento do trabalho exercido pela unidade familiar para manutenção da vida, porém, na realidade das comunidades indígenas não deixa de haver distintas formas de obtenção alimentar diferente da sociedade industrial.

A terra e seus recursos naturais sempre pertenceram às comunidades que os utilizam, de modo que praticamente não existe escassez, socialmente provocada, desses recursos. Se há escassez natural (por exemplo, falta de terreno apropriado para o plantio em dado local), ela é partilhada por todos (Ramos, 1988, p. 16).

E mesmo que as sociedades indígenas sejam afetadas em grande parte dentro dos seus limites territoriais, não deixaram de fazer uso dos recursos disponíveis na natureza, principalmente pelos recursos naturais que necessitam para sua permanência nos diferentes ambientes de morada/vivência. Sendo que essa relação já acontece desde muito tempo atrás,

pelos quais os conhecimentos acumulados ao longo do tempo têm ganhado mais notoriedade em torno da sociedade envolvente diante as formas e modos de vida que dão condições à estruturação de manutenção da vida entre os povos indígenas.

Sendo que nem todo tempo e espaço de trabalho a economia local ocorre de maneira uniforme, conforme Morán (1990), passam por tempos produtivos e improdutivos devido à influência dos rios que “influem sobre as atividades dos moradores da várzea, que se desenvolvem de acordo com os ciclos fluviais” (p. 230). Além disso, o período da enchente, cheia, vazante e seca se torna um imperativo determinante na organização das atividades produtivas, por exemplo, na Comunidade Sapotal durante a cheia (Figura 8) os Kokama se ocupam ou dão mais tempo à pesca do que ao extrativismo vegetal madeireiro e principalmente à agricultura, mas não é algo que faça com que os Kokama deixem de ser o que são, indígena agricultor, pescador, criador de animal entre outros.

Nós somos agricultores, né? Mas, assim, eu me considerava mais pescador, por causa que é a área que mais adaptei e que eu gostei mais de trabalhar, se envolver naquelas pescas, pescava de tudo que é tipo, então, o tipo de coisa que mais eu gosto de fazer é pescar (L. J. S. 31 anos, Pescador e Morador da Comunidade Sapotal).

Eu sei um pouco de cada, sou agricultor, sou professor. Não é só pra minha família, a importância do meu trabalho é ajudar as pessoas, ajudar as famílias que precisam da gente, está aí ajudando, né? (Sr. J. G. S. 53 anos, Agricultor, Professor e Morador da Comunidade Sapotal).

Figura 8 – Ambiente de Várzea Alta em Período de Enchente na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Trabalho de Campo, 2023.

Partindo das argumentações dos moradores de Sapotal, fica explícito que os Kokama da comunidade são polivalentes ao retratarem o seguinte: “*eu sei um pouco de cada*” ou “*nós somos agricultores, mas eu me considerava mais pescador*”, sendo ocupações diárias que dão sentido à vida em comunidade, de igual modo quando conseguem a partir das atividades formar uma economia local ou familiar que é convertida em uma condicionante para a permanência/existência da comunidade.

Em certos casos específicos, na realização da atividade de agricultura e pesca, acontecem a relação de ajuda mútua relevante ainda mais quando se trata de viver em comunidade, como no caso de Sapotal onde os moradores compartilham e exercem as atividades coletivamente, a partir da existência de situações que as famílias se veem susceptíveis à falta de alimentos produzidas na comunidade.

Sendo assim, nos parágrafos a seguir vamos dar ênfase à descrição/discussão dos trabalhos individual ou familiar exercidos pelos Kokama na Comunidade Sapotal, a começar pela prática da agricultura (Tabela 10). Tendo visto que a agricultura é uma das atividades que serve como fonte de alimento aos indígenas Kokama em ambientes de várzea alta, assim percebe-se que o homem transforma “as coisas próprias na natureza mais as coisas que eles próprios produzem” (Motta, 2003, p. 37).

Tabela 10 – Prática Social da Atividade de Agricultura na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Características Gerais		%
Realizam	Sim	95,0
	SR*	5,0
Semente/ Raiz	Própria	55,0
	Comprada	2,5
	Consegue do Vizinho	40,0
	Consegue em Comunidade Vizinha	2,5
Tipo de Cultivo	Junto	30,0
	Separado	70,0
Plantação	Ajuri/Mutirão	–
	Trabalho Familiar	100,0
Colheita	Ajuri/Mutirão	15,0
	Trabalho Familiar	85,0
Melhoria da Terra	Precisa	75,0
	Não Precisa	25,0

Legenda: *Sem Resposta (SR): 5% dos Kokama se dedicam a outras atividades e deixam de trabalhar diretamente na agricultura, mas há determinados casos que dão sua força de trabalho (ao fazer isso conforma a família extensa) para ajudar os pais ou até mesmo o/a sogro(a), dependendo da residência em que vive.

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

O trabalho da agricultura é uma das atividades praticadas há muito tempo atrás pelas populações tradicionais, não por ser de fácil entendimento e execução, mas por fornecer alguns alimentos (farinha de mandioca amarela, banana, macaxeira e milho) que fazem parte da dieta alimentar de quem vive em comunidade. Hoje em dia é muito frequente referendar que as práticas tradicionais das sociedades indígenas proporcionaram as condições necessárias para que outros grupos sociais realizem em diversos espaços cultiváveis.

Conforme Cardoso (2010), quando as sociedades indígenas e não indígenas, principalmente as indígenas, fazem esporadicamente ou vivem da agricultura com o passar do tempo acumulam um estoque de conhecimentos necessário para apreender que agricultura não é somente cortar árvores, capinar, cavar buraco e plantar, mas também são espaços cultivados para manutenção e (re) produção da própria vida social.

Fora constatado que na Comunidade Sapotal (Tabela 10), 95% dos moradores realizam e vivem da agricultura, enquanto 5% dos Kokama não necessariamente se dedicam à atividade por desenvolverem outras atividades aperfeiçoadas como seu ofício, porém, podemos dizer que todas as famílias sabem fazer agricultura. Tanto é que os saberes tradicionais acumulados dão suporte para o manejo da agrobiodiversidade⁴⁴ na comunidade, que envolve a diversidade agrícola, genética e de ecossistema (Cardoso, 2010).

Sendo que está agrobiodiversidade Kokama, quando relacionada às espécies (apresentadas mais adiante na Tabela 12) direta ou indiretamente manejadas, constatamos que 55% das famílias Kokama tem sementes e raízes próprias, que passam pelo processo de conservação para o plantio no ano seguinte. Bem como, 40% das famílias conseguem as sementes conservadas com os vizinhos próximos, 5% dos Kokama conseguem tais sementes/raízes na comunidade vizinha ou compram na cidade.

A conservação ou obtenção das sementes/raízes se apresenta como uma forma de garantir a perpetuação da agricultura diante o cultivo e plantio de espécies vegetais, ainda que pela particularidade da atividade de agricultura é relevante em paralelo a autonomia e segurança alimentar das famílias Kokama. Da mesma forma, os moradores Kokama de posse das sementes/raízes revelam o conhecimento imaterial acumulado pelas gerações, aonde que prevalece a transmissão pelas circunstâncias do viver em comunidade.

⁴⁴ A partir da interpretação de Santilli, entendemos que “a agrobiodiversidade, ou diversidade agrícola, constitui uma parte importante da biodiversidade e engloba todos os elementos que interagem na produção agrícola: os espaços cultivados ou utilizados para criação de animais domésticos, as espécies direta ou indiretamente manejadas, como as cultivadas e seus parentes silvestres, as ervas daninhas, os parasitas, as pestes, os polinizadores, os predadores, os simbiontes, e a diversidade genética a eles associada – também chamada de diversidade intraespecífica, ou seja, dentro de uma mesma espécie. A diversidade de espécies é chamada de diversidade interespecífica” (2009, p. 92).

Com o propósito e da melhor maneira possível de fazer uso da agrobiodiversidade local, 30% dos Kokama cultivam as espécies juntos, isto é, cultivos em consórcio com mais de duas espécies vegetais, e 70% fazem cultivos separados/solteiros. Ainda na Tabela 10, para a prática de agricultura há casos no qual a atividade exige que as famílias Kokama façam ajuri/mutirão (15%), muito mais no período da colheita quando o trabalho exige mais força de trabalho e agilidade, para algumas famílias a plantação (100%) e colheita (85%) é trabalho familiar.

Segundo os dados da Tabela 10, 75% das famílias Kokama afirmaram ser necessário que seja feita a melhoria da terra para a prática de agricultura, conquanto 25% correspondente disseram não ser preciso. Para melhor entendimento, quando falamos de melhoria da terra nos referimos às estratégias adotadas pelos Kokama para que a terra seja aproveitada e produtiva, nesse sentido, as famílias que fazem essa melhoria (Quadro 3) nos fizeram entender que a roça como local de trabalho e cultivo das espécies agrícolas são deixadas em descanso, formando capoeira (por dois anos ou mais) para recuperar a fertilidade do solo.

As terras deixadas em “descanso” para recuperação após alguns anos de produção são reconhecidas como sendo as de Pousio. Esta prática denominada regionalmente de “*descanso da terra*” obedece ao senso de conservação dos recursos naturais (vegetal e animal) para uso agrícola posterior, sendo bastante difundida nas áreas de várzea. A técnica de Pousio se dá para formação de capoeiras e caracteriza-se pela ocorrência de heterogeneidade, estratificação e organização das comunidades florísticas para a manutenção da vida. Tem como função principal, a de reposição dos nutrientes e reconstrução da paisagem florística nos locais utilizados pra os plantios e/ou de roça (Noda *et al.* 2007, p. 35, grifo nosso).

Quadro 3 – Estratégias das Famílias Kokama para Descanso e Melhoria da Terra nas Roças na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

A recuperação da fertilidade do solo é fundamental para a prática de agricultura em ambientes de várzea alta!	<i>“A terra precisa de um descanso para dar bons frutos. Nós [a família] ficamos um ano sem plantar”.</i>
	<i>“A gente deixa melhorar, deixa passar [em descanso] dois ou três anos pra poder plantar [e] pra produzir”.</i>
	<i>“Às vezes tem parte [da roça] que se planta a mandioca e banana, e não se reproduz. Deixa em descanso um ou dois anos pra poder a planta dar fruto bom”.</i>
	<i>“É área de várzea, a gente planta duas vezes, até três no máximo, a roça perde adubo, fertilidade da área fica fraca. Deixa a terra descansar, deixa [formar] capoeira e acumula fertilizante natural”.</i>
	<i>“Tem ano que planta e outro ano não. Usar muito a terra seca, tem que deixar adubar [por]dois ou três anos em descanso”.</i>
	<i>“Tem que adubar a terra, porque quando depois de quatro ou cinco anos aquela terra se cansa. Deixamos um, dois ou três anos para [formar] capoeira e [depois] plantar outra vez”.</i>
	<i>“Quando a terra tá cansado a gente vê que não produz e, deixamos voltar o mato/cerrado pra ficar adubado, depois roça tudo de novo. Deixa em descanso por dois anos”.</i>

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Sendo que os Kokama fazem isso, embora pareça trivial, a partir do etnoconhecimento⁴⁵ indígena, pois a agricultura é uma das atividades produtivas geralmente realizada/praticada por todos os Kokama, embora não tenham recebido instruções ou participados de nenhum tipo de estudo/curso que por ventura lhes ensinasse alguma coisa do tipo relacionado ao fazer agricultura. Assim, tanto os Kokama quanto os outros povos indígenas vivem das práticas milenares tradicionais, bem pouco contatados pelas instituições responsáveis para assistência técnica, na Comunidade Sapotal os moradores não têm qualquer tipo de apoio que lhes beneficie com instrumentos ou informações a respeito das plantas e/ou do solo para melhor eficiência na realização do trabalho da agricultura.

É notório que apesar da pouca assistência técnica recebida por parte dos órgãos/instituições responsáveis, as populações tradicionais sempre viveram e continuam vivendo sob o princípio da relação de uso contínuo dos recursos naturais predispostos na natureza, quando “nesse meio ambiente terra/água, reciprocamente condicionados, constantemente submetido a fortes desgastes, o homem e a natureza desenvolvem os mais variados comportamentos adaptativos” (Fraxe, 2011, p. 26).

São esses comportamentos adaptativos que deram forma, materialidade e existência às comunidades tradicionais situadas nos diversos contextos e ecossistemas amazônicos, porque os sujeitos sociais que vivem nesses ambientes não visam exclusivamente a manutenção da vida, por vezes estes também são *homo faber* (homem que faz) e transformam a realidade de acordo com a própria identidade indígena.

As pessoas aqui trabalham, né? Porque em tudo canto que a gente vai fazer uma coisa [benefício], eles perguntam da gente se a gente é agricultor e nós somos, se nós for nós temos que mostrar que nós somos agricultoras, né, e eu me considero agricultora, porque eu trabalho, tenho roça, a gente tem plantas e planta de tudo, então, nós somos agricultoras (S. S. A. 31 anos, Agricultora e Moradora da Comunidade Sapotal).

Os diferentes modos de vida existentes numa determinada região fazem com que seja necessário tornar visíveis as singularidades presentes entre os mesmos, de acordo com a narrativa da moradora de Sapotal, entre alguns casos e outros é preciso manter a identidade que está relacionada à própria cultura da vida em comunidade, portanto, na Tabela 11 foram caracterizados os instrumentos de trabalho utilizados na prática da agricultura.

⁴⁵ Constituído empiricamente pela vivência humana no espaço numa relação histórica entre o homem e a natureza, o etnoconhecimento das populações tradicionais se constitui dos saberes [conhecimentos], informações e culturas dos diversos povos que se complementaram ao longo de gerações, isto é, “trata-se dos saberes, transmitidos oralmente de geração para geração, e especialmente dos conhecimentos imprescindíveis e cruciais, por meio dos quais a espécie humana foi moldando suas relações com a natureza” (Toledo; Barrera-Bassols, 2015, p. 33).

Tabela 11 – Instrumentos de Trabalho e Fases de Uso no Ambiente de Roça na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Características Gerais		%
Derruba Árvores	Machado	50,0
	Motosserra	2,5
Limpeza/Capina	Enxada*	100,0
	Terçado*	100,0
Plantação	Boca de Lobo	32,5
	Muruca**	5,0
	Pá	17,5

Legenda: *Ainda que sejam utilizados nas etapas de limpeza/capina, ambos os instrumentos também são utilizados no momento de fazer o plantio da maioria das espécies vegetais agrícolas;

**Artefato que tem origem pela mão de obra Kokama, a Muruca é feita de madeira resistente (por exemplo, Mulateiro e Goiaba), que seja ereta medindo 1 a 2m de comprimento e 5 a 7cm de largura com a ponta afiada, em função de fazer os buracos no solo para o plantio, como, da espécie milho.

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Os Kokama da Comunidade Sapotal são especialistas e tem vasto conhecimento acumulados sobre a prática e/ou fazer agricultura, retratado na argumentação da moradora quando ressalta “*nós somos, eu sou agricultora, porque eu trabalho, tenho roça, a gente planta de tudo*” que ocorre pela dinâmica de vida e do saber-fazer Kokama, pois não deixam de fazer uso dos instrumentos de trabalho, como machado, terçado, enxada, boca de lobo, pá, muruca e motosserra, não necessariamente nessa ordem e fundamental na formação da roça e realização das atividades de agricultura.

A roça, como principal espaço da agricultura tradicional, nasce de um distúrbio (o corte e queima da floresta), e visa à segurança alimentar de uma família, de uma comunidade local ou de uma região. (...) uma agricultura altamente complexa e fundada na diversidade. É a viva expressão do saber biodiverso em contraposição à monocultura da mente. A roça seria o principal agroecossistema que, associada a outros espaços, forma um mosaico de paisagem, dinâmico ao longo do tempo e que, possibilita múltiplas formas de acesso e manejo com diversas plantas cultivadas (Cardoso, 2010, p. 17-18).

O saber-fazer roça ou a prática da agricultura é algo idealizado e pensado pelo homem, mais precisamente por conta da necessidade humana em obter uma produção agrícola que sirva como alimento básico. De certa maneira, quando as populações tradicionais exercem tal atividade fazem uso de tecnologias de baixo impacto na natureza. Não utilizam insumos químicos ou agrotóxicos, é possível assistir a presença de uma alta diversidade de espécies e variedades agrícolas (Cardoso, 2010).

Na Tabela 11, foram caracterizados os instrumentos de trabalho de baixo impacto utilizados pelos Kokama na prática da agricultura, sendo possível também apontar as fases de uso na roça, extremamente relevante para assim conhecer as inserções de tais instrumentos no processo de trabalho. Portanto, a prática da agricultura na Comunidade Sapotal ocorre em três fases. Na primeira ocorre a derrubada de árvores de médio e grande porte, na segunda fazem a capina e limpeza do espaço de cultivo, e na terceira fase acontece a plantação das espécies agrícolas. Na primeira fase 50% dos Kokama usam o machado e 2,5% a motosserra, na segunda fase todos os Kokama utilizam-se da enxada e do terçado, que por vez também servem na terceira fase, assim como a boca de lobo (32,5%), a muruca (5%) e a pá (17,5%).

As atividades na agricultura derivam do etnoconhecimento quanto do uso desses instrumentos supracitados que caracterizam o trabalho coletivo ou familiar, bem como retratado na concepção da interlocutora Kokama, *“a gente trabalha junto, né, também nós somos unidos e por motivo de nós ter [e obter] nosso sustento, pros nossos filhos e pra eles saberem que a gente/nós somos unidos”* (S. S. A. 31 anos).

Para além dos instrumentos de trabalho, a prática da agricultura entre as populações tradicionais fortalece cada vez mais os laços de parentesco, as relações sociais, o compartilhamento de conhecimentos e, principalmente, a cultura do povo Kokama. O que resulta de todo esse processo é uma consequência natural da dinâmica do trabalho executado pelo indígena que conhece o ambiente em que vive, sendo assim, a Tabela 12 apresenta o resultado agrícola e material para a manutenção da vida.

Pela relevância do cultivo de algumas espécies agrícolas seja para consumo ou venda, conforme os dados da Tabela 12, são poucas as espécies postas à venda por serem vegetais que fazem parte da dieta alimentar Kokama e da sociedade. De igual modo, há uma passagem do labor para o trabalho enquanto atividades desenvolvidas pelas famílias Kokama, que tem uma diversidade agrícola a sua disposição que satisfaça suas necessidades.

Sendo uma prática comum na vida das populações tradicionais, diante as relações sociais devem ser e são considerados guardiões de uma ampla diversidade de espécies vegetais e suas variedades, devido aos “saberes e às práticas locais, também denominados de ‘modelos culturais da natureza’ ou ciência indígena, constituem-se como as bases da construção e manutenção da agrobiodiversidade e das dinâmicas espaciais e temporais destas nos agroecossistemas⁴⁶” (Cardoso, 2010, p. 28).

⁴⁶ Quando se fala em agroecossistema, geralmente, se relaciona a uma ou várias unidades de produção agrícola que se transformam em paisagem de trabalho ou paisagem agrícola, enquanto acontece a interação humana com a natureza visando o sustento da unidade familiar, onde podemos identificar a produção de alimentos (Dácio, 2017).

Tabela 12 – Labor e Trabalho no Cultivo das Espécies Agrícolas pelas Famílias Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Nome Comum	Nome Kokama	Nome Científico	Subsistema			Finalidade	
			Roça	Quintal	Terreiro	Consumo	Venda
Abacate	Apacha	<i>Persea americana</i>	–	x	–	2,5	–
Abiu	Watsatsa	<i>Pouteria caimito</i>	x	x	–	5,0	–
Açaí	Watsai	<i>Euterpe precatoria</i>	x	–	–	2,5	2,5
Banana	Panara	<i>Musa sp.</i>	x	x	–	100,0	60,0
Cana	Uwakira	<i>Saccharum</i>	x	x	–	10,0	–
Chicória	Turichi	<i>Eryngium foetidum</i>	–	x	–	40,0	–
Coco	–	<i>Cocos nucifera</i>	–	x	x	5,0	–
Cupuaçu	–	<i>Theobroma grandiflorum</i>	x	x	–	10,0	–
Goiaba	Kima	<i>Psidium guajava</i>	–	x	x	5,0	–
Graviola	Iwiría Metima	<i>Annona Muricata</i>	–	x	–	2,5	–
Ingá	Ína	<i>Inga edulis</i>	–	–	x	2,5	–
Jambo	Mamey	<i>Syzygium malaccense</i>	–	x	–	2,5	–
Jerimum	Kuweru	<i>Cucurbita maxima</i>	x	–	–	5,0	–
Laranja	Raransha	<i>Citrus aurantiifolia</i>	x	x	–	5,0	–
Macaxeira	Yawiri	<i>Manihot esculenta</i>	x	x	–	85,0	45,0
Mamão	Papaya	<i>Carica papaya</i>	x	x	–	10,0	–
Mandioca	Yawiri	<i>Manihot esculenta</i>	x	x	–	90,0	35,0
Manga	Iwa Chiru	<i>Mangifera indica</i>	x	x	x	10,0	–
Mapati	Kurutsa	<i>Pourouma cecropiifolia</i>	–	x	–	2,5	–
Maracujá	Mainuma Kaichiru	<i>Passiflora edulis</i>	–	x	–	2,5	–
Melancia	Tsantia	<i>Citrullus lanatus</i>	x	x	–	12,5	7,5
Milho	Awati	<i>Zea mays</i>	x	–	–	45,0	15,0
Pepino	–	<i>Cucumis sativus</i>	–	x	–	7,5	–
Pimenta	Íki	<i>Capsicum</i>	–	x	–	7,5	–
Pimenta Cheirosa	–	<i>Capsicum</i>	x	–	–	5,0	–
Pimentão	Íkitsen	<i>Capsicum annum</i>	x	x	–	17,5	–
Tomate	Tumati	<i>Solanum lycopersicum</i>	x	–	–	2,5	–

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

De acordo com a Tabela 12, de que forma os Kokama têm constituídos vantagens para uma ampla produção agrícola cultivados em ambiente de várzea? Devemos compreender que o esforço contínuo dos povos indígenas ocorre pelo amplo conhecimento da realidade complexa em que vivem, tal qual os moradores de Sapotal afirmaram enfaticamente que a plantação na comunidade é temporária, o que de fato ocorre num período de seis a dez meses, isso por conta

da dinâmica sazonal do rio Solimões que impossibilita aos moradores de várzea alta e baixa terem suas plantações permanente ao longo do tempo.

Destaca-se na Tabela 12, o emprego assíncrona das espécies vegetais cultivadas pelas famílias Kokama, isto é, o cultivo de algumas espécies acontece pela importância de uso que tem na vida dos membros responsáveis, quando observamos que a banana (*Musa* sp.) é uma das espécies que é cultivada por todas as famílias Kokama, enquanto 90% cultivam a mandioca (*Manihot esculenta*), 85% a macaxeira (*Manihot esculenta*) e 45% o milho (*Zea mays*), sendo as que se aproximam e/ou passam dos 50% de uso em Sapotal.

Suas ações determinam a finalidade e os resultados provenientes das atividades produtivas, de certa forma, culmina da organização comunitária e familiar que legitima o contínuo processo em busca de melhorias na adaptação humana, dado à dinâmica do *modus vivendi* que se constituem nas beiradas dos rios amazônicos, onde cultivam a produção agrícola em diferentes subsistemas, como terreiro, quintal e, principalmente, a roça.

Essa relação dinâmica do indígena Kokama sobre a natureza, precisamente o manejo eficiente dos agroecossistemas permitiu com que determinadas espécies agrícolas domesticadas, como no caso da genética vegetal da mandioca, sirvam de consumo, conforme Tabela 12. Ainda que a batata da mandioca não seja comestível, a exemplo de outras espécies vegetais (Figura 9 e 10), são matéria-prima base para a formação de outro subproduto comestível, por exemplo, tem-se a farinha de mandioca, a pamonha de milho, a caiçuma de mandioca presente na dieta dos Kokama.

Figura 9 – Mulheres e Curumim Kokama Descascando Milho para Produção de Pamonha na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Trabalho de Campo, 2023.

Na Figura 9, evidenciamos as mulheres e o curumim (aprendiz) Kokama no exercício de descascamento do milho para a produção da pamonha, como alternativa de consumo para as famílias Kokama. Ressalta-se a presença perpetuante do *animal laboras* ou *homo faber* entre os Kokama, quando se percebe que a partir de um produto agrícola resultado do trabalho humano em paralelo ao uso de certos artefatos, forma-se outro subproduto que é a pamonha e até mesmo a chicha derivados do milho.

Figura 10 – Casa de Farinha Kokama como Lugar de Produção da Farinha de Mandioca dos Moradores na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Trabalho de Campo, 2023.

Distintamente do processo de produção da pamonha de milho que é desenvolvido na cozinha residencial das famílias Kokama e, como ilustrado na Figura 10, a fabricação da farinha de mandioca acontece na casa de farinha, local/lugar onde se concentram todas as atividades relacionadas à torração da farinha (Figura 11 e 12), como, por exemplo, ralar ou sevar a mandioca já descascada, prensar a massa de mandioca sevada, partir lenha, fazer fogo, peneirar, torrar e ensacar a farinha de mandioca. Dito isso, a farinha de mandioca é um subproduto da mandioca que é fabricado pelas famílias Kokama em Sapotal.

Figura 11 – Família Sevando Mandioca na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Trabalho de Campo, 2023.

Figura 12 – Processo de Sevar Mandioca na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Trabalho de Campo, 2023.

Na Comunidade Sapotal foi possível verificar que a complementaridade de consumo está presente nas famílias Kokama quando o patriarca e/ou matriarca responsável praticam a produção de subprodutos, em alguns casos é uma alternativa, e servem necessariamente para o sustento da casa que fazem parte da cadeia alimentar Kokama. De acordo com Rapozo (2015), “as atividades produtivas dos moradores da comunidade revelam a racionalidade no uso dos recursos a partir das atividades polivalentes desenvolvidas na várzea” (p. 56).

Já dito anteriormente e seguidamente ilustrado adiante na Figura 13, notamos que o processo de fabricação da farinha de mandioca passa por algumas etapas necessárias para obter o resultado, ainda que durante a realização das etapas o Kokama aperfeiçoe cada vez mais suas habilidades em prol da eficiência no trabalho. Onde, também, faz uso da tecnologia representada pelo motor de força 5.5 (fruto do *homo faber*) para o rolamento do metal que faz o raleamento da mandioca, além do mais, todas as fases são momentos de aprendizagem dos filhos para que tenham conhecimento formado e futuramente deverão lhes servir, mesmo em tempos diferentes, como diz o relato do morador Kokama.

Porque nesse tempo [antigamente], nossos pais não tinham outra profissão, não eram aposentados, não ganhava nada do governo [Federal, Municipal e Estadual], todo trabalho foi na agricultura e pesca. Porque quando você [vai] fazer uma roça, você trabalhava direto, começa e termina – roçar, plantar e cultivar, deixa ela bem feitinho pra ela crescer, enquanto ela estiver crescendo, você vai pescar, pegar o seu pescado pra você vender e pra comprar a tua alimentação, comprar outra coisinha a mais, né?! (Sr. L. C. S. 57 anos, Agricultor, Pescador e Cacique da Comunidade Sapotal).

Figura 13 – Etapas de Fabricação da Farinha de Mandioca na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Legenda: 1. Mandioca seivada; 2. Aparelho de prensar a massa; 3. Após prensar, a massa é peneirada; 4. Fogo a lenha para a torração; 5. Massa peneirada é colocada no forno; 6. Momento de torração para formação dos grãos da farinha; 7. Ensacamento da farinha de mandioca torrada.

Fonte: Trabalho de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Segundo Witkoski, considerando as características do homem da várzea, “a família é a instituição de origem e do desenvolvimento do *habitus* até a morte do indivíduo” (2010, p. 156, grifo do autor), que de fato é concreto, presente na vida das populações tradicionais situadas em comunidades. Pois, ao fazermos um contraponto da última narrativa Kokama (a respeito das atividades exercidas anos atrás) com as diversas representações da Figura 13 (relacionados à fabricação da farinha de mandioca), percebe-se ou perceberemos que são os pais responsáveis pela formação do *habitus* nos membros familiares, já que a partir dos 5 a 7 anos de idade começam a participar das atividades da unidade familiar.

Ainda que essa participação seja realizando as atividades domésticas da família, pelas oportunidades os Kokama adquirem e acumulam conhecimentos necessários para a vida em

comunidade, dos quais aprendem e, ao mesmo tempo, apreendem as práticas de trabalho que os possibilita participar de outras atividades que antes não se fazia presente. Foi observado que, ilustrado anteriormente na Figura 9 e 10, a grande presença de crianças nos cantos onde é feito o trabalho familiar, no qual os indivíduos atentam seus olhares à dinâmica/movimento do corpo dos pais que realizam as atividades.

Nesse sentido, com o desenvolvimento das atividades familiares é uma forma de assegurar e atender algumas necessidades Kokama, que acontece numa via de mão dupla diante o consumo e comercialização da produção pelo responsável na própria comunidade, para satisfazer e garantir a manutenção da família que ocorre de acordo com as estações hidrológicas do rio Solimões (Tabela 13), aonde deve se dar relevância ao fortalecimento dos conhecimentos tradicionais diante a produção material e simbólica da vida.

Tabela 13 – Calendário Hidrológico do rio Solimões construído pelos Moradores Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Estações Hidrológicas	Meses											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Enchente												
Cheia												
Vazante												
Seca												

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Os dados demonstram que a atividade de agricultura familiar, assim, como, as outras atividades produtivas fazem com que as famílias trabalhem sob a lógica da ajuda mútua e/ou do trabalho familiar que diz respeito à tradição Kokama, considerando a relevância de cobrir determinadas etapas do trabalho (destacado anteriormente na Figura 13), ao tempo que sejam realizadas outras atividades para o sustento da família. Dessa forma, há uma necessidade das famílias exercerem diferentes atividades ao mesmo tempo considerando a produtividade familiar entre as diferentes épocas de fartura ou escassez no decorrer do ano.

Pelas circunstâncias do viver em comunidade tornam-se necessários que as famílias vivam de acordo com o calendário hidrológico do rio Solimões (Tabela 13), uma vez que é um fenômeno natural e a realidade vivenciado pelos Kokama são diversificados diante os diversos meses do ano. Assim sendo, as famílias realizam as atividades produtivas conforme o momento vivido, nesse caso, por exemplo, atividades realizáveis na seca não são desenvolvidas no período da cheia devido a presença da água próximo aos ambientes de trabalho, contudo, a enchente e vazante representam períodos de preparação e planejamento familiar.

Ao considerarmos a Tabela 13 e relacionar com a Tabela 14, podemos observar que as famílias Kokama na Comunidade Sapotal vivem numa ambiguidade sobre o desenvolvimento ou não da atividade em determinadas épocas do ano, uma vez que as quatro estações hidrológicas do rio Solimões – enchente, cheia, vazante e seca – influenciam no período de plantação e colheita da produção Kokama.

Nesse contexto, a partir da Tabela 13 podemos afirmar que o plantio deve ocorrer entre maio a julho, e a colheita de novembro a janeiro, porém, nem todo o ano o fenômeno da cheia deixa a terra submersa a água, o que tem possibilitado aos Kokama plantar de janeiro a abril, bem como colher nos meses de setembro, outubro, fevereiro e março, de certo modo exigindo que as famílias estejam atenta a dinâmica sazonal do rio Solimões e conseqüentemente preparadas e planejadas para execução das atividades.

Tabela 14 – Ordenamento dos Períodos de Prática da Atividade de Agricultura na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Características Gerais		%
Plantação	Janeiro	7,5
	Fevereiro	10,0
	Março	22,5
	Abril	5,0
	Maió	15,0
	Junho	55,0
	Julho	10,0
Colheita	Setembro	15,0
	Outubro	12,5
	Novembro	10,0
	Dezembro	30,0
	Janeiro	37,5
	Fevereiro	32,5
	Março	17,5

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Também, podemos relacionar as principais espécies agrícolas com os meses de plantio e colheita, representadas pela banana, macaxeira, mandioca e milho, que devido a proporção da enchente o plantio dos vegetais acontece em épocas diferentes, portanto, quando a cheia encobre a terra o plantio se dá nos meses de maio a julho, mas se o solo não ficar submersa a água a plantação pode ocorrer de janeiro a abril. Já a colheita passa pela mesma situação, quando a enchente é grande entre novembro a janeiro os Kokama retiram a produção, quando os moradores percebem que a água não cobrirá o solo a colheita acontece em setembro, outubro, fevereiro e março, deve-se a plantação ter sido feito nos primeiros meses do ano.

Diante disso, observamos anteriormente na Tabela 10, em relação ao tipo de trabalho empregado no período de plantação ou colheita, que há um contraponto presente nas unidades familiares que adotam muitas das vezes e com grande frequência o trabalho familiar, em casos excepcionais outras famílias adotam o ajuri/mutirão. Como dito, para o primeiro caso das famílias que fazem trabalho familiar na plantação quanto na colheita ocorrem por serem de família extensa (numa residência moram três ou mais famílias de gerações distintas), enquanto aquelas que adotam o ajuri/mutirão para fazer roça e/ou a colheita se dá por serem somente uma família nuclear morando na própria residência.

Sendo que tanto a família extensa quanto a nuclear desenvolvem suas atividades conforme o período de prática da agricultura, ora levantado e construído a partir das informações dos moradores Kokama. Assim, podemos dizer que o período de prática, ilustrado na Tabela 14, é como algo que faz parte do *modus vivendi* Kokama, devido à eficiência de organização das atividades produtivas desenvolvidas ao longo do ano, o que torna visível os diversos espaços de cultivo, como os subsistemas de labor e trabalho.

Na Tabela 14, foram apontados os períodos de plantação e colheita, mesmo que seja possível apontar a época de produção e fatura das famílias Kokama, é necessário salientar que o período de colheita da produção agrícola não acontece mensalmente durante o ano. Isto é, a colheita se dá por sete meses, sendo que as famílias colhem/tiram a produção em épocas distintas uma da outra, que pode se prolongar no tempo conforme avança a enchente, mas independe do sujeito responsável pelo cultivo por viver em uma área de várzea alta e a dinâmica sazonal do rio pode afetar boa parte ou toda a produção.

Quando falamos que o período de colheita pode se prolongar, estamos querendo dizer, para melhor entendimento, que a época de colheita pode mudar de um mês para outro em paralelo à força da enchente e ao tempo de cheia, pois, segundo os moradores Kokama, há tempos que a colheita é feita de seis até oito meses após a plantação, muito antes do tempo de maturação, quando as espécies agrícolas estão boas, isso quer dizer que os Kokama de Sapotal fazem duas a quatro colheitas anualmente dos cultivares da roça principalmente.

Podemos ver na Tabela 14, também, que 55% das famílias Kokama fazem a plantação no mês de junho, 22,5% em março e, havendo aqueles que o fazem em maio (15%), fevereiro (10%), julho (10%), janeiro (7,5%) e abril (5%), cabe ressaltar que a plantação nos meses de janeiro a abril só é possível quando a água do rio não encobre a terra disponível para o plantio. Já com relação à colheita, foi constatado que 37,5% dos Kokama dão início à colheita em janeiro, 32,5% no mês de fevereiro, assim, como, as famílias que o fazem em dezembro (32%), março (17,5%), setembro (15%), outubro (12,5%) e novembro (10%).

Para além das atividades de agricultura, que estão voltadas diretamente ao uso dos ambientes terrestres, os Kokama carregam consigo grandes conhecimentos acumulados que tornam possível a adaptação e a dinâmica de vida em diferentes ambientes, sejam elas de terra firme, várzea alta ou baixa. O certo é que os Kokama de Sapotal fazem uso dos diversos ambientes florestais, terrestres e aquáticos.

Sendo uma das atividades produtivas exercida frequentemente pelos moradores em Sapotal (Tabela 15), a pesca tem se revelado uma atividade de ganhos produtivos quando relacionados aos espaços de pesca para comercialização, sendo estes espaços vivenciados pelas famílias Kokama. A respeito desses ambientes de trabalho, já nos dizia Morán (1990, p. 232), “o dinamismo desse mundo aquático da várzea se manifesta na complexidade da exploração ambiental pelos habitantes dessa região”.

Tabela 15 – Prática Social da Atividade de Pesca na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Características Gerais		%
Realizam	Sim	87,5
	SR*	12,5
Instrutor	Amigo	7,5
	Irmão	2,5
	Pais	5,0
	Pai	62,5
	Pai Avô	5,0
	Tio	5,0
Parceria	Companheiro(a)	7,5
	Cunhado	17,5
	Filho	30,0
	Irmão	15,0
	Neto	2,5
	Sobrinho	2,5
	Sozinho	22,5
Embarcação**	Barco de Pesca	2,5
	Canoa a Remo	55,0
	Canoa e Rabeta	77,5

Legenda: *Sem Resposta (SR): Embora 12,5% não tenham afirmado que realizam ou vivem da pesca por se dedicarem ao ofício de outro trabalho, porém, não deixam de consumir e consomem peixes que são vendidos pelo sujeito que pesca;

**Os dados demonstram que, 72,5% dos Kokama tem embarcações próprias e 15% emprestados, ou seja, para que algumas famílias desenvolvam a pesca, é preciso que emprestem material de pesca de outras pessoas dona dos materiais.

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Com base nas informações da Tabela 15, 12,5% das famílias não praticam a pesca, enquanto 87,5% dos Kokama realizam a atividade de pesca na Comunidade Sapotal, sendo uma a atividade depois da agricultura com grande porcentagem de participação dos moradores pela eficácia de resultados, não deixando de considerar as épocas de enchente e cheia do rio, bem como as próprias dificuldades do decorrer da realização do trabalho que proporcionam baixa produtividade. No Quadro 4, foram registrados alguns relatos de quem realiza a pesca.

Quadro 4 – Importância de Realização e Prática da Pesca Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Por quê que o/a senhor (a) ou alguém da sua casa pesca?	<i>“Pra manter a família com alimento, pros [nossos] filhos, [é] o pão de cada dia”.</i>
	<i>“Pra manter a família. [Quando pesca] extrai o necessário quando dá, muda de local [de pesca] quando não dá [peixe]”.</i>
	<i>“Da pescaria que a gente se mantém, pra comprar o negócio do rancho, como, não tem [recebe] salário”.</i>
	<i>“Porque a gente precisa para se manter no dia a dia”.</i>
	<i>“Precisa pra comer, mas nem toda vez tá com a fatura”.</i>
	<i>Pra sustento da família, pra vender e comprar um alimento pra comer. Comprar coisas que precisam na nossa casa”.</i>
	<i>“Precisa pescar, pegar o pescado e vender pra comprar alguma necessidade, enquanto as plantas da roça tão crescendo”.</i>

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

É plausível e pertinente que os moradores da Comunidade Sapotal conhecedores dos ambientes aquáticos sejam tidos e aqui considerados como guardiões/repositores de recursos naturais para o sustento das famílias, que é a principal finalidade de quem se dedica e vive da pesca. Mas, com quem os Kokama aprenderam ou aprendem fazer pesca? Há quanto tempo se envolvem com essa atividade?

Conforme os dados coletados (Tabela 15), 62,5% dos Kokama tiveram o pai como instrutor que lhe ensinou algo sobre a pesca, sendo que 25% conjuntamente aprenderam com os pais (mãe e pai), pai avô, amigo, irmão e/ou até mesmo com o tio, as três últimas muitas das vezes em casos excepcionais quando o pai, mãe ou avô não se faziam presentes. Sendo que, pela necessidade de mais força de trabalho entre as unidades familiares, desde os seis anos de idade (com em média 9,9 anos de idade) os Kokama já se envolvem ou eram envolvidos a participar das atividades de pesca. A respeito disso, o interlocutor Kokama comenta:

Com 10, 9 anos você já andava na popa do pai pra ver ele arpoar um Pirarucu, colocar um espinhel, colocar uma poita, né?! Esse tempo não existia, agora como tem muita malhadeira, só era pescar de canço e de flecha, nesse tempo tinha muita fatura mesmo, não carecia você passar o dia todo pescando. Eu aprendi com meu pai (Sr. L. C. S. 57 anos, Agricultor, Pescador e Cacique da Comunidade Sapotal).

Na Comunidade Sapotal, ainda criança ou adolescentes como uma das formas dos Kokama obterem e acumular conhecimentos sobre determinadas práticas de trabalho é na companhia de um adulto (os pais na maioria das vezes) que sabem fazer o que foi idealizado e pensado por ele. Dessa forma, o aprender Kokama se dá na prática das atividades, além de estar relacionada à observação direta da ação/ato, do movimento do corpo e das estratégias adotadas pelo Kokama durante a atividade.

De acordo com relatos dos moradores Kokama, apresentados na Tabela 15, foi constatado que a pesca na Comunidade Sapotal se caracteriza tanto como trabalho familiar (ilustrada na Figura 14 e 15) e/ou uma atividade individual, portanto, 75% das famílias conjuntamente fazem a pesca em parceria com o filho (30%), cunhado (17,5), irmão (15%), companheiro/a (7,5%), sobrinho (2,5%) ou neto (2,5%), sendo que, 22,5% realizam a pesca sozinho/individualmente. O fato de as famílias que pescam em parceria está correlacionado ao quantitativo expressivo de membros da família.

A respeito da embarcação constante na Tabela 15, 77,5% dos Kokama realizam suas atividades de pesca sob o uso de uma canoa e motor (utilizados em alguns tipos de pescaria, apresentados mais adiante), 55% fazem uso da canoa a remo (Figura 14 e 15) e, 2,5% utilizam barco de pesca, a presença destes tipos de embarcação se deve aos diversos espaços de trabalho da pesca explorados pelos Kokama e no entorno da Comunidade Sapotal.

Figura 14 – Trabalho da Pesca Feita em Parceria no rio Solimões na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Trabalho de Campo, 2023

Figura 15 – Pesca de Canoa a Remo e Malhadeira de Fibra na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Trabalho de Campo, 2023.

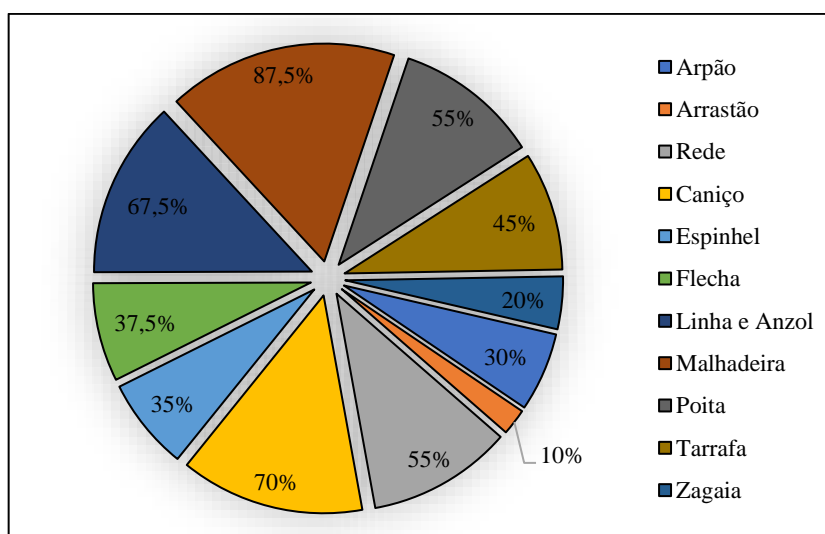
Embora a prática de pesca seja uma atividade que demanda tempo e paciência, por vezes nesses imperativos são compreendidas e entendidas que as crianças (Figura 14 e 15) estão na fase em que apresentam curiosidades com grande interesse em tal feito dos adultos Kokama. A prática de pesca exige técnicas e habilidades do sujeito para um bom rendimento, compelidos

na dinâmica e formas de uso dos ambientes de época de fartura ou escassez, pois, “é o regime do rio, que regula o ciclo anual da vida vegetal e animal e, conseqüentemente as oportunidades de subsistência à disposição do homem” (Meggers, 1987, p. 195).

Nesse sentido, demonstramos que a dimensão do trabalho Kokama está relacionada tanto com a produção de objetos/artefatos (Gráfico 5) quanto sobre a eficiência de realização das atividades e/ou construção de estratégias, que são feitos pensando no espaço como lugar de vida, nos quais tem um modo de vida correlacionado à cultura, que por muita prática relacional foram constituídos movimentos com dependência da natureza.

Podemos refletir que o homem ou indígena Kokama (*homo faber*) da várzea alta se adaptou à dinâmica da natureza, onde das coisas que são consumidas pelas famílias possibilita a produção/reprodução social da vida, criando e recriando seu modo de vida, associada às diferentes atividades produtivas desenvolvidas pelas famílias para a própria manutenção. Essas atividades produtivas são pensadas e realizadas conforme o movimento cíclico da natureza.

Gráfico 5 – Materiais (Apetrechos) de Pesca Utilizados pelos Moradores Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

De que forma os Kokama têm desenvolvido suas atividades produtivas num ambiente de várzea alta? De quais instrumentos/materiais tem se utilizado para viver diretamente do ofício da pesca? Já nos dizia Morán (1990), “hoje, os pescadores dependem das redes de lanço, especialmente nas épocas de piracema, sendo essas mais utilizadas em pescas diurnas e na captura de tambaqui, pescada, caparari, surubim, peixe cachorro e muela” (p. 235). Sendo assim, diversas estratégias foram reveladas na realidade vivida pelos Kokama na Comunidade

Sapotat, onde são utilizados diferentes materiais/apetrechos de pesca adotadas nos espaços de trabalho pela grande importância alimentar para a família.

Os materiais/apetrechos de pesca Kokama levantados e ilustrados no Gráfico 5, demonstram que o homem da várzea em Sapotal aperfeiçoaram suas habilidades ao longo do tempo, principalmente suas técnicas de trabalho. Pois, segundo a narrativa de um morador, muito tempo atrás os Kokama realizavam as atividades somente usando caniço e flecha, quando a fartura estava à vista, com o passar do tempo os pescadores Kokama perceberam as mudanças que a natureza proporciona entremeio a isso os Kokama foram compelidos a criar estratégias, novas técnicas e explorar novos ambientes aquáticos.

Na Comunidade Sapotal, conforme o Gráfico 5, 87,5% dos moradores se dedicam ao trabalho da pesca e fazem uso da malhadeira (fibra ou ceda). Também, 70% utilizam-se do caniço, 67,5% da linha e anzol, enquanto 55% trabalham com a poita, bem como os outros 55% realizam a pesca de rede. Em consonância com a especialidade nos diferentes tipos de pesca, alguns usam tarrafa (45%), flecha (37,5%), espinhel (35%), arpão (30%), zagaia (20%) e arrastão (10%), sendo que algumas são fabricadas e/ou compradas (Tabela 16).

Tabela 16 – Materiais (Apetrechos) de Pesca Comprados e Produzidos na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Materiais Feitos na Comunidade	%	Materiais Comprados	%
Anzol	12,5	Anzol	62,5
Agulha	37,5	Cabo de Rede	37,5
Haste (Arpão)	12,5	Canoa	75,0
Caniço	50,0	Chumbo	52,5
Canoa	12,5	Corda/Nylon	52,5
Flecha	32,5	Flecha	5,0
Malhadeira*	35,0	Linha de Mão	27,5
Remo	27,5	Motor/Rabeta	80,0
Tarrafa	10,0	Pano de Malhadeira**	72,5
Zagaia	5,0	Tarrafa	7,5

Legenda: *Destes, 35% dos Kokama apontaram que fazem a malhadeira na comunidade, ou seja, sabem tecer, entralhar e remendar, mas não se dedicam diretamente por exigir tempo, principalmente;

**Estamos nos referindo tanto ao pano da malhadeira de fibra (pequena ou média), quanto ao material fabricado de nylon, por exemplo, a rede (malhadeira grande) quanto ao de ceda (malhadeira pequena e média).

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Como dito anteriormente, num momento os Kokama são *animal laborans*, em outros *homo faber*, pela primazia e fundamental importância da manutenção da vida equiparada aos artefatos/objetos originados pela mão de obra do homem, que permitem a continuidade e reprodução da vida no mundo. Dos quais se valem dos recursos naturais utilizados para a

organicidade e realização das atividades produtivas que resultam da capacidade e racionalidade humana (Arendt, 2007).

Figura 16 – Ilustração dos Materiais/Apetrechos de Pesca Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Legenda: 1. Arpão; 2. Caniço; 3. Espinhel; 4. Flecha (tem três ponta afiada); 5. Linha e Anzol; 6. Malhadeira de Ceda; 7. Malhadeira de Fibra; 8. Tarrafa; 9. Zagaia (tem duas ponta afiada).

Fonte: Trabalho de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Na dimensão do conceito de trabalho, conforme Arendt (2007), os artefatos/objetos duráveis que fazem parte da mundanidade do homem, este mundo que por vez é vivenciado pelo homem da várzea baixa, alta e terra firme, busca meios que possam ajudá-lo a lidar com as atividades para produzir/obter alimentos que beneficiem e sustentem a própria vida. Nesse sentido, na Comunidade Sapotal, de acordo com a Tabela 16, os Kokama têm se dedicado habitualmente à construção de materiais de pesca utilizados no dia a dia, não deixando de obtê-los também por meio da compra, conforme a realidade em que vivem.

Considerando os dados do Gráfico 5, da Tabela 16 e as Figuras 16, 17 e 18, se vê que os materiais/apetrechos têm fundamental importância na prática social da pesca Kokama. A várzea alta (onde residem) do ponto de vista da utilização humana, oferece tanto os recursos naturais alimentícios, diversidade de espécies vegetais e animais, quanto as possibilidades para o seu emprego e diversificação de usos, como, por exemplo, pesca, agricultura, criação animal entre outros (Meggers, 1987).

Figura 17 – Material de Pesca Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Trabalho de Campo, 2023.

Figura 18 – Rede de Pesca Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Trabalho de Campo, 2023.

Pequena parte dos materiais que existem até hoje, por exemplo, a flecha “foi amplamente utilizada pelos indígenas da Amazônia antes do contato com o homem branco” (Morán, 1990, p. 239). Em Sapotal, a flecha é feita pelos próprios moradores (32,5%), comprada (5%), sua principal armação são as três pontas afiadas com presas de enganche, sendo usada para pescar os peixes de escama (apresentado mais adiante na Tabela 18).

Além da flecha, na Tabela 16, constatamos que os apetrechos anzol (12,5%), agulha (37,5%), haste para arpão (12,5%), caniço (50%), canoa⁴⁷ (12,5%), malhadeira (35%), remo (27,5%), tarrafa (10%) e zagaia (5%) são feitos na comunidade, mas, também os materiais, como, anzol (62,5%), cabo de rede (37,5%), canoa (75%), chumbo (52,5%), corda/nylon (52,5%), linha de mão (27,5%), motor/rabeta (80%), pano de malhadeira (72,5%) e tarrafa (7,5%) são obtidos através da compra. O anzol e a linha de mão são trabalhados em conjunto, pois formam aquilo que os Kokama denominam de “*linha cumprida ou linha com anzol*” – anteriormente ilustrado na Figura 12, a linha cumprida é usada para capturar peixes pequeno e médio tanto de escama quanto de couro (apresentado mais adiante na Tabela 17).

Pela sua importância para a prática da pesca no ambiente aquático, a canoa, motor/rabeta e o remo possibilitam aos Kokama se locomover/movimentar de um local de pesca para outro, a depender das localidades de pesca acessadas pelos moradores, dos quais podem e fazem uso de uma canoa pequena (3,5 metros), média (7 metros) ou grande (9 metros). Na composição do arpão tem um bico feito de ferro com a ponta afiada muito utilizada para a captura do pirarucu (*Arapaima gigas*), semelhante ao bico do arpão com um tamanho menor, já a zagaia serve para a pesca de peixes de escama pequenos e médio. A tarrafa é utilizada durante o período de

⁴⁷ Devemos considerar e apreender que a canoa se diferencia do bote por questão de carga e tipo de uso que se é feito da embarcação, assim sendo, uma canoa pode ter um comprimento de 3 a 9 metros, sendo que o material de locomoção varia do remo para o motor pec-pec 5,5 ou 13 HP, dependendo do tamanho da canoa utilizada.

vazante e seca do rio Solimões, enquanto o caniço e as malhadeiras de fibra e/ou ceda (nylon) são utilizados ao longo do ano na beira do rio ou lago.

O uso de malhadeiras grandes se apresenta atualmente como a mais proveitosa técnica de pesca na Comunidade Sapotal, devido ao seu duplo aproveitamento/rendimento enquanto provimento de peixes para consumo ou venda. Nesta atividade os Kokama se utilizam do pano de malhadeira, cabo de rede, chumbo, corda/nylon e agulha (ilustrado anteriormente na Figura 17 e 18), dos quais tem difundido as relações sociais que exige esforço físico despendido pelos sujeitos sociais. Geralmente, a pescaria de rede tem como finalidade a captura de peixes liso (de couro) para comercialização.

Os dados demonstram que, até o momento da pesquisa, existiam 32 botes⁴⁸ para a pesca de rede, isso por ser a mais proveitosa entre os Kokama da Comunidade Sapotal. Onde, devido à quantidade de botes e para que todos desenvolvam suas atividades no meio do rio, os moradores se dividiram em dois grupos, pelo qual 16 botes formavam o grupo dos moradores de cima, que pescam o dia todo (24 horas) nos dias de segunda, quarta e sexta-feira, enquanto os outros 16 constituíram o grupo dos moradores de baixo, que usufruem nos dias de terça, quinta-feira e sábado, sendo o dia de domingo livre para qualquer um dos botes pescar.

Independentemente da técnica adotada pelos Kokama nos diversos locais de trabalho (identificado mais adiante na Tabela 20), a várzea alta da Amazônia brasileira por ter sido e ainda é uma realidade complexa que dentre a variedade de práticas sociais tem assegurado e/ou proporcionado a reprodução do grupo social. Segundo Nogueira (2013, p. 61), “verifica-se que os conhecimentos tradicionais são elaborados nas atividades práticas e coletivas dessas populações”, sendo a pesca uma delas com a obtenção de peixes (Tabela 17 e 18).

Conforme a Tabela 17, de imediato percebemos a grande diversidade e variedade de espécies de peixes capturados nos ambientes de trabalho acessados e utilizados pelos Kokama, que se encontram próximo ou distante a Comunidade Sapotal. A maioria dos peixes destacados são tomados para consumo, sendo que não deixa de haver aqueles que são comercializados com grande frequência, por exemplo, caparari, filhote (piraíba), melado flamengo, melado branco, pacamum, pirabutão, piraíba, pirarara, rabo-seco, surubim, e principalmente o dourado (peixe de couro mais valorizado no mercado).

⁴⁸ Conforme as informações levantadas juntamente com os moradores Kokama, foi constatado que o bote é entendido como uma embarcação com em média 9 a 11 metros de comprimento com materiais de pesca, principalmente motor pec-pec 5,5 ou 13HP, rede (malhadeira grande) e remo, entre outros materiais pertinentes para pesca do peixe liso (de couro) no rio Solimões.

Tabela 17 – Identificação dos Peixes de Couro Capturados pelos Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Nome Comum	Nome Kokama	Nome Científico	%
Bacu	Piru	<i>Pterodoras granulosus</i>	17,5
Bacu-Pedra	Piru Kararu	<i>Lithodoras dorsalis</i>	12,5
Barba-Chata	–	<i>Pinirampus pinirampus</i>	5,0
Boca-de-Moça	–	<i>Chaetodon striatum</i>	5,0
Bocão	Yurutua	<i>Ageneiosus brevifilis</i>	15,0
Caparari	Kaparari	<i>Pseudoplatystoma tigrinum</i>	45,0
Chiripirá	Shiripira	<i>Sorubim lima</i>	7,5
Dourado	Wara	<i>Brachyplatystoma rosseauxii</i>	75,0
Filhote (Piraíba)	Wara Upurikatun	<i>Brachyplatystoma filamentosum</i>	25,0
Flamengo	–	<i>Brachyplatystoma juruense</i>	70,0
Jandiá	Kawitsuri	<i>Leiarius marmoratus</i>	12,5
Melado*	Isimapa	<i>Brachyplatystoma juruense</i>	70,0
Mandi	Mani	<i>Pimelodella cristata</i>	30,0
Mandubé	–	<i>Ageneiosus brevifilis</i>	2,5
Mapará	Maparati	<i>Hypophthalmus</i> sp.	7,5
Mota	Muta	<i>Calophysus macropterus</i>	20,0
Pacamum	Muniwatsu	<i>Paulicea luetkeni</i>	47,5
Piramutaba (Pirabutão)	Kajtsuri	<i>Brachyplatystoma vaillantii</i>	62,5
Piraíba	Waramama	<i>Brachyplatystoma filamentosum</i>	35,0
Pirarara	Anania	<i>Phractocephalus hemioliopus</i>	40,0
Rabo-Seco	–	<i>Hemisorubim platyrhynchos</i>	22,5
Surubim	Tsurie	<i>Pseudoplatystoma fasciatum</i>	55,0
Xaréu	–	<i>Caranx hippos</i>	7,5

Legenda: *Esta espécie tem algumas denominações empregadas pelos entrevistados, a princípio são peixes de couro de lombo melado que variam de coloração no corpo, sendo assim, tem-se o Peixe-Melado e o Peixe-Zebra, que para venda no mercado são identificados como “Cacharro”.

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Grande parte dos peixes de couro comercializados são capturados com as redes ou malhadeira grande tendo-se o rio como ambiente de trabalho, onde as redes são lançadas e ficam no fundo com em média 45 minutos, após isso são repuxados para o bote de pesca. Entretanto, em muito dos casos para a captura dos peixes de couro também são utilizados a técnica de pesca de espinhel, poita e/ou linha cumprida com anzol, neste último os materiais utilizados pelos Kokama tem como finalidade a captura de peixes para consumo familiar.

Tabela 18 – Identificação dos Peixes de Escama Capturados pelos Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Nome Comum	Nome Kokama	Nome Científico	%
Acará-açu	Akaratsu	<i>Astronotus</i>	40,0
Arenga	Sapapa	<i>Pellona</i>	17,5
Aruanã ou Sulamba	Arawana	<i>Osteoglossum bicirrhosum</i>	22,5
Bodó	Inia	<i>Pterygochthys</i>	67,5
Branquinha	Yawarachi	<i>Curimata vittata</i>	15,0
Cará	Akara	<i>Aequidens</i> sp.	27,5
Cascudo (Cascudinha)	Kumarata	<i>Psectrogaster amazonica</i>	12,5
Chiruí	Samata	<i>Hoplosternum littorale</i>	27,5
Curimatã	Kirimata	<i>Curimatella myerii</i>	80,0
Jatuarana	–	<i>Brycon melanopterus</i>	22,5
Jaraqui	Yari	<i>Semaprochilodus</i>	15,0
Jejú	Mapapira	<i>Hoplerythrinus unitaeniatus</i>	35,0
Matrinxã	Tsawaru	<i>Brycon amazonicus</i>	30,0
Pacu	Tapaka	<i>Mylossoma</i>	65,0
Peixe-Cachorro	Tsaikana	<i>Hydrolycus scamberoides</i>	12,5
Pescada	Wakupa	<i>Plagioscion</i>	5,0
Piau	Kuwana	<i>Laemolyta petiti</i>	45,0
Piranha	Ipiri	<i>Serrasalmus eigenmanni</i>	17,5
Pirapitinga	Paku	<i>Piaractus brachypomum</i>	42,5
Pirarucu	Iwatsu	<i>Arapaima gigas</i>	10,0
Sardinha	Upari	<i>Triportheus</i>	70,0
Tambaqui	Tamakichi	<i>Colossoma macropomum</i>	40,0
Traíra	Tarira	<i>Hoplias malabaricus</i>	17,5
Tucunaré	Tukunari	<i>Cichla</i> sp.	15,0

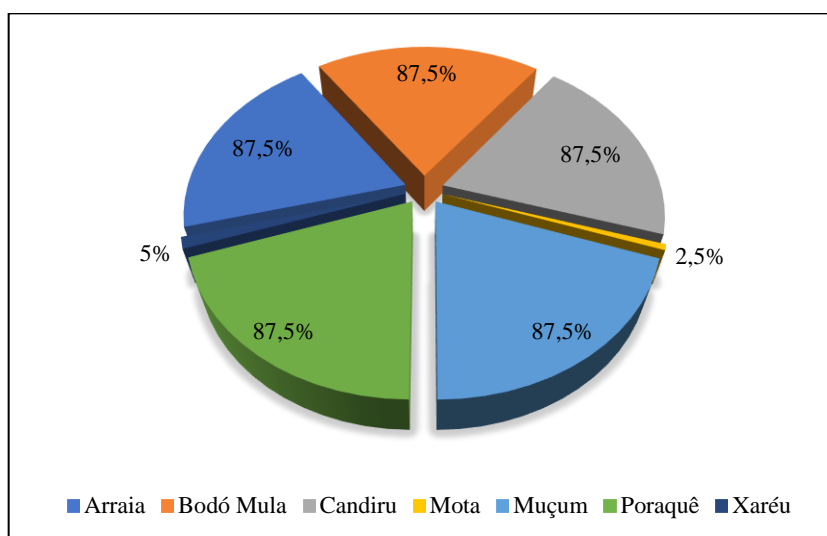
Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Segundo Noda, Noda e Silva (2013), “o peixe é a mais importante e fundamental fonte de alimento proteico das populações ribeirinhas sendo as atividades relacionadas ao extrativismo animal constituído, principalmente pela pesca artesanal [...]. A pesca é realizada diariamente tanto no período da cheia como da seca” (p. 59-60), sendo uma prática comum para os homens que se dedicam em média 3 até 12 horas por dia, dependendo do local de trabalho onde as atividades são realizadas.

Dessa maneira, em determinadas épocas do ano com relação ao tempo de pesca para a captura do peixe de escama variam em média de 3 a 5 horas, logo que para sua execução depende do estoque/abastecimento na residência da família, nesse sentido, quando a casa está abastecida com peixes de consumo os moradores Kokama pescam durante duas horas, em média, porém quando tem pouco peixe a pescaria se prolonga em média para mais de 8 horas. Segundo relatos dos moradores, na captura dos peixes de escama “quando pega muito, vendem, quando pega pouco tiram pra comer”.

Considerando os dados da Tabela 18, ao contrário dos peixes de couro em que boa parte são comercializadas e, por serem fonte de alimento proteico para as famílias Kokama, os peixes de escama capturados servem de consumo e atendem para a manutenção dos moradores na Comunidade Sapotal, sendo a minoria das espécies comercializada com os moradores da comunidade, por exemplo, o acará-açu, bodó, curimatã, jatuarana, jejú, pacu, sardinha e a traíra que são capturadas em maior quantidade e torna possível a venda.

Gráfico 6 – Identificação de Algumas Espécies de Peixes Classificadas com Baixo Aproveitamento na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Assim como os outros povos indígenas, as famílias Kokama compartilham algo em comum entre as atividades praticadas que tem como fim a satisfação de suas necessidades e, isso vai além, conforme destaca Witkoski (2010, p. 166), quando a família tem uma “maior disponibilidade de força de trabalho, característica desse tipo de família, permite que o grupo doméstico desempenhe outras atividades igualmente importantes” para a permanência dos moradores na comunidade, bem como a produção/reprodução da vida social.

Nesse sentido, no Gráfico 6, identificamos que 87,5% dos moradores afirmaram capturar os peixes arraia, bodó mula, candiru, muçum e poraquê (peixe elétrico), mas são devolvidos de volta ao seu *habitat* por serem peixes não comestíveis e nem comercializáveis pelos moradores na Comunidade Sapotal, enquanto 5% dos Kokama não consomem xaréu e bem pouco a mota (2,5%), por algumas questões relacionadas do peixe xaréu ser reimoso e pode apresentar enfermidades para os membros da família, principalmente quando a mulher (matriarca) está em período de gestação. Já a mota se deve por ser carnívoro, enquanto para os outros moradores o consumo do xaréu e da mota é algo comum nas refeições. Entende-se que

nem todos os peixes capturados servem para as famílias Kokama, entretanto, na Tabela 19 são apresentadas algumas características relacionadas à pesca.

Tabela 19 – Caracterização da Atividade de Pesca Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Características da Pesca		%
Pescam na Desova do Peixe	Sim	60,0
	Não	27,5
Pescam Longe da Comunidade	Sim	55,0
	Não	32,5
Têm Associação de Pescadores	Sim	10,0
	Não	77,5
Moradores Conversam de Pesca	Sim	82,5
	Não	5,0
Têm Conflitos na Pesca	Sim	32,5
	Não	55,0
Locais dos Conflitos	Furo	2,5
	Lago	22,5
	Rio	15,0
Materiais Destituídos nos Conflitos*	Anzol	2,5
	Flecha	7,5
	Caixa Isopor	2,5
	Canoa	15,0
	Malhadeira	20,0
	Remo	10,0

Legenda: *Por ser um meio de manutenção da vida, na pesca não passa despercebido a incidência e ocorrência de conflitos, onde, 22,5% dos Kokama apontaram que nestes conflitos houve destruição de material e, 10% disseram não haver destruição.

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Sendo a pesca uma prática comum entre os moradores Kokama que vivem num ambiente de várzea, nos quais têm conseguido gerar grande produção constituída ao longo do tempo, com certas “facilidades” ou estratégias comportamentais adaptadas, podemos dizer que faz com que capturem peixes de escama e de couro comestíveis, comercializáveis, não

comestíveis e/ou até nem comercializáveis na comunidade. Durante a pesquisa de campo, ilustrado na Tabela 19, juntamente com os moradores verificamos que 60% destes pescam em época de desova dos peixes, e 27,5% não praticam a atividade.

O que nos permite refletir a respeito da importância e manutenção gerada pela pesca, mesmo que boa parte dos moradores reconheçam sua relevância de reprodutibilidade natural dos peixes, também, conhecem os limites impostos pelos órgãos institucionais responsáveis. Assim sendo, os moradores alegam (Quadro 5) que realizam a atividade com a finalidade da captura de peixes para o consumo, ou seja, com a realização da pesca buscam capturar uma quantidade necessária para o consumo diário da família.

Quadro 5 – Concepção dos Moradores acerca da Pescaria em Época de Desova dos Peixes na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Por que o/a senhor (a) realiza a pesca em época de desova dos peixes?	<i>“Pra comer, porque pra venda é proibido”.</i>
	<i>“Só pra comida, pra vender não”.</i>
	<i>“Somente para o consumo do dia”.</i>
	<i>“Porque tá dando muito e é mais farto”.</i>
	<i>“Só pra comer, pra vender não, fica ruim, [também] os peixes ficam magro”.</i>
	<i>“Pesca peixe pra comer, quem não pesca é o associado pelo Governo, quem não é sócio, pesca”.</i>
	<i>“Pro alimento, pra vender não, Ibama proíbe, [mas] tem uns peixes que é proibido, outros não”.</i>

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Considerando a concepção dos moradores que são associados na Colônia de Pescadores de Tabatinga (informadas na Tabela 19), onde, 10% são associados da Associação de Pescadores e, 77,5% não são associados, isto é, não se associaram ainda e/ou pensam em ser associados. Nos dados consta que tanto os associados da Colônia (por regra institucional) quanto boa parte dos pescadores Kokama tornam relevante a reprodução dos peixes.

Até aquele momento, na época de desova dos peixes, os Kokama têm realizado a pesca tanto próximo à comunidade quanto distante dela, pois, 55% afirmaram praticar a atividade longe da comunidade, sendo que 32,5% pescam em ambientes próximos à comunidade – que é possível pelos diversos ambientes com grande diversidade de peixes, por onde compartilham conhecimentos, técnicas e estratégias de trabalho, ao percebemos que 82,5% do moradores conversam sobre questões relacionadas à pesca, como, manejo e acesso aos lagos quanto à organização da pesca de rede no rio Solimões.

Box 4***Território e Territorialização***

Território e territorialização apresentam acepções diferentes e são originados em diversos contextos. Inicialmente podemos entender que território se refere a uma área delimitada sob a posse de algo ou de alguém fixo, já a territorialização está voltado ao ato de algo ou alguém estar, fazer, fixar no território. Isso quer dizer que, determinada área recebe a territorialização de algo ou de alguém, em seguida é delimitada para posse, que virá ser seu território ocupado e utilizado.

Para melhor entendimento, entende-se que o espaço geográfico quando apropriado por uma pessoa ou organização, está exerce um domínio ou um poder sobre determinada área, que passa a ser o seu território, logo que é a base material da existência humana, e sua apropriação para as diversas formas de uso é condição necessária para a vida.

Como sendo uma situação natural da vida vivenciada pelos seres humanos, populações, pessoas, grupos, organizações e instituições vivem em constante processo de territorialização, na busca de demarcar territórios que propiciem construir identidade, vínculo e pertencimento ao lugar.

Nesse sentido, a territorialização de uma área quanto ao território ocupado, em muitos dos casos gera conflitos, como, por exemplo, alguns casos vividos pelos pescadores Kokama da Comunidade Sapotal, quando relacionados aos ambientes de pesca acessados pelos mesmos para fazer uso em proporção de manutenção da vida, uma vez que os Kokama estão territorializando um território já ocupado e resulta que uma parte entra e a outra defende a área.

Com base nas informações apresentadas anteriormente na Tabela 19, levantadas no decorrer da pesquisa de campo, o ato Kokama sobre a realização da atividade de pesca nem “sempre” ocorre como pensado e planejado, isto é, a Tabela 19 mostra que 32,5% dos Kokama retrataram existir conflitos nos locais/ambiente de trabalho onde a pesca é realizada, geralmente acontecem em furos (2,5%) longe da comunidade, em lagos (22,5%) como Assacaia e Quatá (ambos pertencentes aos Ticuna), e, também, no rio Solimões (15%). De acordo com os moradores, nos lagos supracitados “quase ocorrera casos de morte” em decorrência dos conflitos, mas não fora concretizado havendo apenas destruição dos materiais de pesca, como, anzol, flecha, caixa isopor, canoa, malhadeira e remo.

Hoje, a maioria já sabe, que a maioria das pessoas são associado, né, por exemplo, se a água do rio entrou aqui nesse lago, se a água branca estiver aqui [no lago], é o direito de você pescar, agora se não tem nenhuma entrada [para o lago], se o rio é aqui, aí só tem varador e não tem entrada pra você andar, entrar no barco, aí já você [está] completamente querendo entrar em conflito com outras pessoas, que ali [está] sendo cuidado, preservado, as comunidades preservam aquele local, aquele lago, e esse gera conflito na pesca (L. J. S. 31 anos, Pescador e Morador da Comunidade Sapotal).

Tabela 20 – Labor e Trabalho na Prática de Pesca das Famílias Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Características da Pesca		%
Local	Lago	60,0
	Igapó*	47,5
	Igarapé*	5,0
	Furo*	5,0
	Rio	87,5
Tempo	Até 6 Horas	35,0
	7 a 12 Horas	20,0
	12 a 24 Horas	65,0
Frequência	Duas Vezes	10,0
	3 a 4 Vezes	65,0
	Todo Dia	35,0
Finalidade	Consumo	87,5
	Venda	75,0

Legenda: *O Igapó, como local de pesca, só é frequentado em época de cheia, resultado da enchente do rio Solimões. Enquanto poucos fazem uso do Igarapé, pois só existem localidades distantes da própria comunidade, que pertencem a outros povos indígenas. Também, precisamos ressaltar que o furo como local de pesca, identificam os canos/varadores que interligam o rio a ao lago ou para um outro rio.
Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Ainda que algumas atividades possam ser entendidas enquanto labor outrora como trabalho, no caso de realização da pesca se desvela como uma prática tanto de consumo quanto de venda, quando as famílias Kokama visam necessariamente a manutenção da família, logo que de imediato através do consumo coletivo e direto atende as famílias quanto ao comércio local, como demonstra a Tabela 20. Sendo que no caso de venda dos peixes capturados pelos Kokama, as relações sociais extrapolam a localidade onde convivem pelo valor de mercado de alguns peixes liso (de couro), que de maneira indireta tem-se o encontro do labor para com o trabalho Kokama na Comunidade Sapotal.

Como dito anteriormente, é compreensível que as atividades produtivas decorrem das necessidades de manutenção das famílias Kokama, sendo que caracteristicamente as atividades são singulares entre as populações indígenas, logo que “as formas de conhecimento e de práticas nas sociedades indígenas (...) são frutos da criação cultural de cada sociedade. (...) Ademais, os membros têm grande conhecimento concreto da anatomia, dos hábitos alimentares e de outras características da fauna e flora em seu território” (Ramos, 1988, p. 35-36).

Nesse sentido, pela abrangência dos dados da pesquisa a respeito do extrativismo animal pesca, faz-se uma ressalva em relação às espécies de peixes de escama e de couro

(anteriormente apresentado na Tabela 17 e 18) considerando, primeiramente, o tempo de pesca ilustrado na Tabela 20, no qual para a captura dos peixes de couro a pescaria é realizada num período de 7 a 12 horas (20%) e/ou até de 12 a 24 horas (65%), enquanto 35% dos Kokama consistiram a captura dos peixes de escama num período de 6 horas, esta última deve-se ao uso dos lugares de pesca caracterizadas pelos lagos da comunidade.

Também, em Sapotal, geralmente os Kokama fazem uso da canoa e rabeta e/ou canoa a remo respectivamente para praticar/realizar a atividade de pesca. Esses tipos de transportes têm utilidades específicas para com os locais de pesca, logo que a canoa e rabeta frequentemente são utilizados para a pesca no rio (87,5%), enquanto a canoa a remo serve para a pesca no lago (60%), igapó (47,5%) e igarapé (5%), devido às características dos ambientes e da técnica utilizada no ato da pesca, assim sendo, 5% dos moradores afirmaram ter o furo como local de pesca e fazem uso da canoa e rabeta para se locomover.

À primeira vista parece algo trivial as formas de uso dos materiais de pesca, quando muito vale o conhecimento acumulado pelo sujeito que o realiza nas adversidades presentes nos ambientes de pesca, desse modo, como qualquer outro trabalho que visa à produção material/simbólica da vida, a pesca como extrativismo animal não está muito longe de ser realizada para o consumo (87,5%) quanto para a venda (75%), que é uma forma de atender às necessidades do grupo familiar em vias de mão dupla.

Para que isso suceda é necessário e preciso que os Kokama como sujeitos sociais relevem o período de prática para que imponham a necessidade da família como grande e determinante para a ação humana, conquanto que estejam as atividades viáveis para sua concretização, tanto que 65% dos moradores afirmaram realizar a pesca de três a quatro vezes durante a semana, ainda que seja num curto período de tempo conseguem desenvolver mais de duas técnicas de pesca, 10% dos responsáveis trabalham na pesca por duas vezes, sendo que 35% dos Kokama praticam a pesca frequentemente todo o dia da semana.

Sendo, no entanto, importante a polivalência dos Kokama através das atividades produtivas enquanto meios de assegurar a manutenção da família, que perpassam pela criação animal, extrativismo vegetal não madeireiro, agricultura, extrativismo animal pesca. Na Comunidade Sapotal destaca-se também o extrativismo animal caça⁴⁹ e extrativismo vegetal madeireiro, sendo relevantes pela existência de locais onde os recursos naturais predominam, do qual boa parte tem a vantagem de ser utilizável o ano inteiro e com grande frequência pelos Kokama na várzea do Alto Solimões.

⁴⁹ De acordo com Witkoski (2010), “a caça é uma atividade posta em ação muito mais com a finalidade da busca complementar de proteína animal do que como sua principal fonte” (p. 286).

Mesmo que as famílias Kokama se dediquem diretamente às tarefas de uma determinada atividade, ao mesmo tempo não deixam de praticar outros tipos de atividades, dada a presença de mão de obra significativa para a família, o que implica num conjunto de resultados complementares (Witkoski, 2010). Nesse sentido, as atividades de caça (Tabela 21) geralmente são realizadas em parceria feita com parentes ou vizinhos, pelo qual se caracteriza como trabalho familiar, onde a produção resultante é dividida entre os participantes conforme suas necessidades – quantidade de membros ou tamanho da família.

Tabela 21 – Prática Social da Atividade de Caça na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Características Gerais		%
Realizam	Sim	15,0
	Não	85,0
Instrutor	Pai	5,0
	Pai Avô	2,5
	Sozinho	5,0
Praticam Frequentemente	Sim	5,0
	Não	7,5

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

A dinâmica sazonal das águas – imperativo que influencia no modo de vida – impõe que a organização das famílias sobre as práticas das atividades produtivas considere os recursos naturais à disposição que satisfaçam às necessidades humanas. Desse modo, a pouca quantidade de espingarda constatada na investigação reflete na porcentagem de participação dos moradores Kokama com relação à prática da atividade de caça, como será mostrado, e das espécies de animais apreendidos pelos moradores (Tabela 22).

Diferente da pesca que fornece uma parte de proteína animal para alimentação das famílias, ainda que para uma parcela da população em Sapotal, a atividade de caça se caracteriza como uma forma de experimentar algo diferente nas refeições, ao consumir algum tipo de carne de animal da floresta/mata. Nesse cenário, a Tabela 21 mostra que 15% dos moradores realizam a caça e 85% dos Kokama não fazem e nem se envolvem diretamente com a atividade na Comunidade Sapotal, logo que juntamente com os moradores verificamos que a caça não fornece proteína animal o tempo todo como a atividade de pesca.

Pelo fato de a população Kokama de Sapotal viver num ambiente de várzea alta, no qual são diretamente afetados pelo do ciclo da água (enchente, cheia, vazante e seca) que influenciam periodicamente para a presença de alguns animais entorno da comunidade, podemos apontar que raramente acontece a caça de algumas espécies de animais. Dos moradores que realizam a atividade, 5% caçam muito e 7,5% não caçam muito, de acordo com os Kokama essa atividade foi aprendida com o pai (5%), pai avô (2,5%) e/ou sozinho (5%).

Caça é outra, porque se você for caçar todo dia os animais vão se afastar, vão longe daqui. Antigamente aqui na nossa área, a Capivara andava como porco [criação doméstica] assim na beira desses lagos, em monte, a Guariba cantando assim nesses paus, Pato e outros animais, você ia pra trás naquela restinga lá você achava Jabuti, Cutia, Paca, e hoje não tem, porque muitos [moradores] já fizeram afastar. A Capivara tem muito sim, mas são ariscos, ela só chega pra cá quando é inverno, porque fica tudo água pra trás, aí fica essa terrinha aqui na frente, aí eles voltam tudo pra cá pra perto (Sr. L. C. S. 57 anos, Agricultor, Pescador e Caciueiro da Comunidade Sapotal).

Tabela 22 – Labor e Trabalho na Caça de Animais para Consumo das Famílias Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga. Amazonas

Nome Comum	Nome Kokama	Nome Científico	Local			Frequência		Quantidade		Finalidade	
			Floresta	Lago/Rio	Praia	Uma Vez Mensal	Duas Vez Mensal	Menos de 2	Mais de 2	Consumo	Venda
Capivara	Kapiwara	<i>Hydrochaeris capivara</i>	x	-	-	-	x	x	-	12,5	-
Macaco	Miara	<i>Cebus</i>	x	-	-	-	x	x	-	5,0	-
Macaco-Guariba	Miara Akiki	<i>Alouatta guariba</i>	x	-	-	-	x	x	-	5,0	-
Macaco-Prego Preto	-	<i>Sapajus nigritus</i>	x	-	-	-	x	x	-	5,0	-
Mutum	Mitu	<i>Mitu tuberosa</i>	x	x	-	-	x	-	x	5,0	-
Paca	Paka	<i>Agouti paca</i>	x	-	-	-	x	-	x	5,0	2,5
Pato-do-Mato	Iwirati Uruma	<i>Cairina moschata</i>	x	x	-	-	x	x	-	5,0	-
Queixada	Taitatu	<i>Tayassu pecari</i>	x	-	-	-	x	x	x	5,0	2,5
Tatu	Tatu	<i>Dasyus</i>	x	-	-	-	x	x	-	10,0	-
Tracajá	Tarikaya	<i>Podocnemis unifilis</i>	-	-	x	-	-	-	x	2,5	-
Veado	Htsiwatsu	<i>Mazama</i>	x	-	-	-	x	-	x	2,5	-

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Deve-se entender que, quando relacionamos o labor com o trabalho resulta das relações sociais constituídas pelo Kokama responsável na localidade em que vive, dado a importância da contínua prática de caça na comunidade para o fortalecimento da cultura e transmissão dos conhecimentos tradicionais. Como apresentado na Tabela 22, são poucos os animais de caça vendidos no local de vivência, porém, não deixa de atender a dimensão da mundanidade

relacionado ao consumo de objetos artificiais pelo homem, isto é, passa da dimensão do consumo direto para a dimensão do consumo de algo produzido pelo homem, como, por exemplo, terçado, machado, enxada etc.

Então, percebe-se que a caça é uma atividade geracional, assim como as outras atividades pelo qual o conhecimento acumulado é repassado de geração a geração. Esta atividade é geralmente realizada pelos homens, pode ser realizada em dupla ou de forma coletiva. Na Tabela 22, foram identificadas as espécies comumente caçadas pelos Kokama, dos quais identificamos 11 espécies de animais entre mamíferos, aves e réptil, que compõem/fazem parte da dieta alimentar Kokama.

Conforme os dados da Tabela 22, 12,5% dos Kokama que realizam a atividade já frequentaram a floresta enquanto local de caça, já tendo retornado para casa com caças diferentes uma da outra respectivamente, 5% apontaram o lago e o rio como local de prática da caça e, 2,5% afirmaram fazer uso da praia para a caça/captura do Tracajá. Igualmente, os animais Mutum e Pato-do-Mato são caçados tanto no ambiente da floresta/mata como no lago/rio, e a caça das outras espécies ocorre na floresta/mata.

Todos os animais identificados anteriormente na Tabela 22 têm importância tanto pela prática da atividade quanto pela proteína animal para os membros das famílias, dado que relativiza a necessidade de caçar com grande frequência, por vezes os moradores compreendem a atividade como um momento de distração, mas que tem um valor significativo enquanto fonte de alimento. Nesse sentido, constatou-se que os moradores realizam a caça numa frequência de duas vezes mensalmente, dos quais 10% dos Kokama conseguem como resultado menos de duas caça, ao passo que 8,5% caçam mais de dois no período mensal. Sendo a caça uma atividade complementar, é praticada para consumo e venda (2,5%).

Devido às necessidades das famílias, ainda mais quando se trata da Amazônia brasileira que é uma realidade complexa, todas as atividades produtivas desenvolvidas pelas populações tradicionais são convertidas e têm finalidade para o consumo, sejam elas pela manutenção ou produção/reprodução da vida social. Além do mais, as formas de uso dos ambientes de trabalho são resultados do modo de vida e fortalecem a cultura do povo, enquanto são compreendidos também como elementos importantes de estratégia da produção familiar, que depende da força de trabalho em paralelo à dinâmica sazonal do rio Solimões.

Muito similar às outras atividades já apresentadas no decorrer deste Tópico 2.2, o extrativismo vegetal madeireiro (Tabela 23) é notadamente uma atividade de caráter familiar ou coletivo, realizado comumente pelos homens da família, isso se deve geralmente pela força de trabalho necessário para a prática da atividade. Além disso, Witkoski (2010) enfatiza que “o

trabalho da retirada de madeira implica reconhecer claramente o movimento dos ciclos das águas – enchente/cheia e vazante/seca” (p. 257), para uma maior eficiência da atividade, ou seja, na seca derruba a madeira e na cheia arrasta para mais perto da comunidade.

São algumas estratégias adotadas pelos Kokama observadas ao longo da pesquisa de campo, esta atividade proporciona simultaneamente a permanência dos moradores quanto à existência da comunidade, como veremos na Tabela 23, que as madeiras extraídas da floresta são utilizadas para a construção das casas, como dizia Arendt (2007), enquanto artefato/objeto composta de durabilidade que fazem parte da mundanidade do *homo faber*.

Tabela 23 – Prática Social de Extrativismo Vegetal Madeireiro na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Características Gerais		%
Realizam	Sim	15,0
	Não	85,0
Área de Extração	Terra Firme	–
	Várzea	15,0
Utilidade da Madeira	Canoa	7,5
	Casa	15,0
	Lenha	5,0
	Remo	5,0

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Apreendido como resultado do trabalho humano, esta atividade madeireira dos quais os Kokama têm se utilizado para dar sentido à vida através de um abrigo (casa) para acolher a família, bem como na constituição de objetos que tornaram possível se locomover (canoas/botes) de um lugar para outro, principalmente para a realização das atividades produtivas de manutenção da vida.

Quanto à prática do extrativismo vegetal madeireiro, constatamos que 85% das famílias não exercem diretamente a atividade, muitas das vezes pela falta de material ou por não ter prática com a atividade, porém grande parcela da população na comunidade não deixa de fazer uso das madeiras, ao adquirirem através da compra ou de contrato direto com os sujeitos que realizam a atividades, para a construção de casas.

Sendo a extração da madeira praticada por 15% dos moradores da comunidade, dos quais afirmaram exercer o trabalho na área de várzea da localidade. Nesse sentido, conforme a Tabela 23, as madeiras tiradas na floresta de várzea são utilizadas para construção de casa,

canoa (Figura 19), lenha (Figura 20) e remo, bem como para cabos de machado, enxada, hastes, pá, martelo e agulha de entralhe da malhadeira.

Figura 19 – Construção de Canoa na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Trabalho de Campo, 2023.

Figura 20 – Lenha Retirada da Floresta na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Trabalho de Campo, 2023.

Como dito anteriormente, na Figura 19 fora ilustrado a prática de construção da canoa dos moradores Kokama, onde se vê que a atividade não acontece individualmente, mas em coletivo devido aos pequenos detalhes necessários que fazem parte da canoa para que seja utilizada. Já na Figura 20, identificamos o momento em que um Jovem Kokama está realizando o corte de algumas toras de lenha, que deverá ser utilizada pela família na realização de uma outra atividade, por exemplo, cozinhar o peixe entre outros.

Tabela 24 – Identificação das Espécies Vegetais Madeireira Retiradas da Floresta/Mata na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Nome Comum	Nome Kokama	Nome Científico	Quantidade/Toras		Finalidade		Local de Venda	
			1 a 2	3 a 4	Consumo	Venda	Cidade	Comunidade
Acapu	Wakapu	<i>Vouacapoua</i> sp.	2,5	–	2,5	–	–	–
Assacu	–	<i>Hura crepitans</i>	2,5	–	2,5	–	–	–
Cedro	Akaiwa	<i>Cedrella fissilis</i>	–	7,5	7,5	–	–	–
Jacareúba	–	<i>Calophyllum brasiliense</i>	–	7,5	7,5	–	–	–
Jatobá (Jatuba)	–	<i>Hymenaea</i> spp.	5,0	–	5,0	–	–	–
Louro	Yakari	<i>Ocoteas</i> spp.	2,5	2,5	5,0	–	–	–
Maçaranduba	Iwira Pitani	<i>Manilkara salzmanni</i>	–	2,5	2,5	–	–	–
Matamatá	Matamata	<i>Eschweilera albiflora</i>	–	5,0	5,0	–	–	–
Mulateiro	Amaniwa	<i>Calycophyllum spruceanum</i>	5,0	12,5	17,5	2,5	–	2,5
Pau-Brasil	Arara Iwira	<i>Caesalpinia echinata</i>	2,5	–	2,5	–	–	–

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Com base nas informações da Tabela 24, foram identificadas 10 espécies vegetais madeiras que são utilizadas na Comunidade Sapotal, dos quais algumas são preferências como é o caso do mulateiro que serve tanto para lenha quanto para a construção de casas, bem como a madeira louro, maçaranduba e pau-brasil, devido à sua versatilidade e resistência de desgaste ao longo do tempo. Enquanto o acapu, assacu, cedro, jacareúba, jatuba e matamatá são utilizadas na fabricação de botes e/ou canoas pequenas, médias ou grandes.

Tais madeiras supracitadas são importantes na fabricação dos artefatos/objetos pertinentes a mundanidade do homem, como exposto na Tabela 24, 8% dos Kokama extraem de 3 a 4 toras, enquanto 10% tiram de uma a duas toras, geralmente para consumo dos moradores. Ainda na Tabela 24, cabe chamar atenção para a madeira mulateiro utilizado para a venda na comunidade, devido à procura dos moradores para construção de casas, porém entre

outros objetos é o sujeito fabricante quem determina o tipo de madeira a ser utilizada na fabricação da canoa e/ou do remo.

2.3 Labor e trabalho: práticas socioprodutivas e a preservação/conservação dos recursos naturais

2.3 Kamata kamatan: tsikikana yatiriipukana ia-kuara/aipata rana wanakarikana aitsewekatun gana

As práticas socioprodutivas que envolvem tanto as atividades desenvolvidas pelos Kokama quanto os grandes conhecimentos acumulados pelos moradores na Comunidade Sapotal, contribuíram continuamente para o uso necessário dos recursos naturais pelo homem que vive na várzea, que de um momento para outro sob o modo de vida transformam o espaço em que vivem para melhor adaptar suas atividades que lhes dão sustento e manter os padrões culturais existentes (Rocha, 2013).

Todavia, dada a relevância do conceito de labor e trabalho, considerando as ações humanas que são empregadas nas atividades produtivas fundamentais para a manutenção das famílias em comunidade, apoiados em Arendt (2007), podemos refletir ainda que os sujeitos sociais Kokama sejam afetados por alguns fenômenos naturais (ciclo das águas entre outros), foram e são responsáveis pela constituição de estratégias adaptativas peculiares nos ambientes complexos e heterogêneos da Amazônia brasileira.

Ora, discutido anteriormente no Tópico 2.1 e 2.2, em que as atividades são desenvolvidas e moldadas pelas práticas socioprodutivas Kokama, isto é, mesmo que uma parcela da população Kokama, no Alto Solimões, estejam situados em ambiente de várzea por vezes conseguem no ato da atividade cuidar da natureza, quando usam sem esgotar os recursos disponíveis, ou deixando de realizar as atividades produtivas para o bem maior, que é cuidar/conservar a natureza visando a abundância dos recursos naturais.

Os ambientes de várzea se caracterizam por uma sazonalidade marcante devido às enchentes periódicas dos seus rios, que regulam os ciclos de vida da biota local e conseqüentemente regulam as oportunidades de subsistência disponíveis para as populações humanas. Assim como os demais componentes da biota das áreas inundáveis, as populações humanas locais precisam adotar estratégias de adaptação em relação às mudanças drásticas ocorridas na passagem entre as fases aquáticas e terrestres. Estas estratégias implicam na coordenação das atividades produtivas tais como a criação de gado, o cultivo de plantas anuais e perenes, a caça e a pesca, às modificações sazonais da paisagem e biota locais (Pereira, 2007, p. 16).

Sendo a várzea baixa, alta e/ou terra firme morada de uma diversidade de povos indígenas, onde compartilham estratégias similares uma das outras conforme as oportunidades na realidade onde vivem, nos quais estabelecem vínculos de conhecimento com concepções

assimétricas de uso dos recursos disponíveis da natureza. Tal qual, em determinadas épocas do ano alguns ambientes de trabalho deixam de ser utilizados passando a outro tipo de atividade, numa interseção de uso das terras, florestas e águas de trabalho (Witkoski, 2010).

Na Comunidade Sapotal, essa interseção entre o uso dos ambientes terrestres, florestais e águas de trabalho é comumente praticado devido à sua importância para a manutenção da vida quanto para sua produção/reprodução social, que é uma das formas encontradas para fortalecer os laços e as relações sociais do viver em comunidade, muito mais quando o lugar em que vivem é o que dá existência ao seu modo de vida, as suas formas de se relacionar com a natureza e, principalmente, ao compartilhamento dos conhecimentos acumulados.

Nesse sentido, as atividades produtivas (Figura 21 e 22) e a polivalência dos Kokama na Comunidade Sapotal têm contribuído grandemente com a preservação/conservação dos recursos naturais, uma vez que entre as atividades produtivas de extrativismo animal pesca, caça e agricultura familiar há ambientes específicos que são explorados com técnicas diferentes. Já nos dizia Silva (2009), em sua pesquisa de dissertação *Governança ambiental e segurança alimentar: a agricultura familiar no Alto Solimões, AM*, que na região do Alto Solimões “o manejo realizado pelos agricultores familiares auxilia na conservação da biodiversidade e na reconstrução das culturas para manutenção da diversidade cultural” (p. 38).

Figura 21 – Construção do Remo na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Trabalho de Campo, 2023.

Figura 22 – Pescador Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Trabalho de Campo, 2023.

A diversidade cultural presente sobre as populações tradicionais é de extrema importância para a manutenção dos ambientes de trabalho na região em questão, contudo é esta diversidade que amalgama a continuidade das práticas socioprodutivas, muito mais pelas necessidades humanas do que pela própria natureza, ou seja, “a sobrevivência de uma população depende de um balanço mínimo entre os recursos disponíveis e a demanda destas populações por estes recursos” (Pereira, 2007, p. 17).

Nesse cenário, que as populações tradicionais dependem tanto da natureza quanto a natureza delas, no caso da Comunidade Sapotal, de que forma os Kokama têm feito uso dos recursos naturais? Tal como vem sendo discutido, ao discorrer sobre as atividades produtivas Kokama, a região do Alto Solimões congrega uma diversidade de povos indígenas que vivem em comunidades ribeirinhas e fazem vizinhança uns com os outros, pelos quais apresentam percepções diferentes sobre o ambiente por eles habitados, no qual é o seu lugar de moradia e de produção para sua permanência, que se valem das possibilidades proporcionadas pela várzea para manter a relação de uso com a natureza.

As peculiaridades locais das comunidades transcendem como fator determinante para a diversificação das atividades produtivas, que em contraponto dada a vivência/experiência do morador já sabe e tem mapeado estrategicamente o período adequado para a prática ou não (Quadro 6) das atividades naquele local que pode se caracterizar como trabalho familiar ou individual, anteriormente exposto. De certa forma, a percepção familiar de uso eficiente ou por restrição para o uso comum dos recursos naturais “são estabelecidas regras internas e externas que restringem o comportamento dos indivíduos” (Noda; Noda; Silva, 2013, p. 68).

Quadro 6 – Percepção dos Moradores para a Preservação dos Recursos Naturais na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Certas atividades não são realizadas por boa parte dos moradores que visam a preservação dos recursos...	<i>“Pra não desmatar [a floresta]. Tira [madeira] o necessário pra fazer a casinha”.</i>
	<i>“Não [tiro madeira], pra não desmatar [a floresta], faz mal pro meio ambiente”.</i>
	<i>“Pra não desmatar, gente cuida dela [madeira] pra tirar no ponto de usar. Tem que tirar quando tá no ponto, não usa pra vender, só pra fazer casa”.</i>
	<i>“Não [serra], porque preservo pra poder tirar madeira pra fazer uma casa. Antes tirava madeira, hoje cuidam”.</i>
	<i>“Não caça porque é pra não afugentar os animais, pra que possam sobreviver, pra produzir. [Também] é difícil ver alguns animais [perto da comunidade]”.</i>

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Com base nas informações do Quadro 6, em relação as atividades que são realizadas por uma minoria da população devido às questões relacionadas ao cuidado/preservação dos recursos predispostos que devem ser utilizados em qualquer momento da vida na comunidade, mas alguns Kokama se devem ao respeito de enfatizar que as madeiras da floresta são cuidadas e que são extraídas quando é pra serem utilizadas na construção de casas e canoas, também, sob a atividade de caça os animais não são explorados para se reproduzirem.

Verificamos que os Kokama têm uma base que fundamenta seus princípios para a realização das atividades produtivas, que podem estar atrelados ao *modus vivendi* do povo em geral, quanto na necessidade de correlacionar suas ações num viés de uso necessários dos

recursos predisposto na natureza, principalmente os recursos fundamentais para a vida que satisfaçam às próprias necessidades do homem (Rocha, 2013).

Os conhecimentos tradicionais constituídos geracionalmente ao longo do tempo pelos povos indígenas, têm fomentado a propagação tanto do labor quanto do trabalho como condição para a vida humana (Arendt, 2007). Sendo que as populações tradicionais visam suprir as necessidades pelas práticas socioprodutivas como foi observado no decorrer do capítulo em estudo, quando consideramos as atividades de agricultura, criação animal, extrativismo animal (pesca e caça) e extrativismo vegetal (madeireiro e não madeireiro).

Tais práticas socioprodutivas se apresentam como meios para fazer uso diariamente dos recursos naturais (terra, floresta e água) tanto do ponto de vista cultural e ambiental quanto social e econômico, quando relacionamos ao fortalecimento do modo de vida e/ou dos costumes pertinentes ao povo indígena. Além do mais, percebe-se que os Kokama da Comunidade Sapotal fortalecem os vínculos sociais através do compartilhamento de conhecimentos e estratégias que qualificam suas próprias habilidades enquanto responsáveis que necessitam desenvolver as atividades produtivas.

Nesse contexto, os moradores Kokama da Comunidade Sapotal através das atividades produtivas têm transformado a própria realidade, devido a necessidade de manutenção da vida e existência da comunidade onde vivem. Ainda que essa transformação tem sido feito sob o uso de algumas técnicas laborais e de trabalho, que possibilitam a exploração dos recursos naturais para a produção/reprodução social da vida, que resulta de um ato pelo qual o homem transforma a si mesmo e a natureza predisposta.

Num viés de relação e pela proximidade do Capítulo 2 para o seguinte Capítulo 3, no qual devem ser consideradas o lugar e espaço como eixos primários para a vida Kokama em comunidade, além do mais pela singularidade da comunidade em relação as relações de trocas entre os agentes de comercialização para a venda dos produtos Kokama. Nesse sentido, o lugar possibilita a continuidade das práticas culturais pela disponibilidade de recursos naturais que satisfazem as necessidades das famílias, conquanto que desse amaranhado suscite o bem viver Kokama dentro de seu mundo que é a comunidade.

Também, no Capítulo 3 devemos discorrer sobre a prática de comercialização da produção material resultantes das atividades produtivas Kokama, que por vezes acontecem na própria comunidade e/ou fora dela, pelo qual deverá se compreender a necessidade da obtenção de dinheiro, devendo estar relacionado em adquirir mercadorias não produzidos pelos moradores na comunidade, isto é, produtos industrializados que atendem nas necessidades dos membros da família entre outras temáticas pertinentes ao Capítulo 3.

CAPÍTULO 3

LUGAR E ESPAÇO DA VIDA KOKAMA: DILEMAS DA TROCA

KAPITULU 3

TUPA TUYUKA KAKIRIN KATA KUKAMA: PARIATSUKANA UKUA-TA

Toda forma de produção não deixa de ser uma forma de apropriação da natureza, praticada por indivíduos, no âmago de um modo singular de organização social, visando a reproduzir a própria condição de existência (Witkoski, 2010, p. 349).

Podemos dar início à discussão do presente capítulo em paralelo a algumas questões constituídas na abordagem dos temas já discutidos, assim, as atividades produtivas realizadas pelos Kokama são únicas formas de transformação do espaço, principalmente da comunidade enquanto lugar de morada para a vida? É difícil definir que a transformação do espaço ocorra por vias únicas e/ou exclusivas ao tomarmos de conta que vivemos em uma realidade complexa, que resulta dos ambientes heterogêneos complexos dada as suas peculiaridades, além do mais é o espaço que dá existência às relações, à diversidade (Motta, 2003).

Sendo assim, neste capítulo devemos evidenciar a *Comunidade Kokama Sapotal: o lugar e o bem viver*, enquanto lugar da vida Kokama diante das atividades produtivas que podem e/ou estão relacionadas ao conceito de *Bem Viver*. Esta última nos remete a pensar/imaginar um mundo onde ambas as partes (homem entre os outros animais quanto natureza) se respeitam entre si e uns com os outros⁵⁰, logo que exacerbar o uso dos recursos e superar os limites naturais colocaremos em risco a vida humana (Acosta, 2016).

Nessa perspectiva, conforme a discussão do lugar e do bem viver em comunidade, discorreremos sobre o *Espaço e as relações de troca – a venda dos produtos Kokama e a necessidade da compra de mercadorias*, que é uma das formas encontradas pelos Kokama para adquirir produtos que não são produzidos na comunidade e que são ofertados pelos *agentes da comercialização*, hoje sendo responsável pela introdução de mercadorias necessárias aos moradores, do qual denota o *Equilíbrio da vida Kokama* na Comunidade Sapotal.

⁵⁰ Cruz (2007), em seu estudo sobre os ribeirinhos/camponeses da várzea de Manacapuru (AM), enfatiza que “se o rio oferece os seus alimentos, fertiliza as suas margens no subir e baixar das águas, o camponês-ribeirinho oferece sua proteção (...) nascem desta relação dialética da humanização da natureza e naturalização do homem” (p. 8).

3.1 Comunidade Kokama Sapotal: o lugar e o bem viver

3.1 Ritamaka Kukama Aterepan: tupa era kakiri

O homem e a mulher da várzea na Amazônia brasileira, que vivem em comunidades, constituíram ao longo do tempo uma relação de uso necessário da natureza, que possibilita imaginar enfaticamente a constituição de um saber ambiental⁵¹, retratado a partir do conceito de Leff, como uma forma de fortalecer as relações sociais e naturais através de um diálogo de saberes, que por sua vez apresentam concepções e perspectivas diferentes.

São essas concepções e perspectivas diferentes que ecoam sobre as comunidades indígenas, muito mais quando alicerçado ao lugar que não deixa de estar relacionado ao modo de vida do grupo social, a partir das atividades socioprodutivas que desenvolvem nos diferentes ambientes de trabalho. O homem como meio de ação que transforma o espaço da comunidade deve reavivar o seu dever de “pura e simplesmente, é de ajudar uns aos outros e, assim temos pura e simplesmente o direito de esperar obter a ajuda de que precisamos” (Bauman, 2003, p. 8), que é um fato presente na relação da sociedade com a natureza.

É nesse lugar⁵² onde ocorrem as coisas da vida, do que é preciso o homem fazer para a manutenção da vida física e social, da continuidade das práticas culturais, da familiaridade constituída, uma vez que o espaço físico voltado para lugar enquanto conceito denota sentimentos de familiaridade, em razão das ações que os homens desprendem como forma de dar valor sentimental, por isso no lugar desdobram-se as relações sociais e as produções materiais/simbólicas da vida dos indivíduos (Souza, 2015).

Sendo assim, podemos enfaticamente ressaltar que a comunidade enquanto lugar das relações sociais, também pode e deve ser compreendida como um caminho para a abertura de outros horizontes que hoje estão invisibilizados pelo grande conhecimento não indígena que detêm o poder da certeza entre meio a outras identidades e diversidade de saberes tradicionais situados nos diversos cantos do mundo. Por ventura, deve-se considerar que tais identidades apresentam uma gama de conhecimentos tradicionais necessários à vida.

E pensar que as comunidades, da relação do homem com os recursos naturais, fazem uso da natureza por uma via dupla, num primeiro momento a manutenção da vida e, em seguida, a conservação dos ambientes explorados. Portanto, na Comunidade Sapotal os Kokama têm

⁵¹ De acordo com Leff (2004), “o saber ambiental constrói-se no encontro de racionalidades e identidades, marcado pela abertura do saber à diversidade, à diferença e à outridade, questionando a historicidade da verdade, abrindo o campo do conhecimento para a utopia, para o não saber que alimenta as verdades por vir” (p. 25).

⁵² Onde se manifestam toda prática produtiva e cotidiana dos moradores, algumas em razão das necessidades humanas, outras simplesmente pelo prazer de socialmente estar envolvido nas atividades comunitária. Portanto, “os locais são valorados pela produção e reprodução da vida doméstica, como lugar de fornecimento de alimento e como ‘estradas’, vias de acesso, conduzindo-os em movimento de ir e vir” (Dácio, 2017, p. 67).

demonstrado que é possível dar continuidade a essa relação de uso das atividades produtivas sobre a natureza, ambas as partes oferecem aquilo que podem, pois, quando em período de cheia (Figura 23) as atividades são programadas conforme a disponibilidade de recursos naturais, sendo que o mesmo ocorre em período de seca do rio (Figura 24).

Figura 23 – Período de Cheia na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Trabalho de Campo, 2023.

Figura 24 – Período de Seca na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Trabalho de Campo, 2023.

É pertinente enfatizar que dessa relação ser-lugar na comunidade enraizado nos Kokama, que não é influenciável e é algo do concreto pensado, do compartilhamento de conhecimento e de suas experiências de vida, desaguará para um bem viver do próprio sujeito em seu mundo. Ao entender que o bem viver enquanto conceito se apoia num saber ambiental, numa racionalidade econômica viável que beneficie tanto o homem quanto a natureza, em proporção das diversas atividades produtivas e não produtivas, buscando privilegiar uma relação sustentável (Alcântara; Sampaio, 2017).

Conforme Acosta (2016), o Bem Viver enquanto conceito/proposta em construção tem uma visão diferente do que a que persiste atualmente, de certa maneira provoca tensões e embates na sociedade entre os sujeitos envolvidos que se veem de diversos lugares, dos quais vivem e tem realidades totalmente diferentes uma da outra.

Com sua proposta de harmonia com a Natureza, reciprocidade, relacionalidade, complementaridade e solidariedade entre indivíduos e comunidades, com sua oposição ao conceito de acumulação perpétua, com seu regresso a valores de uso, o Bem Viver, uma ideia em construção, livre de preconceitos, abre as portas para a formulação de visões alternativas de vida (Acosta, 2016, p. 45).

Para além da ideia de regresso a valores de uso, logo que a maioria das sociedades fazem isso há muito tempo, principalmente as sociedades indígenas que têm seus modos de vida imbricados no espaço vivido por eles mesmos. Deram sentido e significado conforme os usos

necessários dos recursos provenientes das atividades, sendo os sujeitos um ser múltiplo que transforma o espaço na sua existência cotidiana.

Nesse sentido, as comunidades indígenas diante os diversos lugares em que se encontram têm convivido com um Bem Viver revelado no modo de vida levada pelos moradores, constituído na “distribuição do tempo disponível entre diversas atividades produtivas e não produtivas, e a eficiência de seus processos de trabalho se estabelecem em função dos espaços territoriais, as formas de propriedade e as unidades legais de produção dos diferentes grupos culturais” (Leff, 2006, p. 433).

De grosso modo, são essas atividades produtivas idealizadas e desenvolvidas pelos sujeitos sociais que dão suporte ao estabelecimento das sociedades através de usos necessários para a vida que são feitos dos recursos naturais predispostos no ambiente onde vivem e convivem. O Bem Viver se caracteriza pelas singularidades do conhecimento acumulado e peculiaridades do modo de vida, enquanto se apresenta e pode ser observável em alguns casos pela possibilidade de uso necessário da natureza, pelo qual afloram e tomam destaque as múltiplas expressões culturais (Alcântara, 2019).

Isso nos leva a refletir que na Comunidade Sapotal, as expressões culturais são fundamentais tanto para o desenvolvimento das atividades quanto para o Bem Viver naquele espaço vivido pelos Kokama. Onde, ao mesmo tempo que, os lugares são transformados e ressignificados, está ressignificação deve-se a importância dos ambientes de trabalho e pelo mantimento centrada na autogestão do espaço, bem como dos lugares explorados/acessados pelos moradores que vivem em comunidade.

Pelas peculiaridades da comunidade indígena, até mesmo pelas estratégias adaptativas, viabilizaram uma alternativa de vida autônoma e uso consciente da natureza em relação aos seres humanos, conforme Toledo e Barrera-Bassols (2015), quando atrelados aos conhecimentos tradicionais “no contexto de uma economia de subsistência, torna-se um componente ainda mais decisivo no desenho e na implantação de estratégias de sobrevivência baseadas no uso múltiplo dos recursos naturais” (p. 91).

E quando nos reportamos aos povos da floresta Amazônica, não obstante, é essa diversidade de populações tradicionais ou povos indígenas, diante a multiplicidade de culturas, modos de vida, meios de manutenção da vida, as relações sociais constituídas dentro das particularidades da realidade onde vivem que fortalecem ainda mais a concretização e implementação do Bem Viver enquanto componente da vida para uso eficiente dos recursos naturais que satisfaça as necessidades humanas (Acosta, 2016).

Para além disso, pela fundamental finalidade para a manutenção da vida física e social, cremos que tanto na Comunidade Sapotal, as atividades produtivas (apresentado anteriormente no Capítulo 2) tem possibilitado aos sujeitos sociais desenvolver um Bem Viver apropriado ao lugar em que residem, presente na relação com entorno natural e social, pela convivência dos moradores, preservação dos modos de vida e no respeito à natureza.

3.2 Para além do lugar: espaço e as relações de troca – a venda dos produtos Kokama e a necessidade da compra de mercadorias (os agentes da comercialização)

3.2 Mira amatupa tupaka: tuyuka kumitsakana ukua-ta – purepeta yatiriipukana Kukama tsachikana purepe yatiriipukana (awakana tsikikana)

Os povos indígenas, ou populações tradicionais, através das atividades produtivas têm demonstrado que são capazes de produzir mercadorias para manutenção da família, uma vez que os produtos oriundos de determinadas atividades servem tanto para consumo quanto para a comercialização dos mesmos, que de maneira direta contribuem para a dinamicidade da vida e as relações de troca na comunidade e fora dela, resultando na introdução/participação dos sujeitos sociais ao mercado local. Conforme Fraxe (2004), são nessas relações de troca que ocorre a apropriação dos produtos:

(...) por um conjunto de agentes de comercialização: marreteiro, marreteiro-feirante, regatão e patrão. É nas relações mantidas entre os ribeirinhos e os agentes de comercialização que está representado um dos momentos mais importantes, senão o mais importante, de subordinação do ribeirinho à “lógica” do capital comercial. A inexistência de uma política agrária voltada para a região amazônica provavelmente é um dos principais fatores que favorecem o aparecimento de agentes de comercialização (Fraxe, 2004, p. 145).

Logo os produtos comercializáveis, responsáveis pelas relações de troca dos indígenas com os agentes de comercialização, são oriundos e resultados de todo um processo de trabalho minucioso da unidade familiar. No caso dos Kokama, sendo a unidade de produção responsável pelas estratégias adotadas entre as forças de trabalho necessário, instrumentos de trabalho e, principalmente, tempo dedicado à atividade, são alguns aspectos fundamentais que condicionam os indivíduos a produzir algo para transformar em mercadoria.

No decorrer da coleta de dados durante a pesquisa de campo, podemos observar que os moradores Kokama fundamentam suas atividades para produzir algo que subsidie alimentos para a família. Essa acepção está mais além de simplesmente se obter alimento. Para isso precisam de alguns instrumentos que não são produzidos na comunidade e que são encontrados na cidade (sede municipal). Segundo Ramos (1988), por mera colocação relacionada à questão, “na realidade, as demandas econômicas de uma sociedade indígena são minúsculas quando

comparadas com as de uma sociedade industrial, que, para garantir a sua própria continuidade, necessita criar sempre novas demandas de mercado” (p. 28).

Longe de fazer uma comparação, até mesmo pela questão que nos remete à economia local constituída na comunidade, que não necessariamente demanda uma produção em larga escala para a existência da comunidade. Ao perceber que os moradores se valem dos resultados obtidos com as atividades produtivas, em concordância com Ramos (2003), “o hábito alimentar Kokama consiste basicamente no consumo de produtos agrícolas, da pesca e da caça, sendo enriquecido com os mais variados tipos de frutas” (p. 26-27), dos quais boa parte por alternativa/opção familiar são comercializados.

Então, percebe-se que as famílias Kokama não procuram o mercado de imediato, logo que a sua inserção para a venda na comunidade ou no mercado local se deve às necessidades de fazer uso de outros objetos. Conforme exposto por Witkoski (2010), quando oportunamente se debruçou em estudar o camponês amazônico:

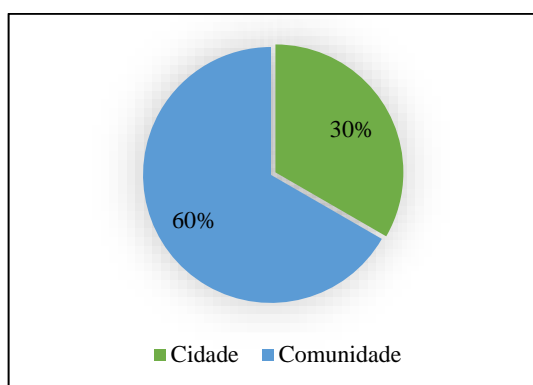
Se o camponês pudesse produzir de modo auto-suficiente para subsistência, ele o faria. O problema é que ele não consegue fazê-lo. Essa impossibilidade impulsiona-o a relacionar-se com o mercado, tendo duas (e somente duas) opções: 1) compra um conjunto de valores de uso, para satisfazer suas necessidades e as de sua família – alimentos (...) 2) compra valores de uso, para produzir valores de uso para a subsistência da família camponesa (independentemente de todos trabalharem ou não) e para produzir valores de uso para o mercado, com a intenção de comercializá-los e obter dinheiro para adquirir outros valores de uso, num círculo inacabado de trocas (Witkoski, 2010, p. 364).

Ainda que seja compreendido como uma forma de atender as necessidades da família Kokama, bem como constituir as próprias relações comerciais e/ou de troca no mercado local, é algo que acontece cumulativamente pelo fato dos Kokama serem também produtores e precisam se relacionar/envolver-se nesse mercado transfronteiriço para usufruir de objetos para o consumo individual/coletivo e/ou produtivo. Como bem destaca Witkoski (2010), que as populações tradicionais exercem determinadas atividades produtivas para que sejam ou são inseridos no mercado que os circundam, pelos quais estabelecem relações comerciais com agentes de comercialização pertencentes ao país da Colômbia.

Nesse caso, como uma das características das relações sociais de troca têm um caráter de círculo vicioso, onde os sujeitos sociais envolvidos circundam por um caminho de encontro com o mesmo propósito, uma vez que o morador Kokama enquanto produtor (Gráfico 7 e 8) “venderá seus produtos para adquirir outros, qualitativamente diferentes, que possam satisfazer suas necessidades de consumo individual ou produtivo” (Fraxe, 2011, p. 160), ou seja, o mercado local transfronteiriço possibilita ao Kokama obter diferentes valores de uso.

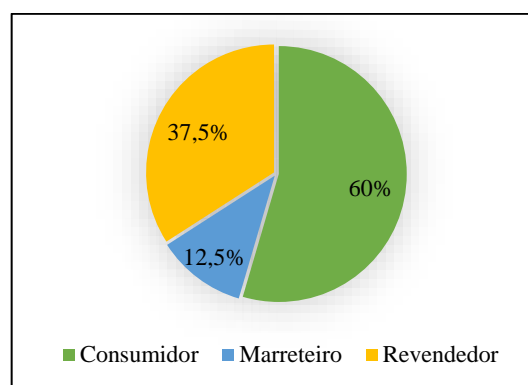
Com base nas informações do Gráfico 7, levantadas juntamente com os moradores da Comunidade Sapotal, as relações de troca dos produtos agrícolas acontecem na própria comunidade (60%) e, também, na cidade (30%). Isto é, a dinâmica do espaço é essencial para a troca de mercadorias, portanto, os sujeitos que adquirem os produtos foram identificados, no Gráfico 8, como, consumidor⁵³ (60%), marreteiro⁵³ (12,5%) e/ou revendedor⁵³ (37,5%).

Gráfico 7 – Lugar de Venda dos Produtos Agrícolas Cultivados na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023.
Organizado por Brian Sanches, 2023.

Gráfico 8 – Agentes que Compram Produtos dos Moradores Kokama da Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023.
Organizado por Brian Sanches, 2023.

Na Comunidade Sapotal nem todas as famílias comercializam suas produções, onde podemos verificar que somente 60% das famílias colocam seus produtos à venda, dos quais 40% dos moradores produzem especificamente para o consumo familiar. Conforme os dados de campo, os produtos comercializados na comunidade são vendidos para o consumidor direto (Figura 25 e 26) quanto para o revendedor, já na cidade as relações de troca acontecem com o marreteiro e o revendedor, que se deve ao curto período que os Kokama dispõem quando estão na cidade para resolver questões familiares ou até mesmo para o recebimento dos benefícios sociais, como, o Bolsa Família e Aposentadoria.

⁵³ Neste trabalho, para melhor entendimento do conceito de Consumidor, Marreteiro e Revendedor, devemos entender que se tratam de agentes da comercialização com diferentes finalidades. O consumidor é a pessoa que adquire o produto para o consumo próprio/direto, ou seja, é o sujeito que consome algo produzido e vendido pelo próprio produtor. Por vez, o marreteiro é aquele que obtém o produto por um valor baixo, mas não para consumo, e o desloca de um lugar para outro à procura de outros consumidores, dos quais obterão o produto fracionado (quilo ou unidade) e por um valor médio ou alto que renderá ao marreteiro um valor a mais do que foi pago na compra. Já o revendedor, é o sujeito que revende o produto como ela é obtida, isto é, o produto não é dividido e é revendido na mesma localidade ou em outro lugar de sua obtenção, assim, o revendedor revende o produto como adquirido por um valor acima do que o pago ao produtor responsável.

Figura 25 – Mulher Kokama Preparando a Farinha de Mandioca para Venda na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Trabalho de Campo, 2023.

Figura 26 – Relação de Troca (Mercadoria-Dinheiro) entre Produtor e Consumidor na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Trabalho de Campo, 2023.

Na Figura 25 e 26, constata-se o momento de venda da farinha de mandioca amarela presente na dieta alimentar Kokama, figura como um dos principais recursos de troca interna e de comercialização com os de fora (Tabela 25). Além da farinha, tem-se a banana, macaxeira, milho, açaí e melancia comercializáveis na comunidade, sendo que as três primeiras – farinha, banana e macaxeira – por terem uma demanda maior também são vendidos na cidade.

Tabela 25 – Prática de Comercialização dos Produtos Agrícolas na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Características Gerais		%
Responsável que Coloca Preço	Comprador	–
	Produtor	100,0
Forma de Pagamento	Dinheiro	97,5
	Troca Produto	2,5
Valor Comunidade/ Cidade	Igual	–
	Menor	100,0

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

No espaço social da Comunidade Sapotal, além de considerar o entorno da área que a corresponde, os ambientes de trabalho agrícola⁵⁴ ocorrem sob áreas medindo cem metros quadrado, aproximadamente. Segundo os moradores, é o suficiente para cultivar uma produção que atenda as necessidades da família. Em concordância com Ramos (2004), nos ambientes

⁵⁴ Conforme Noda *et al.* (2007), “a diversidade de produtos originados em áreas de várzea é um importante fator que garante a sustentabilidade dos sistemas de produção nestes espaços. As incertezas resultantes das condições de mercado (preço e demanda) bem como das variações sofridas na produção em função das condições ambientais (enchente, seca...) levam a manutenção desta diversidade, favorecendo a adaptabilidade do sistema” (p. 43).

agrícolas “a área cultivada varia conforme o tamanho da unidade familiar e a quantidade de membros em idade economicamente ativa” (p. 27).

A unidade familiar leva seus produtos para a cidade pela disponibilidade da produção para consumo ou venda, logo que o escoamento da produção até o sujeito que revende é um trabalho árduo, ao mesmo tempo que demanda mais tempo. Assim, narra uma das interlocutoras: “*na hora de vender, gente chega lá [cidade] tem pessoas que moram lá, que querem comprar [farinha, banana], mas eles não querem o preço que a gente pede, eles querem o preço deles, né, bem assim, baratinho demais eles querem*” (S. S. A. 31 anos).

O escoamento dos produtos é considerado necessário porque tem a ver com as necessidades de obter objetos/materiais ou bens de consumo para a família, por isso que algumas famílias levam até a cidade, geralmente, fazendo uso da canoa e rabeta⁵⁵ própria, em alguns casos são emprestadas para a realização da atividade.

Na Tabela 25, os dados denotam que quem coloca os preços dos produtos agrícolas é o próprio produtor (100%), pois, nas palavras dos moradores “*tem que ser o dono, se o outro colocar vai ser menos*” e “*dá trabalho, gasto pra levar*”. No qual a forma de pagamento se dá por duas vias ou em dinheiro (97,5%) e/ou troca de produto (2,5%), está última ocorre quando ambos os moradores não tem o valor de uso que o outro detêm, ou seja, ocorre um ciclo de troca mercadoria-mercadoria numa relação não monetária.

Ainda que os preços (Tabela 25) quando comparados da cidade para a comunidade seja maior e elasticamente variável, se encaixa numa diferença média de R\$ 25,00, conquanto que o faturamento diário é em média R\$ 65,00 e mensal R\$ 635,00 quando os Kokama estão em época de produção e colheita agrícola (precisamente de novembro a fevereiro). Assim, podemos dizer que esse faturamento se dá esporadicamente nos meses mencionados.

Os dados de campo permitem auferir em relação ao preço médio dos produtos quando vendidos: cacho de banana – R\$ 32,00; paneiro farinha de mandioca – R\$ 177,00; e, meia lata de farinha – R\$ 70,00, ao mesmo tempo que o preço dos produtos não é algo fixo, uma vez que varia conforme o estado e a qualidade do produto. Constatamos que de uma safra cultivada, as famílias Kokama conseguem fazer uma colheita de em média 95 cachos de banana, 17 paneiros de farinha e 15 sacas de macaxeira.

⁵⁵ Motor de pequeno porte (5,5 a 13 HP), utilizado em embarcações regionais, geralmente, a canoa e o motor rabeta (pec-pec) são instrumentos essenciais para quem vive em comunidades, dentro da sua utilidade serve para o transporte de pessoas e de produtos, também, um outro componente é a gasolina. Dessa maneira, acesso dos lugares ocorre pelo uso da canoa, motor rabeta e gasolina (Silva, 2009).

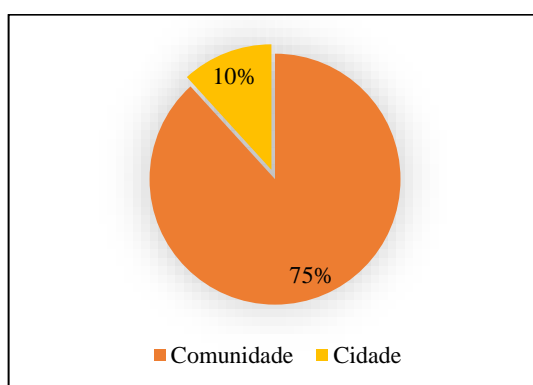
A farinha ela é o mesmo preço, né, agora a banana não, por causa dos tamanhos, porque às vezes tem uns grandes, tem uns pequenos, tens uns grandes que são meio magros, agora os grandes que são gordos já são mais caro, aí o pequeno que são gordos e bem bonitos também são caro, os mais murcho um pouco são mais barato (S. S. A. 31 anos, Agricultora e Moradora da Comunidade Sapotal).

Se tu plantas e tu pesca, um pouco tu deixas pra você e um pouco você vende pra tirar o sustento daí, então, é os dois lados, né, pra tu comer e vender um pouquinho (Sr. L. C. S. 57 anos, Agricultor, Pescador e Cacique da Comunidade Sapotal).

Em todas as dimensões das atividades produtivas é inevitável a prática de comercialização dos produtos Kokama, devido à sua importância dessa relação dos Kokama com os agentes de comercialização no mercado, que no caso da produção agrícola ocorrem em épocas/meses determinados pelo tempo ecológico (enchente, cheia, vazante e seca), fazendo com que os produtos sejam vendidos em meses estritamente sem opção/alternativa de escolha dada ao preço e demandas da mercadoria.

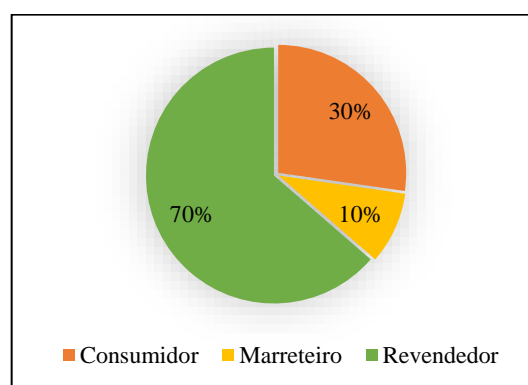
Diferentemente da produção comercializável pela atividade de pesca, como já dito pelos moradores Kokama, tanto na esfera da agricultura quanto no da pesca (Gráfico 9 e 10) as vendas são conforme a produção ou produtos que dispõem e o sujeito/agente que adquire na compra, isto é, em relação aos produtos agrícolas percebe-se que o preço dado é conforme a qualidade do produto, já na pesca os peixes de couro têm valor fixo imposto pelo comprador e, os de escama é o dono quem coloca.

Gráfico 9 – Lugar de Venda dos Peixes de Couro e Escama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023.
Organizado por Brian Sanches, 2023.

Gráfico 10 – Agentes que Compram Peixes dos Moradores Kokama da Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023.
Organizado por Brian Sanches, 2023.

Como apresentado no Gráfico 9, como lugar de venda dos peixes também ocorre na comunidade (75%) e/ou na cidade (10%), muito mais pela oportunidade de troca de um valor de uso pela moeda (veremos adiante na Tabela 26). Desse modo, no Gráfico 10 foram identificados os sujeitos que compram os peixes representados pelo consumidor (30%),

marreteiro (10%) e/ou revendedor (70%), sendo que no caso do revendedor como agente de comercialização, a partir das próprias conjugações dada pelos moradores, é preciso destacar que a figura do revendedor na comunidade ganha outras denominações pelo papel que exerce para com os Kokama que executam a atividade de pesca na captura dos peixes de couro, também, são identificados de comprador, comerciante e, principalmente patrão⁵⁶.

As relações comerciais são importantes para as populações que vivem em comunidade, quando essa dualidade de produtividade que são constituídas no decorrer de realização da atividade de pesca, se devem à finalidade fundamental do sujeito que exerce a pesca como meio de manutenção da vida – consumo e venda. Explícito no relato do morador:

Pra você tirar um sustento, como, por exemplo, se eu for pescar, eu vou com dois pensamentos, hoje eu vou pescar pra vender e pra comer; Eu quero uma produção boa hoje, então, eu vou mais cedo, ali eu vou pescar de malhadeira, [também] de caniço ou flecha, já pro alimento pra casa, pra comer, e cada vez mais, por exemplo, um pouco daqui e um pouco daqui a produção rapidinho vai crescer (L. J. S. 31 anos, Pescador e Morador da Comunidade Sapotal).

Nesse sentido, podemos dizer que os peixes de couro (Figura 27) são vendidos e os de escama mais para consumo do que venda, assim quando os peixes de couro são capturados no rio, os Kokama conseguem apanhar em média 14,5 Kg a 29 Kg por dia, um dado construto e não absoluto, com exceção das épocas de piracema em que o quantitativo de captura é maior, sendo que o preço/valor dos peixes de couro caracteriza-se por em média R\$ 9,50 o Kg. Já os peixes de escama são vendidos por cambada de oito peixes, geralmente são de diversas espécies de peixes, bem como de uma só espécie de peixe.

Tanto o consumo quanto a comercialização das espécies de peixes capturadas ocorrem na própria comunidade, raramente os moradores levam sua produção para vender na cidade, devido à presença do patrão que movimenta parte da economia local. Porém, em determinados casos algumas famílias escoam/deslocam sua produção até a cidade visando obter uma renda maior do que seria obtido se vende-se os peixes na comunidade, já na cidade se relaciona diretamente com o marreteiro/revendedores locais.

É um fato reafirmar que escoar a produção de pesca até a cidade não é algo inviável, mas também requer tempo para quem é o responsável por desenvolver a atividade em diferentes locais de trabalho. Dessa forma, assim como veremos na Tabela 26, as relações de troca da

⁵⁶ Diferentemente das outras atividades produtivas, diante a realização da pesca na Comunidade Sapotal tem se configurado o patrão, denominação dada ao sujeito que adquire os peixes liso (de couro) por meio da troca de mercadoria (peixe) por dinheiro para revenda na cidade. Mas, também, o sujeito identificado como patrão tem se demonstrado um grande parceiro aos pescadores Kokama, que conforme as necessidades dos pescadores na solicitação de materiais e/ou adiantamento financeiro tem sido atendido pelo patrão.

produção pesqueira sobre os peixes de escama se dão com o marreteiro e, os peixes de couro com o revendedor dono de frigorífico situado em Letícia (Colômbia).

Essa relação social e comercial transfronteiriça resulta da presença da população peruana, colombiana e brasileira, que se relacionam pela disposição do espaço em que se encontram, onde os agentes de comercialização colombianos tomam destaque diante a relação social/comercial constituída juntamente ao patrão Kokama que se desloca da comunidade para escoar os peixes de couro até a balsa fluvial situado em território colombiano. Para nosso melhor conhecimento, Letícia é uma cidade situado a margem esquerda do rio Amazonas e capital do Estado do Amazonas pertencente a Colômbia, onde faz vizinhança com a cidade de Tabatinga (Brasil) e Santa Rosa (Peru).

Figura 27 – Jovem Kokama Tratando o Dourado (*Brachyplatystoma Rosseauxii*) para Venda na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Trabalho de Campo, 2023.

Na Figura 27, toma destaque um dos momentos da prática de pesca em que o peixe liso ou de couro capturado é tratado pelo jovem Kokama para em seguida ser comercializado com o patrão que compra os peixes e os revende na cidade (Tabela 26), mais precisamente no frigorífico em Letícia, é uma cidade que pertence a Colômbia. Já dizia Ramos (2004), que para os Kokama “o peixe é percebido como o alimento por excelência e serve como elemento de trocas internas e de comercialização com os regionais” (p. 27).

Embora os Kokama sejam inseridos ou se inserem nessa dinâmica do mercado e “lógica” do capital, não podemos desconsiderar que esse movimento tem proporcionado a existência da comunidade. Sendo que a maioria das famílias entrevistadas, comprovadas na narrativa dos moradores, capturam os peixes de escama e couro para consumo e/ou venda na própria comunidade como na cidade, meios pelos quais as famílias Kokama conseguem obter dinheiro, portanto, na maioria dos casos a presença do revendedor/patrão favorece e desfavorece o rendimento da atividade de pesca.

Tabela 26 – Prática de Comercialização dos Peixes de Couro e Escama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Características Gerais		%
Responsável que Coloca Preço	Comprador*	70,0
	Pescador**	17,5
Forma de Pagamento	Dinheiro	87,5
	Troca Produto	–
Local de Venda	Frigorífico (Letícia)	80,0
	Mercado (Tabatinga)	7,5
Embarcação de Transporte	Canoa e Rabeta	25,0
	Voadeira	–

Legenda: *Identificado diretamente como comprador, não deixa de ser considerado revendedor e patrão, que adquire os peixes de couro;

**Quando nos reportamos para os peixes de escama que são comercializados por cambada/sarta no valor de R\$ 15,00 a 20,00 na própria comunidade.

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Em relação ao responsável que coloca o preço do peixe, exposto na Tabela 26, os 70% que afirmaram ser o comprador quem dá o preço ou já tem um preço para os peixes, deve-se aos pescadores que se dedicam na captura dos peixes de couro, logo que comprador, ao mesmo tempo revendedor/patrão, paga por quilograma com um preço abaixo (em média R\$ 2 a 4 reais) do que pagam quando vendido em frigorífico na cidade. Os outros 17,5% disseram ser o próprio pescador que dá o preço para a venda, neste caso os Kokama que pescam peixes de escama quando vendem por cambada por um preço aproximado de R\$ 15 a 20.

Constituído numa relação de troca de produtos por moeda, as famílias que praticam a pesca afirmaram que quando vendem os peixes a forma de pagamento é em dinheiro/moeda (87,5%). Além disso, observamos que pelas relações mantidas têm conhecimento de onde os peixes de couro são vendidos pelo patrão – 80% dos Kokama disseram ser no frigorífico (bodega) em Letícia (Colômbia), devido aos preços dos peixes e ao valor da moeda brasileira

(real), considerada um ganho a mais do excedente apropriado. Já 7,5% confirmaram frequentar o mercado de peixe em Tabatinga para venda dos peixes de escama.

Para a comercialização dos peixes as relações de troca são constituídas entre indivíduos situados em localidades diferentes. Os Kokama responsáveis pela pesca escoam a produção, na qual tanto os pescadores como o patrão se utilizam da canoa e rabeta (25%) para o transporte dos peixes da comunidade até a cidade. Também, foi possível fazer o levantamento do faturamento diário e mensal estimado pelos Kokama, assim, conforme os dados, conseguem obter em média R\$ 80,00, já mensalmente se equivale a R\$ 1.075,00.

Tabela 27 – Prática de Comercialização dos Animais de Caça na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Características Gerais		%
Responsável que Coloca Preço	Comprador	–
	Responsável	2,5
Forma de Pagamento	Dinheiro	2,5
	Troca Produto	–
Local de Venda	Cidade	–
	Comunidade	2,5

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Distintamente das atividades produtivas apresentadas anteriormente, “se comparada a pesca e a agricultura, sua escala de produção e consumo é bem menor. Isto se deve, por um lado, à própria tradição cultural do grupo e, por outro, à significativa diminuição da quantidade e variedade das espécies encontradas” (Ramos, 2004, p. 28). Ainda que a atividade de caça seja muito pouco difundida pelos Kokama, os moradores ressaltaram consumir carne quando compram dos sujeitos que fazem a captura dos animais, pelo qual é o próprio responsável da caça quem coloca o preço para a comercialização (2,5%).

Sendo a caça vendida na comunidade para os moradores numa relação de troca do produto com moeda/dinheiro (Tabela 27). Diferente das outras atividades mencionadas até o presente momento, segundo os dados levantados, quando a família Kokama comercializa a caça conseguem obter um faturamento diário em média de R\$ 90,00, porém salientamos que a prática da caça acontece esporadicamente entre uma ou duas vezes no mês.

Tabela 28 – Prática de Comercialização dos Animais de Criação na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Características Gerais		%
Responsável que Coloca Preço	Comprador	–
	Responsável	22,5
Sujeito que Compra	Consumidor	22,5
	Marreteiro	5,0
	Revendedor	2,5
Forma de Pagamento	Dinheiro	22,5
	Troca Produto	–

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

Além da agricultura e pesca, a criação animal é outra atividade que os agentes de comercialização têm relações de troca, tipificados de revendedor (2,5%) e marreteiro (5%) que revendem (Tabela 28), e consumidor (22,5%) que compra para o consumo direto. E quem coloca o preço é o dono/responsável (22,5%), igualmente como nas relações de troca da caça e da pesca, os animais de criação com valor de uso são trocados pela moeda.

Sendo assim, aqui podemos considerar os preços unitários de venda dos animais, representados da seguinte maneira: galinha – R\$ 35,00; galo – R\$ 35,00; porco pequeno – R\$ 150,00; porco grande – R\$ 500,00/800,00; galinha de granja – R\$ 20,00/40,00; pato pequeno – R\$ 20,00; pato fêmea – R\$ 25,00; pato macho – R\$ 35,00/40,00; e, patarrão – R\$ 50,00. Pelo qual resulta num faturamento diário em média de R\$ 50,00 e mensal de R\$ 360,00, uma vez que a venda ocorre casualmente em pequena quantidade.

3.3 O equilíbrio da vida Kokama: dependência e/ou independência do mercado?

3.3 Ta-mari kakirin Kukama: yatiri/tima yatiri ukua-ta kana?

O homem Kokama enquanto sujeito responsável pela manutenção física e social da vida, bem como a produção e reprodução da vida social, se dedica a diversas atividades produtivas para a própria manutenção. Na Comunidade Sapotal, as famílias Kokama se tornam polivalentes devido à grande necessidade de sustentar a si mesmo para a sua permanência na comunidade, quando entendemos que são meios encontrados para manter o equilíbrio da vida Kokama, considerando as relações de troca dos produtos com valores de uso por um outro valor de uso necessário ou até mesmo pela moeda.

Nesse contexto, as relações sociais constituídas e estabelecidas pelos Kokama da Comunidade Sapotal tomam destaque pela ambiguidade do mercado transfronteiriço presente

nessa relação entre os indivíduos. Essas relações comerciais e sociais tem uma característica particular devido aos lugares de morada dos sujeitos envolvidos, além dos interesses imbricados em ambas as partes, quando o patrão Kokama visa recuperar o dinheiro e uma porcentagem a mais do que o gasto na obtenção do peixe, conquanto que o comprador colombiano tem por finalidade adquirir o peixe de couro para abastecer os restaurantes na região de Letícia, bem como a cidade de Bogotá, que é a capital de Colômbia.

Ora, conforme as discussões traçadas a respeito dos temas inerentes à realidade vivida pelos Kokama (Figura 28), ainda que as relações de troca coexistam com os agentes de comercialização, se devem ao fato comprovado de que as famílias exercem suas atividades num sentido/viés para adquirir um outro objeto que satisfaça às suas necessidades, pelo qual já faz parte do seu espaço vivido cotidianamente, por isso e somente por isso se inserem na “lógica” do capital, mesmo compreendendo que seja um comportamento inevitável pela forma de obtenção ou compra de novos valores de usos (Witkoski, 2010).

Nessa perspectiva, podemos assim dizer que nessas relações há um meio termo em relação à dependência ou independência do mercado, muito mais porque sendo a unidade familiar responsável pela produção de produtos destinados ao autoconsumo, também tem escolha de colocar boa parte do excedente à comercialização resultantes dos rendimentos provenientes das atividades produtivas apresentadas anteriormente, que mesmo assim deverá se relacionar com o mercado para obter um objeto não fabricado na comunidade, por isso que acontece “de forma complementar e simultânea, a combinação de duas atividades econômicas: produção de meios de vida e produção de mercadorias” (Fraxe, 2011, p. 160).

Figura 28 – Prática da Pesca de Tarrafa na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas



Fonte: Trabalho de Campo, 2023.

Nessa relação interétnica das sociedades indígenas com o sistema mercantil monetário ocidental se dá numa via de mão dupla, pela qual a troca de bens e serviços se estabelece não apenas na obrigação de dar ou ofertar, como também a de receber ou comprar (Ramos, 1988). Assim, como, o indígena da comunidade necessita de alguns objetos que só são encontrados na cidade, o homem que vive na cidade precisa e faz variações em sua dieta alimentar sob o consumo de produções, por exemplo, farinha, banana, peixe entre outros das populações tradicionais que vivem em comunidade (Witkoski, 2010).

Conforme os interlocutores da pesquisa, essa relação de troca de produtos não industrializados pelos industrializados no mercado ocorre pela necessidade das famílias⁵⁷, uma vez que estão situados ou se situam num ambiente interétnico e que as relações influenciam umas às outras. Ainda que os interlocutores mais experientes tenham argumentado que anos atrás alguns produtos, comentados no Quadro 7, não eram consumidos devido ao custo da época, e pelo baixo valor da própria produção cultivada.

Sendo assim, podemos verificar que com a inserção dos Kokama no círculo vicioso do mercado, onde prevalece o dinheiro como imperativo para a troca de valores de uso por outros com valores de uso, possibilitado e constituído pela proximidade ou distância dos espaços em que se encontram. Tendo visto que a realidade vivida na Comunidade Sapotal faz com que os moradores procurem a cidade (receber tanto os benefícios sociais como o salário empregatício) frequentemente para resolver questões das famílias.

Quadro 7 – Movimentação do Dinheiro Envolvidos na Lógica do Mercado pelos Moradores Kokama na Comunidade Sapotal, Tabatinga, Amazonas

Com o dinheiro da venda, o que o/a senhor (a) compra?	<i>“Rancho, açúcar, café, arroz, sabão, óleo [cozinha] pra consumo da família, frango, salsicha, calabresa, ovo”.</i>
	<i>“Alimentação, calçados, roupas. Compra o rancho, óleo, açúcar, café, coisas que a gente não produz, macarrão, feijão, leite, tudo é comercializado”.</i>
	<i>“Rancho, roupas, sapatos, arroz, açúcar, macarrão, feijão, café, frango, salsicha, calabresa. Trocar de alimento, comer outras coisas”.</i>
	<i>“Arroz, óleo de cozinha, café, calçados, roupas, frango de gelo, salsicha, feijão, macarrão, refrigerante... Pra comer, as vezes, as pessoas enjoam de comer quase as mesmas coisas”</i>
	<i>“Compramos as nossas maiores necessidades, alimentos, material escolar, calçado para as crianças, porque com o [dinheiro] Bolsa Família não dá para comprar todos os materiais para as crianças”.</i>

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo, 2023. Organizado por Brian Sanches, 2023.

⁵⁷ Como já havia sido esclarecido por Witkoski (2010), fazendo um paralelo relacionado à realidade dos Kokama em Sapotal, “foi inevitável indicar que o camponês amazônico se relaciona com o mundo externo, passo a passo, por círculos cada vez mais abrangentes: entre o porto de sua casa e a cidade de Manaus, dois extremos da esfera da circulação de seus produtos, um conjunto de pontos forma o entrelaçamento das redes de comercialização, com seus respectivos agentes, através dos quais se conectam os camponeses com a sociedade envolvente” (p. 418).

Sendo inevitável a inserção das populações tradicionais no sistema mercantil ocidental, também é inegável o proveito de valores de uso para a família, ilustrado no Quadro 7. Conforme as argumentações dos moradores Kokama quando indagados: o que fazem com o dinheiro da venda dos produtos comercializados? Asseveramos a listagem nominal dos bens de consumo das famílias dado ao costume local, ainda que sejamos levados a crer que entre alguns produtos industrializados poderiam deixar de ser consumidos, como no caso do refrigerante. Foi comentado que ainda consomem suco natural de limão e outros.

Nesse contexto, pelas relações sociais e comerciais entre os Kokama brasileiros e agentes de comercialização colombianos, podemos entender que a questão da fronteira não limita e nem cria barreiras ao diálogo entre as pessoas com nacionalidades diferentes, ainda mais o que prevalece é o interesse comercial embutido na troca do produto pela moeda, como, sendo a moeda peço colombiano mais valorizada que o real (moeda brasileira). Além do mais é pelo diálogo que se fazem entender sobre os valores e quilogramas dos peixes lisos (de couro) em negociação para provimentos de recursos necessários à vida.

Dada a dependência ou independência do mercado pelos moradores da Comunidade Sapotal, entende-se que os Kokama sejam dependentes do mercado devido às relações de troca de valores de uso que são comumente acionados para satisfação das necessidades familiares. Além do mais, o mercado tem forte influência na transformação dos costumes Kokama para além da questão comportamental, pois os hábitos alimentares e as práticas nas atividades também são moldados (Ramos, 2004).

Quando se trata das práticas comerciais nas atividades que são moldadas devido ao mercado capitalista que induz as unidades de produção produzir produtos com valor de uso para que possa trocar por um outro valor de uso, devido a necessidade da unidade familiar que precisa de um produto não fabricado, por exemplo, na pesca os Kokama visam a captura do dourado (peixe de couro) pelo seu valor na troca mercadoria-dinheiro-mercadoria, devido a sua valorização em comparação com as outras espécies.

Esses implementos impostos nas comunidades ribeirinhas pela lógica do capital têm possibilitado/feito nas atividades produtivas empreendimento mais tipicamente capitalista (Witkoski, 2010), “favorecendo” a persistência de dependência e/ou independência para a existência da comunidade numa região com uma grande diversidade de povos indígenas, onde as relações são mutuamente conectadas para o equilíbrio da vida.

Nesse contexto, de dependência ou independência do mercado pelos povos indígenas, considerando o lugar e o espaço para o desenvolvimento das atividades produtivas em paralelo

a manutenção da vida, neste caso, possibilita aos Kokama da Comunidade Sapotal se relacionarem socialmente com outros indivíduos que também fazem parte da realidade onde vivem. Pelo qual podemos entender que são essas relações sociais que induzem as famílias Kokama continuamente constituírem a sua produção para consumo quanto para comercialização, está última dada a oportunidade de troca de um valor de uso por um outro valor de uso necessário aos membros da família.

Ao mesmo tempo que, se pode entender a polivalência das famílias Kokama em proporção cumulativamente dessa dependência e/ou independência que se fortalecesse pela importância do mercado na vida da maioria das populações tradicionais que vivem em comunidade, sendo que tais práticas socioprodutivas contribuem para o estabelecimento do lugar de morada para o bem viver dos indivíduos.

Também, no decorrer do Capítulo 3, foi possível asseverar e compreender a comunidade para além do lugar de morada, ao considerarmos o espaço e as relações de troca estabelecidas dentro e fora da comunidade, que se estende para a cidade como lugar de venda dos produtos para outros agentes de comercialização, que é uma forma de subsidiar alimentos para a família. Entretanto, identificamos os diferentes lugares e agentes da comercialização que fazem a produção ser acessadas por outros sujeitos sociais.

Conforme a narrativa constituída ao longo do Capítulo 3, entendemos que a dependência e independência do mercado é algo flexível para com as necessidades dos membros familiares, quando percebemos que os povos indígenas não tem em mãos todo o material necessário para a realização das atividades laborais ou trabalho, assim, os moradores das comunidades tradicionais procuram frequentemente a cidade para ter acesso a determinados benefícios, bem como a recursos para o consumo e/ou atividades da família Kokama.

CONSIDERAÇÕES FINAIS IYARAWARAKANA UCHIKANA

*O trabalhador numa sociedade indígena não é
compartimentalizado; ele é um ser social
total em todas as esferas de sua vida
(Ramos, 1988, p. 24).*

Constatamos através da nossa investigação as diferentes formas de organização da vida social na Comunidade Sapotal, principalmente a prática socioprodutiva e a comercialização dos produtos Kokama em um ambiente de várzea alta, na região do Alto Solimões, onde podemos verificar que a dinâmica da água influencia na organização das atividades dos sujeitos sociais que vivem em comunidade ribeirinhas. O ciclo hidrológico da água é um dos fenômenos da natureza, ao mesmo tempo que contribui com a fertilização do solo e a modelagem das unidades de paisagem, tem feito com que homens e mulheres da várzea exerçam a polivalência entre as atividades para manutenção da própria vida.

Ao contextualizar o processo social de origem, formação e organização da Comunidade Sapotal, a partir do resgate ou lembrança da história narrada pelos moradores adultos, compreendemos a forma de uso do espaço em suas interfaces no contexto em que se encontra. Através do diálogo com os interlocutores Kokama foram destacados os momentos de luta e defesa dos direitos indígenas, pelas necessidades dos moradores que vivenciaram algumas situações importantes para conhecimento dos adolescentes e jovens Kokama.

Sobre a própria história da Comunidade Sapotal, que para os moradores não é apenas o lugar de morada, mas também é onde criam relações sociais, trabalham e compartilham conhecimentos, bem como fortalecem seu modo de vida e constituem o mundo da vida Kokama. Aliás, percebemos que para a constituição desse mundo Kokama tiveram que se tornar polivalentes pela necessidade de desenvolver diferentes atividades condicionados pelo ambiente fértil da várzea alta, que possibilita a permanência dos Kokama.

Muitas das vezes as comunidades indígenas foram atreladas de forma homogênea, em um sentido de que são fundadas por membros/parentes de uma mesma família. Já no caso da Comunidade Sapotal, constatamos que foi fundada/criada pelas famílias Samias, Curico e Rodrigues, e não somente por uma família nuclear como aconteceu ou acontece com outras comunidades, nas quais os moradores Kokama se fortaleceram construindo a escola e/ou capela (igreja pequena) com a chegada de outras famílias pertencentes ao mesmo grupo étnico, “favorecendo” as relações sociais e compartilhamento da cultura indígena.

Mostramos, ainda, que os Kokama constituíam um povo que vivia em constante deslocamento resultante dos conflitos interétnicos e pela disposição de recursos naturais. No entanto, a Comunidade Sapotal nem sempre esteve onde está atualmente dispondo de terra, floresta e água de trabalho para as necessidades dos moradores, na várzea alta onde os Kokama demonstram ter se adaptado às mudanças anuais da dinâmica das águas através de estratégias numa relação homem/natureza mediada pela cultura.

Nesse contexto, percebemos a importância do labor/trabalho entre os moradores na Comunidade Sapotal, do *animal laborans* impregnado nos Kokama, que pelas famílias Kokama desenvolvem suas atividades produtivas para a própria manutenção. Isto é, as atividades de criação animal e extrativismo vegetal não madeireiro praticado diretamente pela mão de obra familiar visam a manutenção da vida ou do corpo físico para sua reprodução biológica, logo que os resultados das atividades são consumidos pelos membros da família.

Embora os Kokama concentrem sua força de trabalho nas atividades do *animal laborans*, as estratégias adaptativas das próprias famílias são pensadas considerando a dinâmica da natureza em que vivem, na qual exercem atividades produtivas relacionados à produção/reprodução física e social da vida. Neste caso, toma destaque o *homo faber* enquanto responsável pela fabricação de objetos/artefatos que fazem parte da mundanidade do homem, em razão das suas habilidades, estratégias e criatividade para a transformação do espaço em que vivem. Deste modo, para além da manutenção da vida, em paralelo às atividades exercidas pelo *homo faber*, tomam destaque a agricultura, o extrativismo animal (pesca e/ou caça) e o extrativismo vegetal madeireiro.

São essas atividades produtivas praticadas pelos Kokama que fortalecem de fato a cultura milenar indígena, quando se observa que desse esforço coletivo ou individual se mantém a família, logo que a produção é representada pelos animais domésticos de criação, produtos agrícolas, peixes de escama e de couro, e os animais de caça são alimentos básicos que fazem parte da dieta alimentar Kokama.

Essas atividades produtivas que revelam o *animal laborans* quanto o *homo faber* são preponderantes sobre o uso/acesso dos ambientes de trabalho, tornando-se importantes para a dinâmica e polivalência Kokama. Mesmo que o desgaste físico entre as atividades do *animal laborans* em relação ao *homo faber* seja diferente e com técnicas apropriadas para cada caso, pelas experiências acumuladas necessitam laborar e trabalhar em consonância com o ciclo das águas – enchente, cheia, vazante e seca – de modo sequencial e/ou simultâneo, dando atenção à atividade realizável da época.

Indicamos igualmente as concepções Kokama referente à conservação/preservação dos recursos naturais, revelados pelo conhecimento acumulado dos membros adultos da comunidade. Principalmente pela constituição da relação entre homem/natureza diante o uso necessário para a vida, assim sendo, na investigação constatamos que a prática polivalente da unidade familiar tem estabelecido o cuidado e uso contínuo da natureza pelos recursos naturais explorados frequentemente pelas famílias.

Também, juntamente com as atividades produtivas que dão sentido à vida em comunidade, verificamos que na Comunidade Sapotal há um *Bem Viver* apreciado pelos moradores através da reciprocidade e solidariedade, nesse espaço vivido que se fortalece a percepção dos sujeitos sociais da importância que a natureza tem para a vida humana, assim como para qualquer outro animal da Terra.

Quanto à necessidade de produção, está se dá por duas vias. A primeira delas está voltada em produzir alimentos de consumo que satisfaça os membros, a segunda está relacionada à produção de produtos com valores de uso para a troca com outro valor de uso. As relações de troca ocorrem com os agentes de comercialização – marreteiro, revendedor e patrão. Essas relações com os agentes de comercialização fortaleceram o equilíbrio na vida Kokama, ao constatar que os Kokama realizam suas atividades para produzir valor de uso e obter outro valor de uso que não é fabricado na comunidade, numa racionalidade econômica local para a existência da comunidade e viver num ambiente de várzea alta.

Perante a abordagem apresentada no decorrer dos capítulos, buscamos refletir empírica e teoricamente sobre questões relacionadas as práticas socioprodutivas Kokama na Comunidade Sapotal, que por um determinado momento da investigação surgiram algumas limitações relacionadas à disponibilização de alguns materiais bibliográficos – escritos que trabalharam diretamente com os Kokama da Comunidade Sapotal, do qual acreditamos que nos ajudariam a ampliar a discussão dos temas aqui retratados.

Esperamos, pela importância dos dados apresentados e da abordagem adotada para problematização, que essa dissertação, fruto duma experiência mútua entre pesquisador e pesquisado Kokama, nos ajude a refletir acerca da realidade dos Kokama que vivem em comunidades, a pensar em políticas públicas voltadas para os Kokama, bem como para os moradores da Comunidade Sapotal, considerando as atividades produtivas desenvolvidas frequentemente. Também, que este trabalho juntamente com outros materiais possibilite novas análises e contribuições voltados ao contexto Kokama.

REFERÊNCIAS

RUPEKANA

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Tradução de Tadeu Breda. – São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- ALCÂNTARA, Liliane Cristine Schlemer. Bem-viver em defesa do bem comum: repensando o desenvolvimento. In: SILVEIRA, Clóvis Eduardo Malinverni da; BORGES, Gustavo; WOLKMER, Maria de Fatima Schumacher (orgs.). **O comum, os novos direitos e os processos democráticos emancipatórios**. – Caxias do Sul, RS: EducS, 2019. p. 176-196.
- ALCÂNTARA, Liliane Cristine Schlemer; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível? **Desenvolv. Meio Ambiente**, v. 40, p. 231-251, abril 2017.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; RUBIM, Altaci Corrêa. Kokama: a reconquista da língua e as novas fronteiras políticas. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Volume 4, Número 1, p. 67-80, Julho de 2012.
- ANDRADE, Roberta Ferreira Coelho de; WITKOSKI, Antonio Carlos. Mundos do trabalho e conservação dos recursos naturais no beiradão do Rio Amazonas. **Somanlu**, ano 12, n. 1, p. 105-127, jan./jun. 2012.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Tradução de José Fonseca. – Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. 1925–. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução Plínio Dentzien. – Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BENKO, Georges; PECQUEUR, Bernard. Os recursos de territórios e os territórios de recursos. **Geosul**, Florianópolis, V. 16, Nº 32, p. 31-50, 2001.
- BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. – São Paulo: Editora Paulus, 1985.
- CARDOSO, Thiago Mota. **O saber biodiverso: práticas e conhecimentos na agricultura indígena do baixo rio Negro**. – Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2010.
- CRUZ, Manuel de Jesus Masulo da. **Territorialização camponesa na várzea da Amazônia**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- DÁCIO, Antonia Ivanilce Castro. **Segurança alimentar e conservação nos agroecossistemas no Alto Solimões, Amazonas**. Tese (Doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.
- FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. – São Paulo: Annablume, 2004.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Homens anfíbios**: etnografia de um campesinato das águas. 2ª edição. – São Paulo, SP: Annablume, 2011.

FREITAS, Marcos Antonio Braga de. **O povo Kokama**: um caso de reafirmação de identidade étnica. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2002.

HOLZER, Werther. O lugar na Geografia Humanista. **Revista Território**, Rio de Janeiro, Ano IV, Nº 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.

LARAIA, Roque de Barros. 1932–. **Cultura**: um conceito antropológico. – 14. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LAZZARI, Artur; MAZZARINO, Jane Márcia; TURATTI, Luciana. Comunidade: a busca de um conceito. **Revista ESPACIOS**, Vol. 38, Nº 03, p. 1-4, 2017.

LEAL, João. Diários de campo: modos de fazer, modos de usar. In: ALMEIDA, Sónia Vespeira de; CACHADO, Rita Ávila. **Os arquivos dos antropólogos**. Lisboa: Palavrão, 2016. p. 1-12.

LEFF, Enrique. **As aventuras da epistemologia ambiental**: da articulação das ciências ao diálogo de saberes. Tradução de Gloria Maria Vargas. – Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

LEFF, Enrique. **Racionalidade ambiental**: a reapropriação social da natureza. Tradução Luís Carlos Cabral. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIMA, Márcia. O uso da entrevista na pesquisa empírica. In: ALONSO, Ângela; MIRANDA, Danilo Santos de. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**: bloco qualitativo. São Paulo: Editora SESC/CEBRAP, 2016. p. 24-41.

LOPES, Elizângela; COELHO PINTO, Maria Auxiliadora. **Memórias Kokama de Bom Jardim II**. Alexa Cultural: São Paulo, EDUA: Amazonas, 2019.

MATOS, Gláucio Campos Gomes de. **Ethos e figurações na hinterlândia amazônica**. – Manaus: Editora Valer/Fapeam, 2015.

MEGGERS, Betty J. **Amazônia**: a ilusão de um paraíso. Tradução de Maria Yedda Linhares; Apresentação de Darcy Ribeiro. – Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

MORÁN, Emilio F. 1946–. **A ecologia humana das populações da Amazônia**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

MOTTA, Marlene François. **Espaço vivido/espço pensado**: o lugar e o caminho. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MOURA, Margarida Maria. **Camponeses**. São Paulo: Ática S. A., 1986.

NEVES, Eduardo Góes. 1966-. **Arqueologia da Amazônia**. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

NODA, Sandra do Nascimento; MARTINS, Ayrton Luiz Urizzi; NODA, Hiroshi; BRANCO, Fidel Matos Castelo; MENDONÇA, Marcos Antonio Freitas de; MENDONÇA, Maria Silvesnizia Paiva; BENJÓ, Elione Angelin; PALHETA, Rosana Antunes; SILVA, Antonia Ivanilce Castro da; VIDAL, Jucélia Oliveira. Contexto socioeconômico da agricultura familiar nas várzeas Amazônia. In: NODA, Sandra do Nascimento (organizadora). **Agricultura Familiar na Amazônia das Águas**. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007. p. 23-66.

NODA, Sandra do Nascimento; NODA, Hiroshi; SILVA, Antonia Ivanilce Castro da. Socioeconomia das unidades de agricultura familiar no Alto Solimões: formas de produção e governança ambiental. In: NODA, Hiroshi; NODA, Sandra do Nascimento; LAQUES, Anne Elisabeth; LÉNA, Philippe (organizadores). **Dinâmicas socioambientais na agricultura familiar na Amazônia**. Manaus, AM: Wega, 2013. p. 51-72.

NODA, Sandra do Nascimento. **Na Terra como na Água: Organização e Conservação de Recursos Naturais terrestres e aquáticos em uma comunidade da Amazônia brasileira**. Tese (Doutorado em Ecologia e Conservação da Biodiversidade) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2000.

NOGUEIRA, Marinez Gil. **Biotecnologia, conhecimentos tradicionais e sustentabilidade – As perspectivas da inovação no Amazonas**. Manaus: EDUA, 2013.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. **Amazonas: a divisão da monstruosidade geográfica**. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, V. 39, Nº 1, p. 13-37, 1996.

PEREIRA, Henrique dos Santos. A dinâmica da paisagem socioambiental das várzeas do rio Solimões-Amazonas. In: FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; PEREIRA, Henrique dos Santos; WITKOSKI, Antônio Carlos (organizadores). **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. – Manaus: EDUA, 2007. p. 11-34.

POLIVANOV, Beatriz. Reapropriações do conceito de “comunidade” na contemporaneidade. Artigo apresentado no **IAMCR**, p. 110-120, 2014.

PORRO, Antonio. 1940-. **O povo das águas: ensaios de etno-história amazônica**. – Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

RAMOS, Alcida Rita. **Sociedades indígenas**. – 2. ed. – São Paulo: Editora Ática, 1988.

RAMOS, Luciana Maria de Moura. **Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Sapotal**. Brasília: FUNAI, 2003.

RAPOZO, Pedro Henrique Coelho. **Territórios sociais da pesca no Rio Solimões: usos e formas de apropriação comum dos recursos pesqueiros em áreas de livre acesso**. – Manaus: EDUA, 2015.

ROCHA, Carla Giovana Souza. **Reprodução social e práticas socioprodutivas de agricultores familiares na microrregião de Altamira, Pará, Brasil.** Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

RUBIM, Altaci Corrêa. **O reordenamento político e cultural do povo Kokama: a reconquista da língua e do território além das fronteiras entre o Brasil e o Peru.** Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

RUBIM, Deyse Silva. **Traçando novos caminhos: ressignificação dos Kokama em Santo Antonio do Iça, Alto Solimões – AM.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

SANCHES, Brian Angelo Sandoval; BILLACRÊS, Máximo Alfonso Rodrigues. Conhecimentos tradicionais e agrobiodiversidade Kokama: o caso da Comunidade Indígena Kokama Sapotal – Tabatinga–Amazonas. **Revista Verde Grande – Geografia e Interdisciplinaridade**, Volume 4, Nº 2, p. 24-39, 2022.

SANTILLI, Juliana. **Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores.** – São Paulo: Peirópolis, 2009.

SANTOS, Milton. 1926–2001. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** – 4. ed. 2. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. 1926–2001. **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica.** – 6. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SILVA, Antonia Ivanilce Castro da. **Governança ambiental e segurança alimentar: a agricultura familiar no Alto Solimões, AM.** Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009.

SILVA, Elane Cristina Lima da. **A dinâmica das relações comunitárias na Amazônia: estudo de caso das formas de ajuda mútua praticadas na comunidade ribeirinha de Tauarú no município de Tabatinga - AM.** Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes de. 1963–. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** – 2º ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

SOUZA, Márcio. 1946–. **Breve história da Amazônia.** – São Paulo: Marco Zero, 1994.

STANISKI, Adelita; KUNDLATSCH, Cesar Augusto; PIREHOWSKI, Dariane. O conceito de lugar e suas diferentes abordagens. **Revista Perspectiva Geográfica, UNIOESTE**, V. 9, Nº 11, p. 1-19, 2014.

STERNBERG, Hilgard O'Reilly. **A Água e o homem na várzea do Careiro.** – 2. ed. – Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998.

TOLEDO, Victor M.; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais.** Tradução [de] Rosa L. Peralta. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

VIEGAS, Chandra Wood. **Natureza e direções das mudanças linguísticas observadas entre os últimos falantes do Kokáma nativos do Brasil.** Dissertação (Mestre em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

VIEIRA, José Maria Trajano. **A luta pelo reconhecimento étnico dos Kokama na tríplice fronteira Brasil/Colômbia/Peru.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

WITKOSKI, Antônio Carlos; SOUZA, Davyd Spencer Ribeiro de; FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. As unidades de conservação no Amazonas: a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Piagaçu-Purus. In: SCHERER, Elenise; OLIVEIRA, José Aldemir de. **Amazônia: território, povos tradicionais e ambiente.** – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009. p. 82-115.

WITKOSKI, Antônio Carlos. **Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais.** 2.ed. São Paulo: Annablume, 2010.

WOORTMANN, Ellen F.; WOORTMANN, Klaas. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa.** – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

APÊNDICE A – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO RUPEKANA A – PRUPUSTAKA AKITA URI

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: BENEFICIAMENTO E COMPLEMENTAÇÃO DE RENDA DAS FAMÍLIAS NA COMUNIDADE SAPOTAL

Compreendemos que as práticas socioprodutivas indígenas fazem parte do modo de vida de um grupo étnico numa comunidade ribeirinha, quando estas práticas são conhecimentos acumulados enraizadas nas formas da sociedade indígena lidar com a natureza e fazer uso dos recursos naturais predispostos. Nessa conjuntura das peculiaridades de acesso aos ambientes de trabalhos constituídos entorno do espaço vivido, deve haver e há formas de gestão dos recursos naturais para garantir a segurança alimentar dos membros da família, que vai além de simplesmente produzir para o consumo familiar.

Em função dos resultados de campo e do nosso interesse enquanto pesquisador, partindo de questões atrelada as práticas socioprodutivas da realidade vivida pelos Kokama, nos instigou para a construção desta proposta de intervenção intitulada *Práticas socioprodutivas Kokama: beneficiamento e complementação de renda das famílias na Comunidade Sapotal*. Considerando a importância das atividades produtivas e a frequente participação das famílias enquanto unidade de produção, onde a força de trabalho condensa a família nuclear como a família extensa no devir das necessidades dos membros.

A prática socioprodutiva possibilita a permanência dos Kokama e a existência da Comunidade Sapotal, relacionada a questão da produção e reprodução social da vida através das atividades produtivas, torna a realidade dos moradores um ambiente profícuo, no qual os Kokama da Comunidade Sapotal vivem sob a fartura das suas práticas polivalentes. Sendo assim, com base nas informações levantadas juntamente com os moradores, visamos pensar em mecanismos que promovam o beneficiamento e a complementação de renda das famílias Kokama através do acesso direto ao mercado local para a comercialização de suas produções resultantes das atividades praticadas pelas unidades de produção.

Como os sujeitos da pesquisa foram os *povos indígenas* que moram, trabalham e vivem em áreas rurais brasileiras, neste caso, o público alvo da presente proposta será constituído pelos moradores da Comunidade Sapotal, quando entendemos que toda a comunidade sob os responsáveis das famílias (patriarca e matriarca) praticam as atividades produtivas com a finalidade de abastecer a família e, também, como fonte de renda. Para alcançar o objetivo da proposta, deve ser desenvolvida na Comunidade Sapotal situada num ambiente de várzea alta,

onde contemplará e deverá envolver toda a comunidade, especialmente os moradores que estejam ativamente realizando as atividades de manutenção da vida. Onde, nos utilizamos do *formulário* (Apêndice C – Roteiro do Formulário) para fazer o diagnóstico socioeconômico e social dos moradores, meio usado para compreender a situação de manutenção local e renda gerada pelo Kokama na Comunidade Sapotal.

De modo simplório, além das práticas socioprodutivas constatamos que a minoria das famílias exerce alguma função nas instituições de educação ou saúde, onde os membros empregados mensalmente recebem entre um a dois salário mínimo que atende entre outras coisas nas necessidades familiares e, que depende do sujeito empregado um tempo de dedicação nos afazeres do trabalho a que está empregado.

Ainda que algumas famílias trabalhem na escola ou no posto de saúde da comunidade, os outros moradores dedicam boa parte do seu tempo no desenvolvimento das atividades produtivas que é influenciada ciclicamente pela subida e descida das águas. Inicialmente a ideia da proposta está centrada na criação/fundação de uma *Associação dos Produtores Kokama* na comunidade, que demandaria principalmente uma aliança dos moradores fundidos na cooperação e confiança. Isso se deve a dinâmica das relações de troca, tendo visto que muitas das vezes os excedentes são apropriados pelos marreteiros, revendedores ou patrão, por isso e somente por isso, com o intuito de invisibilizar esses agentes de comercialização ou figuras sociais, presentes na comunidade como na cidade, de alguma forma o incremento para a renda familiar seria num sentido lucrativo beneficiável.

Observando que as produções das atividades produtivas provenientes da agricultura e do extrativismo animal pesca, principais atividades Kokama que geram renda para as famílias. A ideia geral contempla que a *Associação de Produtores Kokama* seja responsável pelas produções concentradas num local até um quantitativo suficiente, por exemplo, 30 paneiro de farinha, 50 caixo de banana e 50 quilogramas de peixes de couro, para posteriormente serem vendidos por um valor aproximado quando revendido pelo marreteiro, revendedor e patrão. Portanto, a logística de transporte dos produtos da comunidade para a cidade deve ocorrer numa sequência ordenada entre os participantes da associação, onde, os participantes fariam revezamento de transporte sem comprometer as atividades pensadas para execução pelos sujeitos sociais. Essa dinâmica de escoamento das produções em grande quantidade para o mercado local da cidade favorecerá as famílias Kokama além das relações de troca, num sentido de obter os ganhos excedentes como uma complementação a mais de renda.

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA RUPEKANA B – UWATAKA KUMITSA

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (Entrevistar Informantes/Chaves)

PRIMEIRO OBJETIVO ESPECÍFICO:

Compreender as origens, a formação e a organização da Comunidade Sapotal a partir das narrativas dos adultos.

Origem

O/a senhor/a pode me descrever qual é a origem da Comunidade Sapotal?

Por que a comunidade se chama Sapotal?

Quais foram/são as pessoas que mais lutaram no momento da origem da Comunidade?

Como foi a luta no momento da origem da Comunidade Sapotal?

Formação

O/a senhor/a pode me dizer quem foi Francisco Guerra Samias? Qual é a importância de Francisco Guerra Samias para os Kokama de Sapotal?

A comunidade Sapotal fica dentro de terra indígena reconhecida/demarcada?

Se sim, investigar como foi a luta para conseguir o reconhecimento/demarcação da comunidade?

Se não, investigar o desconhecimento desse fato!

Quais as instituições que ajudaram na formação da Comunidade Sapotal?

Qual foi a primeira igreja instalada na comunidade Sapotal? Descreva-me a importância dela para Sapotal!

Hoje, tem outras igrejas na comunidade? Se sim, qual a importância das Igrejas para a vida Kokama.

Qual é a importância da maloca para a vida Kokama?

Qual é a importância da escola para os Kokama da comunidade?

Qual é a importância da caixa d'água (estação de sucção e tratamento de água) para a comunidade?

Qual é a importância do telefone (que não está funcionando, mas se estivesse) para os Kokama?

Há outras instituições [prefeitura, ONGS etc.] que colaboraram com a formação da Comunidade Sapotal?

Organização

Para o/a senhor/a, a Comunidade Sapotal é uma comunidade organizada? Se sim, investigar o grau de organização e as “instituições” responsáveis por sua organização!

A comunidade tem um líder maior na organização de Sapotal ou são muitos os líderes que a organizam? Se forem muitos líderes, investigar quem são os líderes e o papel de cada uma deles na organização de Sapotal!

A cultura Kokama é ainda muito viva na Comunidade Sapotal? Se sim, investigar a presença da cultura Kokama como exemplos! Além disso, investigar o papel da cultura Kokama da organização dos Kokama em Sapotal. Se não, pesquisar as razões do declínio da cultura Kokama!

Tem repartição da terra na Comunidade Sapotal para uso dos moradores? Se sim, como é feito a repartição e qual a sua importância dela para a vida Kokama? Se não, investigar os porquês da não repartição!

Quais são as Associações que há hoje na Comunidade Sapotal? Qual é o papel de cada uma delas na vida dos Kokama?

A Comunidade Sapotal é a mesma ou tem mudado!

O que o líder maior ou os líderes devem fazer para melhorar a vida dos Kokama de Sapotal?

SEGUNDO OBJETIVO ESPECÍFICO:

Entender a relevância do labor e do trabalho nas práticas socioprodutivas da Comunidade Sapotal visando à produção material/simbólica da vida. Aqui devemos evidenciar atividades da agricultura, criação de pequenos animais, extrativismo vegetal (madeireiro e não madeireiro) e extrativismo animal (pesca e caça).

O que o/a senhor/a mais se considera [agricultor, criador, extrativista...]?

Qual a importância do seu trabalho para a sua vida, a vida de sua família e para a comunidade?

O/a senhor/a realiza seu trabalho sozinho ou com os membros de sua família? Se sozinho, investigar os porquês! Se em família, como as famílias Kokama se organizam para planejar e executar os trabalhos?

Quais são os trabalhos que o/a senhor/a ou sua família realizam somente para o sustento? Há dificuldade em fazer esse trabalho? Quais são as dificuldades? Por que?

Quais são os trabalhos que o/a senhor/a ou a sua família realizam para vender seu produto no mercado? Há dificuldade em fazer esse trabalho? Quais são as dificuldades? Por que?

Em quais locais (ambientes) o senhor/a e a sua família desenvolvem as atividades de sustento familiar? Quais são os significados desses lugares para o/a senhor/a e sua família?

E os outros trabalhos que o/a senhor/a ou o/a senhor/a e a sua família realizam?

Quem ensinou para o/a senhor/a ou/e para os membros de sua família os trabalhos que desenvolvem na Comunidade Sapotal?

Em quais lugares (ambientes) são realizados os diversos trabalhos que fazem? Como o senhor/a e a sua família cuidam (preservam/conservam) dos lugares (ambientes) onde desenvolvem as atividades de sustento e as atividades dos produtos que comercializam?

Quando ocorre um acidente na realização dos trabalhos, como o/a senhor/a e os membros de sua família se curam? O tratamento é feito aqui mesmo? Se sim, quem faz o tratamento? Como o tratamento é feito? Se não, onde é feito?

TERCEIRO OBJETIVO ESPECÍFICO:

Evidenciar a importância da comercialização dos produtos Kokama para a manutenção da vida na Comunidade Sapotal.

O/a senhor/a e a sua família trabalham mais com a agricultura, criação de pequenos animais, extrativismo de produtos vegetais (madeireiro/não madeireiro) ou extrativismo de produtos animais (pesca/caça)? Por que essa opção ou esse trabalho?

Como dividem os produtos que são para só para o sustento e os produtos que são para a venda?

É sempre dessa maneira, ou isso muda de acordo com a enchente, cheia, vazante e a seca?

Quais são os produtos que o senhor/a e sua família mais vendem?

Por que vendem esses produtos e não os outros?

Onde o/a senhor/a e sua família vendem seus produtos? Para quem o senhor/a e sua família vendem os produtos [marreteiro, patrão etc.]?

Quem e como se coloca os preços dos produtos que o/a senhor/a e sua família vendem?

Quais são as principais dificuldades na venda dos seus produtos? Quando produzem, mas não conseguem vender, o que fazem com os produtos?

Como o/a senhor/a e a sua família usam o dinheiro da venda? Quais são as prioridades? Por que é importante ter dinheiro na Comunidade Sapotal?

O/a senhor/a e sua família acham possível eliminar o regatão, o marreteiro, o patrão etc. e ter um preço melhor para os produtos que vendem? Se pudessem mudar essa realidade, como fariam?

**APÊNDICE C – ROTEIRO DO FORMULÁRIO
RUPEKANA C – UWATAKA FURMULARIUKA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO
AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA – PPG/CASA
ESTUDO DA COMUNIDADE SAPOTAL / TABATINGA (AM)**

FORMULÁRIO: Nº _____

Pesquisador (a): _____ Data: ____/____/____

I – IDENTIFICAÇÃO

1. Nome: _____ 2. Idade: _____ 3. Sexo: M () F ()
 4. Local de nascimento: _____ Município: _____ UF: _____
 5. Qual seu estado civil: () Solteiro () Casado () Amigado () Viúvo () Separado
 6. Até que série estudou: () Nunca estudou () Só assina o nome () 1º ao 5º ano () 6º ao 9º ano
 () Ensino Médio completo () Ensino Médio incompleto () Outro: _____
 7. Qual é a sua religião? _____
 8. A religião tem unido as pessoas para o bem da comunidade? Sim () Não ()
 Por quê? _____

II – ESTRUTURA FAMILIAR

9. Quantos filhos o/a senhor (a) tem? _____ 10. Quantas pessoas moram na sua casa? _____

IDENTIFICAÇÃO DOS MEMBROS DA FAMÍLIA

Nome	Parentesco	Onde Mora (*)	Idade	Série Que Estuda (**)	Atividades	Renda Mensal

Legenda: * (1) domicílio; (2) comunidade; (3) outra comunidade; (4) sede municipal; (5) outro (s) estado (s).
 ** Idade Não Escolar; Ensino Fundamental (1º a 9º ano); Ensino Médio (1º a 3º ano); Ensino Superior.

18. Quando vão plantar as plantas a/o senhor (a) planta tudo junto? () Sim () Não

(Sim/Não) Por quê? _____

19. De onde vêm as sementes (maniva ou filhos) que o/a senhor (a) usa no plantio?

() Própria () Compradas () Doadas pelo vizinho () Consegue do vizinho

Se compradas, qual a quantidade e valor? _____

Se consegue do vizinho, como faz pra conseguir? _____

20. Como o plantio é feito?

() Trabalho familiar () Mutirão/puxirum/ajuri () Parceria/meia () Troca de dia

() Trabalho de assalariado/diária () Trabalho de assalariado/mês

21. E pra tirar/arrancar a produção, como fazem?

() Trabalho familiar () Mutirão/puxirum/ajuri () Parceria/meia () Troca de dia

() Trabalho de assalariado/diária () Trabalho de assalariado/mês

22. O/a senhor (a) já participou de algum estudo/curso que lhe ensinou algo sobre a agricultura?

() Sim () Não () SR/NS

Em caso positivo, quem lhe ensinou? _____

23. O/a senhor (a) planta pra quê? Consumo () Venda ()

Se há venda, onde vendem? Comunidade () Cidade () Outro (): _____

24. Se vende fora da comunidade, como levam? Canoa própria () Passagem () Outro (): _____

25. Quem é que coloca o preço para vender? Dono () Comprador () Outro (): _____

Por quê? _____

26. Quem compra? Consumidor () Revendedor () Outro (): _____

27. Qual (is) é/são a(s) forma(s) de pagamento? Dinheiro () Troca produto () Outro (): _____

28. Os preços que recebe pela venda na comunidade, são:

[] Iguais quando vendido em Tabatinga;

[] Menor quando vendido em Tabatinga: Em quanto? _____

[] Não sabe.

29. [Se for menor], o que (motivo) lhe faz vender? _____

30. Quanto o/a senhor (a) fatura diariamente? _____ E no mês, quanto consegue? _____

CRIAÇÃO ANIMAL

31. O/a senhor (a) ou alguém da sua casa cria animais? () Sim () Não

Se Sim, responder:

ANIMAIS DE CRIAÇÃO

Criações	Quantidade	Destino			Para Quem Vende	Preço Unidade
		Consumo	Venda (*)	Troca Produto		

Legenda: (*) Local de venda.

32. Quem é a pessoa responsável por criar os animais? _____

Por quê? _____

33. Quem coloca o preço para vender os animais? Dono () Comprador () Outro (): _____

Por quê? _____

34. Qual (is) é(são) a(s) forma(s) de pagamento? Dinheiro () Troca produto () Outro (): _____

35. Quanto o/a senhor (a) fatura diariamente? _____ E no mês, quanto consegue? _____

EXTRATIVISMO VEGETAL (NÃO MADEIREIRO)

36. O/a senhor (a) ou alguém da sua casa tira plantas na floresta [casca de pau na várzea alta etc.]?

() Sim () Não. Por quê? _____

PLANTAS NÃO MADEIREIROS

Plantas	Parte Utilizada (*)	Destino		Para Quem Vende	Preço UNIDADE/KG
		Consumo	Venda (**)		

Legenda: * (1) lenha; (2) cascas; (3) sementes; (4) folhas; (5) óleos; (6) raízes; (7) seivas; (8) frutos;

** local de venda.

37. O/a senhor (a) usa alguma ferramenta para tirar as plantas? () Sim () Não

Qual (is) ferramenta (s) são utilizadas? _____

38. Quem coloca o preço para vender as plantas? Dono () Comprador () Outro (): _____

Por quê? _____

39. Onde é vendido? Comunidade () Cidade () Outro (): _____

40. [Caso a venda seja feita fora da comunidade], como o/a senhor (a) leva os produtos? _____

41. Quanto o/a senhor (a) fatura diariamente? _____ E no mês, quanto consegue? _____

61. Tem algum peixe que o/a senhor (a) pega, mas não vende e nem come?

() Sim () Não. Qual (is)? _____

Por quê? _____

62. Quais são seus local de pesca? Rio () Lago () Igapó () Igarapé () Outro (): _____

63. Quantas horas passa pescando? _____

64. Quantas vezes na semana o/a senhor (a) pesca? _____

65. Na época de desova dos peixes o/a senhor (a) pesca? Sim () Não ()

Por quê? _____

66. O/a senhor (a) pesca em locais longe da comunidade (tempo de piracema)? Sim () Não ()

Quais peixes: _____

Por quê? _____

67. O/a senhor (a) participa da associação/colônia de pescadores? Sim () Não ()

Caso Sim, de que maneira (descrever)? _____

68. Existem conflitos nos locais onde o/a senhor (a) pesca? Sim () Não ()

Se Sim, quais são os locais (ambientes/nome) onde acontecem os conflitos com maior frequência?

69. Durante os conflitos, houve destruição de algum material de pesca? Sim () Não ()

Qual (is) material (is)? _____

70. Os moradores da comunidade costumam se reunir para conversar sobre a pesca? Sim () Não ()

Por quais motivos? _____

71. Qual a finalidade da pesca? Consumo () Venda ()

72. Onde vende o peixe? Comunidade () Cidade () Outro (): _____

73. Para quem vende o peixe? Consumidor () Revendedor () Patrão () Outro (): _____

74. Quem coloca o preço do peixe? Dono () Comprador () Outro (): _____

Por quê? _____

75. [Caso a venda seja feita fora da comunidade], como o/a senhor (a) leva os peixes? _____

76. [Caso seja vendido por outros], o/a senhor (a) sabe onde o peixe é vendido [em qual mercado]?

77. Quanto o/a senhor (a) fatura diariamente? _____ E no mês, quanto consegue? _____

78. Com o dinheiro da venda de todas as atividades, o quê que o/a senhor (a) compra? _____

Por quê? _____

**APÊNDICE D – TERMO DE ANUÊNCIA
RUPEKANA D – UPA-TA ANAKA**

TERMO DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto ampliado “Medicina Indígena e bem viver: políticas públicas e desenvolvimento das populações na Amazônia”, como, também do projeto de pesquisa intitulado “Práticas socioprodutivas Kokama: um estudo da Comunidade Sapotal, Tabatinga (AM)”, sob a coordenação e responsabilidade do pesquisador Reginaldo Conceição da Silva, também, do pesquisador mestrando em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade da Amazônia pela UFAM, Brian Angelo Sandoval Sanches, e assumimos o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa a ser realizada nessa comunidade, no período de ____/____/____ a ____/____/____, após a devida aprovação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e no Sistema CEP/CONEP.

Declaramos ainda que esta pesquisa é de total interesse desta instituição.

Morador da Comunidade Sapotal

APÊNDICE E – TERMO DE COMPROMISSO RUPEKANA E – UPA-TA KUMITSA-KA

TERMO DE COMPROMISSO

Eu, **Brian Angelo Sandoval Sanches**, pesquisador do NESAM, NCSA e UFAM, portador do RG nº 2874271-0, órgão expedidor SSP/AM e CPF nº 029.013.142-10, desenvolverei a pesquisa intitulada **Práticas socioproductivas Kokama: um estudo da Comunidade Sapotal, Tabatinga (AM)**, na Terra Indígena Sapotal, Povo Indígena Kokama, Aldeia Sapotal conforme Proc. Funai nº 08620.122705/2015-86 no período de _____, com a finalidade de realizar registros fotográficos, sonoros e audiovisuais, para fins da referida pesquisa, **COMPROMETO-ME A:**

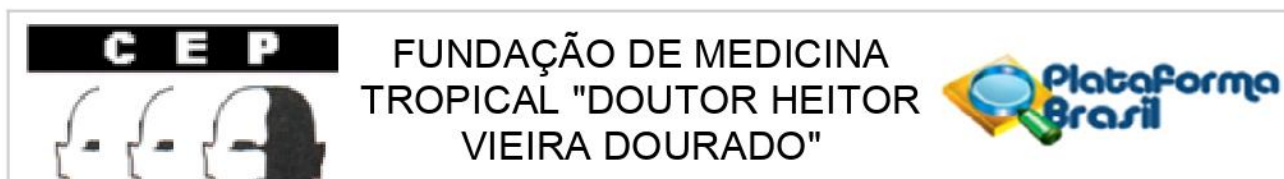
1. Respeitar os usos e tradições indígenas e abster-me de proceder a exigências constrangedoras excessivas ou abusivas para com os indígenas, submetendo-me às disposições da Constituição Federal de 1988, da Lei Federal nº 6.001 de 1973 – Estatuto do Índio, da portaria nº 177/PRES/FUNAI de 2006 e da Lei nº 9.610 de 1998;
2. Não veicular qualquer informação ou adotar procedimento que atende contra autonomia, a honra e a dignidade individual ou coletiva dos povos indígenas envolvidos, que promova visões preconceituosas ou estereotipadas sobre esses povos ou que estimule o ódio, a intolerância ou o etnocentrismo;
3. Utilizar os registros fotográficos, sonoros e audiovisuais exclusivamente para fins do projeto de pesquisa intitulada **“Medicina Indígena e bem viver: políticas públicas e desenvolvimento das populações na Amazônia”**; quanto a pesquisa intitulada **“Práticas socioproductivas Kokama: um estudo da Comunidade Sapotal, Tabatinga (AM)”**.
4. Não fazer nenhum uso do material coletado para além dos objetivos anuídos pelos indígenas retratados e em conformidade com o Proc. FUNAI nº 08620.122705/2015-86;
5. Remeter à Assessoria de Acompanhamento aos Estudos e Pesquisas – AAEP/FUNAI, em duas vias, monografia, relatórios, artigos, livros, gravações, imagens e outras produções oriundas da pesquisa ou do projeto;
6. Remeter à FUNAI documento original de Termo de Licença de Uso de Imagem firmado com os indígenas retratados ou seus representantes, durante o período autorizado pela Funai para o ingresso em terra indígena.

O descumprimento das condições estabelecidas neste Termo de Compromisso, em conformidade com a CF/88, Art. 5º, e com a Portaria nº 1777/PRES/FUNAI/2006, sujeita o infrator às sanções previstas na legislação vigente, bem como ao cancelamento da Autorização de Ingresso em Terra Indígena por parte da FUNAI-MJ.

Qualquer outra utilização do material coletado, para além do objeto deste Termo de Compromisso, inclusive para exploração econômica, deverá ser objeto de novo processo de autorização junto ao indígena ou ao povo indígena retratados e à Fundação Nacional do Índio. Declaro verdadeiras todas as informações prestadas neste Termo de Compromisso.

Brian Angelo Sandoval Sanches

ANEXO A – CERTIFICADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
YATHIRITA A – KUATIARAN YATHIRI IKUAN IKUARI



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Práticas tradicionais Indígenas de Saúde

Pesquisador: Júlio Cesar Schweickardt

Área Temática: Estudos com populações indígenas;

Versão: 4

CAAE: 68575923.0.0000.0005

Instituição Proponente: CENTRO DE PESQUISAS LEONIDAS E MARIA DEANE - FUNDACAO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.276.843